

HARLEQUIN  
HISTÓRICOS

Medieval

LIÇÕES DE  
SEDUÇÃO  
BLYTHE GIFFORD

EDIÇÃO 141

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



**Jane estendeu a mão, e Duncan a apertou. No breve instante em que sua mão ficou acolhida na dele, ela sentiu algo diferente, uma espécie de proximidade.**

Algo que só uma mulher podia sentir.

Sua mão tremeu, e ela vislumbrou o mesmo tipo de sentimento nos olhos dele.

Então, Duncan se inclinou e capturou seus lábios, gentilmente. Jane passou os dedos pelo cabelo dele e puxou-o para si, como se quisesse aumentar ainda mais a proximidade. Enquanto ele aninhava sua cabeça nas mãos e pressionava os lábios sobre os dela, explorando-lhe delicadamente a boca com a língua, Jane sentiu a conexão primitiva, elementar e inexorável que podia acontecer entre um homem e uma mulher. Era algo que ia muito além da irrisória camaradagem pela qual ela ansiara.

Duncan interrompeu o beijo, mas nenhum dos dois conseguiu desviar o olhar.

– Nós... não podemos – sussurrou Jane. Palavras totalmente desnecessárias, sem sentido. – Nunca...

– Eu sei. – Mas a resposta de Duncan não apagou o brilho nos olhos dele, e suas mãos ainda estavam sobre o cabelo de Jane.

**Querida leitora,**

Algumas vezes, a História nos inspira. Em outras, temos uma ideia e depois descobrimos que já possui registro histórico. Quando comecei este livro, sabia que a premissa desafiaria a credulidade de minhas leitoras. O quão realista pode ser uma mulher se passar por um homem de forma convincente, especialmente na Idade Média? Não havia educação mista, vestuário unissex, ou qualquer terreno em que os dois se misturassem.

Mas às vezes a História chega a nós de forma misteriosa. Quando comecei a pesquisar, descobri uma mulher medieval que havia feito exatamente isso: frequentou a universidade na Cracóvia disfarçada de homem. E viveu assim por dois anos. Então, enquanto você embarca na jornada de Jane, lembre-se de que poderia ter acontecido desse jeito.

**Blythe Gifford**

*Blythe Gifford*

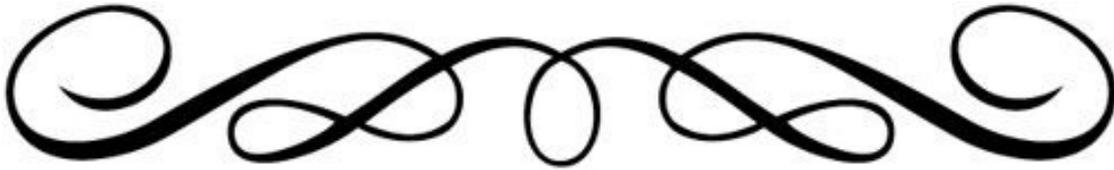
# **LIÇÕES DE SEDUÇÃO**

Tradução  
*Silvia Moreira*



2014

## Capítulo 1



*Inglaterra – final do verão de 1388*

O ODOR do quarto de parto a sufocava.

O fogo crepitava e fervia a água, aquecendo a manhã de agosto.

Ela abriu a cortina que encobria a janela do castelo para respirar o ar fresco. Com certa nostalgia observou o sol brilhando. Talvez mais tarde pudesse pegar um cavalo emprestado e sair para um passeio.

– Jane!

– Sim? – respondeu ela soltando a cortina.

– A dor passou. Solay precisa beber alguma coisa.

Jane seguiu até a pia no canto e encheu uma caneca com água fresca. Devia ter percebido as necessidades da irmã e a atendido antes. Era como se lhe faltasse um instinto nato que outras mulheres possuíam, algo que lhes sussurrava o que devia ser feito.

O papagaio de Solay andava pelo poleiro, as penas verdes do pescoço eriçadas, dizendo:

– Jane! Jane! – O chalrear da ave soava como uma acusação.

Jane se virou para a cama onde a irmã jazia com a barriga alta como uma montanha. As dores vieram em ondas sucessivas durante a noite inteira, dando a Solay pouco tempo para se recuperar. Seu cabelo longo e escuro estava preso e trançado, e os profundos olhos violeta, vermelhos.

Justin, o marido de Solay, afastou a cortina que cobria a porta, mas não entrou no aposento.

– Como está ela? Posso fazer alguma coisa?

Solay abriu os olhos e acenou, mal conseguindo levantar a mão.

– Saia... Não estou arrumada para ser vista.

A mãe das duas foi até a porta e o empurrou para fora.

- Volte para a sala. Jogue xadrez com seu irmão.
- É sempre assim? – perguntou ele sem sair do lugar.

Jane mal o ouviu sussurrar.

- O nascimento de Solay foi parecido – respondeu a mãe sem se preocupar em baixar a voz. –

Disseram que foi a noite mais curta do ano, mas para mim foi a mais longa.

- Mas já faz muito tempo.

A certeza da sogra não aplacou o medo estampado no rosto de Justin.

- E ainda vai demorar mais um pouco. Esse é o trabalho de uma mulher. Se quiser fazer algo de útil,

vá acordar a parteira. – E ao tocar o braço dele, sussurrou: – E reze para a Virgem Maria.

Jane deu um passo à frente, querendo segui-lo, mas ele era um homem, portanto, livre para fazer o que quisesse. Era ela que estava com vontade de ir acordar a parteira, ou jogar xadrez, ou inspecionar os documentos legais de Justin, para o que sempre tinha a permissão dele. Na verdade, queria estar em qualquer lugar, menos ali.

- Jane! Onde está a água?

Ela voltou para a borda da cama e estendeu a caneca. Solay, que mal era capaz de manter os olhos abertos, acabou esbarrando na mão de Jane e derrubando a água toda na cama.

Solay se surpreendeu.

- Veja o que aconteceu! – ralhou a mãe olhando preocupada para Solay.

E Jane soube que falhara de novo.

- Veja! – gritou o papagaio. – Veja!

- Quietos, Gower! – repreendeu Jane.

Em seguida, tentou enxugar, mas esbarrou na barriga de Solay, e a mãe tirou o pano de sua mão.

- Deite-se, Solay. – Ela procurou secar o lençol molhado, sem tocar na filha. – Descanse. Vai dar tudo certo.

- É sempre assim? – indagou Jane, sussurrando, quando a mãe devolveu-lhe o pano.

- O nenê já vai nascer – respondeu a mãe, baixinho.

Jane torceu o pano sem saber que atitude tomar, receando fazer alguma coisa errada e querendo apenas fugir dali.

- Vou buscar panos limpos.

- Não saia. – O pedido de Solay surpreendeu Jane. – Cante para mim.

Advertindo Jane com o olhar, a mãe foi para o corredor à procura de uma criada e de panos limpos.

Jane tentou entoar as primeiras notas de “Summer Is Icumen In”, mas a voz ficou presa na garganta.

Ela, então, olhou para Solay, indefesa.

- Nem isso consigo fazer direito.

- Não se preocupe. Gosto de ter minha irmã caçula por perto. – Solay estendeu a mão, e Jane a segurou, olhando para os dedos trançados.

Os de Solay eram finos, brancos e delicados. Solay representava tudo o que uma mulher devia ser: linda, graciosa, hábil e obsequiosa.

Tudo o que Jane não era. Suas mãos eram quadradas e ásperas. Os dedos, curtos e grossos, só estavam limpos, sem o cheiro de sujeira e cavalos, porque a parteira insistira que lavasse as mãos antes de entrar no quarto de parto.

- Você está bem? – Jane quis saber, quando a irmã apertou sua mão.

– A dor é suportável. – Solay esboçou um sorriso fraco. – Mas acho que terá de receber seu futuro marido sem mim.

*Marido.* Um estranho para quem teria de submeter a vida. Jane se esquecera de que ele chegaria em um mês.

Tinha feito tudo para esquecer.

– Não quero me casar.

Um marido exigiria que ela fosse como Solay ou sua mãe e soubesse todas aquelas coisas mais estranhas do que latim.

– Eu sei, mas está na hora, você já está com 17 anos. Já passou da hora, na verdade. – Solay apertou-lhe a mão, solidária. E com muito esforço tocou os lábios de Jane. – Veja só. O papagaio vai bicar seu bico. Pelo menos se encontre com ele. Justin disse a seu noivo que você era...

*Diferente.* Isso, ela era diferente.

– Ele sabe que quero viajar pelo mundo? E que sei ler em latim?

– Ele é um mercador, e você poderá fazer coisas que a esposa de um nobre não poderia. Além do mais, logo isso perderá a importância para você – afirmou Solay com um sorriso hesitante.

– Você já me disse isso. – Como se o casamento fosse torná-la uma criatura estranha e irreconhecível.

– Se não gostar dele, prometo que não a forcemos a se casar. Justin e eu só queremos que você seja tão feliz quanto nós.

– Eu sei. – Jane pressionou a mão de Solay contra o rosto. Sonho impossível. Jamais chegaria aos pés da linda irmã, que tentava entendê-la, mas sem muito sucesso.

– Gostaria que você não tivesse cortado o cabelo. – Solay a soltou e acariciou o cabelo curto e loiro da irmã. – Os homens gostam de cabelo longo, loiro e cacheado como o seu... – De repente, contraiu o rosto e olhou para baixo. – Alguma coisa está acontecendo. Está... eu... está tudo molhado.

Jane ficou imóvel por instantes, antes de correr para a porta, afastar a cortina e gritar:

– Mamãe!

A mãe, seguida por uma parteira bocejando e uma criada trazendo panos limpos, chegou ao topo da escada, e todas correram até o quarto.

– Quantas vezes ela teve dor enquanto eu estive fora? – perguntou a parteira, colocando a mão na testa de Solay.

– Não sei. – A tarefa de Jane era ter contado.

A parteira tirou os cobertores. A cama estava encharcada com mais água do que caberia numa bacia. E vermelha.

– Mamãe! – Jane mal conseguiu falar. – Olhe!

– Olhe! – Gower gritou do canto do quarto e voou até onde a corrente permitiu.

– Estou vendo, Jane.

– Mamãe? O que está acontecendo? – exigiu Solay, arregalando os olhos.

– Shh... Está tudo bem. – A mãe passou a mão no braço de Solay e beijou-a na testa.

Jane se afastou da cama, sem poder fazer nada. Como é que sua mãe permanecia tão calma e confiante? Como sabia o que fazer?

Solay poderia morrer a qualquer minuto, e Jane, inútil, não podia fazer nada.

*Não posso.* O grito agudo martelava em sua cabeça. *Não posso.*

E quando a irmã começou a gritar, Jane pôs-se a correr.

Os gritos a perseguiam conforme corria, e a seguiram até chegar a seu quarto, onde enfaixou os seios, tirou o vestido e vestiu calça, túnica e uma capa. Os gritos não cessavam. Ao contrário, perseguiram-na até que saísse do castelo e chegasse à estrada; a impressão era de que o bebê usava as unhas para sair do ventre de Solay.

Jane não parou de correr até perceber que os gritos estavam apenas em sua cabeça. Ninguém a vira sair, e só quando deixou a casa com os seios enfaixados e vestida como um rapaz é que se deu conta de que vinha pensando em fugir fazia muito tempo. Tinha à mão tudo o que precisava: túnica, meias, comida, cajado e um punhado de moedas, menos um plano elaborado.

Respirando fundo, procurou afastar a culpa. Solay não sentiria sua falta. Havia outras pessoas lá, mulheres mais sábias como sua mãe, a cunhada e a parteira; qualquer uma delas ajudaria mais do que ela.

Não pertencia àquele mundo de mulheres, cheio de responsabilidades que não queria assumir e expectativas que jamais alcançaria. Queria ser um rapaz, ir, vir e fazer o que bem entendesse sem as limitações femininas.

Passou as mãos nos olhos, procurando esquecer a tristeza de perder a família, endireitou os ombros e encarou o futuro. Jamais passaria por um guerreiro, mas conhecia um pouco do trabalho administrativo de tanto ouvir o marido da irmã. Poderia se passar por um escrivão, viver entre os homens sem ser reconhecida, e até encontrar um lugar na Corte do rei. E quem sabe representá-lo em assuntos de estado importantes em Paris ou Roma...

Ajeitou a sacola nos ombros.

Livre como um homem, dependendo apenas de si mesma.

Se tivesse calculado com precisão, levaria três dias para chegar a Cambridge.

DOIS DIAS mais tarde, Jane acordou, comeu frutas no desjejum e seguiu na direção do nascer do sol, apertando os olhos na direção do horizonte, procurando vislumbrar Cambridge.

Os passarinhos pipilavam pela estrada que levava ao leste, uma vaca malhada virou-se para olhar, ruminando.

*Você fugiu da sua irmã quando ela precisava de você*, a vaca parecia dizer. Jane deu as costas para aqueles olhos acusadores. Não havia nada que pudesse ter feito que as outras não tivessem executado melhor.

Sentiu o estômago roncar e lamentou não ter colocado mais pão e queijo na sacola, mas não estava acostumada a planejar suas refeições.

Os dois dias de caminhada mais pareciam dez.

Após duas noites dormindo na beira da estrada, ela não parecia, nem cheirava como uma donzela. Deixara o cajado cair num riacho logo no primeiro dia, andou com roupas molhadas e foi mordida por uma vespa. Ao coçar a mão, imaginou se ainda estaria muito longe de Cambridge.

Ouviu um cavalo trotar atrás de si e se virou, cansada demais para correr. Se fosse um ladrão, não roubaria muita coisa, a menos que percebesse que se tratava de uma mulher. A ameaça seria muito maior do que perder o pouco que tinha. Assim, assumiu a postura mais masculina que pôde conforme cavalo e cavaleiro se aproximavam.

O homem mais parecia um fora da lei. Talvez tivesse vinte e poucos anos, o rosto estava todo marcado, o nariz, quebrado e remendado. Seu cabelo era preto, e a barba, cerrada. Trazia um alaúde

preso às costas. Músicos viajantes eram a personificação de todos os vícios.

– Aonde você vai? – perguntou ele ao parar o cavalo e fitá-la.

Jane o encarou, desconfiada, demorando a entender a pergunta por conta do forte sotaque. Os olhos dele, acinzentados como nuvem de chuva, não eram muito amistosos.

– O que quer saber?

– Para onde você está indo? – indagou de novo, falando mais devagar.

– Cambridge – respondeu Jane depois de uma tossidela para engrossar a voz.

– Você é um estudante? – perguntou ele sorrindo.

Ela limitou-se a menear a cabeça, com receio de que sua voz a denunciasse.

O estranho a estudou da cabeça aos pés. Jane se moveu, como se o olhar dele a atingisse como um relâmpago.

– Estudantes não viajam sozinhos – disse ele.

– Nem menestréis.

A risada dele parecia uma melodia agradável.

– Toco apenas para mim mesmo.

Por um breve momento Jane sentiu inveja do instrumento de cordas. Para viver como homem, teria de abandonar a música, sua única característica feminina.

– Qual é o seu nome, garoto?

*Garoto.* Ela evitou sorrir.

– Ja... – Tossiu e recomeçou: – John; e o seu?

– Duncan. – Ele estendeu a mão. – De onde você vem?

Jane engoliu em seco, procurando pela melhor resposta. Tinha pensado em dizer que era de Essex, onde morara até a primavera. Mas estava na direção errada.

– Qual a importância disso?

Olhando-a de cima do cavalo, Duncan nem se preocupou em responder. Mas ela sabia o quanto era importante saber a procedência de um homem.

– Você não é galês, é? Os galeses não são meus amigos.

Jane respondeu que não com um sinal de cabeça.

– Nem irlandês?

– Pareço irlandês?

– Você parece ter sangue daqueles quem vêm do norte do país.

Ela mordiscou a língua e balançou a cabeça. Seu cabelo claro vinha do pai, o último rei, outro fato que devia esconder.

– Onde *você* mora?

– Em Eden Valley – ele respondeu dando a impressão de estar mais calmo. – Onde Cumberland faz limite com Westmoreland.

Então era dali que vinha o sotaque.

– Você come carne crua?

Jane nunca vira ninguém das terras do norte. Todos sabiam que o povo de lá era grosseiro e rude, tal como esse homem, apesar de naquele instante seu olhar parecer gentil.

– Você deve ter ouvido muitas histórias, não é? – indagou ele, abaixando-se e mostrando os dentes. – É verdade. Avançamos em carne crua como lobos.

Como se tivesse sido empurrada pelo vento, Jane andou para trás e acabou caindo sentada na terra. Quando Duncan riu, percebeu que era motivo de chacota. Esperou que ele oferecesse a mão para ajudá-la a se levantar, mas logo lembrou que um rapaz não precisaria de ajuda para tanto.

– Com certeza você vem do sul – disse ele, balançando a cabeça. – Enquanto vocês passavam o verão cultivando jardins bonitos, nós impedíamos que os escoceses cortassem a Inglaterra como se fosse uma foice no trigo.

Ah, verdade. Ela devia ter aprendido a gostar de comentar sobre guerra.

– E vocês estão longe de encarar a França.

– Acha isso mesmo? E é tão ignorante que esqueceu que a última vez em que a França colocou os pés no solo inglês foi porque os escoceses abriram a porta? – A expressão dele era amarga. – Enquanto você fica aqui tremendo como uma mocinha, os escoceses ultrapassaram nossas fronteiras e queimaram nossas colheitas.

*Como uma mocinha.* A ameaça dos escoceses não era tão imediata quanto a descoberta da farsa. Jane se levantou e afastou as pernas com as mãos fechadas em punhos.

– Desça desse cavalo e venha me enfrentar para decidirmos quem é o melhor.

O sorriso transformou-se em riso, um som maravilhoso. Duncan debruçou-se sobre o pescoço do cavalo para tocar os ombros de Jane.

– Bem, Little John vejo que você tem muito o que aprender, mas vou dispensar sua provocação por hoje.

Jane procurou não parecer muito aliviada.

– Venha – convidou ele, estendendo a mão. – Vamos dividir minha montaria. Chegaremos a Cambridge antes do final do dia.

Coberta pela terra dos dias de estrada, Jane andou de um jeito desengonçado, como se a sujeira não importasse. Por experiência sabia que os homens não gostavam muito de oferecer ajuda.

– Bem, já que insiste... Mas posso me cuidar sozinho.

Achava-se bem diferente de uma mulher, dependente de um homem, provedor da comida que lhe enchia o estômago e do ar de seus pulmões.

– Ah, sim. Posso ver como você está se dando bem – Duncan ergueu uma sobrancelha ante o estado deplorável dela. – Aceite o que estou oferecendo.

Ele tirou o alaude das costas, firmando-o contra o peito, e soltou o pé do estribo para que ela pudesse usá-lo para subir no cavalo. Em seguida a segurou com firmeza pelo braço até Jane se sentar atrás dele com segurança.

Jane se mexeu para se acomodar conforme o cavalo andava. O instrumento de cordas balançava contra o peito de Duncan.

– Segure-se firme, Little John. Se cair, terá de andar pelo resto do caminho.

Jane deu um tapinha no cavalo e em seguida segurou Duncan pela cintura, evitando ficar muito perto. Seus seios estavam enfaixados, mas será que ele sentiria algo macio pressionando-lhe as costas? As pernas abertas e a virilha tão perto dos quadris dele podiam expor seu segredo mais íntimo. Será que ele notaria que faltava algo ali?

Conversar. *Converse e o distraia.* E a si mesma também.

– Você disse que brigou contra os escoceses, não é?

– Brigou? Sim, se quiser chamar assim. Três mil escoceses desceram o vale e estavam a meio caminho de Appleby quando fui embora.

– Você fugiu? – Jane ficou tão perplexa que não evitou a pergunta.

Homens não se esquivam de batalhas.

– Fui *mandado* embora para rogar o apoio de nosso ilustre rei e seus conselheiros. – A frase tinha um tom de ironia.

– Você se encontrou com o rei?

A mãe de Jane, antiga amante do rei, fugira da Corte depois da morte dele. Jane estava com cinco anos na época, por isso tinha vagas lembranças do acontecido, mas Solay retornara para a Corte no ano anterior e contara todos os detalhes.

– Se o vi? Nós conversamos. Ele sabe meu nome. – A volta do sotaque forte denotava o orgulho.

Jane estava abismada. A história ainda era confusa para ela, mas o rei atual era uma espécie de meio-sobrinho seu, apesar de ser mais velho alguns anos. Ela nunca o vira.

Ao que parecia, até mesmo um plebeu do norte tinha mais status do que uma mulher humilde.

– E o que rei disse?

– Pedi para esperar até o ano que vem. – O tom de voz de Duncan era áspero. – Ele e o Conselho disseram que teremos ajuda no ano que vem.

Mas os invasores não esperariam pela conveniência dos conselheiros. Jane imaginou o quanto Appleby era distante.

– E por que não agora?

– Por falta de dinheiro e porque o inverno é uma estação miserável para uma campanha. Ouvi algumas outras desculpas de que não me recordo no momento.

Nem Solay nem seu marido nutriam muita simpatia pelo governo atual, mas seguravam a língua. Quando se era filha ilegítima de um rei morto, era perigoso humilhar alguém poderoso em público, mesmo sendo ele desonesto e nada confiável.

– Então por que está indo a Cambridge? Um homem não deve tornar à luta?

– Entre outras razões, volto porque o Parlamento irá se encontrar lá.

Pelo tom de voz dele, Jane se sentiu uma tola por não ter se informado melhor para saber qual era o assunto em questão.

– Bem, não posso adivinhar seus pensamentos. – Por experiência da família, Jane sabia que o Parlamento era pior do que o rei e seus conselheiros, mas não seria sábio arriscar uma opinião daquelas.

– Você tem assento na Câmara dos Comuns?

Afinal, quem ele seria? Um menestrel? Um representante?

– Não, mas devo falar com aqueles que estarão lá.

– O rei estará lá também?

– Chegará dentro de quinze dias.

– Soube que ele é justo e bonito – disse ela depois de muito tempo em silêncio.

– Você deve ter tido essa informação das donzelas. O rei representa o poder, com pompa e circunstância, garantindo que saibam quem ele é.

Jane o reconheceria se o visse. Como ele estava chegando a Cambridge, daria um jeito de vê-lo.

Conforme o tempo passava, com os dois cavalgando em silêncio, nada distraía Jane das costas largas e fortes de Duncan. Ele bloqueava o vento, mas o calor que a inundava vinha de dentro de seu corpo. Nunca estivera tão próxima a um homem, muito menos de alguém da fronteira.

As perguntas faziam cócegas em sua língua. Ouvira dizer que os habitantes do norte do país eram meio animais.

– Conte um pouco do lugar de onde você vem – pediu ela, por fim, sabendo que não teria outra chance de perguntar.

Duncan não respondeu de imediato.

– Há muitas montanhas por lá – disse ele. – Aposto que você nunca viu uma montanha.

Jane balançou a cabeça, mas se lembrou de que ele não podia vê-la.

– Não.

– Bem, há desfiladeiros, penhascos... Mas é a terra que um homem desejaria possuir.

A descrição não se assemelhava à terra fria e sombria de Lúcifer que ela imaginava.

– Então você gosta de onde vive?

– A terra fala por mim.

– Isso parece poesia. – Jane mordiscou o lábio, com receio de que ele se ofendesse.

Mas Duncan meneou a cabeça.

– A terra é um poema por si só – disse ele sem sinal de embaraço.

A frase adorável superava o que ela esperava de um camponês. Ainda assim, Deus dera o domínio sobre a terra aos homens para que pudessem controlar seu poder amedrontador. Apenas um selvagem escolheria viver num descampado.

Duncan balançou os ombros como se desdenhasse de um pensamento.

– Lá não é mais minha casa. De onde você é? Responda-me. Não é uma pergunta difícil.

Jane decidiu quealaria primeiro a verdade e depois mentiria.

– Sou de Essex, mas vivo perto de Bedford com meu tio desde que meus pais morreram. – Sentiu-se segura com a informação, pois ele não devia conhecer a região.

Uma família podia ser um inconveniente, por isso era melhor se dizer órfã sem culpa nenhuma. E esperou um alento de Duncan. Afinal, não estava mentindo tanto, pois seu pai *estava* morto. Mas em vez de expressar compaixão, ele apenas murmurou algo incompreensível que podia ter sido “sinto muito”.

Outro grande silêncio se abateu sobre os dois. Tudo indicava que os homens tinham muito menos a dizer do que as mulheres.

– Estou indo a Cambridge para estudar as leis para poder servir ao rei – disse ela, interrompendo o silêncio.

Aquilo o surpreenderia por certo, pois talvez ele nem soubesse ler.

– Ah, é mesmo? – Duncan não pareceu impressionado. – Onde você estudou? – indagou como se soubesse alguma coisa sobre educação.

Jane percebeu tarde demais que podia cair numa armadilha se não respondesse direito.

– Em casa, com o padre.

As escolas eram para meninos.

– Qual é a sua idade? – Havia algo mais na voz dele do que o sotaque. – Quinze? Não pode ter mais do que isso porque ainda desafina para falar.

Jane engoliu em seco, feliz por ter voz grave para uma mulher. Para se passar por um rapaz, decidiu perder alguns anos:

– Terei 15 anos depois da festa da Candelária. – Seria dali a seis meses.

– Será sua primeira vez na universidade.

– Sim – ela respondeu, antes de perceber que não tinha sido uma pergunta.

– Você sabe bem o latim?

As questões vinham a seguir rápidas e pesadas.

– Um pouco.

– *Ubi ius incertum, ibi ius nullum* – disse ele quase sem sotaque.

Duncan dissera algo para insultar a lei, pelo menos isso Jane tinha entendido.

– *Varus et mutabile semper femina* – Jane respondeu, hesitante. Insultar mulheres era sempre uma boa réplica.

– *Varium*, e não *varus*. A mulher é algo mutável e inconstante, e não estropiada.

Jane sentiu o rosto corar. Duncan não era o camponês simples que imaginara.

– Leio melhor do que falo.

– Espero que sim. Tem certeza de que quer ser um homem da lei? – Havia um tom de desgosto e diversão na questão.

– Na verdade eu queria sair de casa – ela afirmou depois de um suspiro.

Duncan começou a rir, e Jane já se acostumava a gostar da melodia daquele riso.

– Você está em boa companhia. Algumas vezes eu também penso em ir para a universidade mais por fuga do que para aprender.

O timbre da voz dele era como um zumbido agradável que acabou por se alojar entre partes misteriosas do corpo dela. Jane provou uma sensação muito mais do que apenas agradável. Solay tentara lhe explicar o que acontecia entre um homem e uma mulher, mas com um tom poético sobre corpos fundidos, corações, almas e eternidade. A explicação soara mais como a descrição de uma doença, ou pior, uma loucura tal que embotaria a mente da mulher, levando-a submeter-se ao controle de um homem.

Jane nunca sentira nada semelhante, nem era seu desejo. Talvez fosse diferente das demais.

Mas o arrepio que lhe levantava a pele naquele momento era muito prazeroso.

– Não sou muito fã de advogados, mas se for esse seu objetivo, John Lyndwood pode ser um bom mestre.

Ela se limitou a responder com algo vago. Não precisava de conselhos de um fazendeiro de Cumberland sobre Cambridge, mesmo que escolhesse algumas frases em latim.

Jane sabia o que esperar da universidade. Justin, marido de Solay, se formara na Inns of the Court em Londres e lhe contara muita coisa. Havia adoráveis pátios. Jane se imaginou passeando pelos jardins, lendo livros interessantes e debatendo seus significados com colegas de turma.

No entanto, quando o cavalo atravessou devagar a ponte e os portões, Jane teve a sensação de que a cidade ameaçava seus sonhos.

As casas se amontoavam em ruas malcheirosas e sinuosas, pontuadas por espaços vazios, como se fosse uma arcada com alguns dentes extraídos, restando apenas madeira queimada de lares incendiados.

– Onde você vai ficar? – Duncan indagou, falando mais alto para ser ouvido apesar dos grunhidos de um porco correndo atrás do outro pela rua. – Posso levá-lo.

O ar do final de verão estava pesado pelo cheiro de fezes dos animais e de peixe cru. Onde estavam os pacíficos e isolados jardins que Justin descrevera? Viera ela a Cambridge porque sua família não a procuraria ali, ao contrário de Londres ou Oxford. Será que cometera um erro? Queria estar sozinha, sem ser responsável por ninguém, mas foi surpreendida por uma cidade em que até um estrangeiro com sotaque estaria mais seguro. Por instinto, Jane abraçou-se com mais força a Duncan.

– Você está me tirando o ar, garoto.

Jane o soltou no mesmo instante. Um rapaz não se comportava daquela forma.

– Vou descer aqui. – Jane pulou do cavalo, fugindo dos sentimentos contraditórios e da proteção das costas dele.

– Você não tem lugar para ficar, não é? – Duncan indagou ao vê-la abraçada à pequena sacola no meio da rua.

– Ainda não, mas vou arrumar.

O sol ainda estava alto, o que significava que havia tempo suficiente para encontrar local para pernoitar.

– Agradeço por ter me trazido.

– Você tem amigos por aqui? Ou um tutor? – exigiu ele, franzindo o cenho.

Assumindo uma atitude valente, Jane se empertigou e meneou a cabeça. Será que os homens ficavam apavorados, mesmo parecendo tão destemidos?

– Vou me virar.

Dito isso, ela deveria sair andando, mas algo a impedia de dar as costas para aqueles olhos perscrutadores.

– Você não tem onde morar, nenhum tutor, nem amigos para ajudar. – Duncan se inclinou sobre a sela e a encarou. – Aposto que também não tem plano algum, não é?

Mais uma vez ela respondeu que não com um sinal de cabeça, envergonhada. A cidade de Cambridge se assomava a sua volta, amedrontando-a. Nunca precisara encontrar comida e abrigo sozinha, mas não iria se acovardar como uma mocinha. Afinal, em suas veias corria sangue real.

– Posso cuidar de mim mesma – disse por fim, levantando a cabeça e encarando-o.

– A feira começa amanhã, então será difícil achar um quarto; e os lordes do Parlamento e os escudeiros virão também. Posso arrumar uma cama para você, por esta noite pelo menos.

O orgulho lutava com o medo. Para alguém que acabara de chegar, Duncan parecia conhecer bem a cidade, mas Jane estava perdida. Devia ser essa a maneira de uma mulher depender de um homem. Abandonara a família para ter controle sobre o próprio destino, e não se deixar levar pelos braços fortes de um camponês e seu riso harmônico.

– Agradeço, mas não preciso da sua ajuda.

Duncan se abaixou e a sacudiu pelo ombro.

– Você vai precisar de alguns amigos, Little John. Não é vergonha alguma aceitar auxílio.

Jane endireitou as costas. Duncan a assustava de um jeito diferente, não apenas porque comia carne crua.

– Prefiro tomar conta de mim mesmo. – Se continuasse dizendo a mesma coisa, acabaria se tornando verdade.

– Ah, vai, não vai? – O sotaque dele voltou forte. – Bem, boa sorte, então. – E virou o cavalo, pronto para partir.

Jane ficou aflita e brava ao mesmo tempo.

– Agradeço sua oferta gentil – disse ela quando o cavalo de Duncan deu os primeiros passos.

– Você não vai encontrar outra – gritou ele por sobre o ombro.

Sentindo as pernas bambas por causa da longa jornada a cavalo, ela seguiu na direção oposta, procurando dar a entender que sabia para onde ia. Teve de se obrigar a não olhar para trás.

– Ei! John!

Jane se virou, imaginando se Duncan a chamara mais de uma vez.

– Sim?

– Fique longe do distrito dos açougueiros. Se passar pela taberna perto do Solar Hostel, pare e vamos tomar umas cervejas.

Ela acenou e deu as costas, pensando em como descobriria onde os açougueiros moravam.

DUNCAN PAROU o cavalo e ficou olhando o rapaz de cabelo claro ser engolido pela multidão, resistindo ao desejo de segui-lo. A pobre criança se prendera a sua cintura com tanta força, e depois rejeitara ajuda. Jovem, vulnerável, cheio de entusiasmo e muito orgulhoso para aceitar o que lhe era oferecido de graça... Fazia anos que Duncan não se sentia tocado daquele jeito, mas as recordações ainda permaneciam em sua mente.

Devia tê-lo segurado pelo pulso e o arrastado consigo. Assim seria melhor do que recomeçar o discurso sobre orgulho, e o mundo estava repleto de perigos. Levaria apenas um minuto. Se o rapaz vagasse pelos lugares errados, olhasse de um jeito diferente para alguém, ou encontrasse algum sujeito de mau humor...

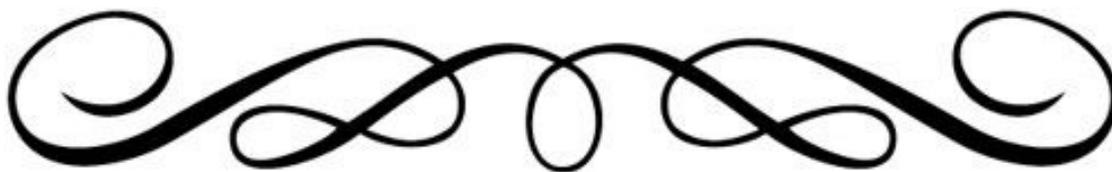
Bem, ele que descobrisse sozinho. Era melhor dar tempo ao tempo, o garoto assumira que Duncan era um caipira de Borderland, então que seguisse solitário pelas ruas, já que era tão preconceituoso.

Mesmo após ter decidido esquecer, algo o prendia àquele rapaz, algo que o provocava além da razão sobre a rejeição de sua ajuda. Por que aquele garoto era tão arisco?

Pensando assim, decidiu virar o cavalo e seguir na direção do Solar Hostel. Tinha mais com que se ocupar do que um garoto ingrato. Pickering chegaria a qualquer instante em qualquer dia, por isso tinha de fazer planos antes que o Parlamento se reunisse.

Apesar de tanta coisa em mente, sabia que, quando se deitasse, a preocupação sobre se o garoto encontrara um lugar para dormir iria atormentá-lo.

## *Capítulo 2*



COM O estômago roncando, Jane observava os homens entrarem e saírem da taberna. Não comeria nada além do mingau que o porteiro do King's Hall lhe doara.

Controlar o próprio destino era mais sujo e solitário do que esperava. Durante cinco dias passara fome e não tomara banho. À luz do dia, seguia de faculdade em faculdade à procura de algum tutor que a aceitasse. E quando escurecia, permanecia acordada, rezando pela irmã e pelo bebê, com esperança de que Deus e sua mãe a perdoassem por ter fugido.

Os mestres das faculdades não eram nada solidários. Jane tinha a idade e o sexo certos – ou pelo menos era o que queria fazer parecer –, mas trazia consigo pouco dinheiro, e o latim, de que a família tanto se orgulhava, não impressionou ninguém. Ninguém acreditava em suas desculpas por não ter bons conhecimentos de latim. Não era suficiente apenas ler, era preciso ser fluente no dia a dia.

Talvez fosse melhor ter aceitado a ajuda do forasteiro do norte.

Pensara nele mais de uma vez, mas eram pensamentos femininos, e não de um rapaz. Lembrava-se da mão quente sobre seu ombro, do riso melódico que escapava dos lábios dele, dos músculos fortes do peito e da sensação de abraçar os quadris largos com as coxas.

Eram pensamentos perigosos.

A vontade de vê-lo acabou levando-a a parar diante da taberna perto do Solar Hostel, à procura de um homem moreno e com sotaque. Se o visse, iria cumprimentá-lo como se estivesse surpresa ao vê-lo. Isso é, se tivesse essa sorte.

Passaram-se horas sem que Jane o visse. Depois de um tempo, a mulher do outro lado da rua que a observava estava pronta para chamar o vigia. Jane endireitou a postura. Talvez ele já estivesse dentro da taberna. Decidiu dar uma olhada apenas.

Colocou a cabeça pelo vão na porta. Era a primeira vez que entrava numa taberna. Quem poderia prever o que encontraria lá dentro?

A porta aberta levou a luz do dia para dentro do ambiente escuro e atraiu todos os olhares. A intenção de Jane era apenas observar na esperança de que ninguém reparasse na sua presença, mas, quando o burburinho não cessou, ela respirou fundo e esperou os olhos se acostumarem com o escuro.

Enfim avistou Duncan num canto no mesmo instante em que ele também notou sua presença. Jane sentiu um arrepio de prazer – ou seria sua imaginação? A respiração acelerou apenas porque era muito bom ver que alguém sorria em vez de encará-la com uma carranca.

Duncan acenou para que ela fosse até a mesa onde estava. Mas como Jane seguiu muito devagar, ele veio a seu encontro e, com o braço sobre seus ombros, a conduziu.

– *Oust fettal?*

Jane não entendeu nada, mas distinguiu o tom amigável de voz e piscou para evitar as lágrimas.

– Se estiver me perguntando como tenho passado, saiba que estou bem.

– Ótimo. Sente-se.

Ela obedeceu esperando que seu cheiro não estivesse muito forte. Na véspera esgueirara-se para dentro de um estábulo e dormira com os cavalos. Sempre se dera bem com cavalos. Bastou um carinho e uma canção para que eles se acalmassem e a deixasse partilhar de suas baias, permitindo que tirasse um cochilo.

Duncan continuava sorrindo, e ela fez o mesmo. Durante longos minutos permaneceram olhando e sorrindo um para o outro, felizes e sem dizer uma só palavra.

– Quer uma caneca? – ofereceu a dona da taberna.

– Little John chegou, finalmente – anunciou Duncan, batendo nas costas de Jane com tanta força que a fez se inclinar para a frente. – Traga algo para provocá-lo.

Jane imaginou o que seria.

– Faz dias que ele vem falando de um garoto que encontrou na estrada. Que bom que ainda está inteiro – comentou a taberneira, abrindo um sorriso desdentado, e se afastou para buscar a bebida.

Surpresa, Jane olhou para Duncan, contente por ser importante a ponto de ser assunto.

– E por que não estaria?

– Cambridge não é um lugar amigável – comentou Duncan, recostando-se na cadeira, depois de tomar um gole de cerveja. – Mais do que isso. As pessoas são maldosas. Pior do que você imaginava, não é?

Jane não podia mostrar sinais de fraqueza, por isso deu de ombros.

– Não é tão ruim assim.

A bebida dela chegou em seguida e, depois de dar um gole, Jane enrugou o nariz por causa da espuma.

– Isso é uma bebida para estudante, garoto. Tão boa quanto o pão de todo dia. – Duncan deu risada.

Jane assentiu com a cabeça, satisfeita por ter algo no estômago vazio. Mas aquilo tinha gosto de aveia.

Seu ombro encostou-se no dele, e aquela sensação lânguida, que sentira quando estivera sobre a mesma sela que ele, voltou com toda a intensidade. Naquele momento, Jane descobriu a largura das costas e a força dos braços dele; sorte que não precisara enfrentá-lo.

Duncan, de frente para ela, a fitava através da luz difusa. Com medo de que as sensações desconhecidas que a assolavam fossem descobertas, Jane se recostou, escondendo-se nas sombras. A maioria dos homens dali prestava a atenção a seus movimentos, enquanto Duncan a examinava com vagar.

A fim de evitar encará-lo, Jane olhou para aquelas mãos grandes, fortes mas gentis, que tinham segurado as suas com tanta firmeza.

– Você já encontrou um tutor?

– Não exatamente. – Até mesmo um teste simples revelara que ela não estava pronta para a dificuldade da retórica e da gramática. Corria o sério risco de apenas decorar latim sem saber direito seu significado. – Conversei com vários mestres. – Tinha esperança de que sua falsa indiferença fosse convincente. – Ainda estou decidindo qual escolher.

– Bem, não demore muito. Você tem de se registrar com um mestre quinze dias depois de sua chegada.

Jane tamborilou os dedos no tampo, fazendo as contas. Ainda restavam dez dias.

– Até lá já terei encontrado alguém.

– Será expulso se não conseguir. – Duncan abriu um sorriso cético.

– O quê? – Jane ficou boquiaberta. Como poderia ser expulsa antes mesmo de ter seu nome na lista de *matrícula*?

– Ou então detido ao bel-prazer do rei – respondeu ele, levando a caneca aos lábios.

O rei. Jane queria chamar a atenção do rei por suas proezas acadêmicas, e não por ser um estudante que ninguém queria.

Se bem que Duncan podia estar brincando de novo. Claro que o rei tinha assuntos mais importantes para se preocupar do que um pretense estudante de Cambridge.

– Você inventou isso.

– Não, é verdade. – O sorriso abandonou o rosto dele. – Seria muita surpresa se eu dissesse que sou um mestre?

*Agora* era brincadeira mesmo.

– Não é possível.

Para ser um mestre Duncan teria que ter estudado durante sete anos e estar pronto para lecionar a seus próprios alunos. Ele tinha idade para tanto, mas estudiosos eram mais sóbrios, celibatários, geralmente vestidos com sobriedade e nunca vistos em tabernas.

– Você não se parece com um mestre – concluiu ela.

– Verdade? Vejo que você sabe menos sobre os mestres do que sobre o norte do país.

Duncan a achou uma tola. Nenhum mestre podia usar barba.

– Você nem tem uma tonsura.

Ele passou a mão no topo da cabeça e sorriu. Jane notou que o cabelo dele era mais curto naquela região.

– O cabelo cresceu durante o verão.

– Se for verdade, o que você leciona? – indagou ela encarando-o com os olhos semicerrados.

– Se? Está me chamando de mentiroso como um bárbaro ignorante?

– Claro que não. – Jane conteve a respiração por um instante. Era melhor não provocá-lo, evitando que a chamasse para uma luta. – O que você leciona?

– Tudo menos a lei. – O sotaque dele pontuou a frase. – Ensino gramática e retórica, e estudo algo que pode ajudar as pessoas: medicina.

A palavra em si causou náuseas em Jane, que fechou os olhos para afastar a lembrança da irmã gritando. Não, não queria se envolver com gente doente.

– Você já achou um lugar para ficar?

Jane abriu os olhos, feliz em vê-lo sorrir de novo, indicando que o momento tenso havia passado. A bebida começava a fazer efeito, embaralhando-lhe o raciocínio.

Duncan queria ajudar e não entendia por que ela não permitia. Se Jane tivesse lhe pedido para ser seu tutor, ele certamente teria aceitado. Assim ela teria um mestre e uma cama em seu quarto, e todos seus problemas se resolveriam.

Sentar-se ao lado de Duncan suscitava sensações que faziam seu peito subir e descer fora de controle. Só em olhar para aquelas mãos grandes a deixava com a boca seca. Bastava encontrar o olhar dele para que a farsa de ser um rapaz desse lugar às bobagens de uma mocinha. Duncan era o único homem que a fazia voltar a ter vontade de ser mulher. Fato esse que o tornava o mais perigoso dos homens. Não. Não devia aceitar ajuda dele.

– Estou na High Street. – Jane inclinou a cabeça na direção do Trumpington Gate. – Com uma viúva que precisa de ajuda em troca de um leito. Viu? Não preciso de você.

– Menos mal que esteja acomodado.

Quando Duncan lhe deu as costas por um instante, foi como se uma nuvem tivesse encoberto o sol. Decididamente era melhor não passar mais tempo com aquele homem inconstante. Mesmo porque Jane já começava a ansiar pelos sorrisos e pela risada dele.

– Obrigada pela cerveja, mas preciso ir. – Ela se levantou de súbito.

Duncan reagiu segurando-lhe o braço, imobilizando-a como se uma fagulha tivesse se acendido e percorrido todo seu corpo.

– Você bebeu muito rápido, não está *kalied*? – Havia sinais de preocupação na voz dele, apesar de ela não ter noção do que ele dissera. – Vou acompanhá-lo até a casa da viúva.

– Não, fique e termine sua bebida. – Jane se desvencilhou. Afobada, tomou o último gole de cerveja e enxugou a boca na manga. Era melhor sair logo, antes de confessar que estava dormindo com cavalos.

– Preciso ir. Ela me espera para as tarefas da tarde.

– Bem, se estiver encrocado, procure por mim no Solar Hostel.

Jane procurou ocultar o sorriso tímido de menina que brotou em seus lábios.

– Acho que não será preciso. – Estava decidida a não vê-lo de novo. Era uma promessa. – Vou me manter ocupado com meus estudos e com as tarefas na casa da viúva – forçou-se a dizer, na esperança de afastá-lo. Como havia aprendido, não era difícil contrariá-lo e obrigá-lo a se afastar.

– Eu também não terei muito tempo. – Duncan tornou a se sentar.

Jane ouviu o tom de desagrado na voz dele e mais uma vez ansiou pelo seu riso.

– Tenho mais o que fazer do que me preocupar com um garoto que não tem bom senso.

Ótimo. Ele estava bravo. Tanto que nem sequer lhe desejou boa tarde.

Jane saiu da taverna o mais rápido que pôde, mas escondeu-se num beco escuro na esperança de vê-lo de novo. Não precisou esperar muito, pois Dunca saiu logo e olhou para os dois lados da rua, como se a procurasse. Ao imaginá-lo deitado numa cama quente e seca, Jane mordiscou o lábio, evitando que lágrimas escorressem pelo seu rosto.

*Você vai precisar de alguns amigos*, ele dissera.

Quinze dias, dos quais ainda sobravam dez. Mas cinco faculdades tinham fechado suas portas. Se as outras fizessem o mesmo, Jane teria de começar a visitar as hospedarias.

Contudo, o Solar não estava em sua lista.

– O QUE houve? – perguntou Duncan sem meias-palavras alguns dias depois.

Pela expressão do rosto de Pickering, as notícias não eram boas. Duncan não tinha paciência nenhuma para esperar que o outro se lavasse da poeira da estrada.

– Conte logo.

Sir James Pickering sentou-se à mesa, exausto. As linhas de seu rosto eram sombreadas pelo sol da manhã, que incidia pelas janelas da sala de convivência do Solar Hostel.

– São notícias de Otterburn, mas fomos mais atingidos no leste. Carlisle ainda resiste, mas Appleby...

– Ele meneou a cabeça. – Appleby se foi.

Doce e indefesa cidade. Não havia mesmo muitas esperanças de um resultado diferente.

– Droga de Conselho. Eu roguei... – A lembrança de tantas súplicas para ter o pedido negado pelo Conselho feriam-no no coração como se o marcasse com um ferro quente. – Quem disse *não* a você?

– Disseram-me para esperar o próximo ano. – Pickering não conseguira ajuda por pouco. – Juro que o rei estava pronto para ceder. Ele disse ao Conselho que iria pegar um cavalo e seguir para todas as direções, mas não tem poder de comando sobre o Conselho.

Duncan sabia disso, mas não fazia diferença alguma.

– Eu devia ter usado outro argumento, algo diferente. Alguma coisa que os tivesse convencido a mandar ajuda imediatamente.

– Você influenciou o rei.

– Sem vitória nenhuma.

– Bem, o Conselho anda cauteloso ultimamente. – Pickering suspirou.

Numa sessão em fevereiro, o Parlamento condenara à morte vários membros da Corte do rei, acusando-os de traição. A sessão ficou conhecida como Sem Misericórdia. Agora, os lordes do Conselho imaginavam se o Parlamento se viraria contra eles.

– Diga isso àqueles que estão enfrentando os escoceses sozinhos.

– O inverno vem chegando. Os escoceses só voltarão no ano que vem.

– Ah, sei, você tem certeza disso? E se estiver errado? Se eu os tivesse convencido a vir comigo naquele dia...

– Não se culpe. Antes de você chegar até o rei, os escoceses já terão cruzado a fronteira na direção de casa. – Pickering contraiu a boca como se refreasse outras más notícias.

– O que mais aconteceu?

– Seu pai.

Duncan segurou a mesa com força, com a impressão de que o mundo girava.

– O que houve com ele?

– Os escoceses o levaram.

Aquelas palavras atingiram Duncan como as palmadas do pai.

Podia vê-lo, cheio de cicatrizes de infinitas batalhas travadas, muitas delas contra os próprios filhos. Duncan tentava fugir de tudo, mas as lembranças continuavam impregnadas nele. E não havia nada que pudesse fazer.

– E minha *mami*? Michael? – falou Duncan como se fosse uma criança.

– Graças a Deus estão a salvo. Seu irmão assumiu a família, conforme era sua sina. A casa-torre se manteve inabalável, mas a aldeia, os campos... – Pickering deu de ombros. – Foi tudo incendiado.

Duncan fitou a lareira apagada da sala de convivência, imaginando as casas carbonizadas e o povo sem lar. Não haveria nada para colher. Haveriam de rezar para ter fartura de lã, caso contrário não

teriam o que vender.

E nada para comer.

*E você fugiu?*, Little John o questionara. Devia ter ficado; por mais que odiasse, era essa sua obrigação. Seus braços fortes teriam sido mais úteis na frente de batalha do que sua retórica em Cambridge.

Duncan permitiu que Pickering descrevesse como tinha sido a batalha e a bravura de seu pai, mas só ouvia metade do que o outro dizia. Sabia qual seria o fim.

– Eles o raptaram para pedir resgate – disse Pickering, por fim.

– Então vão ficar muito desapontados. – Não havia alegria nenhuma no riso de Duncan. – Estamos sem nenhum centavo.

Os fundos que gastara para chegar até ali tinham sido merecidos a duras penas. Estava pronto para arrumar alunos que lhe renderiam algum dinheiro, mas não chegaria perto da quantia para pagar um resgate.

– Preciso voltar – anunciou Duncan, levantando-se.

O peso da mão de Pickering em seu ombro foi mais gentil do que teria sido a de seu pai.

– Você tem uma obrigação aqui, filho. Ensinar. Se já restava pouco de sua casa, agora há menos ainda.

A morte varrera os campos em ondas sucessivas; parecia que a terra queria se purificar das pessoas. Por causa da morte e dos escoceses, a terra, antes farta de aveia e trigo, estava descoberta.

– Tenho uma boca para alimentar, mas duas boas mãos. – Duncan as ergueu, orgulhoso de sua força. Podia balançar uma espada melhor do que muitos. – Posso ajudar a reconstruir, replantar...

– Você também pode ficar aqui e persuadir o Parlamento a enviar dinheiro para seu povo, que não está com ânimo algum para pagar mais impostos.

Duncan se livrou da mão de Pickering em seu ombro e começou a andar pela sala, ansioso demais para permanecer sentado.

– Nunca me darão ouvidos.

Ninguém daria; até mesmo John pensava ser melhor e mais inteligente por causa do jeito dele de falar e da terra onde tinha nascido.

– Se não ouvirem, não haverá dinheiro para o resgate.

Duncan parou de repente e encarou Pickering, sentindo o ódio corroer-lhe as entranhas.

– Meu pai e os outros defendem a fronteira, enquanto esses sulistas ficam ouvindo poesia.

– Entre as batalhas do leste e oeste, os escoceses tomaram mais de trezentos cavaleiros, inclusive o jovem Hotspur e o irmão.

Duncan deu um soco na parede, achando a dor merecida. Os Percy e seus cavaleiros seriam soltos muito antes de seu pai.

– Então é isso, não é? Vale a pena salvar os lordes endinheirados, mas nós, que vivemos em casas-torres de rochas sujas e vigiamos a fronteira ano após ano, não temos o mesmo direito, certo?

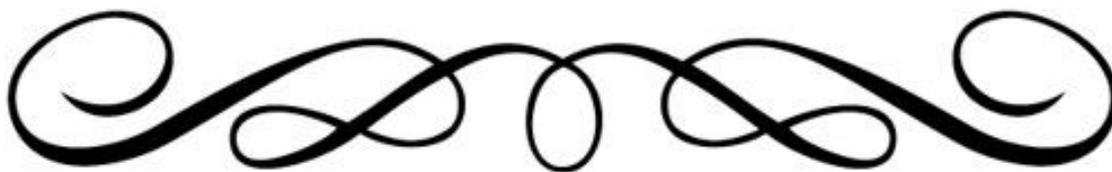
– O Parlamento se reúne em cinco dias – informou Pickering. – Teremos de implorar o voto de cada um deles.

Duncan suspirou, aliviado por amenizar a culpa. Chegara a hora de se comportar como os sulistas. Primeiro, disfarçando o sotaque. Depois, faria a barba; e por fim vestiria o terno que ganhara.

Aí sim, estaria pronto para executar sua tarefa ali, o trabalho que podia fazer em vez de voltar para casa.

- A universidade tem dois votos. Vou convencê-los a passar para o nosso lado.

## Capítulo 3



INQUIETO, DUNCAN saiu à tarde para andar pela cidade. A música do alaúde não o acalmara naquele dia. Se estivesse em casa estaria dando uma volta no campo. Era uma terra inóspita, mas ele via a beleza que as pessoas civilizadas temiam. Lagos de águas límpidas. Montanhas altas. Os campos que ainda estavam férteis eram de um verde de ferir os olhos.

A paisagem da cidade era bem diferente. Se caminhasse até os limites encontraria apenas cercas e água até os joelhos, como se a terra estivesse sendo engolida pelo mar.

Optou por andar pelas ruas estreitas até que se viu passando em St. Michael de novo à procura do garoto.

Ao ouvir sons de briga, apertou o passo e fechou a mão em punhos. Devia tê-lo aconselhado melhor sobre os habitantes da cidade. O último confronto entre os cidadãos e os estudantes deixara um professor morto.

Little John, com sua atitude arrogante, era um alvo fácil. Ele levantava os punhos rápido, mas não duraria nem dois minutos numa briga séria.

Logo adiante, Dunca viu um homem enorme prendendo um rapaz pelo ombro. Anoitecia, mas Duncan reconheceu o cabelo claro.

Little John estava em apuros.

Com o coração apertado e sem pensar duas vezes, Duncan colocou a mão no outro ombro de John e caprichou no sotaque:

– O que está acontecendo aqui?

Pela primeira vez, Duncan notou que John tinha olhos azuis e o fitavam com espanto, mas o tinham reconhecido.

– Este garoto estava rodeando o estábulo. Na certa roubaria um cavalo. – O homem não parecia disposto a ceder.

– Não é verdade. Eu só queria...

Duncan apertou-lhe o ombro. Era estranho, mas estava feliz em ver o garoto, embora John não conseguisse segurar a língua.

– Deve ter havido algum engano.

– Quem é você? – perguntou o homem, desconfiado.

– Sou o tutor dele.

Jane olhou para Duncan ainda mais espantada. Agradecida, continuou de boca fechada.

– Você não se parece com um mestre. – O cocheiro não pretendia soltar John.

De fato, os braços fortes e o peito largo de Duncan não remetiam a um acadêmico, e ele ainda não tinha tirado a barba.

– Talvez não, mas ele é um de nossos meninos do Solar. – O argumento transferiria o castigo para a universidade, e não a cidade. – Dou minha palavra por ele.

Quando o homem soltou o ombro de John, Duncan tomou o controle. Virou-se para o garoto, ignorando o outro sujeito como se o assunto já estivesse resolvido, e disse:

– Vamos embora agora. Os quartos precisam ser varridos, e a roupa, lavada.

No mesmo instante, John assumiu um ar beligerante.

– Mas...

– Nem mais uma palavra. – Qualquer movimento em falso e o cocheiro poderia voltar a atacar. – Se sair sem permissão de novo, a punição será maior.

Dito isso, Duncan segurou John pela nuca e o empurrou pela High Street, afastando-se do cocheiro.

– Você é um miserável!

No entanto, ouviu-se o som de botas andando sobre o cascalho, e logo algo pesado atingiu Duncan nas costas. Em seguida, a pedra acertou o ombro de John.

– Corra! – gritou Duncan, empurrando-o.

Duncan levou mais três golpes nas costas antes de escapar e virar a esquina, afastando-se com John.

Depois de se certificar de que não eram seguidos, Duncan parou para recuperar o fôlego e sacudiu John. Procurou ver se ele estava muito ferido, mas o cabelo loiro emoldurava um rosto frágil e incólume.

– Eu avisei para ficar longe dessa gente – resmungou Duncan.

– Você me avisou sobre os açougueiros. – Little John tentou se livrar, mas não era páreo para a força de Duncan. – Aquele era um cocheiro.

– Bem, eles também não gostam de nós.

– Nós? – Little John parou de se debater e olhou para cima.

Não só os olhos dele eram azuis, mas também tinham um brilho único.

– Você e eu?

– Não exatamente. – Duncan apertou de novo o ombro do garoto. Aquela frase implicava uma ligação que Duncan não tinha intenção de ter. – Estou me referindo a qualquer pessoa da universidade. Você devia me agradecer por ter salvado sua pele.

O olhar de John era tão intenso quanto a mão sobre seu ombro.

– Agradeço, mas não pedi para que me salvasse.

Definitivamente havia uma magia naqueles olhos, uma combinação de coragem e vulnerabilidade que atingiam Duncan em seu íntimo.

– Se não quiser ser salvo, pare de se meter em encrenca. O que fazia aqui?

– Nada. Não feri ninguém – respondeu John, mal-humorado.

– A viúva mandou você embora? – Duncan suspirou, exasperado.

John o desarmou com o olhar e falou devagar:

– Nunca existiu nenhuma viúva.

Mentiroso e ainda por cima orgulhoso. Sobre o que mais teria mentido?

– Você não tem onde dormir, não é?

– Eu tinha, sim! Estava dormindo no estábulo até ser expulso.

– Você não teria tanta sorte. – Duncan ergueu, a voz e o sotaque de Cambridge se evaporou quando pensou no que poderia ter acontecido. Podia ter perdido o garoto, e só porque virara de costas por um minuto. – Ele teria tirado seu sangue, quebrado seus ossos e levado para o oficial, que jogaria você numa cela com assassinos.

Mesmo com a pouca luz, Duncan viu o medo estampado no rosto de John.

Mais uma vez, alguma coisa atingiu seu coração. O garoto tremia quando Duncan tirou a mão do ombro dele.

– Quando foi a última vez que você se alimentou?

Little John levantou o polegar, depois dois dedos.

– Segunda-feira. Ganhei uma tigela de mingau em Michaelhouse.

– Bem, não deixarei que você apanhe como um desgraçado qualquer, apesar de querer enfiar um pouco de bom senso nessa sua cabeça. Se não souber aceitar ajuda, nunca conseguirá ser um bacharel. – Ele podia não ter salvado Peter, ou seu pai, mas salvaria um estudante de morrer de fome nas ruas. – Vou levá-lo de volta à hospedaria.

– Como seu aluno?

– Eu não disse isso. – Duncan queria ajudar o garoto, mas ser seu mestre não o deixava muito à vontade, pois o compromisso parecia ir além do acadêmico. – E por que eu deveria? Você recusou todas as vezes em que tentei ajudar.

John fez bico em resposta. Aquele garoto era o mais orgulhoso que Duncan já encontrara.

– Ah, isso não satisfaz você, meu jovem? – disse ele com a língua afiada. – Então vá até o Trinity Hall e peça por uma cama.

– Eles me rejeitaram no Trinity. – O bico de John se acentuou.

Duncan se arrependeu por ter sido tão duro. Assediado pelos próprios demônios, acabou se esquecendo de que o garoto estava sozinho no mundo e era jovem o suficiente para chorar. Ele próprio nunca fora tão criança.

– Um homem não chora quando é derrotado.

– Mas fui rejeitado em todos os lugares: St. Peter's, King's Hall, Clare Hall, Michaelhouse... – John parou de falar engolir em seco.

Duncan sentiu uma pontada no peito. Quando jovem estudante, forçara a entrada no St. Benet's Hostel. Tivera que lutar muito para conseguir tudo o que quisera da vida. A única razão de estar na posição de hoje era porque algum bispo decidira que estudar em Cambridge compensaria o “desperdício e a desolada condição de analfabeto de um jovem procedente do norte do país”. Estas tinham sido suas palavras exatas. Duncan as decorara.

– Qual a desculpa que deram para não aceitarem você?

– Meu latim não é bom o suficiente.

– Eu já tinha dito isso, garoto. Você não acreditou?

– Agora não sei o que fazer.

– Vai para uma hospedaria, claro.

As faculdades tinham prédios próprios e benfeitores abonados, mas Duncan acreditava que hospedarias como o Solar eram verdadeiras comunidades de estudantes.

– Eu também não serei aceito.

– A quantos lugares você já foi? Cinco? Dez? Vinte?

John baixou a cabeça em silêncio. Pelo menos sabia quando estava encurralado.

– Confesse, Little John. Você não foi ao Solar Hostel, tenho certeza.

– Cinco, talvez seis.

– Bem, há muitos outros ainda. – Duncan suspirou. – E se não conseguir arrumar um tutor, frequente a escola primária até estar preparado para tentar de novo.

– Isso é para criancinhas. – John enrugou o nariz.

– Imagino que seu pai nunca tenha lhe dado uma surra.

O silêncio de John foi a resposta.

– Você nunca se formará se desistir tão fácil.

– Faz dez dias que estou tentando, e sempre ouço a mesma coisa. Por favor, seja meu mestre. – Os olhos de John suplicavam tanto quanto seus lábios.

Duncan desejou dizer *sim*, mas por razões erradas.

Peter seria um pouco mais velho que John se... Seus pensamentos seguiram pela rotina familiar do passado.

*Se ao menos tivesse prestado mais atenção e não tivesse dado as costas... Se ao menos tivesse prendido aquele menino a mim.*

Seu pai o culpara tanto quanto ele próprio.

Ao olhar a expectativa de John estampada em seu rosto miúdo, Duncan questionou a mudança em seu coração. Salvava John de uma briga, mas não tinha certeza se ele, ou qualquer outra pessoa, conseguiria torná-lo um bacharel. Não faria favor algum a ele se o colocasse junto com outros alunos tão mal preparado. Os outros o devorariam antes do café da manhã.

– Tenho de pensar.

– Mas você *disse* que me ajudaria!

Pronto, o garoto estava prestes a se derramar em lágrimas. Se não conseguisse se fortalecer, não duraria nem um ano sob a supervisão de *nenhum* tutor.

– Se não me ajudar, não há mais o que fazer.

A piedade de Duncan terminou naquele instante.

– Nada mesmo? Você ainda está respirando, não é?

Quantas vezes seu pai fizera a mesma pergunta?

John olhou para cima com os olhos arregalados e meneou a cabeça com os lábios trêmulos.

Sabia que a resposta era *sim*, pois seu pai falava o mesmo.

– Sendo assim, restam algumas opções.

John engoliu em seco, mas se acalmou; e sem lágrimas nos olhos.

– Diga-me o que fazer que seguirei seu comando.

Os olhos azuis e desafiadores não se desviaram dos de Duncan. Atraído pelo olhar profundo, ele teve a estranha sensação de estar olhando dentro de um espelho, onde as coisas pareciam reais, quando na verdade estavam ao contrário.

– Muito bem. Não o deixarei à mercê dos malfeitores. Vou melhorar seu latim para que possa encontrar um mestre. – A sensação era de que se arrependeria da atitude, mas não podia deixar um pobre órfão sozinho na rua. – Pague-me do jeito que puder. Você tem dinheiro para as despesas?

– Tenho alguns centavos.

Duncan suspirou, pois já sabia a resposta. Agora via-se preso a um órfão sem nenhum tostão, com poucos conhecimentos de latim e que devia estar na escola primária.

– Então terá de trabalhar.

– Prometo. – John meneou a cabeça, sorrindo. Mas em seguida, tornou a ficar sério. – O que acontecerá quando meu latim melhorar? Você vai continuar comigo?

Aquele garoto era implacável. Entretanto, aqueles olhos pareciam implorar por alguma coisa bem mais pessoal do que apenas algumas aulas. Algo que Duncan não estava preparado para dar a ninguém.

– Quando terminarmos as aulas, você poderá escolher um tutor.

– Seu latim é tão bom assim?

*Mas que garoto abusado!* Que coragem para falar, mesmo que fosse um insulto.

– Recebi uma condecoração especial do meu tutor por causa do latim.

A primeira resposta foi um sorriso travesso.

– Talvez porque ninguém conseguisse entender seu inglês.

Duncan bateu de leve no braço de John.

– Precisamos melhorar o seu latim, Little John, e não meu inglês. Mas se estiver disposto a trabalhar, posso arrumar trabalho para você e encaixar as aulas de latim.

– Você não gosta das pessoas desta parte do país, não é? – John o encarou.

Engraçado, Duncan nunca tinha visto aquele jeito de olhar em um homem.

– Tem dia que os odeio.

John baixou a cabeça.

– Não estou me referindo a você. – Duncan bagunçou o cabelo do garoto com a mão. – Ainda precisa crescer, menino, mas, quando não está fazendo malcriação ou chorando, eu até que gosto de você.

O sorriso sincero de John fez o coração de Duncan se derreter.

ALYS DE Weston olhava Justin afagar a mão de Solay, mas ela não correspondeu. Conforme as horas se alongavam e as velas encurtavam, Alys tentava sem sucesso tirá-lo do quarto, mas ele nem se mexia. Não tinha dito a nenhum dos dois que Jane fugira. Enquanto Solay estivesse se recuperando do parto, Justin não podia pensar em mais nada. O pequeno William nascera pequeno e frágil, exigindo que todos cuidassem para mantê-lo vivo.

William e sua mãe. Por isso Alys não dissera nada, para não desviar a atenção dos dois. Mas Alys estava muito preocupada.

– Venha – ela chamou, puxando a túnica de Justin.

Fazia dias que ele não comia, e dormia menos que a esposa.

– Solay está descansando, e você precisa se alimentar. – Ela o forçou a descer até a cozinha escura e enfumaçada.

A cozinheira havia adormecido esperando ordens, então Alys resolveu servir a sopa ela mesma.

– Justin, Jane desapareceu – informou, enquanto ele mastigava o pão e o queijo, sem saboreá-los.

A expressão dele era de quem não tinha entendido.

– Como assim, desapareceu?

Ele era um homem excelente e um bom genro, mas algumas vezes parecia um tolo.

– Sumiu. Fugiu e deixou as saias.

Agora sim, ele prestou a atenção.

– Faz quanto tempo?

– Desde que o bebê nasceu.

– E você só me diz isso agora?

– Você não teria me ouvido.

– Sinto muito, mas Solay, o bebê... Não vi mais nada. – Justin balançava a cabeça.

– Acredito que você não teria notado nem se o sol tivesse caído na terra. – Alys deu um tapinha no braço dele.

Solay era uma mulher de sorte.

– Tem certeza? Você procurou bem?

– Vasculhei toda a propriedade. Sabia que ela não queria se casar, mas tinha esperanças de que...

A vontade de Alys era que o casamento de Jane a transformasse numa moça normal. Ela fora uma criança muito bonita, loira de olhos azuis, mas a família deixara a Corte quando ela estava com cinco anos, e durante os anos de exílio Jane se transformara numa criatura diferente. Seus ombros eram largos demais, os seios, muito pequenos; apenas sua voz denotava feminilidade.

Fora Solay quem chamara a atenção de Alys. A linda Solay, que entendia o que era ser uma mulher e o que deveria fazer para sobreviver, enquanto a pobre Jane, uma criança estranha, nunca soubera.

Alys jamais exigira demais da filha caçula, tentando compensar a falta da vida na Corte. Permitira que ela brincasse com cavalos e livros, coisas de menino. Demorou a descobrir que a filha não se encaixava em nada.

Alys suspirou, assumindo seu erro como mãe.

– Eu jamais a forçaria a se casar – disse Justin. – Estou certo de que Jane sabia disso. Mas pensei que se ela o conhecesse, talvez... – Meneou a cabeça. – Bem que Solay me avisou. Eu devia tê-la ouvido.

– O noivo chega na semana que vem. O que vamos dizer?

– A verdade. Ele vai superar. Minha maior preocupação é Jane. – Justin fitou as escadas como que dizendo que tinha se afastado por muito tempo de Solay.

– Você tem de se preocupar com sua mulher. – Alys sabia que não era necessário lembrá-lo de quem era sua maior prioridade na vida. – Além disso, onde vamos procurá-la? Para onde ela poderia ter ido?

Durante a primavera, Alys e Jane tinham se mudado para a casa vazia da família de Justin. Até então, Jane não conhecia nada além da casa em que moravam depois de terem saído da Corte. Aquela que Alys tinha perdido por teimosia.

– Certa vez ela me disse que queria ser um homem para se tornar um advogado e servir ao rei assim, como eu fiz – comentou Justin. – Talvez Jane tenha ido para o Inns at Court.

Nesse instante, os olhares se cruzaram. Londres. Uma inocente garota do campo seria engolida em pouco tempo.

– Vou mandar um mensageiro naquela direção – decidiu Justin, levantando-se. – Ela fugiu há dias e já deve estar na cidade.

*Oh, Jane.* Alys de Weston, aquela que enfrentara a condenação do Parlamento sem baixar a cabeça, achou que ia chorar. Mas mordiscou o lábio. Não era mulher de se derramar em lágrimas. Não chorara ao ser acusada, nem quando fugira da Corte com as crianças. E tampouco com a morte do rei, seu amado. Que chamou de sua a filha de outro homem.

JANE ACORDOU num colchão confortável, seco, quente, e suspirou de satisfação.

Normalmente a hospedaria estaria cheia de rapazes, e todos os quartos eram divididos, mas ainda faltavam alguns dias para o início do semestre. Pela primeira vez em dias, ela teve privacidade para enfaixar os seios de novo e ir ao banheiro sem medo. Ansiava muito por um banho, mas teria de ser rápido e frio, para não se arriscar demais.

Depois de rezar por Solay e pela mãe, desceu as escadas, decidida a passar o dia lendo. Havia alguns livros na hospedaria que a ajudariam a praticar o latim.

No entanto, assim que chegou à sala de convivência, Duncan lhe estendeu uma pilha de túnicas e calças.

– Lave isto.

Jane cruzou os braços e nem tocou nas roupas.

– Lavar roupa não é trabalho de homem. – Muito menos da filha de um rei.

– Para um órfão você tem expectativas muito altas. – Duncan deixou cair as roupas aos pés dela. – Eu disse que você teria de trabalhar em troca das aulas. Agora, faça o que eu digo.

– Quero falar com o responsável daqui. – Jane ergueu o queixo.

Um homem de poder não a sujeitaria a um trabalho tão subalterno.

– Quem é o responsável por este estabelecimento?

– Sou eu. – Duncan ergueu uma das sobrancelhas e a olhou de esgueira.

Ela engoliu em seco, grata por sua gafe tê-lo feito rir em vez de gritar. Desde o início, aquele homem sempre a surpreendera. Já tinha perdido a conta da quantidade de vezes que o insultara.

– Aqui não há lavadeiras?

– Não desperdiçamos dinheiro com isso. Este cárcere não é para mulheres, quer seja uma lavadeira ou uma dama.

*Cárcere.* Jane se abaixou, tremendo, para pegar a pilha de roupa. Estava à mercê daquele homem num mundo sem mulheres. Não tinha ninguém a quem recorrer ou confidenciar; e nenhuma proteção, caso fosse descoberta.

– Aproveite para lavar suas roupas também – ordenou ele, enquanto ela equilibrava as várias peças. – Você está cheirando a estábulo.

Jane resmungava ao aquecer a água que encheria a banheira, mas lembrou o que ele acabara de dizer e sorriu com discrição. Ali não se permitia a entrada de mulheres, mas ela estava lá. Invadira o reinado masculino, e ninguém desconfiava. Mesmo assim, estava fazendo trabalho de mulher.

Continuou pensando no assunto ao dispor a tina num canto ensolarado do jardim. Começou a colocar a roupa na água, mas segurou uma das camisas de Duncan por mais tempo, porque ainda estava impregnada com o calor e com o cheiro da viagem. Levantou a peça e respirou fundo, revivendo o momento em que estivera sentada atrás dele na sela do cavalo, sentindo-o entre as pernas. A memória a deixou lânguida e umedecida.

Assustada, jogou a camisa na água quente com a mesma rapidez com que afastou o pensamento. O que diria Duncan se visse “John” com o nariz enterrado em sua camisa?

Ao enfiar os braços na água morna, lembrou-se do parto de Solay. O que teria acontecido a ela? O bebê devia ter nascido havia dias. Sentiu um peso no coração, pensando no que deixara para trás. Nunca mais veria a família, nem saberia se estavam em segurança.

Fez uma oração a todos enquanto torcia e esfregava as roupas para por fim estendê-las na grama.

A água quente a chamava. Sua pele ansiava por limpeza. Tinha colocado as mãos no rio Cam uma ou duas vezes, mas, depois que viu uma ovelha morta flutuando, não tocou mais na água. Olhou por cima do ombro. Estava num canto recluso, protegida pelo muro que rodeava a propriedade e pelos vinhedos que tinham crescido bastante no verão. Talvez não houvesse outra oportunidade como essa.

Assim, tirou os sapatos e entrou na tina, fechando os olhos e deleitando-se com a sensação da água se infiltrando em seus recônditos mais íntimos, lavando a sujeira da estrada e dos estábulos.

A túnica flutuou e escondeu-lhe o corpo. Ela se abraçou com um suspiro de alegria. Levaria apenas um minuto. Seria apenas um minuto de calma.

*Você ainda está respirando?* Duncan fora tão rude como de costume, mas os olhos brilhavam como um raio numa noite escura.

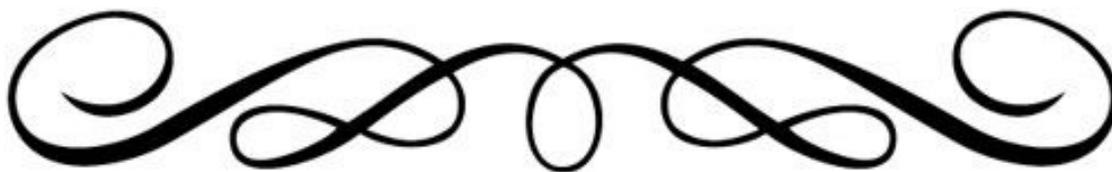
Ele oferecera ajuda, então era de se esperar que, assim que pedisse, “John” seria seu aluno. Se soubesse que teria de trabalhar como uma criada e precisar estudar latim de novo, jamais teria se arriscado a chegar tão perto dele e daqueles olhos acinzentados tão observadores.

Jane dissera como tentara arrumar alguma coisa a duras penas. Tinha explicado como fora difícil e inútil. E tudo o que ouviu foi: “*Você ainda está respirando?*”

Duncan não era mais compreensivo do que os tutores que encontrara. Ah, quando fosse uma escriturária do rei, ele iria se arrepender de ter sido tão grosseiro. E já que o rei estava vindo a Cambridge, daria um jeito de se apresentar. O rei poderia até...

– Little John! O que está fazendo nessa tina?!

## Capítulo 4



JANE ABRIU os olhos e viu Duncan do outro lado do quintal com as mãos na cintura, recém-barbeado, expondo o maxilar pronunciado e ameaçador.

Perplexa, começou a se levantar, mas abaixou-se a tempo de não se expor. A túnica molhada moldaria seu corpo, evidenciando que faltava algo que a tornaria um homem.

– Não se aproxime – pediu ela acenando para ele se afastar. – Já lavei sua roupa.

– Eu percebi, mas isso não vem ao caso. Perguntei o que você está fazendo sentado na tina de lavar roupa.

– Ora, você é o mestre aqui. – O coração de Jane estava aos saltos. De medo ou de algo mais?

Sem a barba, a boca de lábios bem esculpidos e cheios era tão sensual que ela imaginou como seria se fosse beijada. Uma ideia perigosa demais quando se está praticamente nua dentro da água.

– Não dá para perceber que estou tomando banho? – perguntou ela, imitando o sotaque dele.

– Acha que sou tão grosseiro a ponto de mandá-lo tomar banho numa tina de lavar roupa?

Duncan estava no seu pior humor. Ora, tomar banho com a água restante da roupa era sensato, e muitas donas de casa faziam o mesmo.

– Não vejo por que se importar com meu banho.

Duncan piscou e sorriu de lado.

– Acho que seu raciocínio está certo, Little John. – Ele avançou na sua direção. – O supervisor da universidade não aprova as casas de banho, mas, já que você andou dormindo com cavalos, podemos abrir uma exceção. Venha comigo. Iremos dividir uma banheira e lavar a poeira da viagem.

Só em se imaginar dentro de uma banheira, com os joelhos encostados nos de Duncan, Jane ficou sem ar.

– Não, vá sem mim. – Ela acenou para que ele se afastasse, rezando para que não desse mais nenhum passo em sua direção.

– Não seja bobo, John. – Duncan deu um passo a frente. – Você está cheirando como o rei do esgoto.

– Não! – ela gritou, em pânico. – Não dê nem mais um passo.

Duncan estacou, graças a Deus.

– Por que não?

*Por que não?*

– Tenho um ferimento.

– Estudo medicina. Deixe-me dar uma olhada...

– Não! É um ferimento antigo. Não quero que... Quero dizer, não é...

Duncan ergueu as mãos e recuou, corando de vergonha, mas divertindo-se também.

– Ferimento de guerra?

Um calor inexplicável fez enrubescer o rosto de Jane, aquecendo-a estranhamente abaixo da cintura.

– Foi um acidente. – Às vezes era uma dádiva que os homens não falassem muito.

Ele devia ter compreendido que era um assunto proibido e parou de sorrir.

– Fique à vontade. – Duncan se virou para voltar ao hotel.

Jane abaixou-se na água morna, feliz por estar tomando banho, pois demoraria muito para que tivesse outra oportunidade. E tomaria cuidado de enfiar alguma coisa na calça para fingir que não era diferente dos outros homens.

LITTLE JOHN era esquisito, pensou Duncan, perturbado, enquanto fazia um inventário dos livros da biblioteca da hospedaria. Uma sensação incomum o invadira ao ver o garoto na tina. Algo como se...

Vetou o pensamento na hora.

John dissera ter um ferimento. Mas Dunca não vira nenhuma deformidade no corpo do garoto; devia ser algo sério para incomodá-lo tanto.

Quase derrubou o livro *Distichs*, de Cato.

Talvez fosse algo que o tornasse menos homem.

Dando de ombros, Duncan ficou satisfeito consigo mesmo por não tê-lo forçado a confessar uma vergonha. Ferimentos desse tipo eram raros, mas o ocorrido seria uma explicação ao timbre da voz de John. Só em pensar, Duncan sentiu a própria masculinidade dar inconvenientes sinais de vida.

Nas últimas semanas, a guerra, a viagem e o encontro com o rei conspiraram para que se esquecesse das próprias necessidades. Imaginou com agonia se tivesse perdido a masculinidade, tal como John. Gostava de sua vida cheia de novas ideias e discussões com colegas. Mas também apreciava a parte física, como andar pelas montanhas, uma luta de espadas, e não tinha vergonha de admitir que era muito bom estar com uma mulher.

Afinal o que definia um homem? Braços fortes, mente rápida e energia. Sem isso, qual a razão de viver? Recordou-se do irmão, que preferiu morrer a viver como um aleijado. E se alguma coisa tivesse acontecido *de fato* com John, teria de ter proteção extra na vida na universidade.

Não importava que tipo de ferimento fosse, um dia descobriria. O garoto logo perderia seu recato feminino. Não havia segredo quando trinta homens moravam sob o mesmo teto.

MAIS JOVENS chegaram pela manhã com o badalar dos sinos da igreja, e continuaram chegando durante todo o dia.

Jane, de longe, observava tudo o que eles faziam. Eram barulhentos, davam tapas nas costas uns dos outros e até se batiam e se abraçavam como se cumprissem um ritual de cumprimentos.

Eles preencheram todos os cantos da hospedaria, mas ocupavam mais do que o espaço físico. A energia exalava de seus corpos, penetrando em todos os recantos do estabelecimento. Jane teve a sensação de que até seus pensamentos eram influenciados.

Permaneceu perto de Duncan para o caso de ele precisar que buscasse roupa de cama ou informasse aos estudantes que naquele ano dividiriam o quarto com outros três, em vez de dois.

– Represento o dono deste estabelecimento – Duncan anunciara para quem quisesse ouvir, soando tão importante quanto “Sou representante do rei”.

Jane procurou não olhar para a blusa enrolada que pusera na calça.

Mais tarde, talvez pudesse coçar entre as pernas onde estava o rolo de camiseta.

Nesse momento, dois acadêmicos apareceram à porta.

Duncan deixou de lado o comportamento de gerente da hospedaria e abraçou o homem mais alto, batendo em suas costas, e, de punhos em riste, simulou uma luta de brincadeira.

Ali estava o homem exuberante que Jane conhecera na estrada. Piscou, surpresa pela transformação imediata. Aqueles homens deviam ser conhecidos especiais. Ela os observou com cuidado para não demonstrar ciúme.

– *Oust fetal?*

– *Ahreet, marra. Owz it gan?*

– *Bay gud!*

O ouvido de Jane já se acostumara com a linguagem de Duncan, mas não entendeu nada do que tinham dito. Falavam o dialeto do norte do país, com uma ou outra palavra em latim.

– Venham, temos várias tabernas por aqui.

– Vá buscar seu alaúde – pediu um deles.

– Eu vou. – Jane se ofereceu, esperou permissão, e ao recebê-la correu para o quarto de Duncan.

Quando desceu as escadas, com o precioso instrumento nos braços, o homem mais baixo e ruivo indagou:

– Quem é?

– Esse é Little John – disse Duncan, olhando por cima do ombro.

Jane ergueu o queixo e estendeu a mão. O rapaz a cumprimentou, enxergando-a da mesma forma que Duncan, sem perceber que se tratava de uma garota.

– Henry. De Warcop.

– E eu, Geoffrey, de Carlisle – apresentou-se o mais alto e curvado, com cabelo fino e rosto estreito.

Em seguida, dirigiu-se a Duncan: – Você está abrindo uma escola primária?

– Essa história merece ser contada na companhia de uma caneca – afirmou Duncan.

Jane deu-lhe o alaúde sem tocar nos dedos de Duncan, que mal a olhou.

– Vamos, quero notícias de casa.

Ela deu uma tossidela para ser lembrada.

– Venha, garoto – Duncan a convidou conforme saíam pela porta.

Jane correu atrás dele e permaneceu de boca fechada quando se sentaram à uma mesa de canto, saboreando a cerveja.

Estudou-os como se estivesse numa aula de latim. Os amigos de Duncan se esparramavam ao redor da mesa. Cada um estabelecia seu território com os cotovelos sobre a madeira.

Ao olhar para baixo, Jane notou que enquanto suas pernas estavam bem juntas, as deles permaneciam abertas. Duncan, então, parecia ter acabado de descer de um cavalo. De repente, Jane sentiu que o rolo de tecido tinha escorregado do lugar. Fechou as pernas rápido e olhou para cima, mas ninguém prestava a atenção a ela.

Assim como os outros, colocou os cotovelos sobre a mesa, garantindo seu espaço também. Estava a pouca distância das mãos de Duncan. Chegou a fechar as mãos, mas permaneceu do lugar. Não ia de jeito nenhum encolher-se num canto como uma mocinha, mas cruzou as pernas, aproveitando que ninguém estava olhando.

– Esse bode velho está noivo. – Henry inclinou a cabeça na direção de Geoffrey, fitando a garçonete em seguida.

A moça o avaliou com o olhar, mas ele não percebeu. No entanto, os olhos dela encontraram-se com os de Jane quando outras canecas cheias foram postas sobre a mesa.

Jane admirou o líquido amarelado das canecas.

– Mal posso acreditar – disse Duncan. – Pensei que ficaria mais tempo por aqui para se tornar um chanceler.

– O que uma mulher como Mary viu em você? – indagou Henry.

Jane piscou várias vezes, procurando onde se esconder assim que o primeiro soco fosse desferido.

Em vez disso, Geoffrey começou a rir.

– Está com ciúme, Henry. Nenhuma mulher olha para você a não ser que receba por isso.

Aturdida, Jane observou o sorriso de Henry. Era uma linguagem diferente; aqueles homens conversavam entre si, e era mais difícil compreender o significado das palavras do que o próprio dialeto. Um insulto poderia instigar tanto uma briga quanto um sorriso, dependendo de quem o proferisse. E como o fazia.

– Você está dando ao rapaz uma má impressão a meu respeito – reclamou Geoffrey.

– Porque você se apaixonou? – perguntou Henry.

Ao lado de Jane, Duncan meneou a cabeça.

– Você tem sorte, Geoffrey. É bom estar noivo de uma mulher de boa família e que acredite que você seja seu mestre na terra. – Duncan ergueu a caneca para um brinde.

Era a primeira vez que ele falava em casamento. Teria sido impressão ou havia nostalgia em sua voz? Não, decidiu Jane. Seu juramento era lecionar naquele mundo sem mulheres.

– Ela esperará por você? – Henry quis saber.

– Até a próxima primavera. – Geoffrey suspirou. – Quando o ano terminar, terei conseguido o título de mestre. Então poderei trabalhar como escrivão em Carlisle.

– Se Carlisle ainda existir. – A voz de Duncan soou amarga.

Geoffrey e Henry trocaram olhares.

– Desculpe... – disse Geoffrey.

– Por seu pai – completou Henry.

Pai de Duncan? Ele nunca falara nada a respeito.

– O que houve com ele?

Todos os três voltaram a atenção para Jane, que desejou ter ficado quieta.

– Os escoceses o levaram – respondeu Duncan por fim –, e exigiram um resgate para libertá-lo. – Ao menear a cabeça parecia dizer: “não fale sobre isso.” – E os pais de vocês? – perguntou, dirigindo-se aos amigos.

– As muralhas da cidade são fortes – respondeu Geoffrey.

– Fomos poupados – continuou Henry. – Eles seguiram para o norte de onde estávamos.

– Pickering acha que posso persuadir o Parlamento a fornecer as tropas e os impostos de que precisamos. – Duncan tomou um gole de cerveja. – E o dinheiro do resgate também.

Jane arregalou os olhos. Então o destino do pai e suas terras pesavam sobre os ombros dele. Não era à toa que Duncan vivia tenso. Antes ela pudesse trazer o riso de volta aos lábios dele...

– Sua voz de rouxinol é um bom poder de persuasão – Geoffrey o incentivou.

– Acredito que não precisarei de muito argumento. A verdade deverá ser suficiente.

Ninguém comentou mais nada. Até mesmo Jane sabia que a verdade era pouco usada em momentos como aquele.

– Você não vem do norte, não é, Little John? – perguntou Geoffrey, virando-se para ela.

– Sou de Bedford. – Jane meneou a cabeça. Dessa vez a resposta veio fácil.

– Segundo filho? – Henry indagou.

– Little John é órfão – Duncan respondeu por ela.

– Tenho apenas uma irmã. – Não havia filhos primogênitos em Cambridge, pois estes deviam cuidar das terras da família. Para os outros, restava ir para uma universidade ou para a igreja. Tinha de inventar outra história para não estar administrando suas terras. – O lorde tomou o castelo.

Duncan lançou-lhe um olhar afiado, pois nunca ouvira falar de castelo ou de irmã.

– Até que você esteja mais velho?

Será que a pergunta de Duncan denotava desconfiança?

– Não. É... bem... por causa do meu ferimento.

Jane esperou as prováveis perguntas, mas ninguém questionou nada. Duncan a estava avaliando. Ela baixou o olhar para o colo, descruzou as pernas e as esticou, embora ainda estivessem bem juntas.

Talvez fosse necessário contar uma longa história para ser mais convincente.

– Bem, levei um coice de um cavalo quando tinha seis anos...

– Não, John. Não precisa contar... – A voz de Duncan continha certa urgência.

Quando ele a segurou pelo braço, Jane sentiu o sangue correr mais rápido por suas veias, mas se manteve firme. Porém, tinha a urgência de se explicar, arrumar uma desculpa para dizer por que era diferente.

– Foi bem aqui nas costelas. – Ela puxou o braço para mostrar onde levara o coice. – Nunca me curei direito, por isso não posso empunhar uma espada...

A voz dela se dissipou. Geoffrey e Henry focaram a atenção na caneca de cerveja, mas Duncan sorria de um jeito inexplicável.

– Quer dizer que o ferimento foi nas costelas?

– Sim, e nas regiões próximas. Por isso tenho de estar sempre enfaixado, e dói muito quando o tempo está úmido.

– *Gurn!* – gritou Duncan de repente.

Jane deu um salto da cadeira. Será que aquilo era um aviso? Perigo? Devia sair correndo? Em vez disso, os três homens começaram a fazer caretas distorcidas, bobas e grotescas.

Ainda com os olhos arregalados, ela tomou um gole de cerveja. De repente, os rostos dos três congelaram. Duncan e Geoffrey apontaram para Henry e todos começaram a rir, enquanto Henry levantava a mão para chamar a garçonete.

Jane imaginou-se com cinco anos quando vira feras enjauladas no zoológico, incapaz de decifrar o comportamento selvagem.

– O que foi isso?

– *Gurning* – os três responderam em uníssono.

– Continuo sem entender.

Todos a fitaram como se ela fosse uma completa estranha.

– Fazer caretas.

– Ganha a melhor.

– Ou seja, a pior careta paga a próxima rodada.

– Ah... – Jane meneou a cabeça como se aquilo fizesse algum sentido. Esperava que homens fossem mais sérios, e não tão bobos.

– Sendo quem é, Duncan é muito honrado para ganhar.

– Ou então não quer pagar – acrescentou Henry, ao dar uma moeda para a garçonete.

– Essa brincadeira não existe onde você mora? – Duncan quis saber, com um sorriso indulgente.

Jane respondeu que não com um sinal de cabeça. No mundo feminino, ninguém se divertia fazendo caretas. Uma moça tinha de ser bonita, boa e sorrir sem que seus sentimentos importassem. Sentimentos só deviam ser compartilhados com outras mulheres, mas na frente de um homem uma moça tinha sempre de ser apenas agradável.

E pelo jeito, as regras eram outras para homens.

Talvez Duncan tivesse começado o desafio para evitar que ela falasse mais sobre seu ferimento. Fazer caretas era aceitável no mundo masculino, mas dividir uma dor pessoal, não.

– *Gurn* – Jane desafiou e mordeu as bochechas, encolhendo-as para dentro, enviesou os olhos e ergueu as sobrancelhas como um espantalho.

Olhou para ver o que os outros tinham feito. Henry e Geoffrey apontavam rindo para ela, e foi impossível não acabar rindo também.

– Não vale! – protestou Duncan. – Ele usou os braços, e só pode ser o rosto.

Jane mostrou a língua na esperança de não ter sido a vencedora. Tinha apenas alguns centavos para gastar com bebida.

– O desafiante tem de pagar – disse Geoffrey, chamando a garçonete.

Duncan meneou a cabeça, e ela sorriu. Era apenas um jogo, pensou, mas tinha levado a sério como um homem.

O GRUPO ainda demorou algumas rodadas para terminar a noite, ouvindo algumas músicas de bebedeiras que Duncan conhecia bem.

Jane murmurou o refrão, uma série de sílabas sem sentido, apropriadas para um final de noite quando todos já tinham esquecido as letras das canções.

Voltaram cambaleando para a hospedaria pelas ruas escuras. Jane achou que podia voar de tanta alegria. Tinha sido bem-aceita no grupo de homens. Henry seguia mais à frente cantando alto a ponto de poder acordar até os mortos.

Duncan, ao lado de Jane, seguia um tanto taciturno.

– Cale a boca. Você vai acordar todo o mundo com essa cantoria.

Geoffrey tentava silenciá-lo também, mas mal podia pronunciar um “Shhh”.

Mais adiante, Jane viu uma mulher, não muito mais velha. Ou seja, uma garota também.

– Ei, benzinho! – gritou Henry. – Gosta da minha música?

– Hoje não. – A garota acenou, mas não parou de andar.

– Ei! Eu fiz uma pergunta.

Ela continuou andando.

– Se eu fosse ela, também o ignoraria. – Duncan o puxou para trás. – Você está coaxando como um sapo.

Mas Henry não estava convencido.

– Responda!

Soltando-se do braço de Duncan, ele correu e pegou a garota, pressionando-a contra a parede. Os outros correram também, e Jane reconheceu a garçonete da taberna.

Nenhuma mulher decente estaria na rua sozinha àquela hora.

Jane reparou como a jovem se mostrava amedrontada e brava.

– Todos vocês parecem sapos! – esbravejou a moça.

– Ei! – intercedeu Geoffrey. – Não insulte meus amigos.

– Beije-a, Geoffrey! – incentivou Henry empurrando a garota na direção do amigo. – Sua noiva não vai saber.

– Chega – disse Duncan. – Se acordarmos o oficial, terei muitas explicações a dar ao supervisor da universidade.

Mas Henry não estava disposto a desistir.

– Não se preocupe. Ela tem beijos suficientes para todos nós.

Com o alaúde em uma das mãos, Duncan alcançou Henry, mas Geoffrey avançou cambaleando para cima da jovem, prendendo-a contra a parede.

Jane conteve o grito. *Não*. Como seus amigos felizes tinham se transformado em monstros, aguardando como se a garota quisesse beijos de bêbados?

– Não faça isso! Pare!

– Não se preocupe, Little John. – Henry caiu de joelhos, rindo e quase derrubando Duncan; as cordas do alaúde se soltaram. – Você terá a sua vez.

A ideia causou náuseas em Jane. Logo, ela se curvou, e toda a cerveja que tinha ingerido foi parar na rua. Duncan colocou a mão protetora sobre suas costas.

– O garoto está se divertindo – disse Henry ainda, sentado na terra e rindo.

Jane coçou os olhos, mas ficou ainda mais tonta. Com passos incertos, cambaleou para perto de Duncan, mas sua intenção era surrar todos eles. Como aqueles acadêmicos tratavam uma mulher com tanto desprezo? Até mesmo Geoffrey, o mais gentil deles e noivo, se juntou aos amigos. Duncan foi o único que protestou. Seria por medo de ser visto ou porque se importava com a moça?

– Vamos embora, seus imbecis! – A voz dele reverberou no ouvido de Jane. – Tive muito trabalho para permanecer nas graças do oficial para pôr tudo a perder por causa de uma farra de rua. Soltem a garota.

Quando Jane abriu os olhos, a moça havia sumido. Henry nem percebeu que não ganhara beijo algum, levantou-se cambaleando e voltou a cantar. Jane titubeou para dar um passo, e Geoffrey postou-se a seu lado.

– Pode deixar, eu o seguro. – Duncan o afastou. – Ele está enjoado demais para andar.

E, no instante seguinte, Jane se viu no colo de Duncan. Aninhada nos braços dele, encostou o rosto no peito largo, sentindo-lhe a respiração, a temperatura de sua pele e o perfume doce do zimbro.

– Posso carregá-lo um pouco, se quiser – Geoffrey ofereceu, aproximando-se.

– Ele não pesa mais do que uma ovelha crescida – Duncan afirmou com forte sotaque. – Eu jogaria por cima do ombro, mas ele é capaz de sujar minhas costas.

Jane contraiu o corpo, sem conseguir relaxar naqueles braços fortes. E se *ela* tivesse sido descoberta quando procurava por abrigo?

E se seu segredo tivesse sido desvendado naquele instante?

Só em pensar, seu estômago se contraiu de novo, mas ela pressionou os lábios para evitar um novo mal-estar.

Quando chegaram à hospedaria, Henry tinha se aquietado. Ele e Geoffrey apoiaram-se um no outro para subir as escadas.

– Ponha-me no chão – pediu Jane, balançando-se.

– Tem certeza? – perguntou Duncan.

Ela respondeu que sim com a cabeça e desceu, mas bastou levantar um pé para tropeçar.

– Venha vou colocá-lo na cama.

Mas quando ele tentou segurá-la, Jane levantou os braços na defensiva.

– Posso me virar sozinho. – Até mesmo para seus ouvidos, soou como uma criança petulante.

– Tenho certeza de que sim – disse Duncan com toda a paciência. – Mas será mais fácil se eu ajudar.

Ela bateu na mão dele, desequilibrando-se, e caindo no degrau.

– Não!

Será que Duncan ignoraria seu protesto como Geoffrey e Henry ignoraram o da garota?

– Estou cansado das suas bobagens. – Ele se apoiou na parede. – Vamos, deixe-me levá-lo para a cama para podermos dormir um pouco. Tenho de abrir as portas da igreja St. Michael para a primeira missa de amanhã e estou sem paciência com você.

Duncan a segurou, enquanto ela reagia aos socos e pontapés sem se importar onde atingiam. Estava apavorada demais para raciocinar direito. O que ele faria se tirasse suas roupas e descobrisse que se tratava de uma garota? Será que *a* prenderia contra a parede e exigiria um beijo?

Ou algo pior?

O joelho de Jane acertou-o nas costelas, e o cotovelo, na orelha dele.

– Não! – gritou ela tão alto que acordou a casa inteira.

– Chega! – Duncan levantou as mãos. – Vá para a cama sozinho. Mas não venha choramingar amanhã por ter passado mal a noite inteira.

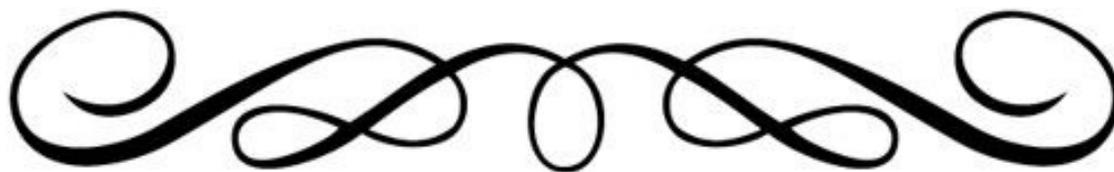
Jane subiu alguns degraus e de repente se curvou de dor no estômago, sentando-se.

– Não preciso da sua ajuda. – Um homem devia tomar conta de si mesmo. – Estarei melhor pela manhã.

Duncan meneou a cabeça, vendo-a subir degrau por degrau, sentada.

– Na verdade acho que você estará pior.

## Capítulo 5



NA MANHÃ seguinte, Jane estava pior *de fato*.

Não apenas tinha dores no estômago e na cabeça, mas no coração também. Identificara-se com a garçonete. E o mundo masculino, no qual conseguira entrar, a deixara solitária do outro lado de uma muralha alta.

Passou o dia em silêncio, sem saber o que dizer àquelas criaturas em que seus amigos, homens, tinham se transformado. Duncan a chamou para a sala de convivência, à tarde.

– Vamos ver como vai o seu latim, garoto.

*Portare*. Jane tropeçou nas conjugações, voz passiva e ativa, mas não ergueu o olhar para Duncan, incerta se ainda o conhecia. Ou queria conhecer.

– O que houve, garoto? A noite passada ainda o incomoda?

Jane o fitou querendo atingi-lo pelo que tinha dito e tanto a magoara.

– Você não imagina o que ela pensou?

– Quem?

– A garota.

Ele era tão insensível que nem se lembrava do ocorrido.

– Quando você, nós... – *Nós*. Afinal, tinha estado lá também.

– Isso o está amolando?

– Está sim – respondeu ela encarando-o.

A expressão de Duncan se alterou, inexplicável e tão difícil de capturar como fumaça. Em seguida, desviou o olhar para a lareira.

– Não estou orgulhoso do que aconteceu ontem.

Henry e Geoffrey chegaram à sala, mostrando visíveis efeitos de mal-estar.

Duncan relaxou os ombros, e todos riram da ressaca e dos estômagos roncando.

– Foi uma noite difícil, não foi, garoto? – Geoffrey perguntou a Jane, que respondeu meneando a cabeça.

– Little John está preocupado com a ordinária – Duncan informou.

Jane contraiu o cenho; aquilo não era assunto para ser discutido entre todos.

– As mulheres não são como nós, John. – Henry assumiu a frieza de uma rocha.

Jane começava a entender a verdade daquelas palavras.

– Quando você estiver mais velho e mais experiente irá entender – acrescentou Geoffrey, assumindo uma postura séria de quem se achava prestes a se casar.

Henry bateu nas costas do amigo.

– Não vai, não. Ninguém entende as mulheres.

Jane olhou para Duncan, que permanecia quieto, com a testa contraída.

– O que é tão difícil de entender nas mulheres? – Mesmo desprezando o próprio sexo, Jane achava as mulheres muito transparentes.

– Tudo! – exclamou Henry.

– Esse não é um homem sábio. – Duncan meneou a cabeça.

– Mas Henry tentou beijar a garota mesmo contra a vontade dela. – Jane fitou Duncan, esperando que ele explicasse seus pecados.

– Se eu a *tivesse* beijado, bem que ela teria gostado – antecipou-se Henry, chamando a atenção de Jane.

A maneira como Jane o encarou deixou-o com as orelhas vermelhas.

– Mas não aconteceu nada...

– Nada para você. – Jane conhecia mulheres o suficiente para reconhecer que aquela moça queria puxar as orelhas dele ou derramar-se em lágrimas.

Ou talvez as duas coisas.

Geoffrey assumiu a defesa de Henry num tom calmo e professoral:

– Mas ela é uma qualquer. Já estive com várias mulheres para saber.

*Qualquer*. Haviam chamado sua mãe daquilo e de coisas piores.

– Mas ela disse *não*.

– Às vezes uma mulher diz *não* porque quer ser persuadida – disse Henry.

– Como você pode saber o que ela estava pensando? – Jane tinha certeza de que aquela moça não queria nada que se assemelhasse a persuasão.

– John, quando você se formar, entenderá o que Henry está dizendo – Duncan começou a falar num tom pedagógico. – A mulher é fraca e deficiente, mas foi esse o desejo da natureza. Os homens devem ser seus soberanos porque pensam com a razão. As mulheres não pensam. Elas sentem.

– E ninguém consegue decifrar os sentimentos de uma mulher! – Henry afirmou, e os outros começaram a rir.

Jane continuou séria. Deprimida e confusa, pela primeira vez, sentiu-se como a mulher que sempre se recusara a ser. Admirava os homens, almejava ser como eles, mas agora descobrira que o conhecimento deles tinha furos que jamais desconfiara quando convivia com o marido de sua irmã. Longe dos olhares femininos, os homens eram criaturas muito diferentes.

O que acontecia depois do casamento, quando um homem e uma mulher estivessem aprisionados para compartilhar a vida? Devia ser uma revelação e tanto. O cavalheiro que arrotava à mesa do café. A

esposa linda que era mal-humorada naqueles dias do mês. Seria um mundo bem diferente se um homem e uma mulher se conhecessem de verdade.

– Você vai entender quando for mais velho, Little John – disse Henry. – As mulheres cobiçam mais do que os homens.

– Você também acha isso? – Jane provocou Duncan, que permanecia calado.

– Não é uma questão de opinião – Duncan começou a falar como se estivesse começando uma disputa formal. – São Tomás de Aquino, Hipócrates e outros mestres já escreveram a esse respeito. As mulheres foram criadas para serem protegidas pelos homens. São criaturas menos privilegiadas, e não conseguem entender coisas intelectuais.

Jane se sentiu sufocar com aquelas palavras e ergueu a sobrancelha. Tanto a Igreja quanto a universidade diziam o mesmo, o que para Jane não era verdade. Não podia ser uma mulher de verdade se era tão diferente das outras.

Será?

– *Varium et mutabile semper femina* – afirmou.

– Isso mesmo! – exultou Duncan, feliz por ela ter aprendido a lição. – Deus não fez mulheres para pensar e terem instrução. Falta *virile animo*, o espírito masculino que você e eu temos.

Jane imaginou como Duncan ficaria vestido de mulher. Assim compreenderia como a vida de uma mulher podia ser desafiadora. Na universidade os homens se digladiavam com palavras e habilidades mentais em vez de espadas e cavalos. Ela podia fazer o mesmo, inclusive brigar como um homem.

– Claro que há exceções – continuou ela. – A rainha Eleanor, por exemplo.

A rainha morrera havia 200 anos, mas todos sabiam que era mais forte e poderosa do que o marido, Henrique.

– Ah, ela não é exemplo – Duncan a contradisse, desafiando-a. – Eleanor usava o corpo para manipular o marido e a emoção para dominar os filhos. Ela mesma não fez nada, mas sim os homens que a rodeavam.

– Nós somos donos da lógica, Little John – afirmou Henry. – As mulheres são regidas por seus desejos naturais.

Jane cerrou os dentes para se impedir de lembrar que a garota da noite anterior não demonstrara desejo algum.

– Elas possuem um poder misterioso. – Duncan se aproximou. – Nunca as subestime, Little John. E isso não é apenas retórica. Um homem sem conhecimento não é melhor do que um bode à mercê de seus impulsos primitivos. – Olhou para Henry do outro lado da mesa. – Como foi esse *ribaldus* na noite passada.

Henry segurou a cabeça com as mãos.

– Olhe, você aprenderá como ser um homem e como conquistar sua natureza devassa. Uma mulher jamais será capaz disso – Duncan resumiu.

– Se seguir esses impulsos, uma mulher poderá dominá-lo com seu poder de sedução – Henry recomeçou, pesaroso, mas terminou com um sorriso. – Pergunte a Geoffrey.

Geoffrey riu, feliz demais por ter sido seduzido; mesmo assim, deu um soco no braço de Henry.

– Só depois que um homem se dominar é que poderá fazer o mesmo com uma mulher. Caso contrário, ela o dominará.

Jane encarou Duncan, boquiaberta.

Eles consideravam uma mulher como sendo um animal perigoso, tolo e cheio de desejos, incapaz de controlar a própria mente e corpo. Imaginou o temor daquela moça misteriosa, vista apenas como um “outro” ser confuso.

Por um breve momento, desejou ter *sido* aquela mulher e recorrer ao tão falado poder misterioso. Enfrentar todos e anunciar que também era uma mulher inteligente e sensível. Além do mais não havia nada místico no fato de uma mulher ansiar por respeito e por amor.

No entanto, diferente dos homens, as mulheres admitiam seus sentimentos.

Mas Jane continuou imóvel. O jogo em que se metera era perigoso demais. O que seria dela se perdesse o apoio daqueles camaradas? Sem a proteção deles estaria tão indefesa quanto aquela garçonne.

DUNCAN ACORDOU antes de o sol raiar, dando-se conta de que sonhara com uma mulher que nunca vira antes, uma loira de olhos azuis com as bordas mais escuras. Virou-se para fitar o teto, refletindo sobre a reação de Little John à garota na rua. E do jeito como ele próprio ficara.

Como proprietário da hospedaria e tutor, seria sua obrigação ter mantido a ordem e não permitir que seus amigos corresse pela rua como selvagens. Ao permanecer impassível, pusera todos em risco, bem como o futuro da hospedaria, por cuja construção tanto trabalhara. Contudo, não tinha muita paciência com as regras da universidade.

As leis eram tolas, os limites, obscuros, e eram elas tão respeitadas quanto ignoradas. O que importava se um estudante festejasse a noite inteira, se no dia seguinte aparecesse para as *dies legibiles*?

Saiu da cama, vestiu o manto escuro de clérigo, pegou o molho de chaves da igreja e foi abrir a porta para os fiéis que já aguardavam. As tarefas da igreja eram parte do preço a pagar por ser um mestre.

O sonho com a moça misteriosa o seguiu quando cruzou o Market Square e atravessou a High Street, lembrando-o das lições que ministrara a Little John. Era um assunto inconveniente para se pensar durante as obrigações matinais.

Talvez o encontro com a garota na véspera tivesse despertado sua luxúria, ou então fora a conversa subsequente sobre homens e mulheres.

Ainda bem que John entendera.

Bem, não completamente. O que John vira o impressionara. Para um homem, o ocorrido seria facilmente esquecido. Mas para um garoto? Deve ter sido muito doloroso, talvez o suficiente para atrasar seu amadurecimento, deixando-o fraco demais para sustentar o peso de uma espada. Com essa deficiência John seria incapaz de guardar as terras de seu pai.

Se bem que costelas fracas eram uma coisa. Mas a vida sem o órgão masculino era outra. Enfim, estava feliz por John não ter antecipado a descoberta dos prazeres da carne.

Entretanto, a ideia persistia; e pior, seu corpo dava sinais visíveis de seus pensamentos. Duncan abriu as portas da igreja e observou os fiéis meio adormecidos entrarem. Ainda bem que a batina comprida escondia sinais nada sagrados.

Nem o supervisor da universidade nem o bispo compreendiam muito bem a diferença entre os conceitos da Igreja e da universidade quando colocados lado a lado, e por isso franziam o cenho ao ver estudantes se misturarem com mulheres. Talvez achassem que se mantivessem as mulheres longe, os jovens e saudáveis estudantes as esqueceriam.

Duncan era uma prova viva daquela falácia.

Talvez fosse uma boa hora de iniciar Little John nos prazeres proporcionados por um corpo feminino. Agora que sabia que o ocorrido com a garçonete não deixara marcas profundas, aproveitaria para assumir sua educação, pois o garoto certamente não sabia nada sobre mulheres.

NA MANHÃ da chegada do rei, John havia sumido.

Duncan pedira uma tarefa simples: pegar a toga de mestre e ajudá-lo a se vestir para as cerimônias.

Os outros mestres já tinham saído. Já passava da metade da manhã. O rei chegaria antes do meio-dia, e nem a toga nem o garoto apareceram.

Sem camisa, olhou pela janela na direção do banheiro no fundo do jardim, e saiu bufando do quarto, com a paciência no limite.

O garoto se mostrara bem sério nos últimos dias, mas frequentemente Duncan o pegava sonhando acordado na hora de trabalhar, sem se dar conta de que, se não aparecesse na cozinha, os outros teriam que trabalhar dobrado, ou os homens passariam fome.

Duncan estava dividido entre proteger o garoto mimado e sacudi-lo pelos ombros. John não era teimoso ou mau, mas não assumia responsabilidade por nada. Ao passo que Duncan sentia-se responsável por tudo. Mas também não negava a inveja da natureza despreocupada de John.

– Little John! – berrou. – Onde você está?

Os gritos ecoaram pela hospedaria vazia. Todos haviam saído para escolher um bom lugar na rua para ver a procissão do rei.

– Aqui!

Duncan percebeu que a voz do garoto vinha do quarto no andar de cima e subiu com passadas pesadas, furioso por não ter sido atendido de pronto.

– Onde raios está minha roupa? – Duncan indagou antes mesmo de chegar à porta.

– Ah, perdi a hora... – John pulou da cama, quase derrubando um objeto.

– É bem difícil não ouvir os sinos da igreja.

John arregalou os olhos ao ver Duncan seminu.

– O que está olhando? – Duncan olhou para baixo e de repente ficou sem graça.

– Nada! – John ergueu os olhos, mais azuis do que nunca, e escondeu as mãos atrás do corpo.

– O que está escondendo? – Duncan segurou o braço do menino, sentindo um calor aquecer-lhe o peito. Só podia ser raiva.

– Não é nada.

Mesmo assim, Duncan puxou-lhe o braço e viu que os dedos de John escondiam um espelho com as costas de marfim. *Tão fútil quanto uma mulher.* E suspirou.

Em seguida olhou para o marfim esculpido e piscou ante a figura detalhada no verso: um cavaleiro sobre um cavalo abraçado a uma mulher. Ou mais precisamente, envolvendo-a pelos seios.

– Ande logo. Vá buscar a toga depressa e me encontre no meu quarto.

John saiu correndo.

Duncan o seguiu escada abaixo procurando focar na cerimônia que atenderia, e não nas surpresas infundáveis de John. O garoto se dizia um órfão sem dinheiro, mas aquele espelho era sofisticado o suficiente para ser um presente para uma duquesa. Ou para a amante, por conta da imagem.

E se John estava olhando para aquilo, na certa estaria pensando em mulheres.

John chegou corado ao quarto, trazendo uma roupa preta e curta, dobrada.

– Preciso da *cappa clausa*, e não de um capote de mangas curtas.

– E como é que eu ia saber o que precisa vestir?

– Se não sabe, pergunte. A *cappa* e a túnica comprida aberta no meio. A capa é aquela com pele cinza. Agora corra!

John obedeceu.

– Não se esqueça do chapéu!

John voltou com os braços cheios de roupas, olhando desconfiado para o pelo que revestia a capa.

– Você vai assar dentro disso.

Duncan sabia, mas não tinha dinheiro suficiente para comprar uma capa de seda de verão.

– Faça o que eu digo, John. Estarei na frente dos meus colegas, e tanto o rei quanto eu vestiremos as roupas próprias para nossos títulos.

– Conheço mulheres que se preocupam menos com as roupas do que você. – John balançou a cabeça.

– E quem é que estava se enfeitando diante de um espelho? – Duncan urrou. – Passei sete longos anos de suor e trabalho duro para ganhar esta vestimenta, Deus é testemunha, por isso a uso com orgulho. – Tinham sido sete anos para provar que todos estavam errados, sobretudo aqueles que ainda não acreditavam que ele pertencia a Cambridge. Encarou o garoto. – Quando... não, se você um dia passar pela *trivium* e *quadrivium*, também terá orgulho de suar sob uma capa destas.

Ainda assustado, John deu um passo para trás. Alternou o olhar entre Duncan e a pilha de roupas pretas e endireitou as costas.

– O que se deve vestir primeiro?

Duncan mostrou a John, mas ao mesmo tempo se sentia desconfortável pelo ritual, embora determinado a cumpri-lo. John bateu nos ombros de Duncan para acertar as costuras e alisou os pequenos vincos com as mãos.

Era ao mesmo tempo estranho e íntimo o ato de se vestir. Ainda mais sentir os dedos do garoto deslizando sobre seu peito, e também a respiração quente no pescoço quando John o ajudou com a capa, sentindo-lhe o perfume.

John não mais rescendia a cavalos. Seu aroma era inesperado, irreconhecível, embora levemente familiar. Ao fechar os olhos, a imagem do cavaleiro e da mulher do espelho se apossou da mente de Duncan, que de súbito constatou que sofria de uma longa abstinência se apenas um toque o perturbasse tanto. *Não é nada de mais*, concluiu, inquieto. E nem tinha a ver com o garoto.

– Pronto. Você está muito distinto – John elogiou.

Duncan percebeu que os olhos do garoto brilhavam de orgulho e, sem graça, ajeitou a capa.

Debaixo daquelas vestes todas, ninguém descobriria o que um homem ou uma mulher esconderia. Ou então, como a túnica ganhara vida de maneira tão inconveniente?

Duncan desceu as escadas, forçando-se a pensar na cerimônia, ignorando os desejos primitivos que reviviam partes de seu corpo.

John o acompanhou até sair da hospedaria e pela Hight Street. Havia muita gente ladeando a rua, e Duncan teria que lutar para abrir caminho até a frente da universidade.

– Duncan, você acha que estou apresentável para encontrar o rei?

John vestira uma túnica amassada e procurara melhorar a aparência passando a mão sobre o tecido. O rosto estava corado, e cachos loiros voavam com o vento. Havia algo mais sério naquela pergunta, mas Duncan não tinha tempo para ponderar sobre o assunto.

– Não se preocupe. Você não encontrará Sua Majestade.

– Mas tenho de encontrá-lo! Preciso dizer que estou estudando para estar à altura de trabalhar para ele.

– John, essa é uma cerimônia importante, e não uma sessão da Corte. O rei será recebido pelo prefeito, pelo supervisor da faculdade e pelas corporações, e não se misturará com os estudantes.

Duncan começou a empurrar a multidão. As pessoas resmungavam, mas abriam caminho ao notar de quem se tratava.

– Você o conhece e podia me apresentar. – John continuava grudado a seu lado.

– Não, não posso. – Duncan lutou contra a vontade de deixar o garoto feliz. – Eu nem estarei perto de você.

– Por que não? – John parou de sorrir.

– Porque no meu grupo só ficam os acadêmicos – disse ele ao chegar à frente da multidão.

À esquerda havia uma proteção de madeira até o Trumpington Gate.

Duncan acenou para Pickering, que se achava do outro lado da rua junto com os membros do Parlamento e voltou a atenção para John.

– Agora fique ali. Nós nos vemos mais tarde. – Duncan deu as costas para John, sentindo um ligeiro remorso, e tomou seu lugar junto aos acadêmicos.

– Você está atrasado – disse o supervisor, vestido de roxo, franzindo o cenho.

– Ah, é? – Duncan esperava ter demonstrado seu desdém pelo tom de voz. Caso contrário, seu sotaque o faria: – Fiz Sua Majestade esperar por mim?

Não esperou pela resposta, mas virou-se, tentando ver John misturado aos estudantes.

JANE FICOU com o braço cansado de acenar, mas o rei nem se dignou a olhar em sua direção. Passou a mão no ombro para aliviar a dor depois que a comitiva passou. O rei lembrava um anjo loiro, concluiu. Na verdade ele parecia alguém mais versado do que Duncan. Quando Duncan a viu na multidão, o coração dela bateu mais forte.

Ele parecia um guerreiro.

Mesmo a túnica folgada não escondia os ombros largos e o rosto duro. Agora que o via no meio dos outros mestres de preto, Jane entendeu a importância da roupa. Havia um deles com uma túnica escarlate e outros com túnicas azuis. Alguns tinham chapéus e capuzes. O que significava tudo aquilo? No entanto, nada a impressionou.

Naquela manhã, por pouco Duncan não a pegara colocando a blusa enrolada dentro da calça. Mas o susto logo passou quando ele entrou de repente no quarto, seminu. Estar diante daquele peito musculoso quase a deixou sem ar.

E depois teve de ajudá-lo a se vestir.

Estivera perto o suficiente para sentir o perfume da pele dele. Seus dedos queimaram ao roçar aquele peito forte. Foi difícil dominar a vontade de acariciar-lhe os ombros e explorar os músculos de seus braços, mais fortes do que supunha serem os membros de um acadêmico. A guerra que travara consigo mesma terminou por deixar-lhe os dedos duros e estranhos em vez de delicados e suaves como os de uma moça. Se bem que nunca tivera um toque feminino, mas também nunca se preocupara com isso.

Desviou o olhar de Duncan e o concentrou no rei, rodeado pelos membros do Conselho e da Câmara dos Lordes. Ali estava seu objetivo do dia. Indiferente aos obstáculos, faria tudo para chegar

perto para que o rei a visse. E se caísse quando encontrasse seu parente real? Será que ele reconheceria o elo entre os dois? Acharia o cabelo loiro semelhante?

Se tivesse nascido homem, e não uma pobre coisinha fraca, já estaria na Corte, talvez até ao lado do rei Ricardo. Filhos bastardos de reis eram reconhecidos e tornavam-se guerreiros, bispos ou embaixadores. Muitas vezes as filhas ilegítimas dos monarcas podiam se casar para fortificar alianças. Nem Jane, nem Solay tinham recebido uma oferta, mas a maioria das amantes do rei não foram tão odiadas quanto sua mãe.

O rei subiu as escadas até a plataforma de madeira e se sentou num trono provisório. Jane procurou encontrar alguma semelhança no rosto dele com o seu. O rei parecia entediado, desconfiou, mas *não* se parecia com ela.

Ah, mesmo àquela distância ela viu o mesmo cabelo loiro e os olhos azuis. A diferença, no entanto, não vinha do cabelo, mas da boca, parecida com um botão de rosa, mais feminina do que a dela. O rosto era mais fino, enquanto o dela tinha o maxilar mais bem desenhado. Jane suspirou. Talvez fosse bom não se parecerem. Dúvidas surgiriam entre Jane, filha do rei morto, e John, um vivaz e jovem estudante.

O rei se acomodou no trono, enquanto ela esperava com toda a paciência o desfile das associações de açougueiros, padeiros e comerciantes.

O rei olhava por cima dos estandartes azuis e verdes como se nada visse. Sua mãe estava certa no que costumava dizer: o rei era um ser superior aos homens, com poder suficiente para fazer o que quisesse e satisfazer qualquer desejo. Ele tinha inclusive arrumado um marido que Solay amava, apesar do mal-entendido sobre Justin no começo.

O desfile terminou, e as celebrações tiveram início. As solas e os joelhos de Jane doíam por estar em pé havia tanto tempo, mas ninguém a sua volta se moveu. Em honra ao rei, deu-se início uma canção que contava a história da sabedoria do rei Salomão, uma história condizente com uma cidade universitária. No final, a canção fazia um comparativo com a sabedoria do rei Ricardo e o próprio rei Salomão.

O rei sorriu pela primeira vez.

A família de Jane podia não concordar sobre a sabedoria do rei, mas, sendo ele sábio ou tolo, podia prover a ela a oportunidade de fazer coisas importantes e conhecer o mundo.

A comemoração terminou, e Jane continuou na mesma posição, apesar dos pés doloridos. Tinha que estar perto quando o rei passasse de novo.

DUNCAN RETESOU o corpo quando o rei se aproximou acompanhado pelo chanceler e pelo bispo. Analisar a faculdade consistia numa das tarefas reais, apesar de o rei não se dignar a falar com seus representantes.

Duncan estava no final da fileira. O suor corria-lhe pelos sulcos dos músculos cansados. O olhar do rei correu por todos aqueles homens vestidos de preto sem se deter em ninguém, até ver Duncan e parar.

Duncan meneou a cabeça, dando a entender que compreendera a razão incerta de ter sido reconhecido. O rei passara por vários tutores boquiabertos.

– Você é Duncan de Cliff's Tower?

Duncan se inclinou até onde suas costas tensas permitiram.

– Majestade... – Fazer reverência a um homem mais novo e inexperiente não era parte de sua natureza.

Mesmo que esse homem fosse o rei.

– A última vez que o vi, você era um bárbaro barbudo. E agora se tornou um mestre letrado.

O chanceler, ao lado do rei, sorriu. Duncan reparou nos dentes expostos, contra a vontade.

– Isso deve ter acontecido no primeiro ano de aulas do mestre Duncan.

– Você é um homem surpreendente, mestre Duncan. – O rei meneou a cabeça.

Duncan fez outra reverência, agradecendo, quando o chanceler já começava a se dirigir aos membros do Conselho.

– Infelizmente, Vossa Majestade, minhas surpresas não foram tão agradáveis. – Era agora. Duncan precisava aproveitar a chance. – Depois da reunião do Conselho, descobri que meu pai foi levado pelos escoceses, que exigem um resgate.

– Animais bárbaros. – Os lábios do rei se contorceram de raiva.

Algumas vezes Duncan achou que o rei detestava mais os escoceses do que os franceses.

– Sabendo do interesse de Vossa Majestade, queria oferecer a honra de contribuir para a soltura de meu pai.

O Parlamento faria várias solicitações, mas um rei, abonado de barras de ouro, podia pagar o resgate de um humilde cavaleiro.

O rei assumiu o mesmo gesto do ator que interpretara o rei Salomão, mas olhou por cima do ombro. Seu tio, o duque de Gloucester, e os lordes do Conselho vinham logo atrás.

Até mesmo para aquela quantia, Duncan imaginou que o rei precisaria da aprovação do Conselho. Suas esperanças caíram por terra.

O rei fitou Duncan com certo pesar.

– Há muito o que se considerar, mas estou certo de que o povo da Inglaterra pensa como eu. Os comuns certamente concordarão que é preciso proteger a fronteira.

– Isso é o que espero, Majestade. – Tinha de haver dinheiro para o Parlamento, para a guerra, mas nada para o próprio rei, nem para arcar com um resgate. – Vou trabalhar incansavelmente...

Que bem faria enviar mais homens para a guerra se não houvesse a boa vontade de trazer de volta aqueles que já tinham servido? Duncan continuou a falar, num impulso:

– E assegurar que o Parlamento também leve em consideração a necessidade de libertar um bravo guerreiro que já defendeu sua terra.

O rei franziu a testa, mas, antes que falasse, Duncan sentiu alguém a seu lado.

John.

O que aquele tolo estava pensando ao interromper uma conversa com o rei?

O rei olhou para os olhos que o encaravam atrás da túnica de Duncan. No mesmo instante, John ajoelhou-se.

– Levante-se, jovem. – O rei sorria. – Você possui alguma petição?

– Não, Majestade.

O que aquele garoto estava prestes a aprontar? Trocando o peso de uma perna para a outra e com a cabeça baixa, John demonstrou uma graça natural que Duncan nunca notara antes.

Duncan pisou no pé de John na esperança de que o rei não percebesse.

– Você não quer nada? – Não era à toa que o rei mostrou vontade de parar e ouvir. Nunca ninguém viera à sua presença sem pedir coisa alguma.

- Eu apenas quero prestar meu respeito ao nosso glorioso rei, Majestade.
- Perdoe-o, Majestade - Duncan se intrometeu na conversa.
- Você conhece o garoto? - indagou o rei, içando as sobrancelhas.
- Acabei de tomá-lo como aluno - disse ele, olhando para a cabeça baixa de John.
- Qual seu nome, jovem estudante?
- John, Majestade.
- O que ele está lhe ensinando?
- Latim, até eu estar pronto para aprender gramática, dialética e retórica.

Duncan precisou se segurar ao máximo para dizer apenas:

- Ele tem muito a aprender.
- E quando isso acontecer, espero me oferecer como um escrivão a Vossa Majestade.
- Menino brilhante - o rei Ricardo o elogiou para Duncan.
- E cheio de surpresas. - Que hora interessante que John tinha escolhido para mostrar sua ambição, pensou Duncan.

- Então estude bastante. Se fizer progressos, mestre Duncan poderá levá-lo a minha presença antes que eu vá embora. Quero ouvir o que você aprendeu.

- Obrigado, Majestade. - John fez uma reverência.
- Restam apenas algumas semanas, Majestade - protestou Duncan.

- Tenho certeza de que você é um mestre talentoso. Na ocasião, poderemos também conversar depois da reunião do Parlamento - disse o rei com um sorriso astuto.

O rei continuou andando, e Duncan virou-se para ir embora.

A reunião do Parlamento e da universidade começavam no dia seguinte. Como faria para preparar o garoto para uma audiência com o rei em tão pouco tempo?

Bem, teria de adiar apresentar a Little John os prazeres de se estar com uma mulher.

- Está vendo? - John inflou o peito. - Eu sabia que você me ajudaria a encontrar o rei. E agora ainda terei a oportunidade de vê-lo de novo.

- Isso se o seu latim melhorar. E, apesar do que disse a Sua Majestade, essa é uma tarefa sua, não minha.

- Eu dou conta.

Era o que Duncan esperava. Por causa de John, o rei tinha oferecido outra oportunidade de pedir por seu pai. Se o Parlamento não votasse a seu favor, teria de convencer o rei.

Passada a raiva, segurou John pelo cotovelo e apertou.

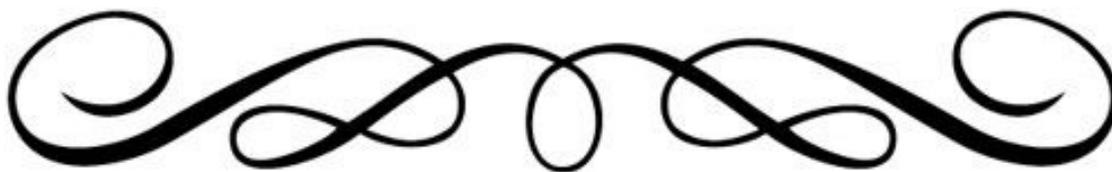
- Está bem, seu patife. - Duncan riu quando John acertou-lhe as costelas com os punhos. - Acharemos um bom discurso, e vamos ver se você consegue falar durante cinco minutos num latim decente.

Assim dizendo, soltou John e deu-lhe um tapinha nas costas. Os olhos desafiadores, a boca bem desenhada e o sol incidindo sobre o cabelo loiro de John provocaram o coração de Duncan, atijando algo que não sentia desde a morte de seu irmão. Nem queria sentir.

- Tudo bem - disse ele, sem assanhar o cabelo loiro, como costumava fazer. - Vamos para casa.

Gostava do garoto e queria ajudar. Isso era tudo. Nada mais que isso.

## Capítulo 6



FAZIA BASTANTE tempo que Jane observava o homem sentado à mesa ao lado de Duncan. Não era um estudante, decidiu, olhando com mais atenção. Ele possuía cabelo branco, falava pausado, mas tinha um tom autoritário de voz. Talvez fosse alguém ligado ao Parlamento. Quem quer que fosse, tomava muito o tempo de Duncan. O Parlamento se reunira no dia seguinte à chegada do rei. Desde então, Duncan mal olhara para ela e não estava lhe ensinando nada.

– Quando começamos a estudar? – perguntou Jane depois de uma tossidela.

– Quando eu estiver pronto – respondeu Duncan, sem levantar os olhos. – Tenho mais o que fazer do que ficar a seu lado o dia inteiro.

Nenhum sorriso. Nenhum cumprimento. Bem, teria de falar como homem e exigir o que queria.

– Vim para cá para aprender latim, e não para trabalhar na cozinha. Pensei que você fosse me ensinar.

Quando Duncan a fitou, Jane se arrependeu de ter aberto a boca.

– Você acha que o sol gravita a seu redor, e não em torno da Terra?

– Mas e o rei?!

Os dias estavam passando, e o rei deixaria a cidade assim que as reuniões terminassem.

– Preciso provar que meu latim é bom.

O estranho levantou as sobrancelhas, mas permaneceu quieto. Duncan suspirou.

– Esse jovem e importante estudante chama-se Little John, um órfão cuja educação é ainda pior que seu latim.

Jane sentiu as orelhas vermelhas. *Eu o farei se orgulhar de mim*, ela prometeu. Jane se sentia tão capaz de executar a tarefa quanto um homem.

– Desculpe-me, por favor, mestre Duncan. – Ela cumprimentou o outro homem. – Peço desculpas ao senhor também. Acho que exagerei.

Pensou em dizer mais alguma coisa, mas se lembrou de fazer uma reverência. O olhar terno do estranho dizia que fora perdoada.

– Quantos parlamentares são? – indagou Duncan. – Dez?

– Pelo menos.

– Eles têm uma representação mais do que o próprio rei. E quantos foram eleitos oradores?

– Alguns. Estão cansados de me ouvir, por isso preciso de você.

Dez parlamentares. Será que aquele tinha sido um dos homens que arrancara sua mãe de casa e quase os exilara?, perguntava-se Jane. Talvez os olhos bondosos fossem uma farsa.

– O que precisa que ele faça? – Ela quis saber.

O sorriso do estranho também era gentil.

– Que convença os parlamentares a votar a favor dos impostos necessários para combater os escoceses. – Pickering colocou uma lista de nomes sobre a mesa. – E também pagar o resgate de um bravo guerreiro que já defendeu nossas fronteiras.

– Seu pai – ela sussurrou para Duncan, envergonhada por ter esquecido, sentindo uma pontada no peito.

Seu coração estava tão repleto das próprias angústias que não se lembrou de que Duncan também acordava todas as manhãs na dúvida se algum membro querido de sua família estava vivo ou morto.

Estendeu os dedos para alcançar as costas da mão dele. Em princípio Duncan recuou e ergueu a cabeça. Naquele dia os olhos dele estavam azulados e repletos de dúvidas. Jane sabia que devia desviar a atenção, mas já estava perdida na imensidão daquele olhar.

– Isso mesmo – Duncan respondeu com voz áspera, cruzando os braços, as mãos fora do alcance dela. – Meu pai. Agora vá até a biblioteca, pegue o livro de Cato da prateleira e comece a ler em voz alta até eu ter tempo para você. Você é que tem de aprender, Little John. Não posso fazer isso em seu lugar.

– Posso ajudá-lo em alguma coisa? Gostaria de ser útil – ofereceu ela, balançando o corpo entre uma perna e outra.

Duncan ficou surpreso, resistindo à ideia. Estranho, pois ele oferecia ajuda, mas não apreciava que fizessem o mesmo por sua pessoa.

O breve momento de conflito deixou claro que Duncan fazia do ódio uma barreira em seu coração. Qualquer pessoa que a ultrapassasse veria que sem aquela raiva ele não tinha como se defender.

– É uma ajuda gentil, Little John – agradeceu Pickering. – Quando terminarmos de verificar essa lista, tenho certeza de que mestre Duncan ficará feliz se você puder copiá-la para mim.

Jane consentiu com um sinal de cabeça e começou a recuar. Estava no terceiro passo quando ouviu Duncan dizer:

– Nicholas de Essex. O voto dele já está comprometido ou posso dissuadi-lo?

JANE LIA alto, tentando seguir as palavras do livro. Tomara que o rei se impressionasse com o autor, Cato. Na certa aprovaria o parágrafo em que dizia que era preciso obedecer a um superior.

Conforme o dia foi passando, a luz do sol diminuiu e ela precisou acender uma vela, porém a chama pequena e tremeluzente dificultava a leitura, e suas pálpebras pesavam.

– Quem deu permissão para acender uma vela?

Jane ergueu a cabeça e constatou que tinha cochilado sobre o livro.

– Eu não sabia que precisava de permissão para tanto.

– As diárias, que você não está pagando, compram nossa comida, lenha e velas. Ao acender uma vela, você está usando algo que pertence a todos. Você não é o único a precisar de vela.

– Mas não tem muita gente aqui.

– Isso não significa que pode usar uma vela de que outros podem precisar durante o solstício. – A voz de Duncan estava permeada de raiva de novo. Pelo visto, havia consertado a muralha ao redor do coração.

– Para quem preciso pedir permissão?

– Para mim.

Jane invejou a força e a singularidade daquelas palavras.

– Posso acender uma vela, mestre Duncan?

– Não. – Ele se abaixou e apagou a chama.

A escuridão repentina era mais íntima, porém mais segura. Ela podia se esconder dos outros, que mal a viam. Um rosto sujo, uma voz grave e uma atitude desengonçada seriam suficientes para enganar a todos. Mas Duncan a fitava bem de perto. Quem poderia adivinhar o que ele estaria vendo?

– Como vou aprender se não posso ler?

– Você irá *falar* com o rei, e não *ler*. Já sabe os preceitos. Agora feche o livro e traduza “respeite seu professor”.

– *Magistrum metue.*

– Estude literatura.

– *Littera disce.*

– *Litteras disce.* Repita.

Duncan continuou com as frases, e ela traduzia conforme as ouvia. Os dois seguiram estudando até a hora da sopa com pão.

Não havia nada de pessoal naquelas frases, mas Jane adorava o timbre de voz dele. Parecia pairar no ar.

– Permaneça na companhia de pessoas boas.

– *Cum bonis ambula* – ela respondeu sem hesitar. Era a décima vez que repassavam os cinquenta e sete preceitos, e o cansaço a abatia.

– Não ria de ninguém. – Mas ele riu e bateu no joelho dela congratulando-a.

– *Neminem riseris.* – Jane riu também, inclinando-se na direção dele.

De repente seu rosto e os lábios ficaram muito próximos aos de Duncan. A respiração de ambos se acelerou quando ela roçou os lábios no rosto dele, áspero por causa da barba por fazer.

Duncan se afastou rápido.

Fez-se um silêncio constrangedor.

– Já chega por hoje – disse ele, levantando-se.

Mesmo a uma distância maior, Jane ainda sentia o calor da mão dele na sua perna, a respiração quente acariciando-lhe o rosto e a barba relando seus lábios. Não queria que ele se afastasse. Não naquele momento.

– Você não tocou mais o alaúde desde aquela primeira noite, na taberna. Gostaria de ouvi-lo.

Como Duncan ficou em silêncio, ela se repreendeu por ter feito o pedido. Será que ele tinha percebido que era a solicitação de uma moça, e não de um garoto?

– Espere aqui. – Duncan saiu, deixando-a sozinha no escuro.

Quando voltou com o instrumento, tocou algumas notas antes de seguir com uma melodia que Jane reconheceu da noite na taberna.

*Vagamos por aí como irmãos.*

*Juntos comemos, bebemos e farreamos.*

*Assim como fomos batizados pelo papa,*

*Seremos amigos para sempre.*

– Cante comigo – pediu Duncan, tocando as notas rapidamente.

– Não canto há muito tempo, só cantarolo baixinho. – Jane contraiu os lábios e balançou a cabeça para evitar soltar a voz.

– Você ainda não tem voz de homem.

Jane estremeceu; ele desconfiara. Havia se descuidado demais. Sua respiração entrou em descompasso.

– É verdade. – *Quando será que um menino passa a ter a voz de homem?* – Eu ainda pareço uma garota. – O desgosto era evidente em sua voz.

– Está certo, cantarole, então.

E Jane murmurou os acordes com tanta força que seus lábios tremeram.

A canção continuou, permeada pelos risos e pela camaradagem, e quando se esqueciam da letra, substituíam-na por outra qualquer.

Jane cantarolava pelo prazer de sentir as notas vibrarem até os ossos, pelo gosto de cantar coisas que uma mulher nem devia saber, e pelo júbilo de acompanhar a voz melodiosa de Duncan no escuro.

Ele esticava as notas, criando palavras novas até chegar ao final e levantar as mãos em sinal de vitória.

– Você é tão bom quanto um menestrel – elogiou Jane.

Incapaz de continuar com as mãos longe do instrumento, ele voltou a dedilhar uma pequena estrofe de uma canção:

– O inverno é longo. As pessoas não cruzam nosso caminho. Fazemos nossa própria música.

– Sua família deve cantar toda noite.

As próximas notas desafinaram, e ele colocou o instrumento de lado de repente.

– Você não tinha de falar com o rei.

Jane piscou, sem entender. Apenas mencionara a família dele e a transformação fora completa; e a raiva se voltou contra ela. Se Duncan soubesse quem ela era, saberia que tinha mais direito de se dirigir ao rei do que ele.

– Não fiz mal algum. – Imaginou se Duncan ficaria mais furioso se soubesse sua procedência ou se descobrisse seu sexo.

– Ah, você não acha, não é? O que acontecerá se eu não conseguir fazê-lo recitar diante do rei? O que ele pensará de mim?

O pai de Duncan. Ele precisava que o rei ajudasse a libertar seu pai. E ela podia colocar em risco a missão.

– Não pensei em você quando perguntei – murmurou. Justo ela, que se achava tão masculina àquele ponto, mas seguia agindo conforme os mandos do coração.

– Você nunca pensa em ninguém além de si mesmo, não é?

Jane sentiu o rosto ferver, e o calor foi descendo pelo seu corpo. Do jeito como ele falava, a independência que conseguisse a duras penas pareceria um ato egoísta. Mas Duncan era homem, e carregava a responsabilidade pela hospedaria, pelo pai e até pela defesa da Inglaterra. E ela? O que tinha feito por outra pessoa? Não havia sequer ajudado a irmã.

Apesar do escuro, Jane endireitou o corpo e tomou a mão dele, ainda quente e marcada pelas cordas do alaúde.

– Eu disse que você se orgulharia de mim. E é o que pretendo. Prometo.

Duncan apertou a mão dela com força. O toque firme a fez estremecer, levantando a pele de seus seios em doces arrepios e ameaçou revelar-lhe o segredo sem que dissesse uma só palavra. Tentou puxar a mão, mas ele continuou segurando firme.

– Amigos para sempre, não é? – A voz rouca tocou-a como uma carícia no escuro.

– Você tem a minha palavra – ela respondeu como se apenas as palavras a mantivessem ao lado dele, como se estivessem unidos por um laço de sangue para o resto da vida.

– Não faça promessas em vão, rapaz.

Jane engoliu em seco; seus dedos latejavam presos na mão dele.

– Juro pelos céus, e Deus é testemunha.

Na verdade, não sabia o que estava prometendo, mas por causa daquelas palavras teria de fazer coisas que nem imaginava.

– Serei fiel como se fosse seu irmão – completou.

– Agora, vá para a cama. – Duncan apertou uma última vez a mão dela e a largou em seguida.

Conforme seguia para seu canto no chão do dormitório dos rapazes, seus pensamentos ainda estavam na conversa que tivera com Duncan.

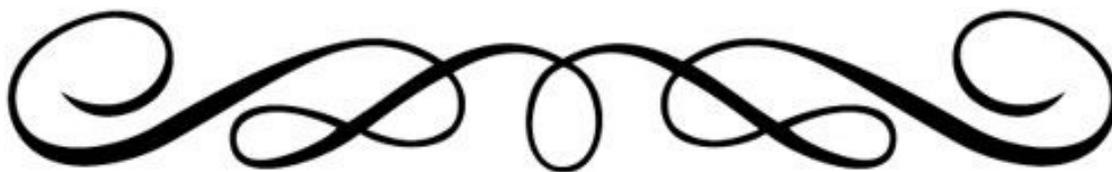
Era a primeira vez que fazia um juramento. Nunca prometera nada antes com tanta seriedade. Mas a intenção era de permanecer perto de Duncan como um escudeiro de seu cavaleiro.

*Irmão.* A palavra a fez estremecer. Não precisava jurar para um irmão. Os irmãos já nasciam unidos. Assim como fora com a irmã, e infelizmente Jane rompera o vínculo.

Como podia achar que com ele seria diferente?

Depois de rolar de um lado para o outro no colchão, uma lágrima solitária correu pelo seu rosto suave ao se dar conta de que Duncan não lhe prometera nada.

## Capítulo 7



NO DIA seguinte, Jane se surpreendeu ao ver a garçonete que tinham atormentado comprando cebola no Market Square. Quando os olhares se encontraram, a moça a reconheceu e saiu correndo.

Jane a seguiu até conseguir segurar-lhe a manga do vestido. A moça se virou com ódio estampado no rosto.

– Pelo visto você gostou da brincadeira, não é? Está procurando por mais diversão?

Jane se retraiu com a força daquelas palavras.

– Sinto muito. – E de fato sentia por não ter sido capaz de impedir o ocorrido. – Geralmente eles não são ruins.

A moça inclinou a cabeça, franzindo o cenho. Era chocante, mas ela não tinha mais de vinte verões.

Seu rosto seria bonito se não estivesse tão marcado pelos percalços da vida. Não havia brilho nos olhos miúdos, seus ombros eram caídos, e ela mais arrastava os pés do que andava. Que tipo de vida teria tido, enquanto Jane brincava em casa? Era isso o que acontecia a uma mulher à mercê dos homens? Transformava-se em alguém que não podia controlar o próprio destino?

– Espero que eles paguem bem para você se vestir como um garoto e ser um brinquedo particular.

Jane sentiu o rosto queimar e ficou paralisada.

*Ela sabe.*

A moça enxergara através das roupas, do discurso rude e dos seios enfaixados, mostrando que não se deixara enganar. O pior era sua impressão de que Jane era uma prostituta. A pior espécie de mulher à toa. Pior até que sua mãe tinha sido. As palavras dela iam além da compreensão de Jane.

Jane puxou-a pelo braço para um beco afastado.

– Eles não sabem – sussurrou. – Acham que sou um garoto.

– Eles não sabem?! – repetiu a moça, desfazendo a tensão do rosto. Depois colocou a mão no ventre e começou a rir, inclinando a cabeça para trás.

Jane decidiu rir também. Se alguém passasse por ali acharia que estavam achando graça de alguma piada. Por fim, a garçonete encostou-se na parede, recuperando o fôlego, e meneou a cabeça. Quando os olhares se cruzaram, tornaram-se duas mulheres que compartilhavam um segredo.

– Então você vive assim o tempo todo?

– Eles me chamam de Little John.

A moça mediu Jane da cabeça aos pés. Jane se empertigou, esperando que a faixa não se soltasse, revelando-lhe os seios. Como encararia alguém que soubesse o que estava vendo?

Os olhos da outra brilharam de interesse e inveja.

– As roupas protegem contra eles?

*Eles.* Como se seus amigos fossem inimigos cruéis. Como explicaria que se vestira assim não para se *proteger*, mas para *estar com* eles.

Menos quando bebiam demais e perturbavam mulheres na rua.

– Eles imaginam que sou um deles.

– Como você.... ahn... vai ao banheiro?

– Eu lhes disse que tenho um ferimento e que sou tímida.

Dessa forma eles permitiam que Jane usasse sozinha a cabana pequena e escura no canto do jardim. Havia sido alvo de chacota, e se Duncan não a tivesse protegido, a brincadeira não terminaria nunca.

– Eles acham que quando eu crescer a vergonha passará.

A moça ergueu uma das sobrancelhas.

– Faz quanto tempo que você não toma banho?

Muito tempo.

– Aproveito para me lavar quando eles estão na aula, e bem rápido. Ninguém faz ideia.

– Homens... – A moça meneou a cabeça. – Eles só enxergam o que querem, não é?

– Espero que sim. – Jane olhou para a outra, cuja vida era tudo o que queria evitar. – Vivo como homem para poder ser livre.

– Qual é a sensação? – Ela se inclinou para a frente para perguntar.

Jane e Hawys, a garçonete da taberna, ficaram ali na sombra do beco até tarde, enquanto Jane sussurrava sobre sua vida.

Viver como rapaz era muito solitário, e era um alívio poder confessar. E no decorrer da conversa, Jane ouviu-se admitindo pela primeira vez que seu dia a dia não era tão maravilhoso assim. Vozes altas demais. Tecidos grosseiros. Não havia suavidade ou gentileza para compensar as duras arestas da vida.

Os homens achavam graça quando ela limpava a mesa ou tentava suavizar a palha do colchão. Assim, decidira agir como uma moça quando não estivessem olhando, a fim de trazer alguma beleza, ordem e conforto para sua rotina.

Isso era algo que podia compartilhar com outra mulher, mesmo sendo ela tão diferente.

Uma mulher entendia o que dizia.

Mas Jane *não* contou que a independência que a levava a fugir de casa permanecia uma ilusão. Talvez só um rei pudesse fazer o que bem quisesse.

– Você tem família? – perguntou Hawys.

– Fugi de casa – admitiu ela corando.

– Eles eram cruéis? Por isso você os deixou?

Jane balançou a cabeça. E existia família que maltratava os seus? Sua mãe chamava sua atenção às vezes.

– Minha irmã estava tendo um bebê. Não me dou muito bem com coisas de mulheres. Nunca sei o que fazer, e quando tento ajudar, dá errado... – O medo que sentira naquela noite escura no quarto de sua casa abateu-se sobre Jane mais uma vez. Lágrimas brotaram em seus olhos, e era bom não precisar disfarçá-las. – Não faço ideia de como Solay e o bebê estão.

Hawys a acariciou no ombro, murmurando, compassiva, e Jane sentiu-se amparada pela primeira vez em semanas.

As mulheres não pensam, mas sentem, Duncan dissera. Bem, ela *era* uma mulher e *sentia*. Depois de semanas sufocando sentimentos, o resquício de uma emoção verdadeira vibrou em seu coração como uma corda afiada do alaúde. Passara semanas seguindo apenas a razão, deixando de lado o corpo e o coração. Foi uma bênção poder chorar e falar as tristes verdades. Talvez fosse mais mulher do que jamais acreditara.

– Gostaria de saber como estão Solay e o bebê – disse, enxugando os olhos com a manga da blusa. – Mas se eu mandar um recado, eles saberão onde estou.

– Meu irmão pode ser o mensageiro.

– Você faria isso por mim? – O rosto de Jane se iluminou de felicidade. – Será que ele traria notícias da minha família?

– Ele é rápido e astuto. Estou certa de que pode descobrir alguma coisa.

Rápido e astuto. Não era de admirar que um garoto de rua fosse assim.

– Mas irão descobrir meu paradeiro.

Hawys ficou pensativa por um momento.

– Ele pode dizer que encontrou com você junto com peregrinos da festa religiosa, mas não sabe a que congregação você pertence.

– Oh, muito obrigada, obrigada!

Um estranho se sacrificaria por ela. Jane tinha viajado por aquelas estradas e sabia que seria árido demais. Não seria fácil.

– Como posso recompensar vocês dois?

– Aposto que sua família o recompensará pelas notícias. – Hawys abriu um sorriso experiente.

Jane teve vontade de questioná-la para descobrir se era uma prostituta de fato, mas não sabia como fazê-lo sem insultá-la.

– O que vai fazer quando eles descobrirem? – Hawys continuou falando, indiferente às desconfianças de Jane.

– Não vão e não podem descobrir. Nunca. – Agir como mulher por alguns minutos fora um alívio, mas não poderia voltar a ser assim o tempo todo. Não agora. – Vou me formar e trabalhar para o rei, assim poderei viajar pelo mundo.

Se bem que se vivesse sem Duncan o brilho da vida com o qual sonhara não seria tão intenso. O que significaria sua promessa quando chegasse a hora?

– É mesmo? – Hawys não ficou impressionada pelos planos de Jane. – Bem, você passa como Little John, mas logo espera-se que tenha barba e braços fortes.

– Até lá alguma coisa vai acontecer. – As palavras não denotaram muita certeza.

Ser escriturária do rei e viver como homem. Quando verbalizado, seu plano não parecia muito bem arquitetado.

– Você não tem vontade de voltar a ser mulher?

*Indefesa e à mercê daqueles homens?*

– Não.

Apesar de negar com convicção, havia momentos ao lado de Duncan em que Jane ansiava por algo mais, um sentimento que só as mulheres entendiam.

– Mas e sua família?

Jane meneou a cabeça, pensando na irmã e na mãe. Voltar para casa seria admitir o fracasso.

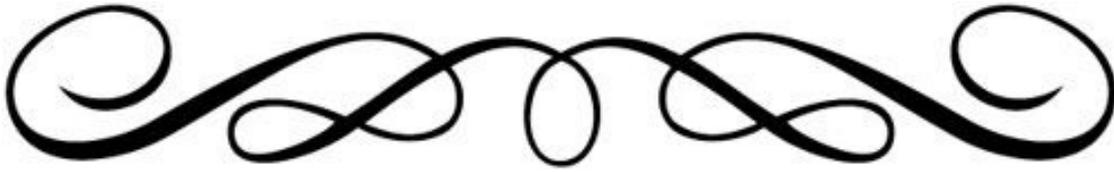
– Sinto saudade de todos. – Depois daquelas semanas, Jane aprendera a falar com a voz mais rouca.

– Mas não posso voltar.

A vida de um homem não era tão fácil quanto ela imaginara, porém, a de uma mulher, quando não protegida pela família, era ainda mais difícil.

E agora que havia ultrapassado os limites, não podia voltar atrás e correr o risco de ser presa de qualquer homem que a quisesse beijar na rua.

## Capítulo 8



JANE, SOZINHA na sala da hospedaria, recusava-se a acender uma vela e recitar frases em latim. O semestre ainda não tinha começado, e os homens do Solar Hostel tinham decidido que a feira de Stourbridge era mais atraente do que os estudos.

Sentindo-se excluída, mas com a virtude intacta, ela preferiu ficar em casa.

*Você é que tem de aprender, Little John. Não posso fazer isso em seu lugar,* dissera Duncan.

Jane mal o vira naquela semana. Duncan se levantava antes do amanhecer para abrir a igreja St. Michael e fazia um sermão apressado, depois dava aula a dois alunos pagantes, e por fim encontrava-se com os estudantes de medicina. À tarde, ia até o monastério de Barnwell e ficava no hall de entrada, tentando falar com todos os membros da Câmara dos Comuns que por ali passassem. Eram em número de quatrocentos e quarenta e oito. Jane copiara cada um dos nomes, e Duncan tinha a lista consigo.

O latim de Jane melhorara. Dizer frases em latim se tornara uma rotina. Já sabia muitas delas de cor e nem precisava olhar no livro. *Itaque deo supplica. Reze a Deus. Parentes ama. Ame seus pais. Magistrum metue.* Tema seu professor.

– Fuja das prostitutas. – A voz de Duncan a tomou de surpresa.

– *Meretricem fuge* – respondeu ela sem pensar, e olhou para ele com uma mistura de surpresa e irritação pela ausência demorada. – Mas nós não fugimos daquela mulher.

Duncan suspirou e se sentou no banco do outro lado da mesa.

– Não comece com essa história de novo, Little John. Estou sem paciência esta noite. – Cansado demais, ele recostou a cabeça na parede e fechou os olhos.

Jane ficou sem saber se reprimira a própria irritação ou se essa sumira simplesmente.

– Você já comeu?

– Estive falando com os membros da Câmara dos Comuns e compartilhando de comida e bebida. Preciso manter a cabeça fria e a língua afiada.

Ela, então, levantou-se, foi até a cozinha e voltou com um prato com o que sobrara da refeição da tarde.

Trouxe também o alaúde.

Duncan tomou um gole generoso de cerveja, mordeu um naco de pão e beliscou o peixe.

– O que houve hoje, Duncan?

– Mais dez dos comuns disseram “sim”, e ainda estamos a pelo menos uma semana da votação – disse ele, levantando a caneca meio cheia num brinde. – O Parlamento está agitado.

– Decorei todos os dísticos. Geoffrey e Henry me ajudaram. – Jane fez uma pausa, mas ele não pediu que recitasse, o que ela fez assim mesmo. – *Deo supplica*. Reze a Deus. *Magistratum metue*. Respeite seu mestre. *Quod stais est, dormi*. Essa você precisa ouvir bem, significa “durma o suficiente”.

– O que achou das garotas? – Duncan perguntou como se não tivesse ouvido o que ela acabara de dizer.

Jane baixou a cabeça, sabendo que o rosto corado a trairia. Ou então era capaz de demonstrar melancolia nos olhos.

O que um jovem *pensaria* sobre garotas?

– Eu... ahn... não sei muito sobre elas. Não havia muitas criadas na minha casa – respondeu, engolindo em seco.

– Acontece na maioria das residências. As terras do norte são vazias. Já ouvi que homens em seu maior desespero pegam ovelhas.

Jane se assustou e ergueu a cabeça com o queixo caído.

– Isso só pode ser piada.

– Juro por Deus que não é.

Como ele disparou a rir, ela ficou sem saber se era verdade ou mentira.

– Então você conhece bem as ovelhas, não é? – Jane ficou surpresa com o sotaque e a facilidade com que proferira um insulto.

Duncan contraiu o rosto, mas logo voltou a rir.

– Eu não! Sempre soube para que meu *botellus* servia. E as mulheres com quem estive aproveitei.

Jane forçou um riso alto, embora tivesse sentido um arrepio pela espinha ao imaginar o tal *botellus* entre suas pernas, escorregando para dentro de seu corpo.

Fechou os olhos de súbito para afastar o pensamento. O que Duncan faria se soubesse que Little John era uma mulher? Será que gargalharia, achando ser uma piada?

Não. Ao controlar-se, um homem podia fazer o mesmo com uma mulher, e Duncan acabara de se gabar. Mas sabia ele que, disfarçada como estava, ela enganara todos eles.

– E você? – Duncan a estudava com atenção.

– Eu o quê?

Um silêncio esquisito se abateu sobre os dois.

– Você já... Ou ainda é...

– Não e sim – respondeu Jane, não permitindo que ele terminasse as perguntas.

*Virgem*. Um homem podia ser inexperiente, mas as palavras ressoariam de um jeito estranho. *Virgem*. Intocada. Ah, como desejava que aquelas mãos fortes deslizassem por seu corpo. Jane sentiu o desejo corroendo-a por inteiro. Ansiava por algo bem mais profundo do que amizade.

– E quanto a você? Quando foi que... – Jane deu uma tossidela, incapaz de completar a frase. Era perigoso demais imaginá-lo nu com uma mulher.

– Eu tinha sua idade e acabara de chegar a Cambridge.

– Você pegou alguém na rua? – Até aquela noite, Jane nem sequer imaginava que aquilo fosse possível. – Como aquela moça da outra noite? – *Como Hawys.*

– A outra foi mais amigável e gostou. – Duncan franziu a testa.

– Ah, é? E como você sabe?

– Um homem sabe dizer como se sente uma mulher. Ela gostou.

– E *you*, gostou?

– O que acha? – indagou ele com um sorriso malicioso.

Na verdade, Jane acreditava que fazer amor com uma estranha parecia a coisa mais solitária do mundo.

– Não seria mais prazeroso... bem... estar com alguém com quem você compartilhasse sentimentos?

*Alguém que você amasse.*

O brilho maroto dos olhos de Duncan sumiu, e ele tomou mais um gole de cerveja.

– A vida é assim, Little John. – A frase foi dita como uma bravata. – Aproveite de todo o prazer que puder, e não se preocupe com o que não pode ter.

– Mas você não preferiria poder? – As palavras escapuliram da boca de Jane como se quisesse salvar uma última esperança. – *Coniugem ama.* Ame sua esposa. Você não gostaria de ter uma mulher fora da cama também?

Duncan a estudou com atenção antes de falar. Por sorte estava escuro, e Jane não precisou esconder a boca entreaberta de surpresa.

– Somos diferentes, garoto. – Os olhos dele pareciam distantes. – Não deve pensar assim, John, do contrário acharão que você é mulher.

– Não sou mulher!

Pronto, falara demais, trocando os pés pelas mãos. Arriscara demais.

– Sei disso, garoto. Mas se os outros suspeitarem de suas fraquezas, comerão você enquanto ainda estiver cru.

Nossa. Então a vida de um homem era assim? Não *ter* o que se deseja, mas precisar *esconder*?

– Estou falando com você. Ouça o que digo. – Duncan se debruçou sobre a mesa.

Sempre que ele agia como um irmão mais velho era mais fácil agir como John do que como Jane. Mas o braço dele estava tão próximo que, se ela esticasse o dedo, o roçaria.

– Estou prestando atenção.

– Não usamos espadas para brigar, mas palavras, e pensamos rápido para usá-las como armas afiadas e fortes. “Não há praga mais nociva a um estudioso do que uma mulher.” Lembre-se disso. Se sucumbir, você não será melhor do que um bode selvagem.

– Mas você... – Jane não sabia ao certo como perguntar o que queria. – Aquela moça da rua. Você ia... sucumbir? – Seus seios doíam sob a bandagem, o que a impedia de respirar fundo.

Duncan esticou as pernas por baixo da mesa.

– Ah, estávamos apenas procurando satisfazer o desejo natural de homem. As mulheres provocam luxúria, é verdade. Você se satisfaz, mas não misture nenhum sentimento.

Jane achou aquilo uma contradição. Será que entendera direito?

– Então, sendo homem posso me deitar com uma mulher contanto que não tenha sentimentos por ela?

– O mundo está cheio disso.

– E quanto a Geoffrey e Mary? Ele gosta dela.

Duncan pegou o alaúde e correu os dedos pela madeira. O instrumento parecia os quadris de uma mulher.

Os dela.

– Geoffrey é sortudo. A maioria de nós... – Duncan deu de ombros, deixando a frase no ar, e cantarolou algo que Jane não conhecia. – Acho que a maioria dos homens vive sozinha, mesmo casada.

– Quer dizer que você não pretende se casar? – Todas as esperanças que ela ousara ter estavam implícitas naquela pergunta.

Jane não sabia o que esperar enquanto ele respirava fundo antes de responder. Será que Duncan diria que não? Que Little John podia ser seu companheiro para o resto de suas vidas?

– Bom, não pretendo me tornar um padre, se é isso o que quer saber. Mas também não quero pensar muito em casamento – Duncan falou como se proferisse uma lei.

– O que você faria se Deus lhe concedesse uma graça?

– Primeiro eu iria para Paris estudar – respondeu ele depressa. – Ou até mesmo para Bolonha.

Jane meneou a cabeça, imaginando a viagem que poderiam fazer juntos a terras distantes. Seu sonho também era conhecer Paris.

– E depois?

Duncan reagiu como se nunca tivesse ponderado a respeito antes.

– Voltaria a viajar pelas montanhas. Mas para uma terra de paz, onde eu pudesse percorrer os campos e empunhar uma pá, e não uma espada. – Ele abriu um sorriso triste. – Poderei até compor um verso ou dois de vez em quando.

Outro homem que houvesse escutado Duncan provavelmente teria gargalhado e batido em seu braço, além de chamá-lo de mulherzinha. Mas ela não poderia dizer “Eu entendo e sei exatamente o que quer dizer. Espere até ouvir que...”

Apesar do desprezo pelo sul do país, ali estava ele.

– Se não gosta daqui, por que veio?

Duncan a estudou com tanto critério que Jane chegou a temer que, mesmo no escuro, sua pele transparecesse lisa demais, sem nenhum sinal de barba.

– Você já quis ser alguma coisa, ou alguém impossível?

A pergunta a atingiu no coração com a precisão de uma flecha. A boca de Jane ficou seca demais para que respondesse. Mesmo que dissesse alguma coisa, seria demais. Quando menos esperasse, já teria desvendado seu segredo.

Assim, limitou-se a mexer a cabeça, tal como responderia um homem, deixando que o outro interpretasse o gesto.

Ele continuava a dedilhar as cordas do alaúde, como se soubesse que não havia resposta.

– Bem, é isso. Lá é meu lar, quem eu sou, e a terra clama por mim. Mas também há coisas que não posso tolerar. Também há parte de mim que gostaria...

Jane prendeu a respiração. *Gostaria de quê? O que posso dar a você?* Mas Duncan não completou a frase.

– Odiei tanto o primeiro ano que passei aqui que fui embora no Natal. Não tinha intenção de voltar.

– E por que voltou?

– Havia assuntos que eu queria deixar para trás. – Mais uma vez, ele abriu um sorriso triste. – E coisas que eu desejava... – Deu de ombros. – Agora, não pertencço a lugar nenhum.

Jane sabia muito bem o que aquilo significava. Pensara em viver como um homem, mas agora parecia que tinha vestido outro disfarce. E disfarces não serviam nem para homens, nem para mulheres.

– A vida é difícil, às vezes – comentou ela.

Duncan sorriu como se tivesse sido compreendido, e o momento das confissões passou.

– Mas também é grandiosa para o homem que souber aproveitar. – Ele começou a tocar e a sorrir. –

Você ainda tem muito o que viver para se preocupar com casamento, garoto.

– Não tenho pressa. Nenhuma, aliás. – Jane balançou a cabeça com convicção, para convencê-lo do que dizia.

– Não se afobe, mas aprenda a amar as mulheres e aproveite toda a alegria que seu corpo propiciar.

São Tomás dizia que isso é pecado, mas ele condenou o sexo quando estava velho demais para aproveitar os prazeres da carne. – O sorriso malicioso voltou aos lábios dele. – Como você não tem pai, acho que cabe a mim ensiná-lo.

E Jane queria aprender, mas não da maneira como ele tinha em mente. Queria saber como um homem e uma mulher se amavam. Queria aprender com *ele*. De súbito, aquele mesmo anseio, cujo significado correto nunca decifrara, se abateu sobre seu coração.

Porém, se Duncan tentasse ensinar-lhe *aquilo* que um homem deveria saber...

– É melhor nos concentrarmos no meu latim até eu falar com o rei.

Duncan segurou-a pelo pescoço com sua mão quente e sólida.

– Finalmente você está levando seus estudos a sério. Bem, ainda estou com fome. Vamos ver se sobrou um pouco de queijo?

Depois disso, não falaram mais de assuntos sérios, mas o corpo de Jane, traído e reprimido, reagia a qualquer movimento de Duncan, até mesmo do dedo mínimo.

*Minha natureza é essa, seu corpo gritava. Você não pode me ignorar para sempre, vou traí-la no final.*

DEPOIS DISSO, Jane procurou razões para rir. Conversar com Duncan sobre amor, casamento e lar abria uma ferida difícil de cicatrizar. E não havia outra mulher com quem pudesse compartilhar seu sentimentos.

Na realidade, fingir que não existia a dor era outra lição que aprendera com os homens, além de controlar sentimentos tolos.

Algumas noites mais tarde, Jane se sentou com os demais companheiros na sala, cantarolando canções obscenas sobre mulheres que fariam sua mãe chorar se as ouvisse.

Ela havia descoberto que os homens passavam a maior parte do tempo pensando em relações físicas com mulheres.

– Little John está de olhos abertos esta noite! – exclamou Duncan, dedilhando as cordas do alaúde. – Já é hora de você se iniciar nos prazeres da carne.

Aquele assunto já era difícil de ser tratado quando estavam sozinhos; diante de uma plateia era ainda pior, pois alguém podia identificar sua reação e perceber que havia algo errado.

– É você que está sentindo falta. Não sou eu que preciso do que você não pode ter.

– Parem, vocês dois – Geoffrey interferiu. – Não conhecem nenhuma música de algum trovador?

– Está bem. Vou tocar uma balada lá da minha terra composta por um poema nobre e empolado. – O rosto de Duncan se modificou de repente, como se uma nuvem escura o tivesse encoberto.

– Geoffrey está bêbado. Só pensa no amor. – Henry começou a rir. Logo em seguida, piscou os olhos várias vezes bem rápido e fingiu desmaiar como uma mulher.

Geoffrey bateu no ombro do amigo e começou a rir também.

– Sou um afortunado por ter encontrado uma mulher que me aguenta. Vocês, bodes velhos, deviam ter a mesma sorte.

– Antes você do que eu. – Duncan olhou de relance para Jane e disfarçou, como se quisesse esquecer a confissão que tinha feito.

Jane se lembrou de como Solay ria de suas imitações das donzelas da Corte. Andando de um jeito afetado e lançando olhares de esguelha. Suas imitações eram bem mais divertidas do que as de Henry.

– Bom para uma coisa, mas não para tudo. – Ela chamou a atenção de todos e se levantou, arrastando os pés pela sala, balançando os quadris, fazendo biquinho e piscando sem cessar.

Todos riram a valer.

Gostando de fazê-los rir, Jane desfilou pela sala, mas dessa vez, enquanto os outros gritavam, exaltados, Duncan ficou sério. Seu semblante se tornou sombrio, e quando seus olhos encontraram os de Jane de novo, havia um brilho novo. Parecia que ele a estava vendo como era na verdade.

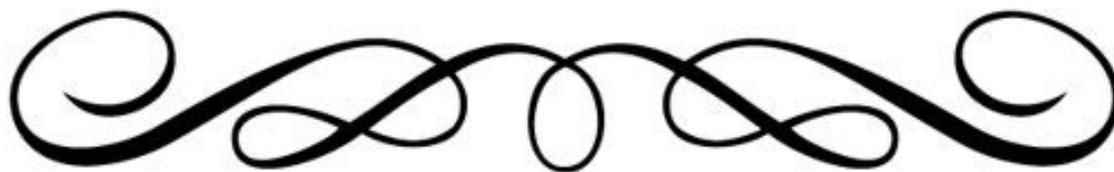
Assustada, ela baixou os braços e se sentou rápido, e, pegando a caneca de cerveja, deu um bom gole e limpou a boca com a manga. Forçou-se a esticar bem as pernas e soltou o maior arrote masculino que conseguiu.

Que tola, não devia ter se arriscado fingindo que fingia ser mulher, mesmo que fosse de brincadeira.

E se Duncan tivesse percebido alguma coisa?

DUNCAN FORÇOU um sorriso por entre os dentes cerrados, fechando as mãos em punhos. A encenação do garoto produzira fagulhas pelo seu corpo, e bem sabia o nome daquela sensação. Desejo. Não era à toa que era proibido que um garoto se vestisse de mulher. Devia fazer tempo demais que não ficava com uma mulher. Por isso ao ver Little John imitar uma criada uma paixão havia muito represada despertou.

## Capítulo 9



ALGUNS DIAS mais tarde, Jane viu Duncan sair antes de o sol nascer sem dizer nada a ninguém.

As horas se passaram. Os sinos da igreja soaram. A tarde caía. E nada de ele voltar.

Várias vezes ela olhou pela janela, procurando ver a estrada, sem chamar a atenção de ninguém para sua preocupação. Ora, Duncan era um homem feito, com mãos fortes, e não precisava de uma babá.

Ainda assim ele a prevenira sobre os habitantes locais. A sessão do Parlamento já tinha terminado havia tempo. A feira cristã findara na véspera. Então, onde ele estaria?

Quando ouviu passos, postou-se atrás da porta, topando com Duncan ao entrar.

– Mas o que...

– Onde você esteve? – Ela quis saber sem deixá-lo terminar de falar.

– Saia da minha frente. – Duncan a empurrou para o lado e subiu as escadas com passos incertos.

Jane imaginou o quanto ele bebera. Depois o seguiu até o quarto, onde Duncan se sentou na cama e desamarrou os cadarços das botas curtas, de costas para ela.

– Você está bem? Onde esteve?

– Vá para cama.

Ora, aquilo não era resposta.

– Ainda tem peixe. Está com fome?

– Não. – Duncan continuava de costas, e nem sequer virou a cabeça para trás.

– Fiquei preocupado. – Jane se arrependeu assim que falou, pois soara como uma pequena e frágil mocinha.

– Não sou sua responsabilidade! – Duncan exclamou, levantando-se.

Mas, mesmo contra a vontade dela, Jane se preocupava.

– Já havia passado da hora de se recolher e você ainda não tinha chegado. Lembrei que você havia me avisado sobre os perigos...

– Eu estava com uma mulher.

– Oh... – Jane engoliu em seco, e, apesar de ter fechado os olhos, via-o claramente com uma moça, beijando-a, tocando-lhe os seios e se deitando com ela. De repente o ar ficou sufocante, e Jane mal podia respirar. – Uma mulher?

Uma mulher. Mesmo sem saber quem era, Jane a detestava.

Quem seria? Onde teriam se encontrado? Teria Duncan contado onde morava, sobre seus anseios, ou apenas se deitaram juntos para satisfazer um desejo urgente? *Preocupe-se apenas com o prazer*, ele tinha dito. Sem sentimentos.

Mas Duncan ficara fora muito tempo.

– Foi isso o que eu disse. Uma mulher pequena e cheia de curvas. – Duncan desenhava no ar o corpo feminino com as mãos. – Seios grandes.

Jane engoliu o ciúme. Não tinha direito de sentir nada. Privara-se de qualquer direito quando enfaixara os seios.

– Imagino que você deve ter se divertido – disse ela com o mesmo sotaque dele, como o de seus amigos conspiradores contra as mulheres do mundo.

– Sim, foi bom. – No entanto, nem a voz nem o corpo dele refletiam a alegria e satisfação de ter acabado de se levantar da cama de uma mulher. – Agora, saia daqui.

Duncan se deitou, cobriu os olhos com um braço e com a outra mão acenou para que ela saísse.

Jane ergueu o queixo, mas não completou o gesto de aprovação.

– Boa noite.

Duncan já roncava quando ela deixou o quarto.

– ACORDE, GAROTO, tenho uma coisa para você.

Mesmo antes de abrir os olhos, Jane sabia que ele tinha bebido demais. Duncan encontrava-se totalmente bêbado, e ela desejou que a cabeça e o estômago dele pagassem pelo exagero.

– O que foi? – Jane lutou para acordar e se sentar.

Aquelas eram as primeiras palavras civilizadas que dirigia a ele desde horas antes. Jane fora para a cama obrigando-se a parar de sonhar com Duncan e uma mulher.

Com ele e *ela*.

– Shhh – sussurrou ele, olhando para os outros garotos dormindo no mesmo dormitório. – Venha.

Jane costumava dormir vestida, assim só teve de se levantar e segui-lo escada abaixo. E foi empurrada para dentro do quarto de Duncan.

– Espere aqui. – Duncan fechou a porta.

Era a primeira vez que Jane ficava sozinha no quarto dele. O perfume másculo pairava no ar, uma mistura de madeira, frutas silvestres e algo mais selvagem. Passou a mão sobre o lençol da cama, imaginando como se sentiria deitando-se ali...

A porta se abriu.

– Aqui está, garoto. Trouxe uma para você.

Quando se virou, Jane viu uma mulher de olhar ansioso parada à porta.

Era Hawys.

Trocaram um olhar antes de ela ser empurrada para dentro do quarto e cair de joelhos aos pés da cama.

– Está na hora de crescer, Little John. – Duncan encostou-se no batente da porta com um joelho dobrado. – Você está velho demais para ser virgem.

Jane procurou não cruzar olhares com Hawys, mas precisou se segurar para não passar mal e desandar a rir. Tossiu e começou a soluçar.

– O que há de tão engraçado? – Duncan tinha ouvido o riso baixinho. – Você não é homem suficiente para isso?

Jane deu uma tossidela, inflou o peito e seguiu até o pé da cama, virando-se para que ele não percebesse que ela estava sem seu *botellus*.

– Claro que sou, mas não preciso de plateia.

Duncan meneou a cabeça como se de repente se desse conta do que fazia.

– Eu já paguei para ela, mas não leve a noite inteira. – E bateu a porta ao sair.

Jane e Hawys se encararam. Jane jogou um travesseiro para a amiga e enterrou a cabeça em outro para poder rir à vontade.

Quando o ataque de riso passou, ela começou a chorar.

Hawys se sentou ao seu lado na cama e passou o braço por seus ombros.

– Pobre criança... Não foi assim que você imaginou que seria sua primeira noite, não é?

Jane respondeu que não com a cabeça.

– Às vezes ele é tão grosseiro!

– E você o ama.

Jane balançou a cabeça em protesto, mas as lágrimas falaram por ela. Não, aquilo não era amor. Não podia amá-lo.

– Ele não é digno do meu amor.

– Poucos seriam. Ele não é ruim, como você mesma disse, mas está cheio de demônios. Alguns deles têm a ver com você.

– Comigo? – Jane espirrou e passou a manga da blusa no nariz.

– Ele sente algo por você que o está deixando louco. O mestre me procurou murmurando alguma coisa sobre não ser um homossexual.

Jane deu de ombros. Envolta na própria dor, jamais imaginara que Duncan pudesse duvidar de sua masculinidade por gostar mais de Little John do que devia.

– Então ele esteve com você na noite passada? – Jane sentiu o estômago embrulhar só em pensar.

– Bem, não do jeito como você está pensando. O mestre foi me procurar, bêbado, e dormiu sem me tocar. – Hawys sorriu. – Depois eu disse a ele que tinha sido forte como um alazão. Digo o mesmo a todos.

– Ainda bem que ele trouxe você, Hawys. – Jane sentiu sumir o peso em seu coração. – Seu irmão já partiu?

A família parecia a uma distância inestimável e infinitamente preciosa.

– Ele estava trabalhando na feira. É possível que viaje amanhã.

– Obrigada. – Jane olhou ao redor, tentando pensar. O que um garoto faria na noite de sua iniciação? – Hawys, ainda preciso da sua ajuda. Quais detalhes tenho de saber para convencer Duncan de que minha vida mudou depois desta noite?

– Você vai continuar com isso?

– O que mais posso fazer? Se ele descobrir tudo... – Era impossível imaginar as consequências.

– Entendo... – Hawys suspirou. – Bem, esse não foi o pedido mais estranho que recebi. Acho que ele não fará muitas perguntas. Mas você precisa me tirar daqui. – A ansiedade voltou aos olhos dela.

– Pode deixar. – Não permitiria que sua amiga fosse presa porque Duncan questionara sua masculinidade.

– Mas você não pode continuar com esse disfarce.

– Claro que posso. – Enquanto fosse John, podia ficar ao lado de Duncan.

Hawys meneou a cabeça. Em seguida, levantou-se, tirou a roupa da cama e jogou no chão.

– Quando eu gritar de prazer, você murmura qualquer coisa, ofegante.

Jane sorriu.

– Mas tem de ser alto, para ele ouvir.

DUNCAN SÓ acordou porque John o sacudiu pelo ombro. Quando abriu os olhos, já estava claro, e percebeu que tinha dormido na sala.

A luz amarelada e suave da manhã se infiltrava no ambiente, e sobre a mesa, onde ele havia apoiado a cabeça e pegara no sono. Os outros deviam ter passado pé ante pé por ali para ir à aula.

Malditos fossem por terem-no deixado dormir.

Tentou endireitar o corpo, mas a cabeça travava uma guerra com seu estômago. Fechou os olhos lamentando-se ao lembrar o que acontecera. E como tentara afogar as mágoas com uma mulher e depois a trouxera e atirara para John.

Com vagar, abriu os olhos de novo e deu uma olhada no garoto. Little John não estava com jeito de quem se divertira a noite inteira com uma mulher.

Na realidade, nada parecia ter mudado.

– E então, garoto, como foi a sua primeira vez? – Duncan apoiou os cotovelos na mesa, mas ainda incapaz de se sentar com as costas retas.

Imaginou ter visto o rosto de John corar.

– Foi bom. Acho que ela gostou.

– *Você é que tinha que ter gostado. Gostou?*

John se contorceu, sem graça.

– Tenho certeza de que vou melhorar.

– Melhorar? – Duncan se retraiu, pois falara alto demais, reverberando em sua cabeça. Assim, baixou a voz: – Isso não é algo que você tenha de melhorar como latim, garoto. Seu corpo sabe muito bem o que fazer. E é muito melhor se satisfazer com uma mulher do que sozinho.

Duncan piscou e fitou John para saber se ele tinha entendido, mas o rapaz baixou a cabeça.

– Ela é uma garota adorável.

– Garota adorável? Ela é mulher de qualquer homem. – A cabeça de Duncan pulsava com a culpa. Já tinha decidido que a noite passada fora um erro e optara por ignorar. – Você devia tê-la usado como eu disse e pronto. Ela não é mulher para se casar.

O garoto ficou pensativo, muito diferente do que pareceria um homem depois de aproveitar sua primeira noite de amor.

– E quem seria uma mulher para se casar?

– Que pergunta é essa?

John o encarava com aqueles olhos azuis profundos que o desconcertavam.

– Com que tipo de mulher se casa?

– Não comece com isso de novo. Não estou muito bom esta manhã. – *Por que será que John tem aquelas ideias?* – Não penso em me casar com ninguém. Minha preocupação é: como vou explicar para o padre que a igreja estava trancada quando os fiéis chegaram para a missa?

– Não estava. Peguei as chaves e destranquei para você quando saí para deixar a mulher ir antes que alguém a visse.

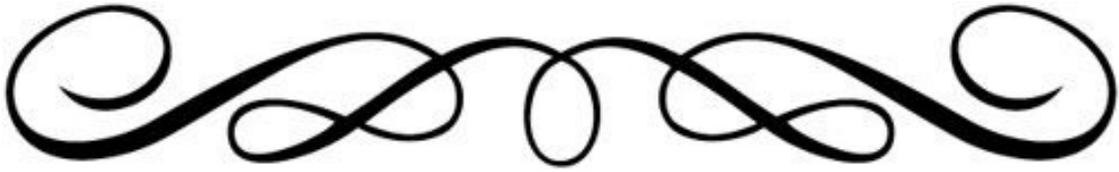
Duncan balançou a cabeça, piscando. John estava demonstrando mais responsabilidade do que de costume naquela dia. Se o fiscal visse a moça sair, a hospedaria teria de pagar uma multa pesada.

Pelo menos as duas últimas noites responderam uma questão. O garoto parecia um garoto de novo. Com exceção...

Apesar dos olhos ardendo, Duncan estudou Little John de cima a baixo.

À sua frente estava um garoto com algo disforme e embolado no meio das pernas onde deveria estar o seu *botellus*.

## Capítulo 10



DUNCAN FITOU a forma estranha entre as pernas de Little John, depois o encarou.

O garoto seguiu seu olhar e entrou em pânico.

– Você deve estar com fome – disse, dando as costas. – Vou buscar algo.

Duncan o segurou pelo braço e virou-o, e ficaram frente a frente, quase colados. Conforme Little John respirava, Duncan sentiu algo pulsando por baixo da faixa enrolada no peito do garoto. Não era perto das costelas, mas acima.

Estudou os traços de John, reparando em características em que nunca reparara. O cabelo loiro e fino. Os lábios bem desenhados, que, volta e meia, se contraíam num bico. Conforme o fitava, o rosto de John se transformou como num passe de mágica, e Duncan percebeu o que devia ter visto há muito tempo.

A visão o atingiu no coração, forte como um soco.

Reparou na pele clara sem pelos e onde jamais nasceria uma barba. O tórax e os braços eram estreitos demais, e os quadris, muito largos para um homem.

– Meu Deus! Você é uma mulher! – As palavras soaram tão estranhas, como se as tivesse escrito com a mão esquerda.

Jane balançou a cabeça; a mentira chegara ao fim. Debateu-se com tanta força que acabou umedecendo a camisa dele com lágrimas muito femininas.

Se alguém a visse, ou soubesse... A mente de Duncan mal conseguia ponderar as consequências. Assim, pegou-a pela mão.

– Venha, rápido.

Por sorte não havia ninguém nas escadas.

Assim que fechou a porta do quarto, Duncan a empurrou contra a parede, apavorado com a vontade de beijá-la; não, muito mais: devorá-la... Assustava-o pensar no quanto a desejara. Durante todos

aqueles dias, um monstro o impelia a exigir daquele garoto algo que um homem não deveria desejar de outro.

Mas Little John não era homem; era uma mulher.

Duncan necessitava de uma prova final. Assim, segurou-a pelos dois pulsos com uma mão só. Como era fácil capturar uma mulher.

– Solte-me – pediu ela chutando-o, tentando não chorar alto demais. Estaria arriscando espalhar seu segredo.

Duncan enfiou a outra mão na calça dela, procurando algo que deveria estar ali. Jane sentiu aquela mão quente lhe queimar a pele, roçando a penugem que encobria sua feminilidade.

De repente, ele puxou o pedaço de pano enrolado e soltou os pulsos dela.

Continuar com aquela tentação era perigoso demais.

Viu-se diante de uma violação.

– Você me enganou! – exclamou ele, balançando o pedaço de pano.

Ela o fizera de tolo. Um boboca. O maior caipira de todos, que nem sabia a diferença entre uma ovelha e um carneiro.

Mas não tinha sido o único. A jovem a sua frente enganara todos os outros.

Será?

– Quem mais sabe? Geoffrey? Henry? Quem mais?

– Somente Hawys – respondeu ela, ainda cabisbaixa.

– Hawys? Quem é essa?

Quando Jane o fitou, ele viu que os olhos dela também brilhavam de raiva.

– Você foi para a cama com ela e nem sabe seu nome?

Aquilo não era pecado nenhum para um homem.

– Quem é ela?

– A moça que você jogou na minha cama – disse ela num tom amargo.

A raiva o deixou vermelho a ponto de urrar.

Tinha ouvido... *o quê* tinha ouvido?

– Fizemos sons para você não desconfiar – Jane respondeu, elucidando a confusão.

– Ninguém mais sabe? – indagou ele, aliviado.

– Ninguém! E nem deve saber. Por favor, Duncan. Você precisa me ajudar.

Ele ficou boquiaberto com o pedido, e fechou a boca, zangado. Não queria ajudá-la. Sua vontade era socar a traidora até apagar a ira que o dominava.

Mas não podia bater numa mulher.

Nem mesmo uma que o enganara com tanta facilidade.

– Ajudar? Ajudar a fazer o quê? O que pode querer mais?

– O mesmo que você! Quero viver, estudar, andar livremente sem ter medo de ser assaltada ou pior.

Quero ser vista e ouvida sem que olhem o tamanho do meu *botellus*.

Que Deus o ajudasse, seu olhar desceu até a altura dos seios dela.

– Sim, eu os tenho, mas estão bem enfaixados e seguros.

– O cavalo, o ferimento...? – Duncan nem precisou terminar a pergunta para saber que era tudo mentira.

John tinha brincado e feito todos de tolos.

Mas por mais incrível que pudesse parecer, tudo o que queria era abraçá-lo. Abraçá-la. *Oh, que confusão!*

– Isso que você fez não é natural. – Duncan lutava contra o desejo.

– Não fiz nada que não pudesse confessar. Foi você que fez coisas com uma ovelha.

Para não rir, Duncan contraiu a testa. Nunca se sentira atraído por uma ovelha.

Jane começou a andar pelo quarto como ele costumava fazer. Em outras circunstâncias, Duncan acharia graça na imitação.

– Por que não seria natural ter vontade de aprender, estudar e viajar sem alguém dizendo o que se pode ou não fazer? Essas proibições todas são por causa de um acidente no nascimento?

– Seu nascimento não foi um acidente. Deus a fez mulher. Você tem outras obrigações.

Naquele instante, deitar-se com ela era a única coisa que Duncan tinha em mente.

A cama estreita, a peça maior do quarto, era um convite inevitável.

– Outras obrigações? Ou seja, andar pela rua à mercê de estudantes bêbados que podem roubar um beijo ou tentar coisa pior?

Duncan ficou vermelho. Não foi à toa que ela passara mal quando se aproximaram daquela moça na rua.

– Se alguém interpelar você, eu o matarei.

– Obrigada. – Jane esboçou um sorriso.

Nunca antes se assemelhara tanto a uma mulher.

Duncan respirava com dificuldade, na tentativa de colocar os pensamentos em ordem e decidir o que teria de ser feito. Little John viera a Cambridge com ele. O rapaz – não: a *donzela* – era sua responsabilidade. Se descobrissem a verdade, não só ela estaria em perigo, mas ele perderia todo o respeito que conquistara durante sete anos, além da hospedaria e os privilégios de mestre.

A melhor solução seria ela ir embora. Imediatamente. Mesmo que já estivesse arrependido só em pensar na possibilidade.

– Você disse que não tinha família. É mentira também?

– Eu disse que tinha uma irmã.

Ótimo. Ao menos existia alguém para levá-la de volta.

– Você não tem 15 anos, não é?

– Dezessete.

– Nada do que me contou é verdade? – Duncan sentiu a angústia apertar-lhe o peito.

John, a quem tratara como um irmão. John, a quem confessara segredos que jamais diria a outro homem.

E nunca diria a uma mulher também.

– É verdade que quero estudar. – Jane o fitou nos olhos. – E que serei sua amiga fiel.

Amiga. Uma palavra insignificante perto do vínculo que tinham estabelecido. *Não faça promessas em vão*, dissera ele certa vez.

– Eu contei coisas que ninguém devia saber, seja homem ou mulher. E recebi mentiras em troca da minha honestidade.

– Só menti sobre minha identidade, o resto não.

– Só? A identidade de um homem é tudo. Mas você não é homem, não é? Portanto, não pode saber a importância disso.

Agora era Duncan quem andava pelo quarto, mantendo uma distância segura para não tocá-la. O que levava uma mulher a agir assim? Será que ela estava possuída?

– Você apanhou da sua irmã ou da sua família?

Aquela podia ser uma boa desculpa para ela não querer voltar para casa. Duncan não a levaria de volta para pessoas que a machucariam.

Ele próprio apanhara bastante.

– Não! Nunca! – A ideia chegou a assustá-la. – Mas eles queriam... esperavam que eu agisse como as outras mulheres, e não sou assim. Nunca fiz nada direito.

Duncan percebeu a angústia nos olhos dela. Ele próprio conhecia bem o que era tentar se ajustar a um mundo que não era seu.

*Você já quis ser alguma coisa, ou alguém impossível?*, tinha perguntado a ela.

*Sim*, foi a resposta que recebera.

Segurou-a pelos ombros, como se pudesse fazê-la agir com bom senso.

– Você acredita que um homem não tem medos? Não acha que ele tem de se preocupar com algo maior e mais forte?

– Não, pois se trata de um homem.

– Então, não entendeu nada sobre o coração de um homem. Ouça, John, ou qualquer que seja seu nome. Se você aprendeu algo convivendo conosco, deve ter sido que um homem também tem expectativas.

Ela mordiscou o lábio e virou o rosto.

Bem, ele a atingira.

– E você, não tem?

Os olhos de Jane reluziam quando voltou a encará-lo, meneando a cabeça.

– E uma coisa que não pode acontecer nunca é sentir-se atraído por outro homem. – As palmas das mãos dele estavam pegando fogo ao segurará-la pelo braço.

Ele a soltou e levantou-se, incapaz de continuar a encará-la, ou a si mesmo.

– Mas você não estava!

Esse era o Little John que ele conhecia. Ansioso para ser perdoado. E Duncan agora sabia que alguém sempre a perdoara durante toda sua vida. Não, certamente a família daquela jovem não a maltratara. Mas tinham lhe tirado a doçura.

– Está tudo acabado. Você... eu... Sou uma mulher.

– Acabado? Acha que fui tão idiota a ponto de não perceber nada? – E não percebera mesmo. Mas agora que sabia da verdade podia assumir a paixão que o privava de pensar com a razão. – Por quanto tempo achou que viveria assim?

– Para sempre! – Um grito, duas palavras.

Duncan ficou perplexo durante o silêncio que se seguiu.

Jane começou a chorar e soluçar descontroladamente.

– Eu pensei... – disse com dificuldade, aos prantos – que podia continuar assim para sempre.

O coração de Duncan amoleceu. Ela abalara seu mundo, era verdade, mas sua dor era segredo. A vida ainda lhe pertencia e seguiria como antes, apesar da batalha que travava com sua alma.

Enquanto o segredo dela, a verdade que inventara, estava perdido. Tudo o que John sabia e amava, queria e esperava sumiria num estalar de dedos.

Duncan estreitou a distância entre eles.

Jane ergueu a cabeça; seus olhos brilhavam de terror.

Foi só então que Duncan compreendeu que ela o temia, apesar de terem vivido lado a lado por tanto tempo.

Mas aquela vida era de John.

– Não vou ferir você. – Será que era preciso dizer isso?

Os olhos delas, vermelhos de tanto chorar, não se desviaram dos dele. Travavam uma batalha sem palavras nem toques. Ele balançou a mão para desviar o olhar dela, mas não adiantou.

Aos poucos, parou de resistir. A verdade irrevogável equilibrou suas emoções, deixando-o mais centrado, acalmando a raiva.

Mas a paixão não se aplacaria jamais.

Sem dizer nada, ele apontou para a cama, o único lugar onde poderiam se sentar. Ela se acomodou ao pé da cama, e ele, na cabeceira, a uma distância segura, sem tirar os olhos dela.

Os dois se estudaram em silêncio durante longos minutos.

Agora que sabia que John era mulher, Duncan não conseguia mais enxergá-la de outra forma. O cabelo claro e encaracolado emoldurava-lhe o rosto delicado, e seria lindo se fosse mais longo. Os olhos azuis, vulneráveis. O queixo, apesar das linhas firmes, não deixava de ser feminino. Os lábios não incitavam à luxúria, mas eram convidativos. Agora que estava de olhos bem abertos, admirou a mulher perfeita diante de si. Aos poucos se lembrou de todas as dicas que não tinha percebido: a letra perfeita, a maneira delicada como colocava a comida na mesa... E uma centena de outras coisas que agora, sabendo da verdade, pareciam bem diferentes.

John era uma mulher, e Duncan não sabia como tratá-la.

A guerra que travava com sua alma tinha sido apaziguada, porém seu *botellus* e sua mente estavam impregnados de desejo. Bem abaixo da túnica de Jane se encontravam seus seios. Ela também se sentou de pernas cruzadas enquanto ele imaginara que seus dedos estiveram tão perto da feminilidade dela que poderia tê-los introduzido...

Ele fechou os olhos, tentando controlar a mente. Afinal, era um mestre das artes, e não um carneiro vulgar.

– Conte-me o que aconteceu. Por que você saiu de casa?

– Minha irmã estava tendo um bebê. Eu não... Não podia... eles... – Jane parou para respirar e ficou em silêncio.

Duncan esperou que ela continuasse.

– Eles queriam que me casasse com um estranho. Um homem que nem conheço. Eu teria de dividir a cama com ele, servi-lo...

Duncan sentiu uma pontada no coração, mas procurou ignorar.

– Você deve voltar e se casar. – Não foi fácil dizer aquilo.

Jane o fuzilou com o olhar.

– Não pode mais haver casamento agora.

Jane tinha razão. Ninguém iria querer se casar com uma mulher que vivera entre homens. A família dela... todos assumiriam que agora ela era como Hawys, e se afastariam.

Talvez nem a irmã a aceitasse de volta.

– E você quer se casar? – indagou ele, já que o assunto sempre vinha à tona.

Jane respondeu que não com a cabeça.

– Nunca. Nenhum marido vai me deixar viver assim. – Jane abriu o braço como se abrangesse a hospedaria, a universidade, a retórica, a gramática e até mesmo o latim.

Ouviram a porta da frente bater. Os estudantes das aulas da manhã estavam de volta e poderiam descobrir tudo.

De repente, todas as implicações para ela, para todos eles, ficaram claras.

Duncan a trouxera para a hospedaria e a defenderia. Se alguém descobrisse, até mesmo Geoffrey e Henry, assumiriam que Duncan conhecia a verdade desde sempre e que os dois estavam...

A carreira dele estaria acabada. Mas para ela, as consequências seriam bem piores.

– Você entende o que pode acontecer se a descobrirem aqui?

– Serei expulsa.

– Esse seria o destino mais leve.

– Você quer dizer? – A cor sumiu do rosto dela ao imaginar o perigo que corria.

– Eu jamais a machucaria, mocinha. Mas alguns deles não se comportariam da mesma forma.

Assim que os homens soubessem que John era uma moça se sentiriam traídos, e poderiam escolher um castigo implacável. A conclusão mais óbvia a que chegariam era que ela fora mulher de Duncan e agora estava disponível para todos.

Somente os braços fortes de Duncan poderia detê-los.

– Então, é melhor que não descubram nada. – Jane esboçou um sorriso tímido.

Ela pretendia ficar.

Os sinos da igreja St. Mary anunciavam a chegada do meio-dia. Duncan devia ter se encontrado com Pickering havia muito tempo. Logo bateriam a sua porta para reclamar da falta de papel, ou que não havia mais lenha para a lareira.

– Por enquanto vamos continuar assim. – Ele procurou se convencer de que aquela era a escolha mais lógica, ignorando o desejo de mantê-la por perto. – Até eu encontrar uma solução.

Jane se inclinou e beijou a mão dele. Duncan a puxou num rompante, com receio do arrepio que lhe corresse o braço.

– Você não conseguirá enganá-los para sempre.

– Serei mais cuidadosa daqui para a frente.

Duncan meneou a cabeça, sabendo que estava apenas adiando o inevitável. Nem todos eram tão cegos.

E ele tinha sido.

– Nada deve mudar. Continue estudando e fique perto de mim.

Ela sorriu.

Naquele instante ficou evidente como tinham se tornado tão unidos. Duncan e John. John e Duncan. Agiam como irmãos, ou mais do que isso.

Ele bateu, sem graça, no ombro dela. Os olhos de Jane se encheram de lágrimas, que ela enxugou com a manga. E, seguindo um impulso, abraçou-o.

Ele retribuiu o abraço e entendeu o que sentia por ela, por mais que quisesse relutar em identificar. Jane era uma mulher. Duncan a protegeria até a morte.

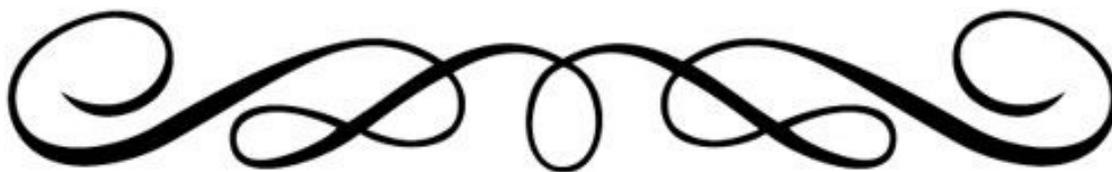
Em seguida, separaram-se, e ele ergueu-lhe o queixo com o dedo, aspirando mergulhar na imensidão daqueles olhos azuis.

– Como devo chamá-la?

– Jane. Meu nome é Jane.

Mas não podia chamá-la de Jane. Na verdade, não podia chamá-la de nome algum.

## Capítulo 11



– DEUS SEJA louvado! Jane está viva! – disse Solay.

– Deus seja louvado – repetiu o papagaio.

Justin e Solay riram, e ela abraçou o filho. O bebê se mexeu, mas não soltou o peito de Solay.

Apesar de já ter passado o puerpério, ela ainda se sentia fraca, por isso continuava de repouso. O sol já havia se posto, e Justin estava com ela no quarto.

– Então ela estava viva no mês passado.

Um garoto trouxera um bilhete no dia anterior com as únicas notícias que tiveram em quase dois meses. Segundo ele, tinham lhe dado a tarefa no dia da Festa de St. Denis. Já haviam se passado semanas. Justin se perguntou por que a demora. Mesmo assim, acalmou-se ao ouvir as notícias, aliviado do peso da culpa.

– Eu nunca devia ter arranjado um casamento para ela.

– Você nunca a forçou a nada. – Solay esticou a mão para pegar a dele. Conhecia razões que ninguém jamais saberia. – Você disse que a escolha seria dela depois que o conhecesse.

Mas Jane não esperou. O mercador chegou e soube que a noiva tinha sumido, mas voltou para casa feliz depois de uma farta refeição e uma garrafa do vinho de Gascon pelo inconveniente.

O pequeno William Edward chorou ao ser afastado do seio da mãe. Solay o colocou no outro seio, e o bebê continuou a sugar, feliz.

A visão do filho saudável apagou a dor de Justin. Por pouco não perdera o bebê e Solay.

– Acho que Jane tinha ciência de que eu tomaria conta dela, mesmo se recusasse o noivo.

– Jane não acredita muito em homens provedores. – Solay meneou a cabeça.

O que não era surpresa alguma, pois poucos homens na vida de Jane se importaram em tomar conta dela. Nem o rei, que ela achava ser seu pai, nem o pai verdadeiro.

– Deveríamos ter contado a verdade a ela, Solay. Sua mãe acreditou que ter sangue real era um presente para vocês duas, da mesma forma como achava que você e Jane eram um presente para o rei. Mas de que isso valeria hoje?

– O segredo é da minha mãe. Só ela pode decidir se revela ou não. – Solay balançou a cabeça.

Os pensamentos de ambos se misturavam no silêncio que se abateu sobre o quarto.

Depois de suspirar, Solay voltou a pensar no presente e no quebra-cabeça do paradeiro de Jane.

– Quer dizer que Jane estava em Cambridge no mês passado seguindo uma peregrinação. Vi uma viagem no mapa astral dela, mas não pensei que fosse tão longa. Os astros diziam algo mais que não compreendi. – Depois de estar bem, após o parto, Solay soube que Jane sumira e consultou suas cartas astrais, procurando dicas sobre o paradeiro da irmã. – Mas quem sai em peregrinação nessa época do ano? Diga-me de novo o que está escrito.

– “Desculpem-me. Espero que Solay e o bebê estejam bem. Rezo para eles todos os dias. Estou feliz. Não procurem por mim. *Familiam cura.*” – Justin recitou de cor, depois de ter lido o bilhete várias vezes.

– O garoto não disse mais nada? – indagou Solay, ninando o bebê.

Todas as vezes que ela perguntava a mesma coisa, Justin, tentando fazê-la sorrir, respondia:

– A única vez que ele abriu a boca foi para comer.

O garoto que trouxera o bilhete falara pouco mesmo. Alguém tinha lhe dado a mensagem e a incumbência de entregá-la. Não, não tinha sido uma moça loira. Ele tampouco se lembrava de quem fora, ou quando. Achava que a pessoa estava em peregrinação em algum lugar. Não, não sabia onde.

– O santuário de Norwich era mais perto, se bem que ela também teria passado por lá a caminho de Durham. Mas você chegou a dizer que ela podia estar vestida de rapaz?

– Jane não quer que a encontremos, quis apenas que soubéssemos que está em segurança.

– Mais do que isso. – Solay acarinhava o cabelo macio do bebê. – Ela queria saber se *nós* estávamos bem e sobre o bebê.

Justin meneou a cabeça. A única vez que o garoto falou por espontânea vontade foi para perguntar sobre Solay e o bebê. De repente as peças se encaixavam.

– Isso quer dizer que ele irá encontrá-la de novo. – Solay endireitou-se, tirando William do seio, o que o fez chorar.

– Ou seja, ele tem noção de onde ela está.

– Ou pelo menos sabe como mandar um recado.

Solay ninou William. Saciado, o bebê adormeceu, e as pálpebras de Solay pesaram.

– Vá com o garoto. – A voz dela ainda estava fraca, e os olhos cor de violeta, cansados. – Faça-o mostrar onde recebeu o bilhete. Deve haver um rastro por lá.

Justin deixou-a pegar no sono. Mais tarde contaria a verdade. Tinha planejado levar o menino de volta para casa, onde quer que fosse, mas o garoto saíra antes do amanhecer e não deixara pistas.

*Familiam cura*, Jane escrevera. Ela nunca lera Cato antes de sair de casa.

Os homens que enviara a Oxford e Londres não conseguiram localizá-la. Talvez ela tivesse escolhido a província de Cambridge.

Justin olhou para Solay, dormindo com a cabeça encostada na do filho.

Não poderia deixá-la. Pelo menos, não por enquanto. Mandaria alguém para Cambridge que talvez descobrisse algo.

ALGUNS DIAS mais tarde, Duncan levava o molho de chaves para abrir a porta da igreja para os serviços matinais, mas sua cabeça continuava repleta de dúvidas. Como Jane conseguira enganar todos eles? Por quanto tempo ele conseguiria escondê-la? Onde estaria a família dela? Poderia encontrar um lugar seguro para ela morar?

Os monges e estudantes passavam por ali o tempo todo, cumprimentando e falando com ele, mas Duncan continuava atordoado por tantas perguntas não respondidas.

Como beijá-la? Mais do que isso... Como possuí-la?

Jane estava um pouco à frente, à direita, próxima o suficiente para que ele lhe visse o perfil, a boca movendo-se com as orações. Mas as palavras que tinha em mente não eram nada apropriadas para a missa matinal. Pensou nos lábios dela proferindo palavras em latim. Eram lábios finos, mas se entreabertos por certo teriam o gosto de mel sob sua língua. O beijo brincaria com aquela boca tal como as palavras, ousadas e discretas, relutantes o suficiente para provocá-la.

E ao beijá-la, deixaria que suas mãos viajassem pelo corpo feminino por baixo da túnica amarrotada. Seus ombros eram largos, sim, mas quando a erguera no colo, Dunca sentiu-a bem mais leve do que um garoto. Agora que sabia da verdade, vislumbra a curvas dos quadris dela, escondidos pela calça larga.

Jane colocara uma capa para se proteger do frio matinal, mas ele imaginava as elevações onde a faixa tentava esconder seus seios. Como seriam? Pequenos? Seriam os mamilos tão rosa quanto imaginava? Sonhara em tirar aquela faixa, e tremia de desejo ao imaginar sua reação ao ver aqueles seios. Eles teriam o tamanho exato de sua mão e combinariam perfeitamente com sua boca. Seriam carícias sem fim, demoradas, que a seduziriam a ponto de suspirar sob seu corpo.

E, por fim, afastaria as pernas dela...

Duncan sentiu o corpo todo vibrar com a intensidade daquela visão. Não era raiva. Jamais a feriria. Apenas responderia à força daquela louca paixão.

Agora, ao enxergá-la como mulher, era como se a visse nua a sua frente, uma tentação forte que mal podia controlar.

Jamais sentira uma atração tão forte com outras mulheres.

Reprovava as palavras que dissera a ela. *Satisfaça seu desejo.*

Mas ninguém mais o satisfaria, mesmo sabendo que não iria e não poderia possuí-la.

DUNCAN PASSOU o resto do dia no Parlamento. A sessão se aproximava do final, e o resultado da votação ainda era incerto.

O dia passara, e ele não a vira mais. Embora tivesse pensado nela o tempo todo. Percebeu que fazia tempo que Little John se mantinha a todo instante em seus pensamentos. Toda vez que se separavam, Duncan sentia um aperto no coração, um sentimento que nunca conseguira decifrar.

Agora dava-se conta de que pensava no garoto durante várias horas do dia, preocupando-se se estava em segurança, imaginando se tinha feito seus deveres, questionando se estudara as conjugações, e ansiando para estarem juntos à noite. Agora já não esperava mais por aquele momento. As lições da noite se tornaram uma tortura. Mas não se permitia ausentar-se. A visão do mestre e Little John era familiar para os moradores da hospedaria. Uma mudança de hábito seria percebida rapidamente.

Agora era Jane que ele via recitar o vocabulário, e não John. Houve um tempo em que batia no ombro do garoto, bagunçava seu cabelo e passava o braço pelos ombros dele. Não podia mais fazer nada

daquilo sem pensar que os seios dela estavam tão próximos, e sua boca, à distância de um beijo dos lábios dela. E quando afastasse aquelas coxas...

Resoluto, respirou fundo e estudou os progressos do dia com Pickering antes de voltar ao Solar Hostel. E fitá-la com olhos que *certamente* exporiam o segredo dela para o mundo.

JANE SE sentou longe de Duncan naquela noite, fingindo que nada mudara.

A sala de convivência estava vazia, e ela podia recitar alto. O calor da lareira esquentava-lhe as costas, protegendo-a do frio da noite de outono.

Sua voz ecoava pela sala como se estivesse falando um tom agudo. Será? Ou parecia diferente porque ele *sabia*? Prestava atenção a cada linha, sonhando, ao mesmo tempo, que seus olhos podiam vê-la através das roupas.

O sol se punha tarde naquela época do ano, sombreando a sala. Ela procurava mover os lábios da maneira certa, corrigindo a pronúncia, mas errou uma palavra.

– Você tem de melhorar se quer falar diante do rei – disse ele.

– Talvez tenha praticado demais – desculpou-se Jane, evitando a verdade. Estando tão próximos, era difícil concentrar-se no latim. – Deixe-me tentar um problema de lógica.

Jane se levantou, endireitou o corpo, orgulhosa por ter tido a iniciativa de ir além de memorizar, tarefa para um garoto de escola primária.

– Um mestre pode me pedir para debater uma questão como essa: “Todo homem é necessariamente um animal.” Seria verdade se não existisse nenhum homem? Eu responderia primeiro com um argumento afirmativo. Aristóteles escreveu em *Analíticos posteriores*...

Duncan a olhou como se a visse com duas cabeças.

– Você não pode falar sobre isso.

– Por que não?

Duncan olhou para a porta, certificando-se de que ninguém se aproximava.

– Porque você é uma mulher – sussurrou.

Na verdade, este seria o problema de lógica real: “Uma mulher pode ser igual a um homem se ele não souber que ela é mulher? O primeiro argumento era afirmativo.”

– Eu era mulher na semana passada quando falamos sobre isso.

– Mas eu ainda não sabia de nada.

– Olhe para mim – ela pediu, segurando-o pelo braço, desesperada para ser vista como uma pessoa inteira. – Seu argumento não tem lógica.

– Agora mudou tudo.

Como Jane sabia que aconteceria, apesar de ter insistido que nada seria diferente depois que revelasse seu segredo. Mas era óbvio que se tratava de uma realidade diferente agora.

Jane soltou-lhe o braço, mas continuaram se encarando, e foi o que bastou para que ela não conseguisse focar em mais nada além da conjugação verbal *amas* e *amat*.

– Se é assim que pensa, terei de encontrar outro mestre – decidiu ela, depois de suspirar.

Talvez até fosse possível, já que seu latim melhorara. Além do mais, ela estaria mais segura do que sob a mira dos olhos de todos.

– Nem ouse fazer isso!

– Um estudante é dono da liberdade de escolher seu mestre.

– E o que acontecerá se o novo mestre descobrir o que sei?

O calor do fogo já não a aquecia mais, e foi preciso fechar as mãos para não mostrá-las trêmulas.

– Então, tudo estará perdido – sussurrou Jane.

– Não podemos conversar aqui – disse ele com a voz baixa. – Alguém pode chegar a qualquer momento.

Duncan levantou-se sem olhar para trás e ela o seguiu, relutante, escada acima na direção do quarto dele.

Duncan bateu a porta e a encarou com raiva. Aliás, desde que descobrira o segredo de Jane, aquele era seu estado constante, como se a culpasse por tê-lo feito de bobo e ingênuo.

Jane sentiu um lampejo de compreensão. Imaginou como se sentiria se, depois de ter confessado sua feminilidade a Hawys, descobrisse que a amiga tinha um *botellus* por baixo do vestido.

A cama era convidativa, mas nenhum dos dois se sentou.

– Por favor. – Calma. Lógica. Era disso que Jane precisava, apesar de ela sentir uma ponta de desespero em seu pedido. – Você não pode me forçar a ser uma *delas*. Eu nem sei como agir.

– Você tem mãe. Ela deve ter ensinado alguma coisa.

– Ah, sim, ensinou muita coisa.

Alys lhe ensinara que, não importasse quem fosse, sendo mulher, sua única aspiração tinha de ser casar-se com um homem. Nada pertencia à mulher, era tudo do provedor da casa. E podia desaparecer de um instante para o outro.

– Não gostei do que aprendi.

– Acho que chegou a hora de você me contar sobre sua família – disse ele, devagar depois de alguns instantes, encostando-se à parede perto da janela, esperando.

Jane suspirou. Sabia que precisava revelar algo; mas não tudo.

– O marido de minha mãe... morreu.

Até aquele ponto era verdade. O marido de sua mãe era William de Weston e *tinha* morrido, mas foi a morte de seu pai, o rei, que as empurrara do alto poder para a pobreza.

Ela continuou, atenta aos olhos dele, para ver se demonstravam dúvidas não respondidas:

– Morávamos numa casa pequena no campo.

Duncan assumiria que seu pai era um mercador, um advogado ou um cavaleiro de baixo nível. Eram poucos os filhos de nobres que queriam entrar na universidade.

– Ele me deixava brincar como eu gostava, e acabei aprendendo pouco dos trejeitos e das graças femininos.

– Em casa nós também não víamos muita utilidade nisso. – O sorriso dele era gentil, mas os olhos ainda estavam em brasas.

Jane imaginou que tipo de mulher teria sido a mãe de Duncan.

– Quando minha irmã se casou, nós... digo... eu me mudei para a casa da mãe do marido dela.

– Deve ser inoportuno ser vigiado. – Duncan balançou a cabeça, ainda presumindo que a mãe dela morrera também. – Sua irmã se incomoda em ser uma mulher?

– Ah, não. Ela desempenha bem o papel.

A linda Solay, que atraía a atenção de todos os homens e exalava feminilidade por todos os poros. Não, Solay sempre adotara a condição de mulher sem questionar, e o que isso podia lhe trazer de benefícios.

– Mas eu não queria isso para mim.

Os olhos que antes demonstravam compreensão agora ostentavam um brilho diferente.

– Você não *quer*? Acha que é possível escolher o que queremos nesta vida, como se estivéssemos numa feira de vegetais? O mundo pertence a Deus, Jane, e não é nosso. E Ele deve ter tido razões por fazê-la mulher, não para satisfazê-la.

Jane sentiu o rosto corar.

– Então Ele nos enganou. Eu bem que tentei, mas sou péssima para costurar, dançar e cuidar de pessoas. – Segundo suas observações, era isso que ocupava o maior tempo de uma mulher. De súbito teve a impressão de sentir o cheiro do quarto onde Solay tivera o bebê. Forçou-se a respirar fundo para continuar. Tinha de falar tudo antes que ele a interrompesse. – Sim, ainda estou respirando, e cada vez que faço isso, quero alguma coisa a mais. Algo mais. Outra vida.

Conforme a voz de Jane aumentava, Duncan parecia mais calmo, e por fim esticou o braço. Se tivesse ouvido tudo aquilo dias antes, teria pegado o ombro dela ou brincado de socar. Agora, ele a acariciou no rosto com o mesmo carinho com que a fitava.

– O que você quer, afinal, Little Jane? Como é essa vida pela qual anseia tanto?

Ela chegou a abrir a boca, mas não disse nada. Até então achava que seu mundo era o rei, a Corte e viajar, mas não era isso o que a assombrava naquele momento.

– Quero ser livre – admitiu, por fim.

– Mas você é livre! Até eu posso dizer que é bem-nascida e bem-criada.

– Acha que sou livre por não ser uma escrava, Duncan, mas a vida de uma mulher consiste apenas em deveres e responsabilidades, prescritas e esperadas. Quero o tipo de liberdade que tem um homem!

A tristeza sombreou a ternura nos olhos dele.

– Ah, minha Little Jane, depois de tanto tempo conosco, você não aprendeu o peso do dever que um homem suporta?

– Isso é diferente. *Você é diferente.* – Jane respirou fundo, sabendo que quanto mais se agitasse, mais feminina pareceria. Por isso tentou manter o timbre de voz que assumira para John. – São apenas os olhos de sua imaginação que me veem diferente. Lembra-se da primeira vez em que nos vimos?

A lembrança do garoto à beira da estrada fez os dois sorrirem. Ela achava que existia compaixão no coração dele, mas Duncan não a teria pegado se soubesse que se tratava de uma mulher.

– Se bem me lembro, você caiu sentada na terra.

– E você ficou bravo porque o achei um ignorante.

– Isso foi por causa de minha origem e do meu sotaque.

– E agora você faz o mesmo. Julga-me de acordo com suas expectativas sobre o que uma mulher deve ser, em vez de se valer do que conhecia de Little John. Não é muito diferente do que eu achava de você.

Duncan abriu um sorriso, e o brilho dos olhos dela demonstrou que Jane havia levado a melhor.

– Admito que você tem mais cabeça que muita mulher.

– Então posso praticar os problemas de lógica?

– Só *se* aceitar que um homem também não é livre.

– Mais livre do que uma mulher! – exclamou, franzindo o nariz.

– São tipos diferentes de liberdade.

O sorriso sério dele encheu o coração de Jane. Duncan tinha muitos deveres, por isso não era tão livre quanto ela. O futuro da hospedaria, as deliberações do Parlamento, até mesmo a prisão de seu pai pesavam sob seus ombros. A vida oferecera a ele todo o tipo de responsabilidades, e Duncan aceitara

uma a uma, não imaginando que pudesse recusar e ainda ser como o homem que acreditava que devia ser.

A vida de Duncan era regida por suas próprias expectativas, e de ninguém mais.

– Concordo – ela disse baixinho, imaginando se um dia chegaria perto de ser homem como ele.

Jane estendeu a mão, e Duncan a apertou. No breve instante em que sua mão ficou acolhida na dele, ela sentiu algo diferente, uma espécie de proximidade.

Algo que só uma mulher podia sentir.

Sua mão tremeu, e ela vislumbrou o mesmo tipo de sentimento nos olhos dele.

Então, Duncan se inclinou e capturou seus lábios, gentilmente. Jane passou os dedos pelo cabelo dele e puxou-o para si, como se quisesse aumentar ainda mais a proximidade. Enquanto ele aninhava sua cabeça nas mãos e pressionava os lábios sobre os dela, explorando-lhe delicadamente a boca com a língua, Jane sentiu a conexão primitiva, elementar e inexorável que podia acontecer entre um homem e uma mulher. Era algo que ia muito além da irrisória camaradagem pela qual ela ansiara.

Duncan interrompeu o beijo, mas nenhum dos dois conseguiu desviar o olhar.

– Nós... não podemos – sussurrou Jane. Palavras totalmente desnecessárias, sem sentido. – Nunca...

– Eu sei. – Mas a resposta de Duncan não apagou o brilho nos olhos dele, e suas mãos ainda estavam sobre o cabelo de Jane.

Ela se afastou, abrindo uma distância respeitável entre os dois, sem desviar o olhar.

– E se alguém visse?

Duncan se virou para a porta, ainda apoiado contra a parede, como se ela o impedisse de puxá-la para si.

– Saia daqui, então.

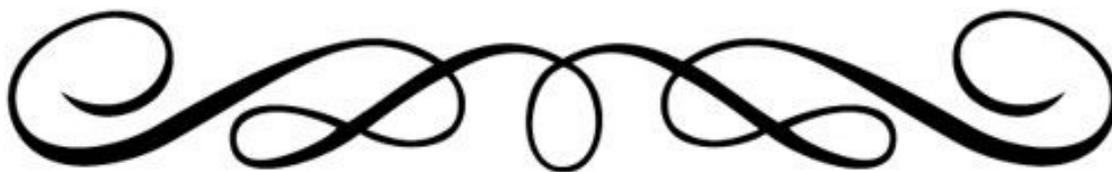
Diante da porta, Jane hesitou antes de erguer a tranca. Lutou para respirar direito, conforme o sangue pressionava seus seios enfaixados, exigindo um novo tipo de liberdade.

– Até amanhã – disse, tentando desvendar se o desejo também o assolava.

– Boa noite.

Jane abriu a porta e saiu correndo, pois se andasse não seria capaz de romper o encanto do olhar dele. Uma mulher tinha muito mais mistérios do que podia imaginar. Foram incríveis e inusitadas as sensações que a uniram a Duncan, porém ainda não sabia como se aprofundaria naquela nova descoberta sem perder tudo.

## Capítulo 12



JANE SAIU sorrateira da hospedaria para se encontrar com Hawys no dia seguinte. Não queria que Duncan soubesse que tinha mandado um bilhete para sua família.

As duas, na barraca de frutas, conversavam como se trocassem informações sobre maçãs.

– Meu irmão voltou – disse Hawys. – Segundo ele, sua irmã e o bebê estão fracos.

As notícias pegaram Jane de surpresa, lembrando-a da obrigação que deixara de cumprir. Imaginou o que sua mãe teria dito, mas teve medo de perguntar.

– Fracos é uma informação muito vaga. – Jane segurou a amiga pelo braço. – “Fracos” quer dizer cansada ou à beira da morte?

– Não tenho certeza.

– Ele não perguntou?

E se Solay estivesse doente de verdade? E se o bebê não tivesse sobrevivido?

– Preciso falar com ele.

O vendedor de frutas as fitou de soslaio, e as duas se distanciaram para não serem ouvidas.

– Não. – Hawys a acalmou, olhando-a séria. – Foi você mesma que estabeleceu as regras. É mais seguro se meu irmão não a vir. Ele é jovem demais para manter um segredo. – E depois de uma pausa, completou: – A não ser que pretenda voltar para casa.

Jane respondeu que não com a cabeça.

– Ele viu Solay, ou o bebê?

– Não, ele só a ouviu falar. Ela não parecia bem, por isso ele achou que talvez estivesse com febre. E o bebê é bem pequeno. Sua irmã ainda continua acamada a maior parte do dia, mas está se recuperando, e o bebê, ganhando peso.

Jane sentiu a culpa pesar-lhe sobre os ombros. Solay de cama durante dois meses. Talvez pudesse ter ajudado.

– O bebê é um menino ou uma menina?

– Menino.

Esse escolheria seu próprio destino.

– Qual é o nome dele?

– Acho que é William.

Estranho. Jane pensou que fosse Edward, por causa do pai.

– Meu irmão falou que sua família tem saudade de você.

Os olhos de Jane se encheram de lágrimas. Sentia falta deles também, mais do que esperava.

– Eles queriam voltar com meu irmão, então ele saiu cedo quando todos ainda dormiam. Ele disse que não deixou escapar nada, mas tenho minhas dúvidas. É capaz de virem procurá-la.

– Não irão me encontrar. – Estaria segura, enquanto estivesse vestida de rapaz. *Será?*

– Alguma coisa aconteceu – comentou Hawys, estudando-a. – Você está diferente.

– Duncan já sabe da verdade.

Hawys empalideceu.

– Só ele, ou mais alguém?

– Ninguém mais sabe.

– Tem certeza?

Não tinha. Jane notara que passara a rebolar mais, agora que Duncan sabia que ela era mulher. Era possível que, em um momento de distração, qualquer um pudesse vê-la como mulher.

– Por enquanto.

– Você precisa ir embora. Correrá perigo se alguém descobrir.

– Ninguém saberá. Estamos tomando todo o cuidado. – A esperança era maior do que a possibilidade.

– Tomara que esteja certa. – Hawys ergueu uma sobrancelha. – Sozinha naquela hospedaria, onde só há homens... Eu não gostaria de estar no seu lugar.

– Duncan não permitiria que algum um deles me machucasse.

– Você confia sua vida a ele?

*Irmãos.* Como se Duncan não tivesse preocupações suficientes, agora a segurança de Jane também pesava sobre seus ombros.

– Confio.

Hawys estudou-a com um olhar especulativo.

– Meu irmão disse que você mora numa boa casa e sua família a quer de volta. Eles ficaram muito gratos por receberem notícias suas.

Jane engoliu as lágrimas. Era estranho, mas confortante, perceber, embora tardiamente, que tinham sido o amor e a aceitação de sua família, e a tolerância com sua maneira de ser, que a tornaram uma desajustada.

Fazia tempo que inclusive sua mãe parara de tentar mudá-la, conformando-se em deixá-la ser como quisesse até que se ajustasse por conta própria.

Jane se sentiu envergonhada. Como se não tivesse bastado abandonar Solay numa hora de necessidade, envergonhara Justin, que sempre só quisera ajudá-la.

Lembrou-se, tarde demais, de que Solay prometera que não a forçaria a se casar se não gostasse do noivo. Justin explicara que a esposa de um mercador não teria as mesmas restrições que uma mulher de um nobre. O que poderia dizer a eles agora?

– É melhor que me esqueçam.

– Mas por quê? – perguntou Hawys com uma pontinha de inveja. – Você pode voltar a ter a vida de antes.

– Mas não é o que quero.

Depois de um reencontro regado a lágrimas, o que restaria? Voltaria a ajudar a mãe a tomar conta dos cavalos e do jardim. Agora seus horizontes tinham se ampliado, e seria insuportável ficar presa entre as paredes daquela casa.

– Mas você tem uma escolha. – As palavras de Hawys estavam carregadas de admiração, o que deixou Jane mais envergonhada.

Hawys teria agradecido diariamente a Deus de joelhos se tivesse a vida que Jane dispensara. Em circunstâncias diferentes elas nunca teriam se encontrado.

– Minha escolha é ficar aqui.

– Você não quer se casar? – Hawys invejava a vida de Jane, embora não pudesse compreendê-la direito.

– Vivo numa casa cheia de homens. Nenhum deles vai querer se casar com uma moça que tenha passado por uma experiência dessas. Serei vista como uma mulher usada. – O riso amargo de Jane transbordou uma sabedoria conquistada a duras penas.

Eram palavras cruéis, que Hawys conhecia muito bem.

Apesar de suas certezas, Jane achou estranho verbalizar que nunca se casaria. Bem, pelo menos conseguira o que queria. Mas, em vez de se sentir aliviada, conforme esperava, experimentou um vazio imenso, como uma pergunta para a qual não tinha resposta.

*Então, o que você quer, Little Jane?*

Era como se estivesse correndo de alguma coisa, embora não soubesse para onde corria. A vida de um homem sempre lhe parecera tão fácil. Eles podiam se locomover como bem quisessem, fazer o que desejassem e dizer aos outros como agir. Já as mulheres não tinham direito a nada disso.

Contudo, a vida deles era mais difícil do que imaginara. Será que gostaria de passar uma vida longa e solitária no meio dos homens?

Se Duncan estivesse presente, sim.

PICKERING CONSEGUIU que Duncan assistisse à última sessão do Parlamento. Ele ficou no salão do monastério, prestando a atenção a tudo o que se dizia durante o debate. A proposta era a aprovação de um pequeno subsídio, um dízimo, com a condição de que fosse gasto com a defesa do país, inclusive a proteção da fronteira com a Escócia.

Duncan olhou para a lista em suas mãos, que Jane escrevera com sua letra bonita. Se a contagem estivesse certa, a proposta seria aprovada por uma margem bem pequena.

Um membro do Parlamento mais exaltado era contra a insistência dos lordes de que o norte devia arcar com a defesa de sua fronteira. Outros não mostravam boa vontade para adotar um imposto adicional. O que acontecera com o último imposto? Fora gasto para invadir a França.

Finalmente Pickering se levantou para tomar a palavra:

– Existem aqueles que pensam que a defesa das fronteiras deve ser feita pelos moradores da região. Mas sacrificamos nossos lares, nosso gado, nossas colheitas e nossas vidas inclusive para que os senhores

não precisassem fazer o mesmo. Agora necessitamos da sua ajuda. Demos tudo o que tínhamos para a defesa de suas terras. Precisamos apenas de auxílio para continuarmos a defendê-los.

Nenhum outro orador se pronunciou. A votação começou, e o subsídio foi aprovado.

Iriam votar sobre o resgate em separado.

Para surpresa de Duncan, o rei cruzou o salão com uma energia inesperada. Era raro ele usar seu poder para aprovar uma questão. Se lutasse pelo resgate de todos os homens, Duncan não teria os votos necessários para libertar seu pai.

Quando o rei começou a falar, referindo-se aos bravos homens presos, Duncan sorriu. Até perceber que o rei não se referia a um exército, mas sim a um homem só: Hotspur.

O jovem Hotspur, que perdera a batalha de Otterburn.

Num discurso acalorado, o rei desafiou a Câmara. Daria mil pounds para o resgate de lorde Percy se o Parlamento desse os outros dois mil.

E o Parlamento aprovou.

Num primeiro momento, Duncan se sentiu chocado. Incrédulo, encostou-se numa das colunas de pedra como se seus ossos não mais conseguissem mantê-lo em pé. Em seguida, a raiva o dominou com uma força tamanha que só as mãos calmas de Pickering no seu ombro evitaram que ele estrangulasse o rei.

Os dois estavam espantados. Duncan só voltou a falar quando já estavam na taberna, depois de ter tomado a primeira caneca de cerveja.

– Três mil pounds – disse, com o olhar fixo na cerveja amarela.

– Para um homem apenas – completou Pickering.

Era uma soma enorme para ser captada.

E não sobraria nada para os demais, os soldados menos importantes como o pai de Duncan.

A cerveja não acalmou a dor na sua garganta.

– O escocês que o capturou terá dinheiro suficiente para construir um maldito castelo, e Hotspur irá celebrar a Páscoa em casa com a família.

O dinheiro que Duncan conseguiria arrecadar com a família não daria para construir um castelo.

Duncan deu um tapa na mesa de madeira, que a fez tremer.

– Será que podemos ao menos pedir notícias do meu pai?

– Ele não deve ser maltratado – Pickering o lembrou.

O negócio dos resgates, para muitos, tornara-se mais lucrativo do que a guerra propriamente dita.

Homens afortunados eram capturados e levados para casa, depois os raptos ficavam contando histórias ao redor da fogueira aguardando a chegada do resgate. Da próxima vez, o raptor podia ser o raptado.

– Ele precisa estar vivo para que possam receber o dinheiro.

– Se soubessem que não temos recursos, seriam capazes de matá-lo. A despesa com comida para ele é maior do que receberão com o resgate.

O pai de Duncan não reagiria bem ao cativo. Enquanto estivesse respirando, procuraria um jeito de voltar para casa. E se tentasse escapar era capaz de morrer.

Bem, estava nas mãos do rei Ricardo colocar sua eloquência em prática. Ele teria que tomar a atitude mais acertada.

– Quando a Corte partirá de Cambridge?

– Um dia ou mais.

– Então Sua Majestade irá escutar uma declamação em latim.

AOS POUCOS os parlamentares deixavam as paredes de rocha do monastério, onde Duncan passara tantas horas em pé. A maioria fora embora depois que o último “sim” soou. A comitiva do rei, alojada por toda Barnwell, levou mais tempo para se preparar.

Jane estava pálida ao lado de Duncan, mas determinada e animada ao mesmo tempo. Duncan esperava que ela estivesse bem parecida com um rapaz.

– Lembre-se do que falei.

– Não devo abrir a boca para dizer nada além da declamação.

Fora uma atitude arriscada levá-la até ali, mas era uma boa desculpa para visitar o rei, e Jane prometera se comportar. Sem contar que ela queria mesmo se encontrar com Ricardo. E faria o melhor para aumentar suas chances de ganhar uma posição na Corte.

Duncan não se anunciara, calculando que com o caos dos preparativos da viagem seria mais fácil se aproximar do rei. Ele caminhava com passos confiantes pelos corredores, vestido com a toga e a capa revestida de pelo, como se tivesse sido convocado.

Jane vinha dois passos logo atrás.

Ninguém os impediu de entrar quando se aproximaram de uma porta aberta. O rei estava na companhia de seu camareiro e seus criados empacotando os pertences, com uma ligeira ruga de preocupação na testa.

Duncan deu uma tossidela para limpar a garganta e sufocar a raiva. Seria péssimo provocar o rei.

– Majestade?

Ricardo ergueu a cabeça, distraído. Mas ao reconhecer Duncan chegou a corar de vergonha e mostrou sinais de temor logo em seguida. Depois olhou ao redor como se procurasse um guarda.

– Vossa Majestade tinha pedido para ver o garoto de novo.

Jane deu um passo à frente e fez uma reverência.

O rei relaxou e sorriu.

Ótimo. Ele estaria mais à vontade quando Duncan falasse sobre o resgate.

O rei seguiu para o pátio, e os dois o acompanharam. O sol de outono brilhava mais fraco e mais baixo, favorecendo áreas sombreadas e frescas.

– Então, mestre Duncan, como o garoto tem se saído? – indagou o rei, movimentando os olhos como se estivesse impaciente.

– Muito bem. – Melhor do que Duncan esperava.

Mas o latim do rei não era bom o suficiente para contestar o de Jane.

– Já está pronto para trabalhar para a Corte? – Ricardo sorriu.

Jane olhou para Duncan, pedindo permissão para responder. Ele assentiu com um sinal de cabeça.

– Ainda não, Majestade, mas estou me esforçando muito, e rezo para que um dia esteja à altura da honra de servi-lo.

Duncan se surpreendeu com a atitude do estudante irreverente, que diante do rei se transformara num cortesão, com o mínimo de arrogância necessária para chamar atenção. Onde será que Jane aprendera aquela postura?

– Faça sua declaração para Sua Majestade.

Jane começou a recitar uma comédia em latim de Pânfilo, sobre um jovem rapaz que amava uma donzela impossível. Na verdade, ela não “recitou”, mas atuou de forma apaixonante nas falas do herói, quando este se dirigia à mulher amada, proibida para ele pela sociedade e pela família. O diálogo era tão veemente que Duncan achou que qualquer pessoa que passasse por ali entenderia seu significado.

Jane terminou com um floreio e olhou para Duncan, que se esqueceu do rei por um momento.

Depois de tudo o que acontecera, ele sabia por que ela escolhera aquela obra em particular. Na história, o personagem Pânfilo conquista a mulher de seus sonhos. Ele trabalha duro pela recompensa, mas, no final, decide o próprio destino.

Qual seria o destino que Jane escolhera?

– Você fez um bom trabalho – disse o rei, chamando a atenção de Duncan. – Peça ao escrivão que lhe dê dez pences, e um para o garoto. Continue a estudar, jovem John.

Dez pences? Daria para comprar um galão de vinho que podia beber sozinho.

O rei se virou para sair.

– Majestade, tenho outro assunto a tratar.

– Sim? – O sorriso do rei desapareceu quando se virou.

Duncan tentou usar todo seu poder de persuasão.

– O Parlamento aprovou um subsídio. Apenas Vossa Majestade pode ordenar que as tropas marchem em defesa do norte do país.

Na realidade, Duncan sabia que seria preciso mais do que a palavra do rei. O dinheiro já tinha sido alocado, mas ainda faltava recolher e distribuir. Duncan não estava preocupado se mais tropas seguiriam para o norte.

– Devo insistir, quando o Conselho se reunir em janeiro, que isso aconteça – disse o rei, sorrindo.

Duncan conteve um lamento. Passar-se-iam meses antes que a ajuda chegasse; mesmo assim, ele fez uma reverência.

– Meus agradecimentos, Majestade. Só tenho mais um pedido a fazer, sobre meu pai.

– Não conheço seu pai – respondeu o rei com uma expressão de dúvida.

Duncan sentiu um puxão em sua roupa e viu que Jane alternava um olhar enfático entre ele e o chão de pedra. Duncan retesou o corpo, não era homem de se curvar facilmente.

– Meu pai, Majestade... – Então, forçou os joelhos a se dobrarem em sinal de submissão, imaginando o que seu pai pensaria se o visse naquele momento. – Meu pai foi feito refém pelos escoceses enquanto lutava valentemente para proteger os interesses reais na fronteira do país.

O rei permanecia com uma expressão impassível. Será que esperava que Duncan implorasse?

Jane apoiou-se no chão com um joelho sem nenhum esforço. Ela conseguia suplicar sem se humilhar.

– Vossa generosa Majestade sugeriu ao mestre Duncan que lhe pedisse ajuda para libertar o pai dele, no caso de o Parlamento não se pronunciar a favor.

Arrependimento e vergonha nublaram o brilho dos olhos de Ricardo, quando encarou Duncan como se fosse apenas outro homem igual.

– Minha generosa Majestade está, neste momento, impedida pelo Parlamento e pelo pulso firme do Conselho de agir livremente como um monarca deveria. – O rei fez uma pausa. – De quanto é o resgate?

Contendo a vontade de gritar que uma soma imensa fora liberada para salvar apenas um homem, Duncan falou o valor.

O rei arregalou os olhos, surpreso.

– Só isso? – Era uma ninharia quando comparada ao que gastara para libertar Hotspur.

– Para Vossa Majestade, sim – disse Duncan, ainda se esforçando para controlar o ódio. – Mas temos apenas uma casa-torre, alguns carneiros e alguns campos queimados. Eu levaria anos para levantar essa quantia. Vossa Majestade agiu com sabedoria quando foi preciso, quando tão bravamente conduziu a invasão à França e à Escócia. Precisamos que faça o mesmo agora, para que possamos defender nossas fronteiras.

– Traga o caso para a reunião do Conselho em janeiro – disse o rei. – Acho que podemos liberar essa quantia sem precisar convocar o Parlamento.

– Majestade... – Duncan se abaixou ainda mais em reverência, sem estar agradecido de verdade.

Conforme voltavam a pé para Cambridge, com o sol do final da tarde incidindo sobre seus olhos, Duncan não sabia se celebrava sua segunda chance ou se lamentava o fracasso.

– Seus vizinhos não podem ajudar? – Jane falava com o mesmo sotaque que o dele quando conversavam sobre assuntos pessoais. – Aqueles que possuem algum dinheiro terão que comprar seus homens de volta.

Homens que, um a um, podiam estar em casa na época do Natal, ou para a festa da Candelária, ou na Páscoa.

Passaram pelo convento de St. Radgund, depois a estrada ficou mais íngreme, passando pelo canal, e seguindo até a cidade. Duncan observou os cones de fumaça que serpenteavam das chaminés das residências; a melancolia trazida pelo perfume da madeira queimada trouxe recordações melancólicas de seu lar.

– Eu o deixei orgulhoso? – perguntou ela, ansiosa.

Em silêncio, ele se admoestou. Jane tinha falado com o rei, e se saíra bem.

– Você cumpriu o que prometeu. Acho que será chefe do Conselho do rei antes dos trinta anos. – Mas a ideia não o deixava feliz.

– Não foi isso o que perguntei. – Jane o olhou com olhos sombrios. – Eu estava tentando ajudar seu pai.

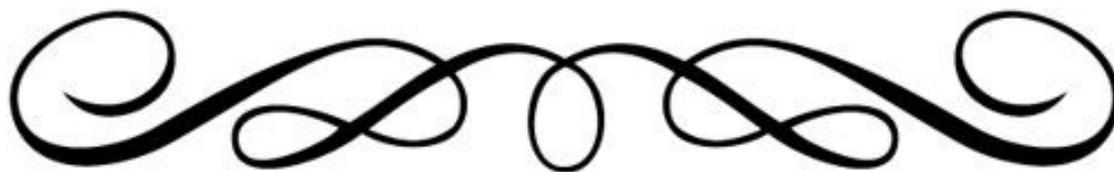
As palavras ficaram presas na garganta de Duncan. Fazia muito tempo que alguém se dispusera a ajudá-lo.

Se continuasse na companhia de John, abraçaria-o num gesto que passaria de mero agradecimento. Mas era Jane que estava a seu lado. E a tentação daquele corpo feminino parecia uma pequena ameaça quando comparada ao encanto do coração dela.

– Obrigado, Jane.

Duncan nem sequer tinha lembrança de quando agradecera a alguém.

## Capítulo 13



– PRIMEIRA PESSOA do presente, e não primeira pessoa do pretérito. Quantas vezes tenho de dizer a mesma coisa? – ralhou Duncan. – Repita.

Jane tentou mais uma vez.

Ela havia insistido para que estudassem naquela noite, apesar de que sua vontade era celebrar a vitória. Mas Duncan não estava com humor para comemorações depois da recusa do rei em pagar o resgate de seu pai.

E Jane queria continuar ao lado dele de qualquer jeito.

Era difícil acreditar que o rei estivesse à mercê do Parlamento e do Conselho para dispor de imediato de uma soma tão insignificante.

A luz foi diminuindo, e os poucos estudantes que estavam na sala saíram.

O escuro sempre a protegera antes, pois sem luz ninguém distinguiria se ela era homem ou mulher. Mas naquela noite as sombras a afetaram de uma maneira diferente, envolvendo-a como se fosse um manto protetor.

– Chega por hoje – disse ele, por fim.

Ao perceber que Duncan iria se levantar, Jane o procurou no escuro. Seus dedos tremeram ao tocá-lo no peito. Duncan reagiu de imediato afastando a mão dela, mas prendendo-lhe os dedos nos seus, e o que fora um gesto para afastá-la acabou unindo-os mais.

Duncan respirava com dificuldade, enquanto ela tentava conter o ritmo descompassado do coração. No instante seguinte, estavam os dois em pé, ela contra a parede. À mercê do desejo, ele procurou os lábios dela e, entreabrindo-os, passou a explorá-la com a língua.

A paixão que a dominou era infinitamente maior do que a diferença entre ser homem ou mulher. E mesclaram-se como dois afluentes desgovernados na direção da foz dos prazeres ainda desconhecidos. Jane preocupava-se apenas em fazer parte dele como sempre desejara.

Mas de repente algo mudou.

O beijo urgente e ansioso tornou-se exigente e cruel. Por um instinto feminino, ela sabia que o perdera naquele momento de união tão mágico. Já não era mais um beijo entre um homem e uma mulher, mas Duncan parecia puni-la por não ser um homem.

Ela virou a cabeça, afastando os lábios e procurando ar. A respiração dele esquentava-lhe o ouvido. E no segundo seguinte, como se tivesse sido vencido, ele deixou os braços cair ao longo do corpo e deu as costas.

Jane tateou-lhe os ombros, fazendo-o se virar. Estavam tão próximos que foi possível ver a frustração estampada no rosto dele.

– Chega de jogos, John, ou Jane, ou quem quer que seja. Não posso brincar de beijar enquanto você estiver vestida de rapaz.

– Isso não é um jogo. – Ela manteve o tom de voz baixo e urgente. Ninguém os descobriria.

– Decida-se. Quem é você, um homem ou uma mulher?

– Agora é você que está jogando. Sabe quem sou. – Era uma mulher; podia lutar contra sua natureza, mas não negá-la. Pelo menos não se estivesse nos braços dele.

– Nesse caso, *seja* uma mulher, Jane.

– Não me chame assim! E pare de me olhar desse jeito.

O apelo de sua voz combinava com a força do olhar dele. Olhando de longe, ela estava pronta para jogar tudo para o alto, só para voltar para os braços de Duncan.

– Não posso continuar com isso. Não aguento mais.

Jane permaneceu imóvel. Sabia a que ele se referia, pois também não suportava mais esconder o desejo.

– Escolha. Homem ou mulher. Você não pode ser os dois.

Mas era o que ela era. Vivendo entre homens, era os dois e nenhum, uma criatura presa no purgatório sem esperanças de se salvar.

– Não posso assumir um lado só. – Muito menos uma mulher, presa numa jaula de barras de ferro.

– Qual o problema em ser o que você é? Existem vantagens na vida de uma mulher.

– Vantagem? – indagou ela, tão furiosa quanto ele, queimando por dentro, mas não apenas magoada como uma moça, e sim com a ira de um homem. – Tudo o que vejo são privilégios negados. Privilégios que, para um homem, basta estender a mão para pegar.

– Parece tão fácil para você, não é?

– Parece? – A fúria de Jane ganhava força. – Como mulher eu não posso sequer abrir um livro sem permissão!

– E para que uma mulher precisa de um livro? Você já sabe mais do que eu jamais aprenderia num livro!

Jane ficou boquiaberta, mas não disse nada por um instante.

– Os homens são apenas animais tolos que lutam na terra sob a pressão das responsabilidades. – Duncan levantou as mãos, e ela imaginou vê-lo algemado. – Você não pode criar a beleza, ordem, suavidade... diabos, nem a vida! Não há livro que ensine isso.

Ela se lembrou das conversas que tiveram. *Mistério. Sentimentos. Inconstância.*

Se ele não conseguisse se controlar, ela daria um jeito de controlá-lo.

Sabia que havia supostos medos escondidos de um poder místico, uma espécie de conhecimento secreto que estava encarcerado no corpo e na mente das mulheres apenas. O conhecimento era tão

misterioso e inatingível para ela quanto para ele.

– Não possuo nenhum conhecimento secreto. – Ela havia buscado durante toda sua vida esse *algo diferente* que existia tão naturalmente em outras mulheres.

– Tem sim, e você nem sabe. – Duncan meneou a cabeça. – Eu devia ter percebido que você era uma mulher desde o início. Você traz flores para enfeitar nossa mesa rústica de madeira. Aperta os travesseiros para deixá-los mais fofos e escolhe as mantas pela cor, indiferente se são quentes ou não. Quem ensinou-lhe isso?

– Minha mãe? – A única coisa que ela lembrava era que tinha falhado no aprendizado.

– Ninguém. Você é uma mulher como qualquer outra. – Havia certa repulsa e diversão misturadas no tom de voz dele. – Não haverá mais aulas. Fiz com que se apresentasse ao rei. Agora, afaste-se de mim. Estude sozinha. Nem posso olhar para você.

– Mas e a minha promessa? – ela indagou, odiando sua feminilidade. – Somos companheiros, próximos como irmãos.

– Você não pode ser meu irmão, mocinha. – A rispidez daquelas palavras estavam por um fio para se transformar em ódio. Para evitar qualquer coisa de que pudesse se arrepender depois, Duncan deu as costas para ela e subiu as escadas.

– Eu dei a minha palavra. Vai me fazer quebrá-la?

– Já estava quebrada quando você a proferiu. – Ele não parou de subir os degraus.

DA MESMA forma como era natural vê-los juntos, era estranho estarem separados.

Duncan pediu a Geoffrey que continuasse os exercícios de latim com Jane, com a desculpa de que precisava retomar seus estudos, tão negligenciados nos últimos tempos. Assim, Duncan mal via Jane. Matava saudade apenas ouvindo-a recitar alto na sala da hospedaria.

Na metade de novembro, eles se viram de novo. Duncan descia as escadas para se esquentar na lareira da sala quando ela terminava uma leitura.

– Você fez grandes progressos, John – disse ele, arrependendo-se da decisão de não ter sido o mestre que a preparava para as aulas de gramática, lógica e retórica.

Jane meneou a cabeça, murmurou um agradecimento, desculpou-se dizendo que precisava preparar o jantar e deixou a sala. Duncan reparou que os quadris dela se movimentavam de um jeito bem feminino. Será que ele era o único que via que *ele* era *ela*? Ou será que Jane se tornara mais feminina agora que ele sabia a verdade?

Duncan olhou para o rosto amedrontado e contraído de Geoffrey, quando Jane sumiu.

– Duncan? – chamou sussurrando para que os dois outros homens na sala não os ouvissem. – John anda como uma mulher. – Seu rosto agora ostentava uma expressão de horror. – Será que o garoto é uma menina?

Duncan refugiou-se num longo silêncio. Devia estar aguardando por isso e já ter preparado uma resposta.

Em vez disso, caiu na risada.

– Você acha graça em tudo – reclamou Geoffrey. – Estou falando sério. Não percebe o que isso significa? Que todo esse tempo...

Duncan continuou rindo forçado para ganhar tempo para pensar. Por fim, quase engasgando, conseguiu dizer:

– Uma mulher? Então ela possui o maior *botellus* que já vi numa mulher. – Sorria, com as bochechas doendo pelo esforço.

Geoffrey ficou aliviado.

– Você viu? Quando? O garoto tem vergonha até de mostrar os ombros.

*Quando?* Duncan parou de rir.

– Ele precisou aliviar a bexiga ao voltarmos da taberna, dia desses.

Geoffrey içou as sobrancelhas como se não estivesse convencido.

– Juro. – Duncan pediu perdão em silêncio pela mentira. – Você está sentindo tanta falta da srta.

Mary que vê mulheres em todos os estudantes.

Geoffrey fechou o punho, fingindo um golpe em Duncan, mas desistiu, sorrindo.

– Falta pouco para as férias natalinas. É melhor controlar meus pensamentos, não é?

Duncan tornou a rir, como se o assunto estivesse encerrado, quando estava apenas começando. Mal podia olhar para John sem ver – pior: *desejar* – Jane. Quanto tempo levaria para que a próxima pessoa percebesse e suspeitasse como Geoffrey?

JANE ADQUIRIRA prática em evitar Duncan. Quando chegou a hora de celebrar o sucesso de Henry em uma prova, ela os acompanhou à taberna. Henry se tornaria um mestre na primavera. Esse era o motivo da comemoração.

Jane se sentou na ponta da mesa, o mais longe possível de Duncan, e durante a noite inteira trocou apenas uma ou duas palavras com ele.

Ignorou-o também quando ele a mencionou no caminho de volta à hospedaria. Geoffrey e Henry seguiram a frente, deixando os dois para trás. Duncan segurou o braço dela para ajudar a pular uma poça, mas ela se livrou do contato.

– Pare de me tratar como uma mulher. Assim todos vão perceber.

– Geoffrey já suspeita. Conjuge o verbo *amo*.

Jane o encarou estranhando a escolha, pois amar não era um verbo que queria analisar.

– Por quê?

– Faça... – disse ele, inclinando a cabeça na direção dos homens a sua frente. – Alto para que eles ouçam.

– *Amo, amas, amat...* – recitou ela alto e baixou a voz para perguntar: – Acha que Geoffrey desconfia?

– Ele a viu saindo da sala na noite passada e comentou que você caminha como mulher.

Jane olhou para a frente. Ao se afastar de Duncan, começou a passar mais tempo com Geoffrey, aumentando assim suas chances de cometer um erro.

– A culpa é sua. Você tem me olhado de um jeito estranho.

– Eu não. Acabei de salvar seu disfarce. – Ele elevou a voz para pedir: – Agora, no plural.

– Como? *Amamus, amatis, amant* – gritou ela em latim.

– Ótimo. Agora o imperfeito. – Duncan acenou para Geoffrey e Henry, e baixou a voz para falar com Jane: – O que eu podia ter feito? Acabei rindo.

– Deu risada?! – perguntou ela com a mesma entonação para esconder o que falavam. – *Amabam, amabas, amabat, amabamus, amabatis, amabat*. Não há motivo de riso. – O fato é que ela havia se

acomodado numa falsa sensação de segurança. A cadeia, ou um castigo pior, estava tão perto como um movimento em falso.

– *Amabant*, e não *amabat*. Ri porque precisava de tempo para pensar.

– *Amabant*. O que você disse?

– Conteí que vi você aliviar a bexiga e que tinha certeza de que era homem.

Agora foi *ela* que riu, aliviada com a cumplicidade que voltara entre eles.

– Baixe a voz – preveniu ele. – Você ri como uma mulher.

– O que há de tão engraçado aí atrás? – Geoffrey quis saber.

– É uma história longa demais para contar – disse Duncan, fazendo-a rir de novo. – É sobre um fiscal, um cristão e o subjuntivo, voz passiva e o tempo imperfeito.

– Ah, eu conheço essa! – gritou Henry. – É suja!

– *Amarer, amareris, amaretur!* – gritou Jane.

As risadas cessaram, e ela mordiscou o lábio de novo.

– Tem certeza de que ele acreditou?

– Acho que sim, pois insultei a masculinidade dele. Agora, o plural.

Jane ficou triste e arrependida. Geoffrey, que tinha sido o mais gentil e doce de todos, agora era alvo de uma mentira sua.

– *Amaremur, amaremini, amarentar.*

– *Tur. Amarentur.*

Ela o olhou com um sorriso maroto.

– Você disse a ele que viu meu *botellus*? Não é totalmente falso. Você até o segurou.

Duncan ficou vermelho até a raiz do cabelo.

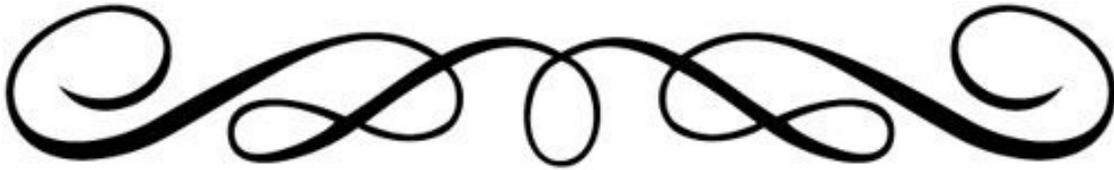
– Foi a única coisa em que pude pensar na hora, já disse.

– E era desse tamanho? – Jane levantou as mãos afastadas, sem parar de rir.

– Você não teria um nem da metade desse tamanho com esses pés tão pequenos.

Duncan não a impediu de fingir que lutava quando caíram na lama da rua gelada. Pelo menos por um momento ela era um deles de novo.

## Capítulo 14



ALGUNS DIAS mais tarde, Jane foi até a taberna depois da refeição matinal para pedir suprimentos para a hospedaria. A princípio não reparou no estranho. Depois de três meses, sabia quem era quem e a que lugar pertencia. Podia distinguir um aluno de um mestre, um médico de um mercador e um dono de taberna de um boticário.

Aquele homem tinha uma altura normal e orelhas grandes, mas não pertencia a nenhuma categoria conhecida. De súbito, para piorar seus temores, descobriu que era um empregado a serviço de sua família. Refugiou-se num canto escuro da taberna, escondendo o rosto. Será que o irmão de Hawys falara demais? Será que sabiam que ela estava em Cambridge?

– Posso ajudá-lo? – indagou a dona da taberna.

– Estou procurando uma garota fugitiva.

Jane encostou-se na parede, dividida entre o medo e a vontade de pedir notícias de casa. Seu coração batia tão forte que ameaçava saltar-lhe do peito.

– Não vi nenhuma garota por aqui. Qual o crime que ela cometeu?

– Ah, não é nada disso. Ela fugiu da família, que a está procurando. – O homem tirou a capa e se sentou. – Gostaria de um trago. Novembro é frio para viajar por essas estradas.

Jane se aproximou, enquanto a moça servia o estranho e punham-se conversar sobre estradas e viagens. Será que ele a reconheceria? Conseguiria enganá-lo? Tinha de fazer algo, se quisesse notícias de casa.

– Como é a garota? – perguntou Jane, usando seu tom mais baixo de voz, coçando o rosto para se esconder, fingindo pensar.

– Ela tem 17 anos, cabelo loiro, olhos azuis e não é muito gorda. – O homem riu, mal olhando na direção de Jane.

– Por que fugiu? – Jane não gostou do insulto, mas estava curiosa do que ele diria e do que sua família dissera.

– Aí está o mistério de tudo. Por que ela fugiria de casa? Sua vida era maravilhosa, uma família adorável e um casamento em vista.

Jane engoliu o nó na garganta. A vida que considerava uma prisão parecia um paraíso dita daquela forma.

– Uma jovem tola de uma família boa fugiu? – indagou a dona da taberna, meneando a cabeça. – Nunca ouvi contar algo assim.

– Trata-se de uma boa família, de fato. – O homem debruçou-se sobre o balcão, e a mulher também, para ouvi-lo. – Ela é filha de Alys de Weston.

– Nossa, então o pai dela era o rei!

– Isso mesmo, ela tem sangue real nas veias.

Jane sentiu-se mais alta, como sempre acontecia quando mencionavam seu pai.

– É uma história triste – continuou a dona da taberna. – Uma mulher sozinha não é bom, ainda mais jovem e inexperiente. Posso dizer por experiência própria de quando cheguei aqui. Mas essa mocinha não deve ter tido tanta sorte. Na certa caiu de amores pelo primeiro fora da lei que conheceu e deve estar morta numa vala qualquer.

Se não tivesse Duncan a encontrá-la aquele certamente teria sido seu destino.

– Foi o que eu disse a eles. – O homem encolheu os ombros. – Fizeram-me vagar de Londres a Oxford, parando em todos os vilarejos pelo caminho. Sinto que fui de Pilatos a Herodes, mas faço o que me mandam. Agora eles acham que ela pode estar aqui.

A taberneira o serviu com uma pesada caneca de cerveja.

– E sabe do que mais? A família acha que ela pode estar vestida como um rapaz.

Jane se curvou, cruzando os braços sobre o peito, temendo que a faixa fosse denunciá-la.

Ele não esperou que alguém comentasse, e continuou a falar, feliz por ter audiência:

– Eu disse que era besteira. Ela costumava se vestir como rapaz pelos campos, mas nenhuma mulher faria algo assim. Não longe de casa.

Satisfeita por aquele tolo, como todos os outros, não ver o que estava debaixo do próprio nariz, Jane levantou a cabeça.

– Eles acham que ela está em Cambridge?

– A garota mandou um bilhete dando notícias. Um rapaz o entregou.

– Acho que a vi – disse Jane, com o coração aos pulos.

Será que ele não a reconheceria mesmo?

– Qual o nome dela?

– Jane. Jane de Weston – respondeu ele, depois de um gole de cerveja e uma rápida olhadela.

O nome soou estranho para ela, como se não lhe pertencesse mais.

– Você disse que tem cabelo claro?

– Sim, e seria bonita se tivesse se cuidado, mas vivia como uma selvagem. Ninguém nunca a forçou a fazer nada. Era muito mimada. Eu diria que ela ter fugido foi uma boa solução.

Jane sentiu o rosto queimar e engoliu o bolo que se formou em sua garganta. Será que todos os criados a viam daquela forma?

– Bem, encontrei alguém parecido na estrada, no último outono, mas acho que ela *estava* vestida de rapaz.

– É isso. E você descobriu na hora, não foi? Pobre garota. Pode ter sido mimada, mas não merecia um destino assim. Deve estar morta agora.

Jane queria confortar a família, e não assustá-la ainda mais.

– Ah, acho que não. Ela seguia com um grupo de peregrinos e parecia bem protegida.

– Foi isso o que o garoto disse, mas não há peregrinações no outono.

– Talvez ela precisasse fazer uma prece urgente. Quem sabe uma doença, ou pagar uma promessa. –

Ela sentia a necessidade de uma penitência como nunca.

– Quando eu disser isso para a família, vão me mandar caçá-la nas sombras de novo. Bem, o que mais você sabe, garoto? Para onde estavam indo?

– Para o santuário de Godric.

Finchale ficava bem ao norte de Cambridge. Longe demais para seguirem-na; pelo menos era o que Jane esperava.

– Obrigado. Não é muito, mas é uma novidade. A família vai ficar muito feliz em saber notícias. Bem, é melhor eu seguir meu caminho.

Jane segurou-se à mesa. Não podia deixá-lo partir sem antes dizer algo sobre Solay. Levantou a voz para ser ouvida. O homem já estava à porta de saída.

– O garoto que encontrei disse algo sobre uma irmã que teve um bebê.

– Então era ela mesma. – Ele parou, como se a informação o tivesse pegado de surpresa.

– O que aconteceu com a irmã e o bebê?

– Ah, lady Solay e o pequeno William passaram maus bocados. – O homem meneou a cabeça e virou as costas para sair. – Mas estão bem agora, tanto que irão viajar com lorde Justin em breve.

Jane resistiu à vontade de impedi-lo de sair para saber aonde Justin e a família estariam indo, mas aos olhos daquele criado ela era apenas um rapaz sem razão nenhuma para se preocupar tanto com desconhecidos.

– Certamente era ela – gritou. – Estava preocupada com a irmã. Pode dizer isso à família.

O homem acenou sem olhar para trás.

*Por favor, diga isso a eles.*

DEZEMBRO CHEGARA, e Duncan precisou quebrar o gelo do balde para poder lavar o rosto. As festas de final de ano se aproximavam e a hospedaria começava a se esvaziar. Haveria férias de um mês antes da época do jejum, mas muitos saíam antes, ansiosos por encontrar suas famílias.

Henry e Geoffrey foram os últimos a ir embora.

– Você não vem conosco, Duncan?

– Não, Henry, não quero correr o risco de perder a reunião do Conselho. – Apesar de ser uma desculpa, não deixava de ser verdade. Duncan precisaria estar em Westminster no dia 20 de janeiro.

Duncan ia o menos possível para casa. Não suportaria olhar para a cadeira vazia e acusatória do pai. Além do mais, não passara por sua cabeça deixar Jane sozinha.

– Tentaremos trazer notícias de seu pai – disse Geoffrey, e Duncan agradeceu, meneando a cabeça.

– Não se meta em encrenca. – Henry acenou ao tomar o rumo da estrada.

– Como eu poderia? – Duncan gritou. – Tenho de bancar a babá do garoto.

Jane continuava resoluta em não dizer mais nada sobre sua família ou sequer considerar tirar o disfarce. Agora, sozinhos na hospedaria, Duncan teria mais tempo para considerar o que fazer a seguir e

persuadi-la a acatar sua decisão. No entanto, não estava muito animado com a ideia.

JANE DECIDIU que o evitaria, escondendo-se no dormitório vazio dos rapazes antes de o sol se pôr. Empilhou três colchões no chão, colocou outros três sobre o cobertor e ficou ali, tremendo com os dedos dos pés gelados.

Quando o ouvia se aproximar, escondia a cabeça debaixo dos colchões, esperando que Duncan acreditasse que ela dormia. Respirou bem devagar e com cuidado ao perceber que ele vinha vindo. Um momento de silêncio. Duncan logo suporia que Jane estava num sono profundo e iria embora.

Mas, em vez disso, ele a descobriu.

Jane se encolheu de frio e apertou os olhos.

– Sei que está acordada.

Ela abriu um olho e o viu agachado bem a seu lado.

– Eu estava dormindo antes de você me descobrir e me deixar morrendo de frio.

– Venha, vamos para o meu quarto.

Jane cerrou os dentes, evitando que tiritassem.

– Prefiro ficar aqui. – Seria tentador demais dividir o quarto com ele, e resistir ao desejo de compartilhar de seu calor também.

– Está gelado neste lugar, e não podemos pagar pela lenha para aquecer todos os quartos. – Duncan arqueou uma sobrancelha, desafiando-a. – Eu faria a mesma oferta se você fosse um homem, portanto, levante-se e deixe de pensar tanto.

Duncan sorria de lado, mas estava escuro demais para que ela pudesse estudar os olhos dele.

– Não tocarei em você, se é o que teme.

E era mesmo, mas Jane não queria que ele soubesse.

Resmungando, ela se levantou e acompanhou-o pela escada, enrolada numa manta. Assim que cruzou a porta do quarto dele, sentiu o calor envolvê-la. Seus músculos, contraídos de frio, relaxaram. Nunca mais teria como certo o luxo de uma lareira num quarto de dormir. A lenha, tão preciosa quanto as velas, estalavam, e suas chamas dançavam, fazendo um jogo de sombras nas paredes. Bem diferente da sala de convivência, o calor chegava aos quatro cantos do pequeno dormitório.

– Fique com minha cama.

Jane observou que o tom acinzentado dos olhos de Duncan reluzia com as chamas da lareira, dando a impressão de que havia nuvens se movimentando pela retina refletindo um misto de beligerância e carinho.

– Eu *não* vou dormir com você – disse ela, já pronta para discutir.

– A cama é toda sua. Eu dormirei... – Ele olhou para o espaço vazio diante da lareira. – No chão.

– Você está me tratando como mulher.

– Bem, sabemos que você é uma mulher.

Jane chegou a abrir a boca para dizer que aquele argumento não a convenceria e por isso havia perdido a discussão, mas ele não lhe deu tempo para tanto.

– Fique quieta e deite-se. Não quero cuidar de ninguém resfriado.

Teria sido lógico continuar a argumentar, mas quando ela se deitou e sentiu o calor envolvendo seu corpo pela primeira vez no dia, decidiu que continuaria a brigar com Duncan pela manhã. Puxou a coberta até os ombros, ainda protegida pelas roupas, enquanto ele a observava da porta.

O olhar penetrante de Duncan a aqueceu tanto quanto as chamas da lareira. Por meses dormira em um quarto repleto de rapazes, mas não se sentira tão exposta, mesmo porque nenhum deles prestara muita atenção a “John”.

Mas Duncan sabia quem ela era.

– Durma bem.

– Aonde você vai?

– Volto depois que você adormecer.

Jane ouviu a porta se fechar antes mesmo que virasse a cabeça. No aconchego dos cobertores não demorou muito para que cochilasse, mas acordou pouco depois. Acordada e sozinha, permaneceu imóvel. Esperando. Só estava ali porque Duncan abria mão do próprio conforto por ela. Duncan cuidava dela tão bem quanto sua família, e ela nunca lhe agradecera por isso.

As notas do alaúde soaram baixinho através da porta, como se não quisessem ser ouvidas. Jane se virou para cima, para ouvir melhor.

Duncan só tocava dois tipos de música. Uma delas era alegre, geralmente tocada quando o grupo estava reunido; os homens batiam palmas e as canecas, cantando com vozes estridentes. O outro tipo eram baladas melancólicas, tocadas num tom mais baixo, carregadas de sentimentos de solidão ou saudade de casa. Essas ele tocava sozinho, quando achava que ninguém o ouvia.

Porém, aquela melodia era diferente, não se encaixava em nenhuma das categorias.

Jane não reconheceu as notas. Duncan cantou a mesma frase de duas maneiras diferentes, como se estivesse compondo uma nova canção. A melodia era nostálgica, mas também ressoava esperança e otimismo. Tratava-se de uma pergunta, ou um lamento.

Será que ele sentia saudade das amadas montanhas? Ou as notas eram para ela?

Duncan começou a tocar quando achou que Jane estivesse dormindo; não queria ser ouvido, mas a melodia falava de um sentimento que coincidia com o que ela experimentava.

Os versos eram sobre a saudade que um homem tinha de uma mulher.

Jane se sentou na cama sem se preocupar com o frio. Aos poucos tirou peça por peça de roupa, primeiro a calça e a túnica, desnudando-se para poder ser tocada nos seus recônditos mais íntimos. A melodia estava mais cadenciada, como se Duncan tivesse acertado as notas que procurava. Notas estas que acariciavam seu corpo como se fossem os dedos dele.

Dobrou as peças de roupa e as colocou cuidadosamente de lado. A única coisa que ainda a cobria era a faixa dos seios. Sentada de pernas cruzadas na cama, Jane desenrolou a faixa.

DUNCAN SUBIU as escadas devagar. Ainda não estava pronto para se deitar, mas tinha esperança de encontrar Jane dormindo. O fato era que mesmo distante nunca deixara de estar com ela. Jane se achara em cada nota dedilhada no alaúde havia pouco, e que se perderam pelo ar da noite fria e clara.

Com a hospedaria cheia, era mais fácil controlar o desejo por ela. Mas agora encontravam-se a sós... Duncan precisava se convencer de que não podia possuí-la.

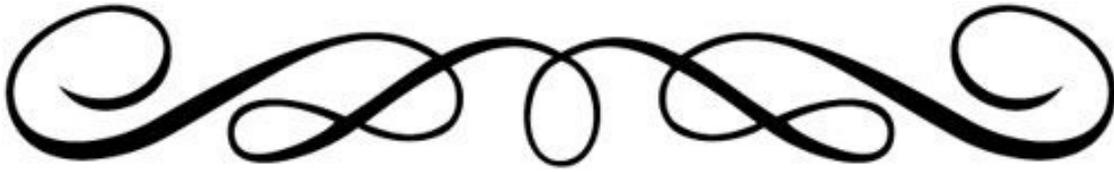
Abriu a porta bem devagar.

Jane estava sentada no meio da cama, enrolada numa manta marrom, e não em um sono profundo como previra. Parecia que o aguardava. Ela havia acendido uma pequena vela e colocado perto das brasas da lareira.

– O que houve? Você está doente? – indagou ele por entre os dentes ao colocar o alaúde no chão.

Sem dizer uma só palavra, ela saiu da cama, aproximou-se e abriu o cobertor, finalmente assumindo sua feminilidade inequívoca e gloriosa.

## Capítulo 15



NAQUELE MOMENTO, todos os pensamentos e a lógica o abandonaram. Cada grama de energia de seu corpo convergiu para baixo da cintura.

Jane procurou mantê-lo preso pelo olhar, mas Duncan estava com toda a atenção nos seus seios, livres, pequenos, suaves e pálidos como a lua, exatamente como ele vislumbrara em seus sonhos.

A pele dela era alva, nunca havia sido exposta ao sol e sempre protegida do vento. Deus a presenteara com uma pele imaculada. Sempre que brincara com Little John, aquele corpo lindo e delicado estivera ali, escondido.

Em seguida passou o olhar pela cintura dela, mais estreita do que imaginara, depois seguiu para a curva do quadril, algo que jamais enfeitaria o corpo de um homem. Mesmo sem tocá-la, Duncan a devorava com os olhos, sabendo que ela esperava para encará-lo novamente.

Mas, em vez de levantar a cabeça para fitá-la, ele continuou a expedição, parando na região entre as pernas bem torneadas e... Santa Maria Mãe de Deus, não devia olhar, mas já não tinha controle algum sobre o próprio desejo. Uma penugem clara e encaracolada guardava o segredo da feminilidade de Jane.

Ela soltou o cobertor e deu um passo na direção dele.

Duncan tentou falar, engolir ou até impedi-la. A mente de um homem era mais forte do que os sentimentos de uma mulher. No entanto, segundo os sábios, um iletrado permitia que a luxúria regesse seus movimentos. Ele tentou resistir, sabendo que depois que deitassem juntos nada mais seria como antes. John não existiria mais. Era uma verdade clara para Duncan, caso ela não entendesse. Contudo, não conseguiu formar nenhuma frase, ou pensamento coerente.

Jane não esperava ouvir nada. Em silêncio, ela abriu o capote e o fez deslizar pelos braços de Duncan. Não o jogou no chão como ele teria feito. Levou a peça ao nariz para inalar o perfume impregnado na roupa, depois o dobrou e colocou na pequena pilha de roupas sobre o baú ao pé da cama.

Duncan devia ter sentido frio sem o casaco, mas o toque delicado das mãos de Jane disparou uma fagulha que aqueceu todo seu corpo. Com vagar, ela segurou-lhe a túnica pela barra e puxou-a passando pela cabeça dele. Em seguida desvirou-a, sacudiu, dobrou e colocou sobre a pilha.

Ele estava fascinado por aqueles dedos hábeis que o tocavam como se fossem uma pluma, deixando-o mais excitado do que se tivessem se jogado na cama logo.

Forçado a esperá-la cumprir o ritual, a paixão tornou-se dona de seus sentimentos. Como Jane conseguia se mover com tanta calma quando ele mal podia se conter para tomá-la nos braços? Será que ela também não lutava contra o desejo que o dilacerava, completando cada passo daquele ritual sem a menor pressa? Ele se forçou a ficar imóvel. Se liberassem as comportas que ainda mantinham presa a imensa paixão, acabariam por se afogar os dois.

Não podia possuí-la de qualquer jeito, pois para ela seria a primeira vez. Usando toda a força que possuía para permanecer enraizado no chão como se fosse uma árvore majestosa, deixou-a tirar-lhe a blusa. Jane procurou não encostar nele, mantendo as mãos afastadas; mesmo assim, chegou a roçar-lhe o peito. Mas Duncan ficou sem saber se o que sentira tinham sido os dedos dela ou tecido deslizando sobre sua pele. Quando Jane se ajoelhou, ele olhou os ombros largos para uma mulher. Compreendia agora, usando uma parte ínfima de seu cérebro que ainda funcionava, que ela usara uma túnica bem larga para cobrir os seios enfaixados.

Ela desamarrou a calça dele e a puxou para baixo junto com a ceroula, liberando o *botellus* forte e orgulhoso. Duncan fechou os olhos e grunhiu baixinho.

Jane começou a rir.

Duncan abriu os olhos.

Quando ela olhou para cima, seus lábios curvaram-se num sorriso, enquanto media-lhe o pé.

– Bem, aqui está um homem de pés grandes – disse ela, forçando o sotaque no interior.

Duncan deu risada, agradecido pela chance de respirar.

– Querida, agora que a vi, é capaz de ele ainda crescer.

Ela se levantou e ficou bem próxima a ponto de quase levá-lo à loucura, imaginando o que lhe era oferecido e o quanto a desejava.

Jane segurou-o pelos braços com força, dispensando a delicadeza usada até aquele momento.

– Eu te quero.

Duncan viu algo novo nas profundezas daqueles olhos azuis e ardentes.

– Jane... – O nome dela soou como um murmúrio nos lábios dele.

E não houve mais tempo para nenhuma outra palavra.

Ele a beijou, provocando-a com a língua, fartando-se do sabor de amêndoas, mel, beleza e esperança. E pressionou o corpo contra o dela, sentindo os seios miúdos, os quadris e as coxas, que passou a explorar com mãos afoitas até embrenhar os dedos pelo cabelo dela. Ofegante como se tivesse corrido quilômetros, lembrou-se de que precisava ir mais devagar.

Assim, afastou-a, não porque quisesse ficar longe, mas para que seus olhos admirassem mais uma vez a beleza de Jane, doce Jane, que já era dona de seus pensamentos dia e noite.

Ela ergueu o queixo e sorriu, tímida.

– Como não percebi antes? – murmurou ele.

– Acho que você soube o tempo todo.

Ela estava certa, pois o cativara desde o primeiro momento. Não seria normal aquela ânsia em ajudá-la, ou a irritação quando ela se recusava a aceitar, até nesses momentos de conflito, ele sabia.

Correndo a mão pelo braço de Duncan, sua pele clara contrastando com a dele, ela disse:

– Está vendo? Você também sabe de coisas que não estão nos livros.

Seria impossível colocar em palavras o que ele sabia, era um sentimento indescritível que pulsava em suas veias como a melodia de uma canção à procura de harmonia.

– Sei que vamos fazer amor. Vou preenchê-la a ponto de não sobrar mais nenhum espaço vazio.

– Acho que isso já aconteceu – respondeu ela.

Quando tornaram a se beijar, Duncan soube que, de novo, ela estava certa. Chutando o cobertor do caminho, ele a ergueu no colo, colocando-a na cama e se deitando a seu lado, sem deixar de tocá-la.

Jane não permaneceu deitada imóvel, como uma mulher ou um receptáculo passivo para da luxúria. Os beijos dela eram profundos, ansiosos, e as mãos, ousadas. Segurando-o pelo ombro, depois deslizando as mãos para o peito largo, ela brincou com os pelos que encontrou no caminho.

– Você é diferente – murmurou ela ao circular o mamilo dele com a ponta do dedo, uma imitação mais clara do seu.

Duncan afastou-lhe as mãos, percebendo a respiração se acelerar, mas ainda estava disposto a não adiantar o processo de sedução.

– *Você é diferente* – disse ele, abaixando-se para beijar-lhe os mamilos com reverência, encantado com a suavidade do seio em sua boca e a rapidez com que os bicos enrijeceram.

Com um murmúrio gutural, ela se curvou para trás, descendo a mão pelo tórax dele, barriga, até segurar a masculinidade rígida, que latejou ao ser acariciada.

– Você é duro e suave ao mesmo tempo. – As palavras dela tinham um efeito mágico. – Eu jamais conseguiria imitar esse *botellus* colossal.

– E por que a vontade?

Sem esperar pela resposta e cedendo à mesma ansiedade que a consumia, ele embrenhou os dedos por entre a penugem sedosa e encaracolada no meio das pernas dela. Jane afastou as coxas sem hesitar, empurrando os dedos dele com a mão trêmula.

– Não se apresse querida... – Duncan dizia mais para seus ouvidos do que para os dela.

Era a primeira vez que fazia amor com uma virgem.

As mulheres que tivera antes ou eram prostitutas, ou uma eventual viúva que já conhecia os passos de uma relação. Geralmente seguiam dois padrões iguais: ou ficavam deitadas e imóveis, ou gemiam como ovelhas quando eram toadas para mostrar excitação.

Aquelas mulheres já tinham sido moldadas havia muito tempo por outros homens. Não esperavam nada dele. Ele era um homem. Era o que bastava.

Mas Duncan seria o padrão para Jane. Tudo o que fizesse iria gerar expectativas para o restante da vida dela. Seu toque seria a melodia que ela seguiria, e qualquer homem que viesse depois teria de satisfazê-la do mesmo modo. Um homem que a faria feliz por ser mulher, e não um rapaz.

Com os dentes cerrados, Duncan procurou se controlar ao máximo e lembrar o que conhecia do corpo de uma mulher. *Sei o que fazer*. Jane já o ouvira gabar-se de seu talento com mulheres. No entanto, só agora ele percebia que o que conhecia era o *seu* corpo, e não o de uma mulher. Lábios, seios e a parte íntima. Sabia onde ficava cada uma das partes, mas receou não saber tocá-la para proporcionar o mesmo prazer que desfrutava.

Primeiro, introduziu um dedo nela, depois dois... De olhos fechados, Jane virou a cabeça. Ela estava úmida e quente, o que era bom, mas era tão magra e apertada que se não tomasse cuidado seria capaz de rasgá-la.

*Eu te quero*, ela dissera.

Duncan pretendia ensinar o significado de suas palavras até o final da noite. Quando terminasse, ela jamais iria cogitar ser homem de novo.

Pensando assim, voltou a beijá-la nos seios.

CADA PARTE do corpo dela que tocava estava em chamas. Seios, pulsos, lábios, pescoço, até mesmo o cabelo parecia estar queimando.

O único pensamento coerente que passava pela cabeça de Jane era fundir-se a Duncan, assim não seriam mais seres separados. Quando era tocada, não sabia mais se era a pele dele ou a dela. Murmuravam de prazer em uníssono.

Ao segurar-lhe o membro rijo, ela teve a impressão de estar envolvendo com veludo uma barra de ferro, mas a verdadeira sensação abrasadora vinha de seu interior, como se já estivesse sendo possuída.

Não se achavam mais separados pelas roupas, mas até mesmo a pele parecia uma barreira espessa. Se possível fosse ela também os despiria da pele para que pudessem se dissolver numa pessoa só.

– Espere, você não está pronta – disse ele, afastando-a.

Mas Jane se encontrava muito além disso, como se tivesse esperado toda a vida pelo homem que a faria desejar ser uma mulher.

O que já ouvira sobre fazer amor de todas aquelas mulheres tolas que ignorara? O que deixara de aprender sobre o corpo dele? E do seu?

Indiferente a tantas dúvidas, ela deslizou a mão pelo rosto com a barba por fazer para poder fitá-lo nos olhos. A vela se apagara, mas os olhos dele ainda brilhavam.

– Possua-me – sussurrou ela e afastou as pernas para recebê-lo.

Quando Duncan a tocou, seu corpo reagiu mais rápido, mas apenas no centro de sua feminilidade. Jane se sentiu levitar, perplexa pelas maravilhosas sensações que seu corpo era capaz de favorecer. Seguindo um instinto primário, cobriu a mão dele com a sua, sem saber direito como proceder até que entrou no mesmo ritmo que ele, vibrando em harmonia, como se não pudessem mais entoar aquela canção separados.

De repente percebeu que todos os seus sentidos convergiam para aquele ponto onde os dedos de ambos se encontraram, e a necessidade de recebê-lo em seu corpo tornou-se premente. Duncan devia ter ouvido ao apelo silencioso e a cobriu com seu peso para possuí-la.

Naquele momento de união, enfim, não eram só um homem e uma mulher. Não havia mais diferenças, pois se fundiram em um único ser espiritual, deixando de ser apenas dois corpos, mas um só.

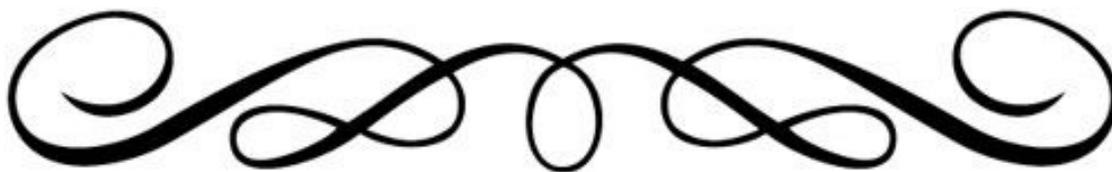
Então era esse o segredo de um homem e uma mulher?

Quando estava perto de atingir o clímax, ele saiu e expeliu sua semente no colchão. Jane se segurou a Duncan com força enquanto o via tremer e se aquietar. Ao beijá-lo na têmpora úmida, brincando com os cachos de cabelo dele, Jane se sentiu dividida entre o carinho que tinham compartilhado e o resultado, porque depois da união voltaram a ser dois seres separados.

As brasas da lareira tinham se apagado. Jane o segurou até ele dormir. O sentimento maravilhoso de ser uma mulher plena terminou como a fumaça.

Voltara a ser apenas Jane de novo, e seu antigo medo retornou com um novo disfarce. Agora era de fato dependente daquele homem. Se não o tivesse não se contentaria com mais nada na vida.

## Capítulo 16



JANE NÃO saberia dizer qual dos sinos os acordou. Foi difícil distinguir entre o amanhecer e o anoitecer com o céu tão sombrio de inverno. Ela achou que haviam dormido durante a missa e não fazia ideia das horas. Mas estava tudo calmo, muitos dos estudantes já tinham viajado, e os padres abririam a igreja mais para si mesmos.

Mas ela não precisava abrir os olhos para saber onde estava e com quem.

Durante toda a noite, Duncan a tocava, mas sem apertá-la ou impedindo-a de se mover. Toda vez que acordava, ele estava a seu lado observando-a.

Agora, enfim ele dormia.

Jane continuava ao lado dele em plena felicidade, sentindo o corpo vestido com uma roupa que servia com perfeição. Os dois respiravam na mesma cadência tranquila, enquanto ela ouvia um vendedor de madeira anunciando sua mercadoria. Ao aguçar os ouvidos, achou estranho o som das botas do vendedor sobre a terra. Saiu da cama e correu para abrir as cortinas e a janela.

A terra estava coberta por um manto branco, e alguns flocos se prendiam nas árvores.

Neve. A primeira da estação.

Uma corrente de ar frio a resfriou enquanto puxava as roupas da pilha, vestindo-as com pressa.

– Duncan, acorde!

– O quê? – Ele despertou rapidamente e se levantou em estado de alerta, como se empunhasse uma espada. – Quem está chegando?

Jane sorriu. A espada em questão era aquela que fazia parte de seu corpo.

– Ninguém. Veja! – Ela apontou para fora pela janela. – Neve!

Ele esfregou os olhos com as duas mãos e olhou para fora.

– Isso não é neve – disse, fechando as cortinas para se proteger do frio e pulou de volta na cama. – Não precisa nem usar botas. Nas montanhas, a neve é tão alta que um carneiro não consegue andar.

– Eu gostaria muito de conhecer! – Jane gritou por cima do ombro, correndo para as escadas, sem se dar conta de que dissera que tinha esperanças de ele levá-la às montanhas algum dia.

Ficou parada à porta do pequeno quintal, admirando os galhos das árvores enfeitados de branco e respirando o ar úmido. O mundo se renovava, deixando o passado para trás.

Ouviu passos vagarosos vindos da escada. E quando menos esperava, Duncan a segurou pela cintura e a rodopiou. Tonta, ela gritou como uma criança, feliz por ter sido pega por braços conhecidos.

Depois de colocá-la no chão, saíram para o quintal. Jane se abaixou, pegou um pouco de neve, fez uma bola e jogou na direção de Duncan, atingindo-o no peito. E saiu correndo.

Ele a alcançou, e os dois rolaram no chão, encharcando-se de neve nas orelhas, no cabelo e na boca. Quando ele a prendeu no chão pelos braços, Jane riu e, com o olhar fixo no dele, viu brotar a chama do desejo.

Bastava um toque, um olhar para que a neve se derretesse pelo fogo da paixão entre eles. Ela tentou escapar, mas ele a prendeu de novo.

– Não me olhe assim – pediu ela.

– De que jeito?

– Como se eu fosse pão com mel prestes a ser devorada. Isso me denunciaria antes da falta de barba. De súbito, ele se afastou.

– Com essas coisinhas balançando, ninguém vai notar meu olhar *ou* mesmo seu rosto.

Quando ele tocou-lhe os seios, Jane se lembrou de que se esquecera de enfaixá-los.

– Não! – Ela se levantou tremendo com as roupas molhadas e curvou as costas para encobrir o estranho balanço dos seios.

– Não posso tocá-la agora?

Jane inclinou a cabeça na direção da casa atrás deles. O jardim estava protegido, mas alguém podia olhar pela janela.

Duncan cruzou os braços, perdendo toda a espontaneidade de abraçá-la.

– Você sabe menos sobre ser mulher do que sobre ser homem.

E mesmo depois de ter achado que encontrara a si mesma não precisava ter ouvido aquilo. Assim, saiu andando na frente dele para se abrigar na hospedaria.

– Eu sempre lhe disse isso.

MAS ERA época de Natal, e a hospedaria vazia era só deles. E nos dias que se seguiram Jane transformou o lugar como se pertencesse a eles e permitiu que a neve apagasse o mundo do lado de fora.

Duncan estava sempre por perto.

Sem receios, ela podia não enfaixar os seios e deixar a brisa noturna acariciá-los. Não tinha ideia de que sentira falta daqueles seios miúdos insignificantes. Mas experimentara dores por tê-los pressionado, e estava aliviada por não mais precisá-los esconder.

Duncan gostava de abraçá-la por trás e capturar-lhe um dos seios de surpresa, aproveitando o susto para beijá-la.

Não chegaram a festejar o Natal porque todo dia era um presente. Costumavam fazer as refeições com as pernas entrelaçadas, nem se incomodando em usar dois copos, quando podiam compartilhar de um só. Um alimentava o outro até que uma fome maior se fazia presente, levando-os a se esquecer da comida.

Costumavam cantar juntos também.

Jane soltara a voz com prazer, entendendo as letras sobre o amor que ela não reconhecera semanas antes.

Quando as vozes entravam em harmonia, era como se as notas ecoassem as sensações de seus corpos.

Certa noite, apoiada a ele, enquanto era acariciada preguiçosamente, ela correu os dedos sobre o corpo arredondado do alaúde, suave como a barriga de uma mulher grávida.

– É um lindo instrumento.

– Eu o fiz com minhas próprias mãos – disse ele com orgulho.

– Você me ensinaria a tocar?

Sem hesitar, ele deu sua posse tão preciosa a ela. Sem jeito, Jane tentou colocar o alaúde no colo. Já o vira tocar aquelas cordas com uma palheta de marfim infinitas vezes, mas observar era bem diferente de tocar. Enquanto os dedos dele fluíam com facilidade, os dela se atrapalhavam nas cordas, tirando sons estranhos. Duncan a abraçou e posicionou os dedos dela nas cordas do braço do instrumento.

– Faça qualquer som primeiro.

Ele ensinou três acordes, que Jane usou com entusiasmo, frustrada por seus dedos não a obedecerem com tanta facilidade quanto sua voz.

– Isso é mais difícil do que latim – Jane reclamou, devolvendo o alaúde.

– Pode ser, mas seu talento para música é maior – disse ele, rindo.

Brincando, ela o socou no ombro e suspirou.

– Na verdade, perdi o que sabia.

– Você tem uma voz bonita.

– Segundo minha mãe, essa é minha única característica feminina.

– Tenho uma opinião bem diferente – comentou ele com um sorriso maroto.

Sorrindo, ela enfiou os pés debaixo das pernas dele, saboreando a alegria de ser mulher e ouvindo-o entoar uma canção.

– Conte um pouco sobre sua mãe.

Jane sentiu a boca secar.

Alys de Weston.

Naqueles dias de felicidade plena, ela havia esquecido que mantinha outros segredos. Duncan sabia que ela era uma mulher, mas não sabia *quem*. De qual segredo ele se ressentiria mais?

Bem, ainda não estava pronta para descobrir.

– O que quer saber? – perguntou ela, como se a resposta não implicasse nenhuma consequência.

– Como é ela? Vocês são parecidas?

Éramos. Duncan ainda achava que seus pais estavam mortos, mas não o corrigiu.

– Ela era uma mulher forte.

– Então vocês se parecem.

Jane nunca encontrara nenhuma semelhança. Alys acumulara terras suficientes para um homem ter o direito de se sentar na Câmara dos Lordes, mas cada nesga de poder que possuía morrera com seu protetor, o rei. O Parlamento transferira tudo o que possuía para um marido esquecido que se perdera havia muito. Alguém que gastara tudo e morrera.

Sem um homem, até mesmo a força de sua mãe virara poeira.

Por isso Jane jamais quisera ser como a mãe.

– Mas ela não era... admirada por ser forte. – Só quando verbalizou aquelas palavras, percebeu o quanto eram verdadeiras.

– O mundo é assim – disse ele, tocando uma música.

Jane reconheceu a canção; era a mesma que ele tocara quando fizeram amor pela primeira vez.

– Sendo homem ou mulher. Ela era loira como você?

– Os olhos e o cabelo dela eram escuros.

Solay tinha o cabelo de Alys, mas nenhuma das duas possuía olhos castanhos.

– Então você parecia com seu pai.

– Sim. – Ela sorriu.

O último rei fora um homem grande como um leão dourado. Quando pequena, ter a aparência real a confortava. Costumava fingir que nascera um príncipe e que conseguiria o que quisesse apenas esticando o braço.

Mas deixaria para falar do pai em outra hora.

– Que música é essa?

– Nenhuma, ainda.

Era uma composição dele.

– Você já escreveu letras?

– Algumas. – Duncan recomeçou a tocar o alaúde e cantar:

*Sua presença está cunhada na minha alma.*

*Tocá-la é sentir a plenitude nas mãos.*

*Seu sabor é mel para os meus lábios.*

*Amar você aquece meu coração.*

*Continuemos deitados lado a lado.*

*Permita-me completá-la para sempre.*

*Vamos nos amar eternamente.*

Duncan continuou tocando, mas parou de cantar.

– Ainda não sei como terminar.

Jane prendeu a respiração.

Por várias vezes tentara ler os sentimentos dele à luz do sol ou na sombra, mas era na música que ele os expressava. As notas fluíam pelos dedos grossos e a melodia saía de sua boca, dando um novo sentido às palavras.

E Jane reconheceu o sentimento daquela canção desde que a ouvira pela primeira vez.

Agora, cada palavra, cada nota povoava seu coração como eternas moradoras, assim como seu corpo era preenchido pelo nirvana do desejo.

A música terminou e a última nota se perdeu no ar, deixando um rastro de uma esperança incerta.

Ela procurou fitar aqueles olhos acinzentados tão queridos e esperançosos.

Colocando o alaúde de lado, os dois se abraçaram. Enquanto ele acariciava o cabelo fino, Jane fechava os olhos e pressionava o ouvido no peito dele a fim de ouvir-lhe o coração e finalmente se

sentir completa.

– Sim – ela sussurrou em resposta à letra da música. – Para sempre, sim.

Mas segredos e decisões ainda os separavam agora e sempre.

Que tipo de vida o destino lhe reservara?

A pergunta a assombrava, ao relaxar nos braços dele naquela noite.

Durante toda a vida, testemunhara o poder dos homens sobre as mulheres, e jurara que não viveria à mercê de nenhum deles.

Quando viajara para o castelo de Windsor como filha do rei, tivera comida, roupa e abrigo. Havia lareira e lençóis proporcionados por incontáveis criados.

De uma hora para a outra, tudo acabou. Roubado por duas vezes. Uma, pelo Parlamento, e outra, por um marido.

Jane morara com a mãe e Solay numa pequena casa de campo. Até os tocos de lenha eram contados. Cada filão de pão, bem dividido. Quando Solay se casou, voltaram a ter comida, roupa e abrigo, não na fartura de quando moravam na Corte, mas suficiente para as necessidades básicas.

Estava claro que os homens tinham poder para proporcionar e criar tudo na vida, mas Jane não tinha a mais vaga ideia de como viveria sem um homem em casa. Julgava que ser mulher não era nada mais do que um acidente de parto, ou o resultado de um tipo de comportamento, ou de exigir da vida o que lhe pertencia.

Depois de ter convivido com homens, descobrira que nada era tão simples quanto imaginara.

O alimento e a bebida não se materializavam do ar. Era preciso lutar contra uma terra ingrata. Tudo o que um homem dizia ser seu fora moldado ou criado por suas próprias mãos, pelo suor de seu corpo, por sua vontade e inteligência.

De fato, ela não conhecia nada a respeito dos homens, mas sabia que as portas se abriam para eles. Depois disso, era preciso provar seu valor pelo trabalho e pelas habilidades.

Embora não soubesse muito dos homens, Jane tinha consciência demais sobre as mulheres. E se um homem abria portas, uma mulher era mantida longe da sala, inclusive.

Nada do que aprendera alterara esse conceito, embora tivesse mudado tantas outras coisas.

Nunca achara que a loucura tomaria conta de si. Nem sequer imaginara que houvesse um desejo tal qual o que nutria por Duncan, e muito menos o prazer de fundir-se ao corpo dele, descobrindo que as diferenças se encaixavam perfeitamente. Era tudo o que queria, por enquanto.

*Para sempre.*

Contudo, se voltasse a ser Jane, e não John, *para sempre*, não haveria mais lições de latim. Não correria mais pelas ruas de calça. Não mais estudaria com os mestres ou cantaria nas tabernas. As viagens para Paris e Roma deixariam de existir. Não saberia tampouco se proteger, caso acontecesse algo a Duncan.

Sim, desejava Duncan, mas não a ponto de ficar presa e indefesa numa armadilha. Devia haver uma solução diferente. Afinal, Duncan a amava e a entendia.

## Capítulo 17



– CONTE-ME SOBRE sua família.

Jane se deu conta que tanto ele quanto ela falavam pouco de suas famílias. Assim, decidiu perguntar quando estava com a cabeça apoiada no peito dele, ambos nus e relaxados.

– Você disse que Michael era seu irmão mais velho. Só restaram vocês dois?

– Agora. – A resposta de Duncan veio em uma só palavra, e ele retesou o braço que a envolvia.

Na posição em que estava, ela não via os olhos dele, mas brincava com os pelos encaracolados do tórax largo.

– Agora? – insistiu.

– Eu tinha um irmão mais novo.

*Tinha.*

– Qual era o nome dele?

– Peter.

Estava claro que a história seria difícil de ser revelada. Para apoiá-lo, Jane entrelaçou os dedos nos dele.

– Ele morreu antes de completar seis anos.

– Febre?

– Não. Não foi febre.

Um pesado silêncio se fez presente, mais eloquente que palavras.

Havia várias maneiras de uma criança morrer. Afogar-se numa lagoa. Chegar perto demais do fogo. Ser atropelada por uma carruagem. Pensando nisso, Jane rezou pelo pequeno William.

– Estávamos trazendo as ovelhas para a tosa, caminhando pela beirada de um penhasco. O caminho era bem estreito. Eu ia na frente, ele, atrás. Ouvi o grito pouco antes de Peter cair. – Duncan ofegava, e fez uma pausa como se tivesse revivendo a tragédia. – Demorei horas para descer pela encosta e trazê-lo

para cima. Levei-o para casa, descendo a montanha, mas as pernas dele, todos os ossos... – estremeceu – estavam mutilados.

– Ele sobreviveu?

– Por alguns dias.

– Sinto muito. – Jane acariciou-lhe a mão, mas ele a puxou.

– Foi melhor ele ter morrido. – Duncan sentou-se na cama, afastando-se dela como se quisesse se livrar das memórias. – Não há lugar para um aleijado no mundo.

As montanhas de onde ele vivera eram implacáveis e impiedosas, pensou ela. Lindas e cruéis. Não havia mesmo espaço para um garoto naquela selva que não soubesse se alimentar sozinho.

– Eu devia tê-lo prendido a mim com uma corda – murmurou ele, com o olhar fixo na lareira.

Aquele era um refrão antigo que voltava a ser repetido. Nas costas, o peso da responsabilidade que assumia por tudo. *Se ao menos eu tivesse sido mais cuidadoso, teria salvado meu irmão.*

*Eu tinha de estar presente quando minha irmã precisou,* o pensamento ecoou na mente de Jane.

A tristeza era mais um elo entre os dois.

– Quantos anos você tinha?

– Dez.

– Dez?! – Jane se ergueu, apoiando-se nos cotovelos. – Você também era um menino! Como duas crianças foram forçadas a pastorear ovelhas?

Duncan olhou para trás com o cenho contraído como se a culpasse por ser do sul.

– Vocês tiveram uma ama para cuidar de seus desmandos infantis?

Jane sentiu o rosto corar por ter tido uma ama. Duas, na verdade. Quando na idade de Peter, sua vida era repleta de doces, frutas, animais de estimação, bobos da corte, e carne e água à vontade. Suas roupas eram feitas de tecidos macios e havia uma música suave para que caíssem no sono.

– Sim – respondeu ela, esperando que as perguntas parassem por aí.

Enquanto Peter ordenhava ovelhas, ela era carregada pelo palácio de Windsor.

– A vida a meu lado seria assim – disse ele com os olhos melancólicos.

– Eu sei. – Jane se aninhou a Duncan, feliz por não ser mais questionada.

Mas quais eram suas expectativas? Jamais sair do lado dele.

– Puxe as cobertas e me abrace, Duncan. O fogo se apagou.

E não disseram mais nada sobre o passado, tampouco do futuro.

POUCO DEPOIS da Noite de Reis, Jane acordou ao lado de Duncan, sentindo dores nas pernas pela noite de amor, e os lençóis ainda estavam umedecidos com a semente dele.

Desde a primeira vez em que se amaram, Duncan tomara cuidado. Havia sido uma decisão sábia, apesar de ela não querer se separar nem um instante sequer; almejava moldarem-se num só ser e nunca mais se separar.

Duncan ainda dormia abraçado a Jane, apoiando a cabeça em seus seios, enquanto ela olhava para o teto daquele pequeno quarto, que nos últimos dias fora um mundo só deles.

O livro de Ovídio, *A arte de amar*, estava aberto sobre o baú, trazido da biblioteca para que pudessem ler ao se deitar. Uma maneira deleitável de se estudar latim. As roupas de ambos estavam misturadas na mesma pilha. Guardanapos e colheres jaziam ao lado do livro. Teriam de ser lavados antes que os estudantes e mestres voltassem.

Ela colocou as pernas para fora da cama. Suas semanas como mulher haviam acabado.

Precisava voltar a ser John.

Por ter sido desalojado, Duncan se levantou, coçando os olhos com as mãos em punhos. Jane sorriu.

Aquele era o único gesto infantil que ele possuía, mesmo que talvez nunca tivesse aproveitado a infância.

Ela lavou a faixa e a secou, aprontando-a para se enfaixar de novo. Ele a alcançou e acariciou-lhe os seios como se a despedisse. Depois de murmurar de prazer, pronta para fazer amor de novo, Jane beijou-o com paixão.

Os sinos da igreja bateram antes que ela tentasse tornar a se vestir.

– Você me deixa louco – murmurou ele entre um beijo e outro. – Não sei se conseguirei manter as mãos comportadas.

Jane saiu do quarto em silêncio. Os dias de palavras, olhares ou toques espontâneos chegaram ao fim. Como conseguiriam voltar a se tratar como antes?

Suspirando ao vê-la terminar de se enfaixar, Duncan a ajudou a vestir a túnica. A faixa começou a incomodar.

– Suje um pouco aqui... – disse ele, tocando-lhe a ponta do nariz. – Parece que você acabou de se levantar da cama depois de uma noite de amor.

Com um sorriso, ela respondeu com um beijo mais demorado do que de costume. Depois procurou pela calça.

– Como você conseguiu enganar a todos nós por tanto tempo? Ninguém percebeu que era uma mulher.

– Algumas pessoas não enxergam direito. – E tinha sido mesmo muito fácil. – Eles veem apenas o que querem. Um rapaz com pouco talento para o latim não chama muito a atenção.

– Ou um nortista caipira, não é? – Duncan riu.

– Agora será mais difícil. – Jane correu os dedos pela lateral do corpo dele.

Qualquer olhar diferente arruinaria a vida deles. E naquele momento, era crucial que continuassem a agir como antes.

– Não por muito tempo.

– O que quer dizer com isso?

Duncan se ergueu, e ainda nu andou de um lado a outro do quarto.

– Pretendo ir até o mercador de tecidos hoje. Ele pode mandar fazer um vestido para você. Depois, encontrarei um lugar para instalá-la. Talvez com uma família que precise de uma ajuda feminina. Ou um convento. Quando tiver resolvido, “John” poderá deixar a hospedaria. Você pode dizer a todos daqui que o lorde do castelo a chamou de volta. Quando estiver em uma moradia fixa, poderei visitá-la. Não será todo dia, mas...

Duncan tagarelava besteiras, planejando uma vida para ela pior do que aquela da qual fugira.

– Não vou a lugar algum! – exclamou Jane segurando-o pelos braços, forçando-o a parar de andar.

– Você não pretende continuar com esse disfarce, não é?

– Não posso ficar aqui se não for assim.

– E o que acredita que acontecerá se alguém descobrir? – indagou ele, segurando-a pelos ombros.

– Ninguém descobrirá – afirmou, com ousadia.

– Geoffrey já suspeita. Não demorará muito para que Henry, ou qualquer outra pessoa, descubra tudo. E se sua amiga Hawys contar a alguém?

– Não quero deixar meus estudos. – Jane o abraçou antes de continuar: – Não quero deixar  *você*. Como John, podemos ficar próximos, pelo menos. Ainda poderemos passar as noites juntos. – Se bem que era difícil imaginar como fariam à luz do dia. Depois que todos tivessem voltado, a privacidade acabaria. – De vez em quando...

– E você acha que será suficiente? – A pergunta foi desoladora.

Jane mordiscou o lábio e meneou a cabeça.

– Mas se eu partir não teremos nada.

– Não posso deixá-la aqui sozinha quando eu for a Westminster.

– Não vá.

Durante os poucos dias que passaram juntos, ela se esquecera de tudo, inclusive da reunião do Conselho, quando Duncan pediria pelo resgate do pai.

– Posso ir com você. Ninguém me conhece por lá. E quem há de se incomodar em olhar duas vezes para um jovem estudante?

Jane empinou o queixo, esperando que ele concordasse com uma solução que parecia perfeita. Os vestidos e outros lugares para ficar eram decisões que podiam esperar.

– Não podemos ficar sozinhos lá também – disse ele, hesitante. – Você sabe que não.

– Mas estaremos juntos.

Só isso já era razão suficiente para viajar, embora ela tivesse outro pensamento em mente, pois ainda procurava uma maneira de ter a vida que sempre almejava, e agora ao lado de Duncan. Seria uma vida a dois. O rei podia ordenar o que quisesse, bastava um aceno de mão. E ele podia querer levar para a Corte um jovem escrivão e um estudante de medicina...

– Além disso, você não conhece nenhuma mulher em Cambridge que pudesse acompanhá-lo. – Jane assumiu o sorriso de John e o sotaque de Duncan.

– Pensei que você conhecesse uma viúva respeitável que precisasse de ajuda em suas tarefas – brincou ele, sorrindo também.

– Ela saiu da cidade.

– Está certo. – Duncan suspirou. – Vamos viajar juntos. Mas saiba que é apenas porque não tive tempo de pensar em outra coisa. No entanto, vou contar a Geoffrey e Henry sobre você.

– Não! Por quê?

Se ele o fizesse, não haveria mais retorno, mas pela expressão do rosto dele, a decisão já estava tomada.

– Não podemos estar juntos o tempo todo, Jane, preciso de mais alguém para protegê-la.

*Se ao menos... Se eu tivesse feito mais...* Agora os receios dele concentravam-se em Jane.

– Se eles souberem, poderão dizer alguma coisa que me denuncie.

– Você não me fará voltar atrás fazendo bico.

– Pelo menos não conte nada antes de partirmos. – Cada dia a mais que fosse era um dia de liberdade.

– Assim que eles voltarem. E está resolvido, Jane.

– Meu nome é John. – Ela o encarou. – Não esqueça.

– Seu nome é Jane. Não esqueça também.

Jane engoliu o protesto. Quanto mais discutissem, mais inflexível ele ficaria. Duncan era um homem que agia conforme a lógica. Com o tempo, ele perceberia que a única maneira de continuarem em segurança era aquela que ela havia proposto.

NOS DIAS que se seguiram, Duncan se embrenhou no trabalho e nas responsabilidades com certo mau humor. Embora relutante, permitiu, certa vez, que Jane fosse sozinha à padaria e à taberna, enquanto ele se reunia com o cozinheiro, certificando-se de que estava tudo pronto para o início da Quaresma.

Havia quase um mês que Jane se mantinha fora de se alcance. Ao lado dela, Duncan se sentia dono de tudo o que buscava quando saía de casa: generosidade, amor e conforto. Com a coragem e ousadia dela e o espírito quase masculino unidos às qualidades dele a vida era uma surpresa e um deleite contínuos. Como chegara a pensar e mandá-la para outro lugar? Mas sabia que seria preciso.

Ao olhar para ela só enxergava Jane, sua risada, o sorriso e a maneira como os olhos azuis ficavam mais profundos quando ele a tocava. Qualquer pessoa que reparasse no jeito que fitavam um ao outro perceberia tudo num relance.

O burburinho com o retorno dos alunos e o início do semestre distrairia todos até que viajassem para Westminster. Mas a espera não respondia à questão mais importante. O que aconteceria depois? Durante o dia a solução parecia ainda mais distante.

Duncan não podia oferecer nada a Jane, pelo menos não nos próximos anos. Nenhuma mulher esperaria tanto tempo.

Embora jamais pensasse em ser um celibatário, também não planejara se casar. Talvez dentro de dez anos, ou talvez mais, antes de se formar na universidade e ganhar seu sustento como médico. Além disso, estava preso pelo juramento de lecionar por pelo menos dois anos em Cambridge. Para completar os estudos de medicina, levaria dez anos, incluindo uma residência numa universidade em outro país. Quanto mais longe do norte da Inglaterra, melhor.

O pior era que um casamento exporia toda sua vida, família e origem. Jane não revelara muito sobre seu passado também, mas era o suficiente para deixar claro que sua criação fora mais privilegiada do que a dele. Ela estava acostumada a coisas finas. Riquezas que esperava encontrar quando deixara o castelo em Eden Valley e que ainda procurava. Duncan sabia que não poderia oferecer a ela uma vida de estudante numa hospedaria. E Jane também não suportaria viver da maneira como ele tinha se criado.

No entanto, sua maior preocupação no momento precisava ser o destino de seu pai. Todo o resto podia esperar. Quando voltasse da viagem, decidiria o que fazer com Jane.

A tentação fora maior, e Duncan a mantivera a seu lado. Mas quanto mais tempo juntos, maiores seriam suas responsabilidades, que logo incluiriam uma esposa e uma criança.

Apesar de ser um homem forte, não poderia resistir para sempre.

Ensinar lógica a Jane, por isso esperava que em algum momento ela concordasse que não poderiam mais viver como estavam.

JANE PICOU pedaços de cebola e as colocou para ferver. A hospedaria estava quase repleta de novo, cheia de homens famintos. A faixa ao redor de seu tórax se achava molhada de suor e mal lhe escondia os seios. Tinha a impressão de que eles haviam crescido com a liberdade.

– Onde está Duncan? E Little John? – A voz grave de Henry ecoou na sala de convivência.

Impondo-se as maneiras de Little John, ela correu para abraçá-lo com a reserva que Duncan aconselhara.

– Vejo que você não passou fome com a ausência do cozinheiro – disse Henry. Em um primeiro momento, ele não pareceu desconfiar de nada.

Duncan desceu as escadas, evitando olhar para Jane, e refez o ritual de cumprimento de sempre, fingindo lutar com o amigo antes de abraçá-lo.

– Onde está Geoffrey? – indagou Duncan.

– Foi visitar o vendedor de papel. Deve voltar antes do jantar, se não se esquecer da fome. – Henry voltou-se para Jane. – Ainda não entendo o motivo de você não ter ido para casa comigo em vez de ficar com esse bobalhão.

Duncan riu da brincadeira. Jane respondeu algo sobre estudar para se encontrar com o mestre de Glomery, sem confessar que mal falara uma palavra de latim na última quinzena.

– Precisarei conversar com vocês dois, quando ele chegar – anunciou Duncan, olhando de lado para Jane.

Em silêncio, ela rogou para que ele não fizesse nada, mas Duncan parecia decidido.

Entretanto, veio a escuridão da noite de inverno, e Geoffrey ainda não chegara.

Os estudantes estenderam as toalhas nas mesas para a sopa e o pão, mas não houve muita conversa após a refeição.

Todos ouviram uma batida à porta.

Logo depois do jantar, Duncan saiu para a rua. Jane o observou passar pela torre de St. Mary, e de volta seguir até a faculdade Holy Trinity à procura de Geoffrey. Quando retornou à hospedaria, ele vestiu o casaco. Henry e Jane fizeram o mesmo e o acompanharam.

A noite estava fria, e a rua, silenciosa depois dos encontros dos estudantes à tarde. Dois sacristãos caminhavam por ali, o ar saindo condensado de seus pulmões, formando pequenas nuvens que os seguiam.

– Ele deve ter se esquecido da hora – disse Henry.

Jane tremia de frio, mas também não acreditava naquilo. Geoffrey era um homem previsível. Se dissera que chegaria para o jantar, não faltaria com a palavra.

Os sacristãos viraram a esquina e desapareceram na Bridge Street. Duncan fez um sinal de cabeça para Henry, mostrando a direção oposta.

– Fique aqui – sussurrou a Jane.

Ela o ignorou e os seguiu, pois percebera o quanto Duncan estava preocupado.

Passaram pelas sombras da igreja de St. Mary e viraram na High Street. A lua, escondida pelas nuvens escuras, não ajudava a iluminar o caminho, mas o silêncio evidenciava qualquer som, por mais ínfimo que fosse. Subiram em silêncio pela ladeira da Hight Street em direção à loja de papel, com ouvidos e olhos atentos a qualquer som ou a qualquer coisa que servisse de pista.

Ouviram-se o choro de um bebê e a voz da mãe ao acalotá-lo. Risos altos vinham da hospedaria de Physwick.

A porta da loja estava trancada, mas através da madeira via-se a luz tremeluzente de uma vela no andar de cima.

O dono da loja abriu a porta um pouco, respondendo às batidas de Duncan.

– Estamos fechados. Vá embora.

– Procuo um estudante alto, ombros estreitos e cabelo fino.

– Ele saiu daqui há horas. Deve estar na cama a essa altura, onde vocês também deveriam estar – disse o senhor de idade, batendo a porta e baixando a tranca.

– Devemos nos separar – Jane sugeriu.

Cambridge nunca pareceu tão grande. Geoffrey podia estar em qualquer lugar.

– Um homem sozinho é um alvo fácil – Duncan recusou a ideia, imaginando o que poderia ter acontecido a Geoffrey.

Henry fechou as mãos em punhos, pronto para uma briga.

Duncan seguiu na frente, primeiro circulando pelas ruas e pelos becos perto da loja, depois aumentaram o perímetro da busca para as proximidades das faculdades e do rio.

Em sua procura, Jane reviveu seus primeiros meses na cidade. Passaram pelo estábulo onde ela dormira, pela esquina onde tinha conversado com Hawys pela primeira vez. E mais à frente estava a igreja onde Duncan a deixara no seu primeiro dia na cidade.

Naquela época, ela era sufocada pelo medo do desconhecido. Agora, porém, sabia muito bem o que temer.

Ao chegarem no rio, Jane estava perto de Duncan e Henry a seu lado esquerdo. O rio parecia muito menos amistoso do que era à luz do dia.

Ouviram os roncões de um homem dormindo em um barco. Não havia mesmo razão para ficar acordado e enfrentar o frio e a escuridão. Trinity Hall se encontrava logo atrás deles, protegido pelas grades e pelos portões, mas ainda vulnerável a qualquer perigo proveniente da água.

Foi então que Jane ouviu alguma coisa. Um lamento.

Duncan olhou para Henry e passou o braço pelos ombros dela, segurando-a mais perto. Na esperança de que Henry não reparasse, Jane pressionou o rosto no tórax largo, confortando-se com o ritmo familiar do coração dele. Desejou que os dias juntos e em segurança voltassem.

Outro murmúrio abafado.

Jane saiu correndo na direção do barulho, pisando na grama das margens do rio.

– Geoffrey?

– Quietos! – gritou Duncan, mas já estava correndo, com Henry logo atrás.

Jane chegou primeiro e encontrou Geoffrey numa vala, de olhos fechados e a roupa rasgada e enlameada. Duncan e Henry ajoelharam-se na lama. Geoffrey ainda respirava, mas com dificuldade. Talvez estivesse ali por horas. Jane olhou para Duncan, que permanecia mudo.

– Podemos carregá-lo – sugeriu Henry.

– Espere, deixe-me ver se algum osso está quebrado. – Suas mãos habilidosas deslizaram pelas pernas, pelo braços e pela cabeça de Geoffrey, que abriu os olhos.

– Já era sem tempo – disse, esboçando um sorriso nos lábios rachados e secos.

– Você podia ao menos ter perguntado se sentimos sua falta – Duncan brincou.

Jane detectou alívio na sua voz, o que significava que não havia danos permanentes.

– Não contem a Maria – pediu Geoffrey, com a voz fraca.

– Vou contar tudo a ela – disse Jane no tom de brincadeira de Little John. – Assim *ela* virá e dará uma boa surra em você por ter causado todo esse trabalho.

Como mulher, Jane rezou para que Mary nunca soubesse o quanto estivera próxima de perder seu amor.

– Quem fez isso? – Henry quis saber, levantando as mãos em punhos.

– Bêbados da cidade. – Geoffrey riu quando o ajudaram a se sentar. – Acredito que procuravam por uma briga, e eu estava no caminho.

– Você consegue andar? – Duncan indagou.

– Preciso de ajuda – disse ele, contraindo o rosto de dor.

Geoffrey precisava de muita ajuda, a ponto de Duncan apoiá-lo de um lado, e Henry do outro, carregando-o de volta à hospedaria. Ao chegar, contaram aos que ainda estavam acordados o que acontecera. E, antes que Duncan pudesse impedir, dois alunos mais velhos já estavam na rua procurando vingança.

– Coloquem-no na minha cama. – Duncan fitou Jane de relance, ao pararem ao pé da escada.

Ela correu na frente, puxou as cobertas e acendeu a lareira. Duncan e Henry carregaram Geoffrey até perto do leito e o empurraram sobre os lençóis limpos, apesar de ele estar imundo de lama.

Indiferente às perguntas de todos, Jane pegou uma tigela de água e roupas limpas. Não havia tempo para explicações desnecessárias. Antes de limpá-lo, levou a água até a lareira para esquentá-la. Procurando não olhar para a cama, seguiu até a janela.

Uma corrente de ar frio entrou no quarto. Jane fechou os olhos e respirou fundo, desejando estar lá fora ou na sala, ou em qualquer lugar, menos ali.

Olhou por cima do ombro, mas Duncan e Henry, curvados sobre a cama, bloqueavam sua visão. Mesmo assim viu uma mancha roxa no ombro de Geoffrey e o cabelo sujo de sangue pisado.

Respirou fundo mais uma vez e recolheu as roupas enlameadas, jogadas no chão. Em seguida, molhou um pano limpo e torceu.

– Ja... John! – gritou Duncan.

Ela olhou para Henry e o notou absorto demais numa conversa com Geoffrey para ter notado alguma coisa. Jane empurrou Duncan para o lado com o ombro num sinal silencioso.

*Estou aqui.*

Apesar de ele estar com a atenção voltada para o corpo ferido de Geoffrey, sorriu quando Jane lhe passou o pano úmido.

Como ainda estava respirando, ela sabia o que tinha de fazer.

HORAS MAIS tarde, Duncan e Jane deixaram Henry à beira da cama, saíram do quarto e fecharam a porta.

Jane estava com os ombros doloridos de tanto carregar água e faixas, mas Geoffrey dormia. Apesar de estar bem machucado, não houvera dano irreparável.

Duncan estava abatido, e Jane segurou-lhe a mão e apertou, desejando que a hospedaria estivesse vazia.

– Ele ficará bem. Você fez o que foi possível, Duncan.

– Vou chamar um médico amanhã. Posso ter deixado passar alguma lesão – disse ele, sorrindo.

– Duncan! – gritou alguém da sala. – Andrew e Robert entraram numa briga com os garotos da hospedaria de St. Benet. Um dos estudantes bateu em Robert, e Andrew deslocou o ombro.

Duncan suspirou.

– Preciso de sua ajuda para colocar o ombro no lugar.

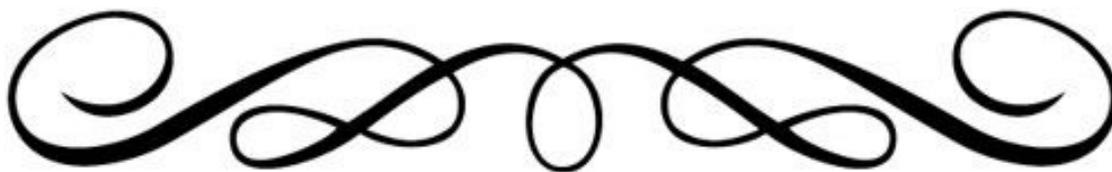
Jane assentiu com a cabeça e o seguiu escada abaixo.

– Acho que Geoffrey não precisa saber que uma mulher ajudou a tratá-lo – cochichou.

Duncan concordou, meneando a cabeça.

Depois disso, não se falou mais no assunto de revelar o segredo de Jane a ninguém.

## Capítulo 18



ALGUNS DIAS mais tarde, Geoffrey descia as escadas mancando e apoiado em Henry. Geoffrey contraiu ao rosto ao se sentar no banco diante do fogo.

- Como você está? – perguntou Duncan procurando saber se devia ter feito algo mais para curá-lo.
- Ele está bem – respondeu Henry.
- Bom a ponto de Henry me forçar a sair da cama.

Não demoraria muito para que Geoffrey voltasse ao próprio quarto e se recuperasse para começar o trimestre em tempo.

Os outros dois garotos não tiveram muita sorte. Foi preciso um médico para recolocar o ombro de Andrew no lugar, e os cortes de Robert infeccionaram depois de uma noite na cadeia. Ao chegar à hospedaria, Duncan lavou os ferimentos com vinho e fez alguns curativos. Não titubeou em multar os dois, mas esboçou um sorriso quando soube pelo gerente da outra hospedaria que os outros dois estavam num estado pior.

- Vou até a padaria – Jane anunciou, entrando na sala. – Precisamos de pão para três dias de viagem.
- Não quero que você ponha o pé fora daqui sem a minha companhia.

O ataque a Geoffrey fora um aviso. Duncan sabia que era preciso encontrar um lugar para Jane viver como uma mulher. O risco de ser descoberta aumentava a cada dia. Duncan chegou a considerar se a decisão de levá-la a Westminster era sábia, mas deixá-la sozinha na hospedaria parecia ser ainda mais perigoso.

– Isso não faz sentido – protestou ela virando-se para fitá-lo. – No semestre passado, fui sozinha à taberna, à padaria, ao vendedor de lenha...

- O garoto é bom de lógica. Esse é o começo de uma boa disputa – comentou Henry, rindo.

Duncan sentiu um calor subir-lhe ao rosto. Tinha aberto um precedente, era verdade. Havia uma razão para que jovens estudantes não saíssem sozinhos.

– Isso foi antes.

– Antes...?

*Antes que eu soubesse que você era uma mulher.*

– Temos três feridos na hospedaria. Não quero mais um.

– Não vou começar uma briga na padaria.

– Eu me preocupo com o que os outros podem fazer. Você não é muito bom com os punhos, Little John.

Agora era a vez de Jane ficar brava, reconhecendo o insulto implícito na preocupação de Duncan.

– Então, me ensine.

– Não. – Ele queria parar de olhar para ela, mas era impossível.

– O garoto tem razão, Duncan. Ele precisa aprender a se defender.

– Já temos encrenca suficiente, Henry.

Soltar Robert custara duas visitas ao oficial e uma multa pesada ao dono da hospedaria. O chanceler ameaçou que, se houvesse uma próxima infração, fecharia a Solar Hostel.

– Bem, já que Duncan é teimoso demais, eu ensino você – Henry se ofereceu, levantando-se.

– Não! – Duncan segurou o braço do amigo. Mal podia imaginar Henry mostrando a Jane como bater e lutar.

Os três o encararam, esperando uma explicação.

– Ou Henry ou você. Pode escolher – desafiou Jane, rindo.

– Eu vou. – Duncan soltou o braço de Henry. Não permitiria que ninguém mais chegasse muito perto dela.

Não queria plateia, mas estava frio demais para saírem, por isso empurraram as mesas para o canto, e logo a sala estava cheia de estudantes, ansiosos para dar palpites.

– Estou pronto. – Jane se mostrou animada.

Ao ver os punhos delicados dela, Duncan entrou em desespero. Estava tão óbvio que ela era uma mulher que era difícil acreditar que os estudantes distraídos não percebessem. Talvez por estarem com a cabeça repleta de outras coisas para prestar a atenção a uma evidência tão óbvia.

– Vamos começar pela sua postura. Coloque o pé direito para a frente. Isso, não afaste muito.

– Assim? – Ela cambaleou, mas recuperou o equilíbrio.

Não havia outro jeito. Ele teria de tocá-la.

Postando-se atrás dela, Duncan empurrou a perna de Jane com a sua. O perfume do cabelo dela o remeteu à sua cama estreita. Se por acaso se aproximasse alguns centímetros mais poderia abraçá-la e deixá-la pousar a cabeça em seu tórax...

Quando percebeu a evidência de seu *botellus* rijo, tossiu para disfarçar.

– Aponte dos dedões para a frente – ordenou, olhando para baixo. – Os dois pés. Levante um pouco o calcanhar direito.

Jane vacilou e caiu nos braços dele.

– Considere a direita de Duncan! – Henry gritou. – Você está lutando como uma cabra.

– Deixe para lá – Duncan sussurrou no ouvido dela, ainda embriagado pelo perfume do cabelo. – Você não foi feita para isso.

– Não – Jane murmurou conforme recuperava o equilíbrio. – Não pode ser mais difícil do que *De modo significandi*.

Ele esperava que não.

– Levante o braço. Feche a mão em punho – ordenou ele, cobrindo a mão dela e demonstrando, procurando não levar muito a sério o pulso acelerado sobre o seu.

Robert, com o olho ainda roxo, vaiou e despertou um coro de assobios desaprovadores.

Ao perceber que tinha ficado por trás dela muito tempo, Duncan a circulou e ficou de frente. Aos seus olhos, Jane estava ridícula, vestida como um rapaz e naquela postura, tão absurdo quanto uma ovelha numa *cappa clausa*.

Jane, com os dedos tão soltos, poderia quebrá-los no primeiro golpe.

– Feche a mão com mais força, coloque o dedão sobre os outros.

Ela seguia as instruções à risca, mas a aula estava muito tediosa.

Como homem, Duncan crescera com a postura e o equilíbrio adequados. Como podia ensinar uma mulher a se defender se nunca precisara lutar na vida?

– Mantenha os ombros abaixados. Segure os cotovelos junto ao corpo. – Duncan começou a andar ao redor de Jane, que mantinha o cenho franzido, concentrada. – Isso mesmo, continue se movimentando. Mantenha-se ao meu alcance, mas preparado para atacar.

Pareciam estar dançando em vez de lutando.

– Vamos apostar – alguém gritou.

– Aposto em Little John. Ele é mais leve e rápido.

Por cima do ombro, ele viu um grupo de estudantes fazer as apostas, colocando dinheiro sobre uma mesa, e imaginou quais eram as chances de Jane. Voltou a prestar a atenção a ela. De fato, ela *era* rápida e se movia com suavidade e fora do alcance. Precisava dar o primeiro golpe.

– Agora vire-se e dê um soco.

Os quadris a ajudavam a manter o equilíbrio, da mesma forma como os homens contavam com as costas e os ombros largos. Jane acertou o primeiro soco no peito dele. Se ela batesse em alguém na rua com aquela força, seria derrotada no primeiro movimento.

Os estudantes vaiaram em coro.

– Calem a boca, seus bárbaros! Deem uma chance ao garoto – disse Duncan por entre os dentes, lutando contra a vontade de tirá-la dali e fechá-la em seu quarto.

Mas Jane aprendera muito durante a convivência com todos. Em vez de desencorajá-la, Duncan decidiu provocá-la.

– Mais força! Não tenha medo! Bata.

Ela desferiu mais um soco, e Duncan deu um passo atrás.

A plateia vaiou de novo.

Duncan passou a mão no braço atingido, prevendo que estaria roxo no dia seguinte, mas numa briga de verdade aquele soco não representaria nada.

– Mantenha os cotovelos mais flexionados.

– Pode deixar – interferiu Henry pulando entre os dois. – Eu mostro a ele.

Antes que Duncan protestasse, Henry estava perto das costas de Little John, tocando a cintura e os ombros dele.

Jane pulou para se defender e cruzou olhares com Duncan.

*Isso precisa parar*, ele procurou alertá-la com o olhar. *Agora. Os riscos são grandes demais.*

Sabia que ela entendera. Era hora de desistir e dar a vitória a ele.

– Deixe o menino – pediu Duncan a Henry e virou-se para Jane. – Tente outro movimento.

Conforme ela se aproximava, ele prestava atenção a seus braços, pronto para levar um soco antes de revidar. Mas o golpe veio de baixo, atingindo-o direto na virilha. Ele se curvou, engasgando de tanta dor, e desprevenido quando levou um soco direto no queixo. Não lhe restou alternativa se não cair no chão.

Houve uma ovação na sala, e Henry levantou o braço de John, declarando-o vencedor.

Jane abriu um sorriso triunfante, que durou um segundo apenas, antes de se ajoelhar ao lado de Duncan.

– Você está bem? Eu o machuquei muito?

– Você venceu. Pode ir à padaria – disse ele num grunhido, acenando para que ela saísse logo.

Ao conter mais um gemido, Duncan imaginou quem teria ficado com as apostas.

JUSTIN BEIJOU Solay e o bebê conforme os acomodava na carruagem. A viagem a Westminster seria mais demorada dessa forma, mas Solay ainda não estava preparada para viajar a cavalo. E ele não iria sozinho.

Solay se recuperara. O bebê era saudável, e ele, um homem de sorte. Só havia uma tristeza.

– Podemos procurá-la quando voltarmos – disse ela.

– Vou para Cambridge assim que a reunião do Conselho terminar.

No entanto, tanto Justin quanto Solay pensavam o mesmo. O mensageiro conversara com um estudante numa taberna que dissera ter visto alguém compatível com a descrição em peregrinação havia meses. Se Jane estivesse naquela missão, estaria bem longe àquela altura.

JANE ANDAVA bem perto de Duncan pelos corredores do monastério de Westminster. Estar ali, tão próxima à realeza, remeteu-a ao passado.

Finalmente estava no centro do mundo, no âmago do poder. No lugar no qual merecia estar. Lembrou-se de que até então não sabia por que Solay e Justin tinham deixado a Corte.

A sala onde o governo se reunia era imensa e lotada. Os olhos de Jane ardiam ao tentar observar o máximo que podia. Mas o tumulto, as roupas, as conversas, tudo estava fora de foco.

Vestira sua melhor roupa, mas era tão simples e surrada que acabou atraindo mais a atenção do que esperava. Por sorte, as pessoas pareciam mais ocupadas, e apenas olhavam de relance para um garoto nas barras da toga de um mestre de Cambridge. Quando homens e mulheres a empurravam para o lado, ela teve vontade de gritar: “Ei, vocês não me reconhecem? Sabiam que estão ignorando a filha de um rei?”

Duncan, com um sorriso no rosto, ostentava sua veste de acadêmico como se fosse uma armadura. Tinham conversado pouco durante a viagem a Westminster. Como Jane podia adivinhar que era ele que tinha que ter ganhado a luta de brincadeira? Pensou que o deixaria feliz ao mostrar que sabia se defender.

– Olhe, é o rei – disse ela puxando a manga de Duncan.

Duncan olhou para onde Jane apontava e viu o rei Ricardo entre dois homens, ouvindo o que diziam.

– Quem são aqueles? Membros do Conselho?

– O da esquerda, sim. Trata-se de Mowbray, o conde de Nottingham.

Jane o olhou de soslaio, surpresa por haver alguém tão novo no Conselho. Ele não parecia mais velho que Duncan.

– E o outro?

O homem da direita segurava um pergaminho.

– Um dos escrivães do rei Ricardo.

Jane fixou o olhar naquele homem, importante o suficiente para escrever uma declaração que ostentaria o selo do rei. Talvez estivesse prestes a partir numa missão importante para a Boêmia ou para a França. Sentiu uma pontinha de inveja. Como se tirasse as imagens de um sonho, lembrou-se da emoção que era estar na Corte, onde as pessoas se reuniam para fazer coisas importantes. Ali *até ela* fora importante. Sentira saudade daquela algazarra desde que deixara a Corte. Não importava o que precisaria fazer, mas queria ser escrivão. Seria assim para ela e Duncan, se ao menos...

O rei, talvez percebendo que era observado, os viu e se aproximou.

Jane se ajoelhou, e Duncan fez o mesmo. Ela prendeu a respiração.

– Ora, vejam, aqui está o mestre e seu aluno de latim.

– Vossa Majestade sugeriu que eu trouxesse o meu caso para a aprovação do Conselho. – Duncan fez uma reverência.

Uma vaga lembrança cintilou nos olhos azuis do rei.

– Peço uma invasão rápida na Escócia e pela liberdade de meu pai.

– Ah, sim. – O rei olhou para Jane. – Como vai seu latim, meu rapaz?

– Muito bem, Majestade. Mestre Duncan é um excelente professor.

– Tenho certeza de que sim. – O rei olhou para Duncan, embora a pergunta fosse para Jane. – Há mestres melhores na Corte. Você gostaria de estudar aqui?

Estudar em King's Hall e ser "alguém que serviria o rei" era o que sempre sonhara.

– Majestade, o garoto ainda precisa melhorar o latim – disse Duncan, tenso.

O rei fez um sinal com a mão para que Duncan se calasse.

– Deixe o garoto responder.

Jane perdeu a fala; de repente seus sonhos estavam a seu alcance. Tudo o que precisava fazer era dizer "sim".

Mas será que essa ainda era sua vontade?

Ao olhar para Duncan percebeu-o estático. Teria de fazer a escolha sozinha.

Escondido pelas vestes pretas e o sotaque, ele também estava disfarçado de certa forma. Só ela sabia que Duncan era divertido, teimoso, sensível e um músico do norte do país.

E só ele sabia quem ela era também.

Jane não era apenas uma mulher, mas alguém que amava Ovídio, odiava conjugações verbais, arrotava depois de tomar cerveja, segurava a última nota das canções por mais tempo que ele, ria quando dos seus versos engraçados, tinha uma pinta no lado interno do cotovelo e centenas de outros pequenos detalhes que a faziam se sentir viva, uma pessoa por inteiro e muito feliz quando ao lado dele.

Mas Duncan não sabia do mais importante: o rei que costumava assinar as cartas de autorização de ingresso no King's Hall era seu pai.

No entanto, escolher ficar na Corte significava perder Duncan, e ela ainda não estava preparada para uma escolha tão difícil.

– Vossa Majestade é muito generosa. – Jane precisava recusar a oferta do rei sem irritá-lo. – Estou muito honrado com o convite. Mas preciso ter a certeza de que mereço o privilégio concedido. Quando mestre Duncan achar que estou adiantado o suficiente para merecer a aprovação em King’s Hall, ficarei honrado em aceitar.

Jane mantinha a cabeça tão baixa que quase tocava o joelho. Percebeu que Duncan soltou a respiração, aliviado. Quando tornou a olhar para o rei, ele já não mais a fitava, pois Nottingham e um escrivão haviam chamado sua atenção.

– Claro... – O rei acenou com a mão e saiu na companhia dos outros dois.

JANE ALCANÇOU Duncan quando ele entrou no salão nobre, onde o rei recebia as pessoas formalmente.

– Eu não disse que queria de fato estudar em King’s Hall – sussurrou ela, surpresa com a veracidade do que acabara de dizer. – Não queria que o rei ficasse bravo por eu ter rejeitado a oferta generosa.

– Faça o que quiser. Não faz diferença alguma para mim. Tenho certeza de que você encontrará companhia de estudantes de Essex ou Bedford, ou de onde quer que você venha. – Duncan se recusava a olhar para ela.

Jane reclamou baixinho. Duncan estava com um humor que não via em meses. Ele levava as palavras dela como uma afronta pessoal, e não uma atitude política.

Ela imaginou quando estaria nua nos braços dele de novo.

Como um homem e uma mulher, indiferentes ao restante do mundo.

Amparada pela capa de Duncan, Jane observou os homens e as mulheres alinhados no salão.

No meio de vermelhos, azuis e verdes das vestimentas dos presentes, a roupa de Duncan o rotulava como um acadêmico, digno de respeito.

Jane continuou olhando para aqueles rostos, quando enfim o viu.

Do outro lado do salão de tábuas corridas, que de repente ficou pequeno demais, estava o marido de sua irmã.

Escondeu-se apressada atrás das vestes de Duncan. Poderia enganar a maioria das pessoas, mas Justin a reconheceria de imediato.

E se Solay também estivesse ali...

Claro que estaria, se estivesse em condições. Os dois nunca se separavam. Jane se sentiu como se estivesse num limbo onde não podia alcançar as pessoas queridas.

Entendeu o significado daquele sentimento de imediato.

– Ali está lady Solay – sussurrou uma senhora atrás de Jane. – A maternidade lhe fez bem.

Logo Jane viu a irmã abrindo caminho para alcançar Justin. Isso significava que mãe e filho estavam bem.

Os comentários faziam jus ao brilho de Solay.

Onde se encontraria seu sobrinho? Como ele estaria depois de cinco meses?

Os comentários continuavam:

– Estou surpresa em vê-la. Ela e o marido não frequentam muito a Corte.

– Se você tivesse uma mãe como a dela, frequentaria? – perguntou a outra depois de um riso malicioso.

Jane mordiscou o lábio. Ainda. Sempre. Era julgada por sua mãe, não pelo pai que tivera.

Solay chegou perto de Justin. Se ela olhasse para a frente e cruzasse olhares com Jane, ou mesmo visse seu cabelo...

Agora não. Não podia ser descoberta, quando ainda tinha tanto a resolver.

– Preciso sair. – Jane puxou a manga de Duncan.

– Algum problema? – Ele olhou para baixo, a preocupação sobrepujando a carranca.

– É só que... acho que comi algo que não me fez bem. – Jane esperava que sua voz soasse nauseada.

– Preciso de ar.

Assim dizendo, saiu em direção à porta sem dar chance a mais perguntas.

Foi um erro.

Solay arregalou os olhos ao reconhecê-la.

Jane andou o mais rápido que pôde pela multidão, para fora do salão, e começou a correr.

Seguiu às cegas por escadas, desviando e virando nos corredores abençoadamente vazios.

Perdida e sozinha, parou para descansar perto de uma janela com vista para o rio Tâmis e admirou as águas frias se movimentando.

Seus olhos queimavam com lágrimas, e logo passou a soluçar.

Fugira mais uma vez.

E sempre que corria, trazia seu corpo feminino.

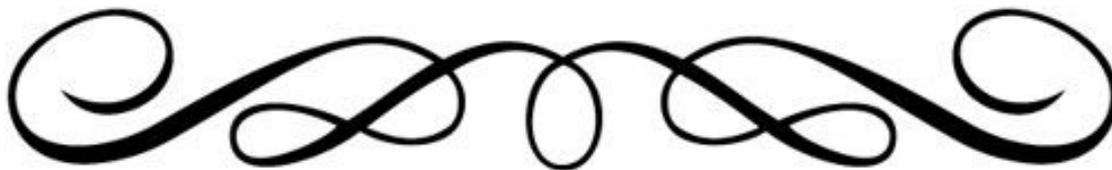
*Para sempre*, gritara para Duncan. Como fora infantil. Não podia fingir ser um homem para o resto da vida. Seus seios cresceriam. Jamais teria barba.

Mas sempre que pensava em viver como mulher, como as outras, sentia um aperto no peito e na garganta a ponto de não conseguir respirar direito. Se fosse estudar em King's Hall, seria um escrivão do rei, se ninguém a descobrisse...

– Jane?

Quando ela se virou, viu Solay.

## Capítulo 19



EM UM primeiro momento as duas se entreolharam. Mas logo Jane se jogou nos braços de Solay, chorando. Ambas diziam a mesma coisa: “Estou tão feliz por você estar bem!”

– Tivemos medo de tê-la perdido. – Solay enxugou os olhos com um lençinho branco e estendeu-o para Jane. – Estou muito feliz que você esteja bem e a salvo.

– Digo o mesmo.

As duas riram juntas.

– Você está bem mesmo, não é, Solay? E o bebê?

Um sorriso apagou a última lágrima de Solay.

– William Edward é um bebê grande, saudável e faminto. Justin é um pai coruja.

– Pensei que mamãe insistiria no nome Edward. – *Em homenagem ao rei.*

A expressão feliz de Solay mudou de repente.

– Talvez o próximo.

– Onde está William?

– Aqui, com a ama. Você precisa vê-lo.

Jane consentiu com a cabeça e assoou o nariz.

Solay a estudou, séria, observando a calça, o cabelo curto e a postura.

– Sempre soubemos que você não era feliz, mas mamãe e eu tínhamos esperanças de que quando crescesse seria diferente.

Jane contraiu os lábios. De alguma maneira visceral ela se sentia diferente, o que a deixava ainda mais confusa, sem saber como se explicar. Encarar Solay era um ato de coragem, mas não estava tão certa de um dia reencontrar a mãe.

– Eu estava em Cambridge – disse, resumindo.

– Tão perto! Todo esse tempo! Tínhamos a intenção de ir até lá procurá-la logo depois da reunião do Conselho.

– Tentei mandar um recado para que soubessem que eu estava bem, mas sem dizer onde. Não queria que você se preocupasse. – Jane tropeçou nas palavras.

– Venha. – Solay puxou a irmã pela mão e sentou-se num degrau da escada, longe da vista da janela. – Quero saber de tudo. Como chegou a Cambridge, o que tem feito e por que está aqui? Diga tudo, desde o começo.

O começo fora naquele quarto sufocante quando abandonara a irmã em trabalho de parto.

– Sei que devia ter ajudado você, mas eu estava apavorada. – Jane ainda sentia o gosto do medo de não medir as consequências, de cair numa armadilha ou se submeter a coisas para as quais não se julgava apta. – Então, eu corri. Será que um dia você me perdoará?

– Sei o quanto é difícil ser mulher para você. – Solay suspirou e acariciou um dos cachos loiros da irmã.

Jane sentiu um alívio imenso de ser compreendida. Duncan a conhecia bem, mas jamais entenderia o que ela sentia naquele momento.

– Fui direto para Cambridge – Jane começou a contar, deixando para falar de Duncan mais tarde. – Estou estudando latim, e devo me apresentar para o mestre de Glomery no mês que vem. Se ele me aprovar, poderei me matricular na faculdade.

*Em King's Hall, se for esta minha escolha.* Mas preferiu não se gabar. Solay não precisava saber de tudo de uma vez.

– Onde você mora?

– Em uma hospedaria. Trabalho na cozinha para pagar pelo quarto e pela comida.

A partir daí, ela passou a explicar os truques que usara para se manter escondida dos homens.

– Mas é seguro? – Solay apertou as mãos de Jane e franziu o cenho.

Não era segredo o quanto Jane se arriscava. Ela sabia mais do que a irmã podia imaginar.

– Sim – Jane respondeu sem hesitar. Queria tranquilizar Solay, e não amedrontá-la.

– Ninguém sabe que você é mulher?

Jane sorriu para a linda irmã, que nunca sequer imaginava ser nada além de uma mulher.

– Apenas duas pessoas sabem. Uma delas é uma moça que ficou minha amiga.

Palavra forte. Não podia imaginar Solay e Hawys trocando confidências.

– Foi o irmão dela que levou meu bilhete para vocês.

– E o outro? – perguntou Solay quando Jane hesitou em continuar.

Havia um brilho significativo nos olhos de Solay, algo que deixava claro que ela sabia da história e só aguardava para que Jane confessasse.

– Ele está aqui comigo.

– O mestre? – Solay tentou se lembrar de quem estava no salão nobre.

Jane confirmou com um sinal de cabeça.

– E você está feliz. – Aquilo era uma constatação, e não uma pergunta.

– Receio que a loucura que você já tinha tentado explicar me dominou. – Jane sentiu um nó na garganta.

– Mesmo que você tenha tentado fugir, sua feminilidade enfim a encontrou.

Jane meneou a cabeça e engoliu as lágrimas.

– Vocês já se deitaram juntos. – Mais uma constatação, e não uma pergunta.

Será que era tão óbvio assim, ou Solay a conhecia muito bem?

– Quero estar com ele sempre.

– E ele? – indagou Solay séria.

Jane balançou a cabeça.

– No começo ele achou que eu fosse John. Éramos amigos; como irmãos. – Jane ficou corada ao lembrar. – No entanto, agora que ele sabe quem sou, espera que eu seja uma mulher, pare os estudos, use saias e viva num convento até que acabem os estudos dele. Mas não posso fazer isso! – As palavras de Jane ecoaram no corredor. Diminuindo o tom de voz, prosseguiu: – Não posso. Espero que ele entenda minhas razões. Preciso que me entenda.

– E você? – perguntou Solay depois de um suspiro.

Se ela tivesse argumentado mais com Duncan... Mas nenhum *se* superaria a vontade de Deus. Jane nascera mulher. E tentar ser um homem, era como ser assexuada. Ou seja, não pertencia a lugar nenhum.

Mas se admitisse o óbvio, perderia tudo.

– Pelo menos, como rapaz, posso ficar perto dele.

– Ele não quer se casar com você? – Solay fez menção de se levantar, pronta para brigar.

– Claro que quer!

Se bem que Duncan nunca dissera a palavra “casamento”. Pelo menos não se lembrava de ter ouvido. Jane sentiu uma pontada no coração. Mas tinha certeza de que ele não a trataria como às outras mulheres.

Ou sim?

– Quero saber tudo sobre esse homem, Jane. Comece pela data de nascimento.

Quando Jane a informou, um sorriso brotou no canto da boca de Solay.

– Ah, ele é do signo de Leão. Não é um rei, mas age como se fosse.

– É verdade! Parece que você o conhece.

– Não, mas continue contando para que eu o decifre melhor.

E Jane continuou a falar, toda orgulhosa, da hospedaria que Duncan fundara, dos estudos para se tornar médico e gabar-se dos encontros dele com o rei, confessando inclusive que Duncan vinha de uma fronteira de bárbaros no norte do país, feliz quando Solay não disse nada sobre a procedência de Duncan.

– Estamos aqui para que ele peça ao Conselho para pagar o resgate de seu pai – concluiu ela terminando a história. – Nós precisamos da ajuda deles.

*Nós.* Uma única palavra resumia todas as suas esperanças e seus sonhos, que mal reconhecia como seus.

A noite chegou, e ela não podia mais ver e interpretar os olhos da irmã.

– É difícil precisar depender do rei – disse Solay, por fim, como se estivesse falando de uma experiência passada.

Mesmo assim, o rei oferecera um sonho a Jane. Então não podia fazer menos por Duncan.

– Eu a invejo de certa forma, Jane.

Jane reconhecia, em retrospecto, como Solay e sua mãe a protegeram. Mas era responsável por si agora, como sempre quisera. Embora as escolhas e decisões fossem bem mais difíceis do que esperava. Não queria pensar naquilo, pelo menos por enquanto.

– Por que você e Justin estão aqui? Pensei que não frequentassem mais a Corte.

– Mamãe estava certa. É impossível escapar do rei. – Solay deu de ombros, franziu o nariz e mostrou sinais de preocupação. – Justin foi embora naquela época porque não estava feliz com os planos do Conselho. Hoje em dia parece que ele não é o único. Acredito que o rei o chamou para participar da reunião porque só Justin poderá dizer a verdade a Sua Majestade. E Sua Majestade não gostará da minha ausência na audiência. Venha. Precisamos encontrar Justin e contar que você está a salvo. – Solay pegou a mão da irmã.

– Não! Você não pode fazer isso.

A alegria do encontro findou de súbito. Era um pedido inútil, pois Solay não guardava segredos de Justin.

– Preciso de tempo para contar a Duncan.

– Contar sobre o quê?

– Ele sabe que sou mulher. – Jane não sabia ao certo como terminar a frase. – Mas não quem eu sou.

– Você não pode falar de sua vida, omitindo isso?

– Ele acha que sou órfã.

– Jane, como espera que ele confie em você depois de tantas mentiras? – Solay girou os olhos.

– Mas você não entende?! Sou do sul, e ele achou que eu o desprezaria, o que em parte era verdade.

O que Duncan dirá quando souber que tenho sangue azul? Você sabe como é quando descobrem de quem somos filhas.

Solay endireitou o corpo. A filha de uma meretriz. Era assim que a chamavam.

– Mas ele precisa saber.

– Não enquanto a reunião do Conselho não terminar. Depois ele poderá notificar Pickering...

– Sir James Pickering? – A expressão suave do rosto de Solay se transformou.

– Sim. – O medo causou arrepios em Jane. – Sir James Pickering de Westmoreland. O orador da Câmara dos Comuns.

– Eles são amigos?

Jane se lembrou das horas que Pickering e Duncan passaram juntos, preparando-se para a reunião no Parlamento. Os homens costumavam chamar de amizade aquele tipo de relacionamento.

– Sim. Por quê?

– Foi Pickering quem executou o testamento da família Weston. Foi ele quem tirou nossa casa.

Perplexa, Jane deu alguns passos para trás e se sentou na escada.

– Então mesmo que Duncan não dê muita importância ao fato, mamãe...

– Ela não poderá aceitar.

Jane apoiou os cotovelos nas pernas e cruzou os dedos, olhando fixo para a escada de pedra. Até então evitara pensar em confrontar a mãe. Alys de Weston não era mulher de perdoar. Conseguir que a desculpasse por ter fugido já seria muito difícil, mas obter sua permissão para se casar com o amigo de um inimigo seria impossível.

Duncan intencionaria se casar. Será?

Tentou lembrar as palavras exatas dele. *Venha e vamos nos amar*, dizia a canção, e não *Venha e vamos nos casar*. Mas Duncan sempre quisera estar com ela, disso tinha certeza.

– Por favor, preciso de tempo. Não diga nada a Justin.

*Não diga nada a mamãe também.*

– Você contará, pois irá para casa conosco.

– Não! Ainda não. A reunião do Conselho é amanhã. Por favor, me dê esse tempo.

– Um dia e nada mais – afirmou Solay.

NA MANHÃ seguinte, Jane, admirando o sol percorrer sua trajetória pelo céu, esperava Duncan voltar da reunião do Conselho.

Ele saíra cedo, e ela continuou dormindo no quarto que dividiam com dois cavaleiros e seus escudeiros. O quarto estava vazio agora. Jane nem ousou sair, com medo de encontrar Justin.

Não tinha dúvidas sobre o resultado da reunião. Duncan era um orador eloquente, e o rei prometera que o pai dele seria libertado.

Jane sabia que Duncan continuava bravo com ela. E o salão nobre, lotado como estivera, não permitiria nenhuma privacidade para discutirem o mal-entendido ou o segredo dela. Agora, naquele momento de calma, ela imaginava o que diria.

*Duncan, eu disse que não tinha família, mas não é verdade. Sou filha do último rei Eduardo.*

A hora perfeita para falar sobre o assunto seria quando estivessem na cama, abraçados, depois de terem feito amor.

*Duncan, eu contei que minha mãe era uma mulher forte, mas odiada. Ela é Alys de Weston. E seu amigo Pickering nos tirou de casa e da nossa propriedade.*

Tinha dúvidas se conseguiria falar tão diretamente assim.

Ouviu os passos dele e se levantou para encontrá-lo. Mal passava do meio-dia. O Conselho decidira rápido.

– Junte suas coisas. – Duncan tentou se livrar da toga como se estivesse sufocando.

Jane o ajudou a se despir.

– O rei vai invadir a Escócia?

– Ah, sim, o rei vai invadir... – Duncan andava pelo quarto recolhendo as coisas, furioso. – Quando tudo estiver pronto, os homens do rei vão domar os escoceses selvagens e os ensinarão a respeitar os ingleses. E tantas outras bobagens que são mais impressionantes quando escritas em latim.

Jane entendeu que esse não era o final da história, temendo o que ouviria ainda.

– Quando as tropas partem?

– Na próxima primavera. No próximo verão. – Cada frase foi dita ao mesmo tempo que ele jogava uma peça de roupa na bolsa, como se estivesse dando socos. – Depois do Segundo Advento, talvez. Quando eles bem entenderem. – Parou de andar e a encarou, os olhos brilhantes de raiva e frustração.

– Enquanto isso, sabe o que eles fizeram?

Jane meneou a cabeça, ciente de que ele não esperava que respondesse.

– O rei nomeou novos Defensores de Fronteiras *de novo*. – Duncan falava com todo o sarcasmo de que era capaz. – Tanto para a região leste quanto para a oeste.

Ela tentou se lembrar do que sabia sobre as fronteiras. Suas preocupações com a guerra e a paz eram de menor importância ante o que teria de enfrentar. Que os escoceses invadissem o leste. O que mais a preocupava eram as terras de Duncan.

– Quem é o novo Defensor do Oeste?

– Ah, essa região é importante demais para um homem apenas. Fomos honrados com três. – Ele disse os nomes, mas os conhecimentos políticos de Jane eram poucos demais para reconhecer qualquer um deles.

– O que isso significa?

– Que passarão mais tempo lutando uns contra os outros do que combatendo os escoceses. Mowbray ficou com o leste, e ele nem possui terras em Northumberland!

Jane lembrou que Mowbray era o membro do Conselho que vira ao lado do rei.

– Não entendo, Duncan.

Os homens não tinham de ser racionais? Toda aquela intriga parecia bem distante dos padrões que Jane esperava.

– Deixe-me explicar. Ricardo nos jogou aos lobos para seu benefício, colocando inimigos antigos em posições de poder, como se estivesse jogando xadrez.

Jane sentiu como se tivesse levado um golpe. Muito ingênua, acreditara que pelo menos o rei fosse livre para reinar com sabedoria e como quisesse. Mesmo depois de ter desapontado Duncan antes, ela achava que devia haver uma boa razão para tanto. Mas a verdade era muito diferente. O rei lidava com homens que tinha de apaziguar.

E o pobre povo do norte não estava entre eles.

– Isso quer dizer que haverá menos dinheiro e menos homens para dispor na fronteira. Enquanto isso, o rei, que havia prometido nos vingar, fica sentado em palácios do sul esperando por um tempo bom e por uma brisa agradável antes que erga um dedo.

– E o seu pai? O resgate? Há dinheiro para tanto?

– Sim. – Duncan não parecia muito feliz. Puxou uma bolsinha, onde tilintaram algumas moedas. Mas era tão pouco que cabia na palma da mão.

– Isso não é suficiente, não é?

– Nem a metade do valor. Mas um pobre coitado de Cliff's Tower tem de se contentar com o que Sua Majestade lhe oferecer.

– É difícil precisar depender do rei – disse ela, surpresa por repetir as palavras de Solay.

Ignorado o conselho por tanto tempo, pensando que seria bem mais fácil para um homem do que para uma mulher. Imaginara que ter uma posição perto do rei seria fácil. Mas se Duncan tivesse tão pouca influência, um escrivão chamado John nem poderia almejar algo similar.

E os sonhos de transitar com poder pelo mundo masculino se esvaíram.

O poder da mão estendida não vinha fácil. O horizonte só era conquistado com trabalho árduo, passos curtos e vitórias a duras penas e inexplicáveis.

*Até mesmo com a mulher que divide sua cama.*

Jane o abraçou, confortando-se com o calor dele.

– Você fez tudo e mais um pouco do que podia.

– Sim, mas não foi suficiente.

– Foi suficiente sim. – Ela o encarou e o espantou com sua certeza. – Deus pode mover montanhas, alterar o curso dos rios e derreter os corações dos reis. Mas você não tem esse poder por não ser perfeito, não é?

Duncan franziu o cenho e tentou se soltar, mas ela não permitiu.

– Bem, obrigado por me lembrar disso. Achei que tivesse tido uma grande vitória.

– Você acha que se fosse perfeito traria seu irmão Peter de volta?

Um golpe de espada não o teria atingido mais do que aquelas palavras. Com a boca entreaberta, Duncan fixou o olhar num ponto do quarto, como se estivesse vendo o corpo ferido do irmão, revivendo o momento e desejando poder votar no tempo para ajudá-lo.

Jane segurou-lhe o rosto com ambas as mãos, e aos poucos ele foi dirigindo o olhar dela.

– Você *não precisa* ser perfeito. Eu te amo mesmo sendo tão obstinado.

Duncan respondeu segurando-a pelo rosto também, e pousando os lábios sobre os dela. Jane se derreteu, mas sentiu algo diferente e irreconhecível naquele beijo. Era um sentimento triste, de arrependimento, um eco da melancolia da canção sobre as terras deixadas para trás.

Quando se afastaram, ele a encarou, respondendo às inúmeras perguntas que povoavam a mente dela com apenas silêncio.

*Será que falei demais? Quer se casar comigo? Será que ainda me aceitará depois que eu contar a verdade?*

No entanto, aquele homem que sempre tinha uma resposta para tudo estava mudo.

Separaram-se rápido ao ouvir passos no corredor, e Duncan bagunçou o cabelo dela como fazia com Little John.

– Que Sua Majestade apodreça no purgatório por milhões de anos. Talvez, então, Ricardo entenda a vida que levamos nós, pobres mortais.

Como Jane poderia contar a ele que tinha o mesmo sangue do rei Ricardo?

– Venha. – Duncan mudou de humor de novo. – Se sairmos em uma hora chegaremos a Cambridge mais rápido. Preciso providenciar algumas coisas antes de viajar.

Jane estremeceu.

– Para onde você vai?

– Para o norte. Vou resolver sozinho o assunto do resgate.

– Mas por que  *você* precisa fazer isso? – Toda a raiva dela estava contida naquelas palavras.

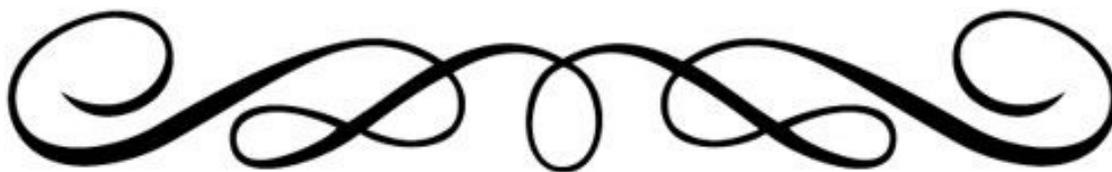
Jane precisava de tempo para se encontrar com Solay e Justin, para estudar um meio de se aproximar de sua mãe e para descobrir que tipo de vida podia ter ao lado de Duncan. E uma viagem até Deus sabe onde era o que menos precisava naquele momento.

– Vamos levar semanas para ir até lá e voltar, Duncan. O chanceler não concederá uma licença tão extensa das aulas. Além disso, tenho uma apresentação marcada com o mestre de Glomery.

Quando ele a fitou com uma expressão diferente de qualquer outra, Jane congelou. O que significava o brilho nos olhos dele? Compaixão? Piedade? Tristeza? Sentiu o baque se aproximar e soube que não tinha como se esquivar, a não ser que agisse como um homem.

– Lamento informar, querida. Vou viajar sozinho e não voltarei.

## Capítulo 20



DUNCAN PERCEBEU como o que disse chocou Jane, e se culpou por isso. Devia tê-la preparado, amenizado o choque ou criar uma história como se fosse para uma criança.

Entretanto, ela o ensinara a tratá-la como um homem, e era difícil mudar àquela altura.

– Por quê? – Os olhos dela refletiam medo e confusão.

Uma pergunta tão simples, mas de resposta muito difícil.

– Vou levar tudo o que tenho, encontrar o raptor e esperar que ele aceite minha oferta. – As moedas doadas pelo rei o afrontavam na palma de sua mão. – Se não der certo, irei me oferecer para tomar o lugar do meu pai.

Jane ficou estarrecida, tão apavorada quanto uma menina no escuro.

Ou seria fúria?

– E o que acontecerá depois, seu grande bobalhão? – Ela segurou-lhe o braço. – E se decidirem ficar com vocês dois?

A ironia obscura não os fez rir.

– Bem, então acho que apodreceremos juntos no cativeiro.

Um final apropriado para ele e o pai. Talvez o único que poria fim na guerra particular dos dois.

– E se libertarem seu pai, quem irá pagar o resgate por você?

O silêncio foi uma resposta convincente.

– Você tem um irmão, Duncan. Por que não pede ajuda?

– A obrigação do meu irmão é cuidar da mulher, dos filhos, da casa e das terras.

O irmão tinha uma vida que seguia os padrões normais, diferente de Duncan.

– Meu dever é trazer nosso pai para casa.

Jane o via como um herói, mas Duncan sabia que era apenas um disfarce do medo que a dominava.

– O que acontecerá é que os escoceses vão pegar o ouro do rei e vocês dois voltarão para casa. Depois você retorna a Cambridge para continuar cumprindo seu juramento.

Duncan sabia que haveria uma pena por se ausentar.

– Não, vou ficar e defender minha casa. Como posso pedir que o rei interceda nas fronteiras se eu mesmo não estou lá.

Jane perguntara a mesma coisa assim que se conheceram: por que ele saía do norte em vez de lutar?

Hoje entendia que não fora por medo; físico, pelo menos.

Duncan tentara deixar sua casa, mas as terras áridas e lindas ainda estavam em seu coração, apesar de todos os esforços para esquecê-las. Tinha construído uma vida em Cambridge, mas apenas parte de sua alma estava feliz. Seu coração ficara dividido numa trégua temporária; jamais teria paz.

*Não pertencço a lugar algum*, ele dissera. Mas seu lugar ao lado dela era irrevogável, embora não pudesse mantê-la ali para sempre.

Os olhos de Jane se encheram de lágrimas, dando mais uma prova de que seu coração nunca deixara de ser feminino.

– Você é um acadêmico, e não um cavaleiro.

Mais um dos muitos fatos que não sabia sobre ele.

Eles não tinham tido muito tempo juntos. E, agora, nunca teriam.

– Você acha que cresci na fronteira sem aprender a lutar? Sou um bom atirador se munido de um arco e flecha, sei manejar uma espada, ou atirar pedras, caso as outras armas falhem... – Ele ergueu os punhos. – Tenho isto também.

E ela era desprovida de qualquer arma.

– Você venceu os homens em Otterburn, aqueles que não puderam ser resgatados. Você me disse que eram centenas! Massacre-os e deixe-os morrer.

Duncan se arrependeu de ter contado sobre a batalha, mas na época ainda achava que falava com Little John. Cruzou os braços como se assim estivesse se impedido de alcançá-la. Quando olhava para Jane, não queria lutar. Seu desejo não era outro se não abraçá-la para sempre.

– Não tenho escolha. Se o rei não irá salvar minhas terras, o dever passa a ser meu.

– Mas por que você? Por que sempre você? Por que não permite que outra pessoa arque com esse fardo?

– Você não aprendeu nada enquanto esteve entre homens?

Mas ela nunca deixara de ser mulher, e não entendia. *Você acha que com isso trará Peter de volta?* Nada traria o irmão de volta, mas se Duncan não tentasse ao menos fazer alguma coisa a perda de seu pai abriria um vácuo ainda maior em seu coração.

– Você ainda está respirando, ou seja, deve haver alguma outra coisa para fazer. Essa é sua resposta final, não é?

As palavras dela o chocaram. No entanto, Jane não tinha lançado um desafio com o sarcasmo esperado, mas como em profunda resignação, aceitando o dever a ser cumprido.

Sim, Jane aprendera algumas coisas vivendo entre homens.

– Sim.

– Então, vou com você.

De repente foi ele que ficou com medo; mas não era um receio de lutar e morrer, e sim uma grande preocupação pelo que poderia acontecer com Jane em terras desconhecidas.

– Lá não é lugar para uma mulher.

A vida lá não era fácil. Só se conseguia alguma coisa ao se tirar da terra ou do inimigo. E Duncan estava de mãos vazias.

– Não irei como mulher, mas como John, seu escudeiro. Ficaremos com os escoceses ou no seu castelo, e conversaremos num latim precário para que ninguém mais entenda.

Sempre tola. Pronta para se atirar ao perigo com a ousadia de um garoto. Mas a cada dia que passava, ela se parecia menos com um rapaz.

– Você não pode, querida. Você está mudando, sua voz é fina demais, seus quadris, muito grandes, e seu rosto muito... – Duncan não completou a frase, dando uma tossidela. Era melhor tentar focar nos termos práticos e argumentos lógicos. – Com fará quando estiver naqueles dias todos os meses?

– Ninguém se aproximará o suficiente para ver – disse ela, convicta.

Nisso Jane tinha razão, mas apenas quando estivessem juntos.

– É perigoso demais. Não posso permitir. – Duncan tentou ser mais delicado.

– Posso lutar – disse ela com os olhos azuis faiscando e erguendo os punhos. – Você me ensinou.

As boas intenções que tivera ao ensiná-la a se defender voltaram-se contra ele. Devia tê-la mandado embora assim que descobrira que se tratava de Jane, e não de John. Mas permitira que ela ficasse, na esperança de compartilhar algum tipo de vida a dois.

No entanto, Duncan era uma criatura híbrida, como um centauro, alojado entre dois mundos hostis, mas não pertencente a nenhum.

Assim como Jane.

– Não, Jane.

Quanto mais agitada ela se mostrava, mais calmo ele permanecia.

– Vou partir sozinho.

Ela não tinha um cavalo, nem como viajar. Depois de montado em seu cavalo, Duncan poderia deixá-la sumir com a poeira.

– Se fizer isso, irei atrás de você e o encontrarei. Agora, na semana que vem ou no ano que vem. Ou eu o encontro ou morro.

Duncan se espantou com a força de vontade de Jane. Ela não era mais Little John, que havia fugido de casa numa manhã ensolarada de agosto. Seus seios tinham crescido mais. As mudanças não haviam sido apenas físicas. Jane unira a paixão feminina com a responsabilidade masculina, honra e determinação. Se não pudesse mais controlá-la, teria de deixar de amá-la.

– Você não pode me dissuadir. – Jane sorriu, pensando que atingira seu objetivo. – Posso correr mais rápido que você.

– Não, não pode.

Todas as esperanças e os sonhos que tiveram um dia agora se esfacelavam diante dos dois. Pena que ele não pudesse ver o futuro com a mesma fé tola que ela.

– Vou dizer mais uma vez. Estou partindo para a guerra. E lá não é lugar para uma mulher.

– Mas não serei mulher!

– Você quer a mim ou a vida de homem que posso proporcionar?

Jane entreabriu a boca, perplexa como se tivesse levado um tapa.

– Será que é tão difícil assim saber qual parte de mim é Jane e qual é John?

– Você não tem nada de John, apenas de Jane. Pelo amor de Deus, você é uma mulher! Olhe só para você!

A mesma angústia que o abatia estava refletida no rosto de Jane.

– Mas...

Duncan levantou a mão.

– Essa discussão terminou. Você pode voltar com sua irmã ou ir para um convento, mas não irá comigo.

Pelo menos não iria para um lugar onde pudesse conhecer uma parte de uma vida que ele próprio gostaria de se esquecer.

– Vou fugir! – Jane fazia bico de novo e os lábios tremiam.

– Ah, minha Little Jane, você não pode fugir a vida inteira. – Duncan sentiu a garganta se apertar com as lágrimas dela, que tanto gostaria de aplacar.

Ele se virou de costas e continuou a jogar as coisas na sacola, não prestando a atenção ao que fazia.

Atrás dele, apenas o silêncio.

Depois de alguns minutos, ela se aproximou e o abraçou pela cintura, pressionando o corpo contra o dele.

– Será que um dia voltarei a vê-lo? – A voz dela estava fraca, derrotada.

A resposta devia ser negativa, mas ele era incapaz de acabar com as esperanças dela. Ou dele próprio.

– Talvez. Um dia... – disse Duncan, embora soubesse, assim como Jane, que não haveria um dia futuro se ele partisse sozinho.

Ao senti-la tremer, teve vontade de chorar também e lamentar pela separação que sofreriam. Não podia fitar nos olhos dela, pois estaria arriscando a não deixá-la mais.

– Quando você parte?

– Assim que arrumar tudo em Cambridge. Alguns dias apenas, depois sigo para o norte.

Sozinho.

A casa-torre, construída no meio do imenso vale, rodeada por montanhas verdejantes, o cumprimentaria como se fosse uma guardiã do rio. Se sobrevivesse, desejava vagar por aquelas paisagens de novo, sentar-se diante da lareira no inverno e tocar o alaúde. Estaria sem aquela estranha meia-mulher que enxergava sua alma, porém sabia que em seu coração ficaria um vazio que nunca mais seria preenchido.

SENTADA ATRÁS dele, com a cabeça apoiada nas costas largas, Jane chorou tudo o que podia.

O olhar de Duncan estava fixo na estrada, e não a via.

*Você não pode fugir para o resto de sua vida.*

O que mais teria feito? Não era à toa que ele não a queria mais, pois não era melhor do que uma criança, um peso, e não uma ajuda.

Apesar da promessa que fizera a Solay e a si mesma, Jane não enfrentara nada. Nada fora resolvido.

Bem, ao menos aprendera uma coisa em seu convívio com homens. Construir uma vida era difícil. Um homem precisava arcar com a responsabilidade sobre si mesmo e de suas atitudes.

Havia chegado a hora de ela fazer o mesmo.

Enquanto não tomasse nenhuma atitude, não seria merecedora do sangue real de que tanto se orgulhava. Sua mãe também fora forte fazendo todo o possível para lutar pelas filhas e assumir obrigações. Solay fizera o mesmo.

E quanto a ela? Tudo o que fez foi vestir calça em vez de saia, esperado que o mundo abrisse as portas para ela. Quando nada disso aconteceu, tivera esperanças de que Duncan ou o rei pudesse

ajudá-la.

Solay a procuraria pela manhã. E quando descobrisse que ela fugira iriam procurá-la, assim que Justin cumprisse as obrigações em Westminster.

Depois a levariam para casa e forçariam a usar saias, enquanto Duncan viajava sozinho para o norte. Talvez na direção da morte.

Antes de ser encontrada, Jane precisava convencer Duncan de que pertenciam um ao outro, em Cliff's Tower ou em Cambridge, mas construiriam uma vida diferente, mesmo que ela ainda não soubesse como. Ela era uma mulher. Tinha se convencido disso, sentindo prazer pela conclusão, mas não muito feminina para outras coisas.

Contudo, mesmo que ele cedesse e a levasse na viagem, existiria ainda uma mentira a separá-los.

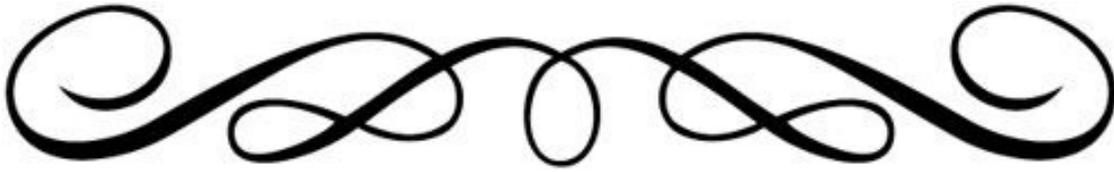
Desafiaria a mãe se preciso, mas tinha dúvidas se Duncan a aceitaria quando descobrisse a verdade.

*Chega de procurar respostas lógicas e inexistentes.* Ela era uma mulher. E como tal usaria a única arma que possuía para se prender a ele.

E a usaria sem vergonha nenhuma.

Ao levantar a cabeça, Jane permitiu que o vento secasse suas lágrimas. Não o deixaria partir sozinho.

## Capítulo 21



JANE ENTROU sorrateira no quarto de Duncan algumas noites depois e o viu dormindo de costas, mas parecia a postos para acordar a qualquer minuto. Ela admirou o brilho frio da lua refletir naquele cabelo escuro e os cílios compridos acariciarem seu rosto. Mal tinham se visto desde que chegaram de viagem.

Duncan precisou explicar ao chanceler como pagaria por ter quebrado o juramento, depois passou as tarefas da hospedaria para Henry até que outro gerente fosse escolhido. Duncan devia ter ido ao convento de St. Radegund e conversado com as freiras, mas Jane se recusou a ouvir quando ele tentou convencê-la de que teria uma nova vida.

Será que os sonhos dele a incluíam? Teria algum arrependimento?

Numa fração de segundo ela tirou a túnica, desenfaixou os seios e respirou melhor.

Ele a encararia como era.

Fazia frio naquela noite de janeiro. Era difícil compreender como Duncan conseguia dormir de peito nu e sem uma manta. Ao encostar a mão nele, Jane sentiu os dedos quase queimar com o calor daquele corpo másculo. De repente, ele lhe segurou a mão e abriu os olhos.

Devagar ela o cobriu com seu peso, compartilhando o calor do corpo dele e beijando-o para impedi-lo de protestar. A posição era estranha, e Jane sentiu o vento frio varrer-lhe as costas. Sempre faziam amor numa posição contrária.

Rendendo-se, ele a abraçou. Beijaram-se com paixão e, no instante seguinte, Duncan já estava pronto para possuí-la. Era engraçado como um homem estava sempre a postos para fazer amor. Jane vira que seu membro enrijecera antes de se deitar. Vencido, Duncan a abraçou e o desejo venceu seu cérebro, dando-lhe a certeza de que não a mandaria embora antes que fosse tarde demais.

Duncan tentou se virar e ficar por cima, mas Jane fixou os pés no colchão numa luta sem palavras. Apoiada nos braços esticados ao lado do corpo dele, Jane balançou a cabeça.

– Dessa vez você é meu – sussurrou ela e se sentou sobre ele. – Agora você vai me preencher totalmente.

Ela o recebeu devagar, aconchegando-o em seu corpo quente. Duncan murmurava, não querendo ou não podendo protestar. Jane arregalou os olhos quando o sentiu inteiro dentro de si, mais profundamente do que se estivesse sob ele. Daquele jeito era certo que o sêmen encontraria seu ventre.

Jane descobriu um tipo diferente de liberdade naquela posição. Seus quadris ditavam o ritmo da relação, enquanto ele a tocava com o dedo em seu ponto mais sensível.

Envolvida pela alegria do poder recém-descoberto, divertiu-se com o modo como seus quadris e o dedo dele se expressavam numa linguagem desconhecida. Não se tratava apenas da linguagem do amor, mas a maneira de se comunicar dos amantes incluindo toda a sensualidade, força e subversão. Não se tratava do jeito masculino de falar, mas de uma força que pertencia apenas à mulher. Naquela noite, os dois se fundiriam num só de verdade. Jane exerceria o poder misterioso que o amedrontava tanto e que só pertencia a ela.

Duncan sempre a protegera, tomando cuidado para não despejar sua semente em seu ventre. No entanto, era Jane que comandava agora, utilizando com destreza a força da natureza que os separava e os unia em seguida.

Jane balançou o corpo, deliciando-se com a expressão de puro êxtase do rosto dele. Com extremo deleite, percebeu que naquela posição ele tinha maior facilidade para viajar com as mãos pelo seu corpo. Ele a segurou pela cabeça e beijou-a com volúpia, enquanto acariciava-lhe os seios, sensíveis por terem ficado enfaixados por tanto tempo. Ele os acariciou devagar, apertando-lhe os mamilos a ponto de atíçar uma fagulha que disparou dali para o meio das pernas dela, onde estavam unidos.

Agora ele havia virado o jogo, os dedos hábeis brincavam com os mamilos, enquanto com a outra mão tocou-a no centro de sua feminilidade. A gentileza havia sido posta de lado quando ele a segurou nos braços como se a quisesse manter assim durante a noite inteira.

O desejo passou a reger os movimentos dela, aumentando o prazer ao movimentar os quadris, arfando e ambicionando consumi-lo inteiro com o corpo. Naquele momento, pairando num universo só deles, ela se esqueceu de toda a lógica da sedução, a razão a abandonou até que se limitou a ser apenas um corpo pulsante no auge de sua feminilidade. Um corpo que dançava de acordo com a melodia dele.

As peles de ambos já não eram mais barreiras, mas condutoras de calor, movimentando-se como grandes ondas de prazer.

Já não eram mais dois seres, um homem e uma mulher, mas uma pessoa só, completa e totalmente nova.

Vida.

Um grunhido brotou na garganta de Jane, que tentou impedir antes que se transformasse num grito de extremo prazer, alegria e ardor.

Duncan a segurava pelos quadris e ela já não sabia mais quem controlava aquele ritmo alucinado e veloz. Até que se deixou cair sobre ele, cravando-lhe os dentes no ombro para reprimir o urro de alegria, sabendo que a semente dele tinha se enraizado em seu útero.

Ela ainda tremia com os resquícios do prazer, quando ele a cobriu. Jane suspirou, sentindo-se em paz, pronta para aproveitar o restante da noite. Quando chegasse o amanhã, Duncan saberia da verdade.

DUNCAN ACORDOU, pensando no sonho que tivera com sua casa, com os monges enclausurados na abadia de pedras amarelas e com os camponeses arando o campo. No sonho encontrava-se com todos, sentindo a terra firme sob os pés, o vento selvagem batendo em suas costas e as montanhas preenchendo seu olhar.

Quando partira, intencionava nunca mais voltar para uma casa vazia. Seus pais não compartilhavam de mais nenhum elo de carinho, nem com os filhos. Eles pareciam deslizar pela vida como dois imensos pedaços de gelo flutuando no mesmo rio, trombando-se vez por outra, mas nunca se unindo.

As palavras nunca foram valorizadas ou bem-vindas na família. Duncan nunca obtivera um aceno ou um gesto que aprovasse o que fazia.

Assim, saiu da casa-torre para pastorear as ovelhas, percorrer as montanhas, ou trabalhar ao lado dos camponeses. As ovelhas eram silenciosas.

Intimidados e confusos pela atitude do filho do dono da propriedade, os criados nunca conversaram com ele, considerando-o louco por se fazer passar por camponês. Mas Duncan agia assim por uma alegria física, sentindo vivo cada músculo de seu corpo e abençoado por estar tão próximo às montanhas, aos lagos e da à terra.

Diante daquela imensidão, às vezes agarrava-se a uma sensação de paz que não tinha em casa.

Saíra da casa da família sem planos de voltar, mas as obrigações, como se fossem um débito atrasado, o encontraram. Porém, também encontrara a mulher, a única, que parecia compreendê-lo e mostrava vontade de compartilhar a vida com ele.

Duncan bem sabia o que Jane tinha feito naquela noite e os motivos.

Mas não importava. Não mais.

Tentara imaginar-se apresentando Jane a seus pais: *Essa é minha esposa.*

Seu pai olharia suas roupas, e desprezaria e a insultaria na hora. *Que tipo de criatura é essa? Vocês dormiram juntos e ela engravidou? Não precisa se casar por isso.*

Sempre em silêncio, sua mãe não tiraria os olhos do chão, lembrando-o da razão pela qual ele os deixara, saindo à procura de algo *a mais*.

E agora encontrara, mas era tarde de mais.

Não, não podia levá-la àquele lugar sombrio. Jane provavelmente aprenderia a gostar da terra selvagem como ele, mas não seria suficiente. Quando ela conhecesse sua família, o amaldiçoaria. O abismo entre os dois ficaria evidente, e mesmo que se amassem não conseguiriam jamais alcançar um ao outro.

Um filho não podia ser criado no inferno que vivera...

Não. Isso não aconteceria nunca. Se Jane estivesse grávida, casaria com ela e encontraria um meio de mandar dinheiro para o filho, para ser criado num ambiente mais amigável e melhor.

E se por um acaso muito remoto sobrevivesse aos escoceses iria procurá-la de novo. No entanto, não conseguia sequer vislumbrar partes daquele sonho.

Não podia pedir que ela o esperasse. Agora, sua vida era só obrigação.

Conforme as horas passaram trazendo a madrugada, Duncan a segurou, sem pensar em nada e em tudo, mas com a certeza que tinha de ficar com ela, embora soubesse ser um sonho impossível.

Amava Jane, mas mesmo assim a deixaria. Comunicaria sua decisão assim que ela acordasse.

DUNCAN SENTIU os lábios dela e a melodia da voz doce antes mesmo de abrir os olhos.

– Não vou demorar muito para me arrumar, mas gostaria de começar a viagem com roupas limpas. Se eu as lavar agora de manhã, estarão secas amanhã. Está bom assim? – Ela o beijou de leve no nariz, e a colcha foi puxada quando se levantou sem esperar pela resposta, como se já soubesse.

Ele a observou revolver a lenha da lareira com um sorriso de felicidade iluminando-lhe o rosto. Uma mulher. A mulher dele, que carregava sua semente e talvez um filho.

O que acontecera na noite anterior deveria ter mudado a vida de ambos, mas continuava tudo igual. Tinha de falar com ela naquele instante.

– Jane, venha aqui. Precisamos conversar.

As chamas aumentaram na lareira, e em vez de ela entrar debaixo do cobertor, seguiu até as janelas, embrulhada no lençol, e as abriu.

– Não está nevando. O tempo está bom para viajar.

O ar frio entrou, implacável, gelando o quarto.

– Feche a maldita janela e venha aqui. Precisamos falar sobre a viagem. – Duncan se arrependeu no mesmo instante por ter sido rude, mas estava com dificuldades até mesmo para falar.

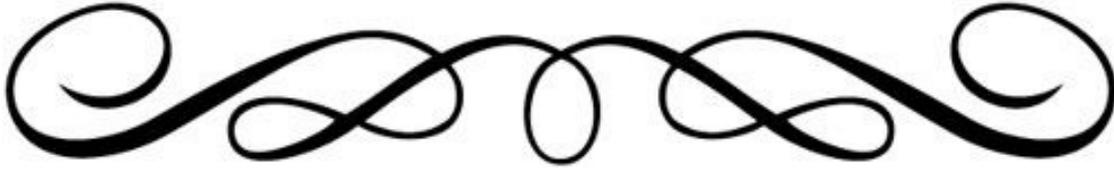
A janela de madeira se fechou ruidosamente quando ela baixou a trava, trancando o vento e o sol fraco para fora.

– Antes que você comece, preciso confessar uma coisa. Você tem de saber.

O arrepio que Duncan sentiu não foi de frio, mas, pela expressão sinistra que Jane assumiu, apagando a felicidade que instantes atrás iluminava seus olhos.

– O que foi? – perguntou ele sem saber se queria ouvir a resposta. – Seja rápida.

## Capítulo 22



JANE OBSERVOU os olhos dele, tão acinzentados como uma nuvem de chuva, imaginando a razão de tanta impaciência. Sabia que não devia tocá-lo se quisesse contar o restante de sua história para assegurar que continuariam juntos.

Ao prender as pontas do lençol ao redor do corpo, ela prometeu enfrentar a vida e consertar o que fosse preciso. O primeiro passo seria apresentar a verdade para que pudessem embarcar numa vida a dois.

– Não lhe revelei tudo sobre minha família – começou com a voz estremecida.

– Bem, você também não me disse que era mulher. O que pode ser mais chocante que isso?

As palavras bruscas estavam atrapalhando a confissão.

– Se eu disser a verdade, você vai ficar bravo?

*Vai continuar me amando?* Era essa a dúvida que a atormentava de fato. Duncan nunca confessara seu amor.

– Não ficarei bravo. O que é?

Palavras sem sentido, ditas em um tom agressivo, quando tudo o que ela queria ouvir era um poema.

– Promete?

– Você precisa de promessas para viver, Little Jane? – Naquele instante a impaciência se transformara em algo diferente. – Promessas feitas ao léu quebram-se com facilidade.

*Prometa*, ela implorou. Como exigir se ele nunca tinha prometido nada?

Ela decidiu começar bem devagar para ele ir se acostumando com a novidade.

– Eu disse que era órfã.

– E não é.

Jane respondeu que sim com a cabeça.

– Isso não me surpreende. Quem são seus pais?

– Meu pai está morto.

– Sinto muito, querida. – A expressão do rosto dele se transformou ao se lembrar da perda do irmão.

Ela decidiu se apressar, porque não era a morte o mais importante a dizer.

– Ele era o rei.

Duncan começou a rir.

– Isso não é hora para piada. E você não é nenhuma princesa.

– Não sou uma princesa. – Ela inalou profundamente. – Sou filha do rei Eduardo e de Alys de Weston.

O riso cessou no mesmo instante. Os olhos dele refletiram dor e em seguida raiva.

– Isso quer dizer que desistiu de continuar brincando comigo. É o que está me dizendo.

Jane sentiu o sangue se esvaír de seu rosto.

– Não é nada disso...

– Não precisa se preocupar, meu bem. Não vou segurá-la “para todo o sempre” nas terras amaldiçoadas do norte.

Jane esperava por uma reação, mas não aquela.

– Do que você está falando?

– Agora que você já se divertiu com os garotos, deve estar pronta para procurar um homem mais poderoso. O rei já disse que você pode estudar em King’s Hall. É um grande passo depois de viver numa hospedaria cheia de nortistas selvagens.

– Só contei porque você disse que não ficaria bravo. Estou falando da minha família.

Mas foi como se Jane tivesse dito o que Duncan significava para ela.

– Você já escolheu seu próximo amante quando estivemos em Westminster, enquanto eu me ajoelhava diante do Conselho para pedir migalhas?

– Isso não é verdade. Você deveria saber.

– Eu servi a um estudante de gramática, mas você se tornou um bacharel na cama, não é? Quando for um mestre irá para a cama com a realeza?

– Pare com isso! Pare!

– Fico honrado de ter sido seu primeiro homem. Isso é, se *fui* o primeiro. Ou talvez você quisesse apenas saber como era o *botellus* de um bárbaro. O meu pode não ser real, mas você não se importou quando o sentiu no meio das pernas.

Jane deu um tapa no rosto dele com a força que ele lhe havia ensinado.

– Não mereço isso, nem você!

Duncan abriu a boca para negar, mas nenhuma palavra brotou de um rosto lívido e incompreensível.

Ela apertou os olhos e os fixou naquele estranho a sua frente. Corpo, mente e coração... Será que o conhecia mesmo? Por sua vez, ele também dissera coisas como se estivesse se dirigindo a uma estranha. Agora que a verdade fora revelada, tudo o que ele devia saber sobre ela estava enterrado em preconceitos.

*Você ouviu as histórias, não?* Isto tinha sido uma das primeiras coisas que ela ouvira dele. Bem, Duncan também devia ter ouvido falar de Alys de Weston.

– Você tem vergonha de mim, não é? É por isso que não me leva para sua casa. – Ela começou a rir, com uma pontinha de felicidade. – Uma mulher que viveu entre todos esses jovens acadêmicos vigorosos... Ela não pode ser apresentada aos seus pais, não é?

Duncan estava transtornado, mas logo voltou a ser o mesmo que ela conhecia.

– Isso não é... – começou ele. – Você não sabe... como é lá... sobre minha família. – Estranho que um homem que enfrentava o Parlamento não conseguisse formular uma frase em sua defesa. – Não posso levá-la, mas não pelas razões que imagina. Preciso contar que meu pai, minha mãe...

Jane mal compreendia as desculpas que saíam dos lábios dele aos borbotões.

– Não quero mais ouvir nenhuma palavra sobre sua mãe, seu pai, seus irmãos, nem das malditas terras e lagos.

Assim dizendo, ela começou a se vestir, antes que não conseguisse mais enxergar de tanta raiva.

– Mestre Duncan é conhecido pela fala suave, mas você não passa de um mentiroso. – O sotaque dela tinha o gosto de lágrimas: – Se sou uma vergonha para você, não custava ter me dito, meu bem. Eu teria entendido.

E agora estava tudo claro como água. Não importava para onde corresse, ela seria sempre a filha de uma ordinária, jamais seria adequada para ninguém, homem ou mulher que fosse.

– Não é isso. Nunca. – Havia algo nos olhos dele que Jane não entendeu, mas era tarde demais para tentar decifrar. – Mas você não pode ir comigo. Vou levá-la para sua casa antes de ir embora.

– Não! Não quero nada de você.

– Pedirei a Geoffrey e Henry que a acompanhem. As estradas são perigosas...

– Não ouse dizer nada a ninguém sobre mim ou minha família. – Ela sabia que era a única responsável por si mesma e por todas as temerosas consequências. Exatamente como sempre quisera, mas não previra aquele sentimento frio e solitário que abalava seu coração. – Não quero nada de você, de nenhum de vocês.

– Preciso ter certeza de que você está sendo cuidada. E se estiver grávida...

De repente foi como se um raio os tivesse atingido.

O que ela faria agora se Deus tivesse atendido seu pedido?

– Mande me avisar se estiver grávida – disse ele num sussurro. – Nós nos casaremos por procuração e vou lhe mandar tudo o que tenho.

Tudo menos ele próprio.

Jane caiu no erro de olhar para ele.

– Você não ouvirá uma palavra a meu respeito, nem me verá. Não serei um fardo. Nunca mais. – Jane parou à porta e engoliu o pranto. – Adeus.

DEPOIS QUE ela saiu, Duncan ficou olhando para a porta sem acreditar no que acontecera.

Menino. Mulher. Filha do rei. Filha de uma prostituta. Sem ter conseguido contar sobre a vida miserável que o aguardava, ele agora estava ainda mais confuso sobre o que ouvira.

A princípio achara que se tratava de uma brincadeira, muito embora não estivesse com humor para rir.

Em seguida, concluíra que ela o tinha rejeitado. Se um piso sujo e uma casa-torre de pedra fria já não eram suficientes para oferecer à Jane órfã seria muito menos para uma princesa. Não precisaria esperar para que ela visse sua família e sua casa para sentir seu desprezo. Ela já o desdenhava, conforme o esperado.

Confuso, chegou a temer que tudo tivesse sido fingimento, como a inocência dela, o amor... Parecia que servira de passatempo antes que ela procurasse os homens poderosos da Corte do rei Ricardo.

Ele podia competir com os melhores mestres, mas quando se tratava de confessar seus sentimentos a uma mulher, balbuciava como um bebê.

Arrependeu-se tarde demais de sua língua impertinente. Jane tinha ido embora.

E por que estava arrependido? Conseguira o que queria.

Não viajariam juntos.

Mas pelas razões erradas.

*Você tem vergonha de mim.* A acusação, tão ridícula, ecoava em seus ouvidos. Não havia vergonha nenhuma em ter nascido filha do rei e de sua amante. Não teria ligado se ela fosse a filha de uma lavadeira. Amava-a de qualquer jeito.

Seria possível que ela sentisse o mesmo?

Parou de pensar quando alguém esmurrou a porta e a abriu.

– Aquele era Little John? – Henry perguntou. – Ele parecia uma moça.

– Ele é uma moça – Geoffrey respondeu. – Eu já desconfiava, Duncan, e você mentiu para mim!

Você sabia esse tempo todo.

– Estava dormindo com ela debaixo do meu nariz – Henry continuou. – Ela o satisfaz?

– Cale a boca e feche a porta! – Duncan se sentiu nu como uma agulha, levantando os punhos como se fosse protegê-la. – Não fale dela assim.

Henry ergueu e baixou as mãos, rendendo-se. Geoffrey, por sua vez, não parou de falar:

– Nós já conversamos sobre isso. Lembra que, quando perguntei, você olhou para mim, dentro dos meus olhos, e contou uma mentira maior do que a torre de St. Mary? Qual é o nome dela? Quem é ela?

É a mulher que amo e que acabei de perder. Duncan se deixou cair na cama, apoiando a cabeça nas duas mãos.

– Ela se chama Jane e é filha do rei Eduardo e Alys de Weston.

Henry nem se deu ao trabalho de rir.

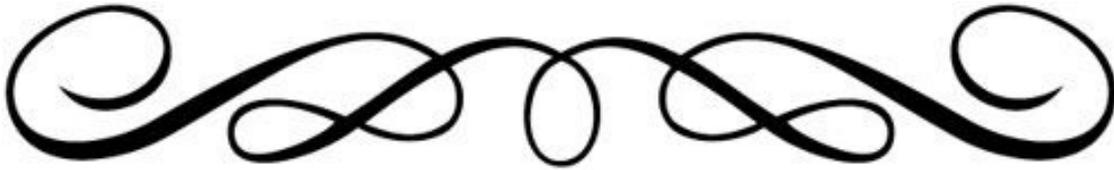
– Ahã. Agora conte-nos a verdade.

– É o que estou dizendo.

E depois de trocarem olhares, Geoffrey disse:

– Acho que você precisa contar essa história desde o começo.

## Capítulo 23



JANE PASSOU correndo por Geoffrey e Henry direto para o quarto dos rapazes, feliz por ter privacidade para terminar de se disfarçar de rapaz antes que fosse vista. Envoltos no lençol, enfaixou os seios, respirando fundo para prendê-los com bastante firmeza.

Ele não a queria mais. E pensar que imaginara que conhecia bem os homens, mas no final tinha sido tola como qualquer outra virgem, entregando-se a um homem, confundindo amor e luxúria.

*Você não pode fugir a vida inteira.*

Chegara a hora de voltar para casa, fazer as pazes com a família e consigo mesma.

Àquela altura Geoffrey e Henry já saberiam da verdade. Tomara que a notícia não se espalhasse antes de ela sair. Começou a arrumar suas coisas.

Olhou-se no espelho. Ali estava um dos presentes do rei para sua mãe. Antes de compartilhar a cama com Duncan, não tinha noção da intensidade do desejo de um homem ao tocar os seios de uma virgem. Agora entendia aquela loucura muito bem, e sabia que representava o que tanto temera.

A bolsa estava tão leve quanto quando saíra de casa, porém seu coração pesava mais.

Tinha intenção de passar no mercado para comprar alimento para a viagem, e pela taberna para se despedir de Hawys e agradecer pela amizade. Estranho pensar que pretendia viver entre homens, mas apenas a amizade de uma mulher prevaleceria.

Depois de tudo pronto, desceu as escadas devagar, passou pela porta do quarto de Duncan e deixou a hospedaria.

Tinha esperanças de encontrar uma nova maneira de viver, diferente das outras mulheres, mas como uma delas. Pensando assim, passou a andar balançando os quadris.

Encontrou-se com Hawys na barraca de vegetais e acenou, ansiosa para contar as novidades.

– Lá está ela. Peguem-na!

De repente mãos fortes a agarraram e a puxaram para um beco entre dois prédios, encostando-a numa parede de madeira. Jane respirou fundo, sentiu o cheiro de couro e piscou, procurando se localizar.

Quatro agressores a circulavam. Já os tinha visto uma vez ou duas quando estava segura ao lado de Duncan, Geoffrey e Henry. Ousara inclusive corrigir erros de gramática deles.

O maior de todos a encarava com olhos semicerrados do mesmo jeito malicioso que um homem olhava para uma mulher.

Toda a alegria de ser mulher sumiu como que por encanto.

Jane tentou lutar, mas dois deles impediram os movimentos e a pressionaram contra a parede.

O líder, cheirando a cebolas e cerveja, chegou bem perto do rosto dela.

– É um truque! Muito espertos aqueles camaradas do Solar. Eles vestiram você de rapaz para que pudesse trabalhar lá e servir a todos eles. Queremos parte desse quinhão.

*Ficarei firme. Preciso ser John um pouco mais.*

Apesar de presa, ela encolheu os ombros e empinou o queixo, desafiando-os.

– Vocês devem ser cegos se não sabem diferenciar um rapaz de uma garota. Ou talvez sejam do tipo que gosta de outros homens.

Um deles, entendendo a ofensa, soltou-a como se estivesse queimando as mãos.

– Não a deixe enganá-lo – disse o líder. – Ela não é um rapaz.

– Sou sim. – Jane manteve a voz baixa e forte. – Por isso é melhor me largar antes de serem acusados de sodomitas.

Os olhares se concentraram no líder, que, por um momento, também ficou em dúvida.

– Se você for homem, prove. Mostre seu *botellus*.

Jane começou a suar até encharcar o cabelo.

Tudo o que aprendera tinha de servir para salvá-la.

Não olhou para o pano enrolado debaixo de sua calça, mas empurrou o quadril para a frente, como se estivesse se exibindo com orgulho.

– Aposto que é maior do que o seu, mas não preciso me exhibir na rua. A não ser que queiram mostrar os seus.

– Primeiro você.

Quando o líder a alcançou, ela foi mais rápida e o acertou com o joelho na virilha, fazendo-o gritar.

Os quatro pularam para cima dela, derrubando-a na lama e segurando-lhe os braços e pernas, enquanto o líder se posicionava entre suas coxas.

– Vou mostrar o meu agora mesmo. – Ele sorriu com a boca faltando a maioria dos dentes. – Bem no meio das suas pernas.

Jane sentiu o medo fluir com sua corrente sanguínea. Quando estava acompanhada pelos amigos, nenhum risco parecera real.

O peso do líder a esmagava.

– Vamos ver o quanto você é homem – vociferou ele, ao puxar a calça dela para baixo.

No mesmo instante o rolo de pano caiu na lama. Sem aquela proteção ela estava totalmente exposta.

Jane fechou os olhos e rezou pela misericórdia e pelo perdão de Deus, embora Ele não tivesse razão para atendê-la.

Mas quando abriu o olho, Deus a tinha ouvido.

Duncan puxou o líder de cima dela e o acertou no estômago. Os outros três a soltaram e o cercaram.

Quando fitou Duncan, Jane reconheceu o amor que tanto desejara nos olhos dele.

– Corra, Jane!

Em vez de obedecer, ela puxou a calça e começou a se balançar de um pé para o outro na tentativa de se mostrar um adversário e nivelar a diferença. Ficou fora do alcance para não ser presa de novo, batendo nas cabeças, costas, braços e tudo o que conseguisse atingir.

Com o canto dos olhos viu Hawys e pensou em pedir que ela fosse buscar ajuda.

Duncan dissera que sabia lutar. E ali estava a prova viva. Ele lutou como se estivesse possuído. Esmurrando e chutando... Até mesmo os escoceses se curvavam a tamanha fúria.

Mas ele era um só.

Quando um dos larápios a segurou com os braços para trás, ela não teve opção a não ser chutar o ar. Os outros três estavam livres para lutar com Duncan no chão.

Desesperada, Jane olhou ao redor, procurando ajuda, mas Hawys tinha desaparecido. O líder, já com um olho roxo e a boca ensanguentada, colocou a mão no abdômen ainda dolorido pelo soco de Duncan e pelo chute de Jane.

– Derrotamos o acadêmico – resmungou o líder, e chutou Duncan nas costelas.

Jane continuava olhando para a rua em desespero. Onde estava Henry? E Geoffrey? Será que todos os estudantes estavam fora? Até mesmo o oficial seria bem-vindo.

– Segure o braço dele para que nunca mais possa dar um soco como aquele.

Um dos vigaristas esticou o braço de Duncan e se sentou em cima. Duncan reagiu, mas recebeu vários socos na cabeça e no estômago até quase desmaiar. Jane chutava e gritava, acertando a perna do líder, que se virou com rapidez e a atingiu na cabeça. Ela sentiu uma dor imensa e ficou tonta.

O líder voltou a atenção para Duncan, colocando o pé nos dedos esticados e pressionou todo o peso na mão dele. Jane ouviu o som horrível de ossos se quebrando.

– Não! – gritou, desesperada.

Os homens o soltaram e ele ficou curvado, com a mão ensanguentada na rua enlameada.

– Se a quer tanto, leve-a, mas teremos de dividi-la antes.

Apesar da dor intensa, Duncan levantou a cabeça. Seus olhos brilhavam com a fúria que o impedia de gritar de dor. Reunindo a pouca força que ainda lhe restava, lançou uma única palavra:

– Nunca!

Os quatro recuaram como se estivessem diante de alguém ressuscitado dos mortos. Quando aquele que a segurara a soltou, Jane se virou acertando um soco no queixo dele e um chute na virilha, levando-o a cair no chão.

O ódio dominou os sentidos de Jane, superando a lógica e o medo. Aqueles homens tinham ferido Duncan e pagariam por aquilo mesmo que tivesse de sacrificar sua vida.

Assim, deu um chute no líder. Não o acertou onde queria, mas o fez se curvar de dor. Usou o cotovelo, os pulsos e joelhos para atingir os outros, surpreendendo-os com a guarda baixa.

Alguns minutos depois, eles vieram para cima dela.

– Jane! Pare! – Era a voz de Geoffrey.

Jane sentiu a força do grupo por trás dela e os vigaristas saíram correndo, perseguidos por Henry e alguns outros pela rua.

O ódio que a possuía foi se dissipando. E ela desmoronou nos braços de Geoffrey, ambos mais calmos.

Ele a chamara de Jane.

O *botellus* de pano estava esquecido na lama aos seus pés, nada mais do que um trapo sujo. Não havia tempo para lamentar a perda e muito menos para processar a violação a seu corpo e espírito.

Nada daquilo tinha importância agora.

Duncan estava acima de tudo.

Ajoelhando-se do lado dele, ela pressionou a face no rosto suado.

– Você até que acertou um soco ou dois – disse ele, forçando as palavras por causa da dor. – Da próxima vez, acerte os olhos.

– Você é um tolo teimoso, Duncan de Cliff's Tower – sussurrou ela, dando um tapinha no queixo dele.

Jane evitou desabar num pranto convulsivo e inútil. Se ele conseguia suportar a dor e mascarar o medo, então ela também podia.

Quando olhou para cima viu Hawys, responsável por ter trazido reforços.

Geoffrey, Henry e dois outros formaram uma barreira ao redor de Jane e Duncan. Recuperando a capacidade de raciocinar com lógica, ela soube o que tinha de ser feito.

Deslizou a mão com cuidado pelos braços, pelas costelas e pernas dele para identificar outros ferimentos.

– Preciso enfaixar as costelas – disse Duncan com os olhos fechados, mas com um sorriso irônico. – E a mão também.

– Vamos carregá-lo para casa – ordenou ela, rezando para que o movimento não o machucasse mais. Depois olhou para o rosto ferido dele e sorriu. – Você está encrocado, mestre Duncan. Ainda bem que tem amigos para ajudá-lo.

Mas Duncan não a ouviu. Tinha desmaiado.

Hawys a acompanhou.

– Eu ia voltar para minha família – sussurrou Jane. Parecia que a despedida entre elas tinha acontecido havia anos, tornando a lembrança difícil. – Duncan não me queria mais. Ele tinha vergonha...

A dor a impediu de continuar falando.

– Vergonha? – Hawys elevou a voz, indignada. – Você vale por uma mulher e meia.

Jane meneou a cabeça. Não pretendia contar à amiga que aquela metade ostentava sangue real.

Sem permissão para entrar na hospedaria, Hawys ficou à porta.

– Vou rezar por você – murmurou.

Desolada, Jane a observou ir embora. Depois cobriu-se com a capa suja, esperando que fosse disfarce suficiente.

– Todo o mundo sabe quem sou? – perguntou a Geoffrey, antes de entrar.

Ninguém a deixaria fora do Solar Hostel, fosse ela mulher ou não.

– Alguns, mas manterão segredo.

– Certifique-se de que isso aconteça.

A sala ficou em silêncio quando Duncan foi carregado na direção da escada. Não houve piadas nem insultos. Não tinha sido uma briga comum.

Jane fechou a porta do quarto, deixando todos para trás. As explicações seriam dadas depois.

Geoffrey e Henry puseram Duncan na cama e esperaram que ela decidisse o que fazer, como se tivesse esse direito... Como se soubesse por instinto como cuidar dele.

– Henry, acenda a lareira e traga uma vasilha de água e algumas tiras de pano. Geoffrey, chame um cirurgião.

– Talvez seja melhor chamar Matthew Gregory. Ele é bom médico – disse Geoffrey, hesitante.

Ela balançou a cabeça e riu. Duncan a tinha ensinado que o preconceito contra cirurgões era um engano.

– Você acha que é hora de pensar em preconceitos agora? Duncan precisa de alguém que entenda de ossos – Jane disse como se estivesse fazendo uma prece, pois os ferimentos de Duncan precisavam do melhor dos cirurgões.

Logo a lenha que Henry colocou na lareira pegou fogo, aquecendo o quarto.

– Traga logo o cirurgião e o vinho mais forte que puder achar, para ele – acrescentou ela, ante os rostos assustados dos dois. – E mais uma coisa. Acendam uma vela na igreja de St. Michael.

Geoffrey a abraçou, não como faria com John, mas procurava confortá-la sem tocá-la como uma mulher. Henry limpou a mão na camisa e fez o mesmo.

Jane fechou a porta depois que eles saíram, evitando os estudantes que esperavam por notícias. Geoffrey trataria de explicar na hora certa. Apoiou a cabeça na madeira. O medo se dissipou e ela pôde respirar mais aliviada.

Mas e se falhasse em tratar Duncan?

Andou devagar até a cama, forçando-se a olhar para a mão direita dele – se é que aquilo ainda podia ser chamada de mão – pousada sobre o tórax. Colocou a própria mão por cima, de leve, desejando que um simples carinho tirasse a dor.

As roupas dele estavam empapadas de sangue, bem como as tiras de panos. Ao olhar em volta, não encontrou nenhuma outra coisa que pudesse parar o sangramento. Foi então que se lembrou da faixa que lhe prendia os seios, e a enrolou numa bola. Depois, com toda a delicadeza, enfaixou a mão dele sem prender muito. Mas não levou um segundo para que a faixa encharcasse inteira de sangue.

Jane prendeu a respiração, tomando o máximo cuidado, mas acabou tremendo e tocando Duncan, embora sem intenção, e percebeu que ele se contraiu. Aquele sentimento antigo e tão familiar a afligiu. No mesmo instante, levantou-se da cama e andou para trás até encostar na parede.

Duncan continuava desprotegido e imóvel sobre a cama.

Jane respirou o ar frio que entrava pela fresta da janela, o que não foi de muita valia para acalmá-la.

Estava diante de uma das razões que a levaram a fugir de casa. A responsabilidade de cuidar de alguém num momento entre a vida e a morte.

*Não posso.*

Cuidar de alguém não fazia parte de suas habilidades. Duncan podia morrer a qualquer minuto, enquanto permanecia ali em pé e inútil. O que fazer? Por onde começar, uma vez que a tentativa de enfaixar a mão dele só tinha piorado?

Não havia ninguém para cuidar dela e assumir sua obrigação. Ninguém para recorrer, caso falhasse. Não dependia de ninguém além de si mesma.

Bem, ainda estava respirando. E ele também.

Voltando a se sentar na cama, Jane pegou a mão esquerda dele, como se segurar uma salvasse a outra.

Graças a Deus, ele ainda dormia, seu rosto e seus braços cobertos de cortes e manchas roxas. Jane sabia desde o primeiro dia que Duncan era um homem que podia ser espancado, mas nunca esmorecia.

Jamais deixaria que fosse abatido.

Jane podia não ser perfeita, nem muito competente, mas estava ali presente com todo seu amor, e não fugiria.

Enrolou as mangas para começar a tratá-lo.

O VINHO chegou antes do cirurgião.

Geoffrey deu a garrafa a ela, que tomou um gole e colocou-a sobre a mesinha, esperando que o restante fosse suficiente para amenizar a dor de Duncan. Arrependeu-se por não ter prestado atenção quando sua mãe e Solay explicaram a receita de um emplastro que amenizava a dor.

Henry entrou no quarto, trazendo a água e as tiras de pano, que Jane usou para limpar a sujeira mais grossa e o sangue, com todo o cuidado.

Não encostou mais na mão dele.

Uma batida à porta e o cirurgião entrou sem esperar. Jane trocou olhares com Geoffrey e Henry, que a deixaram sozinha.

O cirurgião era um homem pequeno de nariz grande e de rosto sem expressão alguma. Ela o seguiu até a cama e explicou o que acontecera.

– Você está na frente da luz – disse ele sem olhar para ela. – Afaste-se até eu precisar de você.

*Até.*

Com o coração pulsando no pescoço, ela se afastou.

– Não sou boa enfermeira. Não sei bem o que fazer... – disse, elevando a voz e balançando os braços como um passarinho.

Ao dar-se conta, colocou as mãos para trás. Não podia se queixar, ao menos *tinha* duas mãos boas.

– Eu digo quando precisar de você – disse o cirurgião, olhando para ela dessa vez e depois para o quarto. – Por que não toca um pouco? – Inclinou a cabeça na direção do alaúde. – Isso vai acalmá-lo.

O instrumento, apesar de mudo, parecia acusá-la.

– Só sei alguns acordes.

– Ele não a criticará.

Jane não diria isso, mas a música tinha o poder de curar. Talvez, no entanto, a melodia estranha agravasse a dor dele em vez de aliviá-la. Mesmo assim, pegou o instrumento e dedilhou notas díspares, antes de dizer um verso:

*Vagamos por aí como irmãos.*

*Juntos comemos, bebemos e farreamos.*

*Assim como fomos batizados pelo papa,*

*Seremos amigos para sempre.*

O cirurgião a olhou de lado com a sobrançelha erguida.

– É a única canção que conheço.

Se a música não reconfortara Duncan, pelo menos a acalmara. Ao prestar atenção aos dedos, não viu o que o cirurgião fazia com Duncan.

– Você é esposa dele? – perguntou o cirurgião.

Jane piscou. Claro que era óbvio que era uma mulher.

Respondeu com um aceno de cabeça, esperando não ser denunciada por estar na hospedaria.

– É membro da família? Já que ele não pode responder por si, alguém terá de tomar uma decisão.

Ela pensou na casa-torre, nas montanhas e em Henry e Geoffrey. Nenhum deles tinha mais direitos do que ela, nem o amava tanto.

– Serei a responsável pelas decisões.

– Os ossos da mão estão com fraturas graves. Posso deixar como está e ele perderá o movimento, ou posso tentar colocar os ossos de volta no lugar e teremos a chance de alguns se recuperarem. Não posso prometer nada – o cirurgião comunicou com compaixão. – A dor será intensa, e suspeito de que ele perderá os movimentos do mesmo jeito.

Jane sabia o que fazer, mas lembrou-se do que Duncan dissera: “Não há lugar para um aleijado no mundo.”

Curvou o corpo, beijou a testa molhada dele e dirigiu-se ao cirurgião:

– Faça todo o possível para salvá-lo.

Quando Duncan começou a gritar, ela cantou uma música diferente. Uma cuja letra não tinha certeza se conhecia.

*Sua presença está cunhada na minha alma.*

*Tocá-la é sentir a plenitude nas mãos.*

*Seu sabor é mel para os meus lábios.*

*Amar você aquece meu coração.*

*Continuemos deitados lado a lado.*

*Permita-me completá-la para sempre.*

*Vamos nos amar eternamente.*

*Enquanto eu estiver respirando.*

Depois que o cirurgião saiu, Jane perdeu a noção do dia ou da noite. Seguiu as instruções, estancando o sangramento com tiras de pano frescas e esfriando a testa de Duncan quando a febre voltava. Chamou Matthew Gregory, o médico, depois que o cirurgião foi embora, sempre receosa de não estar ajudando o suficiente.

Não pensava em nada que não estivesse entre aquelas quatro paredes.

ENFIM, NUM momento de paz, Duncan cochilou, e não havia mais nada o que fazer e nada além da dor. Ao abrir a janela, Jane se surpreendeu com um belo dia de sol. A vida seguia normalmente fora daquele quarto.

Os homens se reuniam para a refeição na sala de convivência, compartilhando a preocupação com a saúde de Duncan, rezando e agradecendo por terem sido poupados. Depois, cada um seguiria seu caminho, ou para as aulas, para a igreja ou para a taberna.

Mas a vida jamais seria a mesma para Duncan.

Ele não poderia mais ir para casa e empunhar uma espada, ou atirar pedras, nem corrigir as provas de latim dos alunos. Nunca mais poderia tocar seu alaúde.

Virando-se de costas para o mundo de fora da janela, ela o observou, desejando que Duncan continuasse dormindo sem saber de nada por mais algum tempo.

DUNCAN SÓ abriu os olhos quando o sol se levantou de novo. Jane percebeu, pois estava observando-o fazia horas. Os olhares se encontraram. Ainda sem saber o que acontecera, ele sorriu como sempre e começou a coçar os olhos.

Jane tentou impedi-lo, mas o movimento era tão natural. Até quando ele ergueu os braços e viu o que acontecera. Passou longos minutos fitando a mão direita toda enfaixada, sem saber a razão.

De súbito, a memória voltou, e Jane logo pegou-lhe as mãos, esperando que ele olhasse para ela, e não para o ferimento.

– Você está *vivo* – disse ela com urgência na voz. – Estou aqui, e vai ficar tudo bem.

Duncan se soltou e tentou fechar a mão direita, frustrando-se por não conseguir.

Jane segurou-lhe os braços descontrolados.

– Você precisa ficar parado. Alguns ossos se quebraram, e talvez não saem mais.

O olhar dele estava cheio de dor.

– Não importa o que eu faça, os dedos não se curarão.

– Talvez com o tempo, se você for cuidadoso. – Jane achou que nunca mais abrandaria a verdade, mas não encontrou outro jeito para consolá-lo.

– Não sou criança para ser enganado com histórias para dormir. Tenho treinamento médico. – Ele levantou a mão enfaixada como uma bolha. – Mesmo que os ossos se solidifiquem, essa mão não servirá para mais nada.

– Não, isso não é verdade...

Ele se sentou e balançou a mão enfaixada e ensanguentada na frente dela.

– Acha que poderei escrever com esta mão? Será possível mesmo.

Jane contraiu os lábios e balançou a cabeça em negativa.

– Conseguirei segurar uma espada ou uma pedra?

Ela não podia permitir que ele continuasse.

– Não tenho certeza, é muito cedo...

– Será que esses dedos inválidos conseguirão tocá-la do jeito que gosta? Ainda serei capaz de fazê-la gritar de prazer?

– Não tem importância. Encontraremos um jeito...

Duncan a segurou no ombro só com a mão esquerda.

– Não minta para mim, mulher. – A voz dele se assemelhava a um rugido de ódio e sofrimento.

Olhou para o alaúde ao lado da cama. – Vou conseguir tocar de novo?

Jane fitou o instrumento e depois ele, encarando-o.

– Será difícil.

– Você quer dizer impossível. – Duncan a soltou, praticamente empurrando-a para trás.

*Foi melhor ele ter morrido.* Duncan dissera isso sobre o irmão.

– Estarei a seu lado. Vamos descobrir as respostas juntos. Você ainda pode lecionar.

Duncan não mais a prendia pelo olhar. E ela se viu diante de um estranho.

– Se antes eu tinha pouca coisa para lhe oferecer, agora não tenho nada. Nem para você, nem para ninguém. – Duncan se deitou de costas para ela. – Saia. Não quero que fique aqui.

Exausta pelas longas horas de vigília, Jane se levantou.

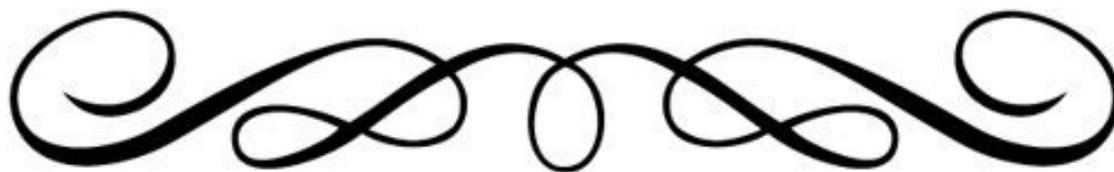
Duncan sempre ajudara os outros, mas não sabia ser auxiliado. Levaria tempo para ele se acostumar.

E ela podia esperar.

– Vou sair apenas para buscar água e mais faixas. Logo estarei de volta. – Jane pegou a jarra.

Quando ela voltou, a porta estava travada.

## Capítulo 24



JUSTIN JÁ tinha passado por cinco tabernas naquele dia e em cada uma fora obrigado a tomar uma caneca de cerveja. Agora dava goles lentos, ainda aborrecido por causa da briga com Solay. Eles combinaram sempre dizer a verdade um para o outro, mas Solay vira Jane em Westminster e não dissera nada até ser tarde demais.

Quando ele descobriu, Jane tinha desaparecido de novo.

A pequena tola fizera o que todos temiam: fugira vestida de rapaz e o pior acabou acontecendo. Jane contara ter se apaixonado, e Solay estava cheia de piedade. Sua esposa era uma mulher de coração mole e mente igual quando o assunto era a irmã. Justin teria arrastado Jane para casa em vez de permitir que ela voltasse a se vestir como rapaz e viver entre homens que na certa tinham tirado vantagem da pobre e ingênua garota.

Solay se lembrava de Jane ter falado sobre uma hospedaria. Mas havia centenas delas. Agora ali estava ele, vagando pelas tabernas de Cambridge, tentando encontrar alguma pista. Os estudantes não frequentavam tabernas, claro. Justin ficou contente que a lei ainda se encontrava em vigor, tal como era em seus tempos de estudante. Colocou a caneca no balcão; perdera o gosto pela cerveja.

Justin contou a mesma história pela quinta vez – o mensageiro, o estudante, o mestre vindo do norte do país.

Mas agora a dona da taberna arregalou os olhos.

– Você deve estar falando de Duncan e Little John. Eles vêm aqui com os outros, várias noites, mas não desde a briga terrível. Já faz uns dez dias, pelo menos.

– Onde moram?

– No Solar Hostel, em frente à faculdade Holy Trinity.

Justin pensou em voltar à hospedaria para contar a Solay o que tinha descoberto, mas decidiu esperar até encontrar Jane.

Dessa vez ela não escaparia.

JANE ACORDOU com Geoffrey balançando seus ombros.

– Tem um homem lá embaixo procurando por John.

Ela se sentou na cama e balançou a cabeça para despertar direito.

– Como está Duncan?

Depois que ele a fechara para fora do quarto, ela dera instruções a Geoffrey e Henry sobre como cuidar dos ferimentos. Em troca, eles ofereceram o quarto onde ela dormira profundamente, o primeiro sono em dias.

– Duncan deixou vocês entrarem?

– Sim, e o cirurgião também.

– Ele comeu? – ela quis saber apoiando os pés no chão.

– Um pouco.

Bom, pelo menos o teimoso não iria morrer de fome.

– Que horas são? – Nem os sinos da igreja a tinham acordado.

– A terceira missa do dia já aconteceu.

Jane correu os dedos pelo cabelo. Estava com as mesmas roupas havia mais de uma semana, e pensou em tomar um banho sem que ninguém descobrisse seu sexo.

– Geoffrey, você deve estar imaginando...

– Duncan já tinha nos contado, antes da briga.

– Quem mais sabe? – De repente Jane lembrou que Duncan gritara seu nome na rua. – Você, Henry e quem mais?

– Só nós dois. Eu me certifiquei de que o restante dos estudantes segurasse a língua mesmo que estivessem desconfiado.

O querido e doce, Geoffrey...

– Mary é uma mulher de sorte.

– E quanto ao homem que a espera lá embaixo?

Jane se esquecera daquele detalhe. Talvez fosse o oficial desconfiado que os quisesse multar pela briga.

– Você poderia dizer a ele que não consegui me acordar?

– Ele falou que é marido da sua irmã.

– Justin? Aqui? – Era de se supor que alguém a procurasse depois de encontrar Solay. – Diga a ele que já estou indo.

Jane lavou o rosto com água fria, correu os dedos pelo cabelo e alisou a túnica, na tentativa de deixá-la mais apresentável. Como a faixa dos seios fora usada, vestiu um casaco de manga curta, esperando que fosse suficiente para lhe esconder o corpo.

Justin esperava na sala de convivência. Não andava de um lado para o outro, ou tamborilava os dedos nas coxas como Duncan faria, mas permanecia sentado imóvel.

A sala estava em silêncio. Os estudantes não discutiam ou conversava; fingiam ler.

Quando a viu, Justin se levantou antes mesmo de ela acabar de descer a escada e ficou visivelmente aliviado.

– Você é John, não é?

– É assim que sou conhecido.

– Onde podemos conversar?

Jane inclinou a cabeça, indicando a escada. Pretendia levá-lo para o quarto de onde acabara de sair.

Justin a seguiu e sentou-se ao lado dela no fino colchão de palha.

Fora fácil enganar Solay, mas Justin não seria tão compreensivo.

– Posso explicar tudo.

– Faça isso, por favor.

Sem dificuldade, Jane contara a história inteira para Solay, mas naquele momento, não sabia nem como começar. Como conversar com um camarada se não fosse “de homem para homem”?

Bem, ela ainda tinha *virile animo* para tanto.

– Solay deve ter lhe falado tudo – disse, embora não fosse essa a questão. – Não me resta muito a dizer.

– Eu jamais a forçaria a se casar. – Justin mostrava sinais de arrependimento, e talvez dissesse a verdade. – Jamais.

Jane ouviu aquilo como um pedido de desculpas, que era o que menos precisava naquele momento.

– Sei que depois do que fiz, não poderei mais ser noiva de ninguém. Não pensei nisso quando fugi.

*Não pensei em nada, na verdade.*

Como fora infantil e egoísta saindo pela estrada como se tivesse sido picada por uma vespa, sem imaginar que a aventura terminaria e a Justin caberia o fardo de uma mulher que não podia se casar.

– Sinto muito.

– Você... Ele... – Estava difícil para Justin encontrar as palavras adequadas.

Como era difícil para os homens falar de bebês.

– Não estou grávida.

Enquanto cuidava de Duncan, lidara com seu sangue também.

– E ele?

Justin devia ter visto Duncan na reunião do Conselho. O que teria achado dele?

– As coisas mudaram. – Como podia explicar uma incerteza?

– Não importa. Volte para casa. – Justin estava cético.

Casa. Uma única palavra que concentrava toda a tentação de voltar a ser a garota livre que brincava de ser menino. Qual seria sua outra opção? Não podia mais ficar na hospedaria. Sem contar que Duncan a fechara fora do quarto.

Percebendo o quanto ela hesitava, Justin falou:

– Venha, arrume suas coisas. Vou levá-la para casa e você poderá viver como quiser.

A visão de um lugar seguro e aconchegante a deixou tentada. No entanto, seria feliz apenas superficialmente, ou emprestaria a alegria de alguém; nunca seria sua.

Jane sabia o que queria. Era uma certeza que vinha de sua alma. Sua existência dependia de estar ao lado de Duncan, mesmo que ele ainda não tivesse percebido.

– Pretendo ficar com ele. Duncan é meu lar agora. – Jane parou de falar por não saber o que dizer mais.

– Ele a pediu em casamento?

Ao olhar pela janela, ela tentou pegar emprestado do sol um pouco da luz dele para continuar a falar:

– Ele não me quer mais.

– Se ainda o quiser, vou falar com ele. Depois do que ele fez com você, é dever... – disse Justin, levantando-se.

Jane sorriu diante de outro homem que se dispunha a lutar por ela. Mas a batalha era sua.

– Não é tão simples assim, ele não pode mais usar a mão direita. – Jane o puxou pela manga.

De repente Justin entendeu do que se tratava.

– Se ele não pode sustentá-la, você não tem obrigação...

– Isso não tem importância para mim. Quero estar com ele.

– Minha criança, você não pode forçar um homem a se casar, seja qual for a razão pela qual ele rejeita a ideia. Eu, mais do que a maioria dos homens, sei disso.

– Não sou mais criança, Justin. Amo como uma mulher adulta. – Ela tornou a sorrir. As dificuldades e responsabilidades não pareciam mais um peso.

– Não posso permitir que você corra atrás de um homem que não a quer, e talvez nem possa sustentá-la.

– A escolha não é sua, Justin. Além do mais, pessoas de sangue real são muito teimosas.

Justin franziu o cenho e abriu a boca, mas acabou dizendo outra coisa:

– Venha pelo menos conhecer o pequeno William.

– Ele está em Cambridge?

– Sim, com Solay e sua mãe no White Horse Inn.

Sua mãe. Jane prometera enfrentar a família. Todas as resoluções que tomara seriam postas à prova dali em diante.

– Você não vai quebrar nenhuma promessa indo visitá-los.

– Mas vou assim? – perguntou ela, referindo-se às roupas malcheirosas. Queria apresentar-se bem depois de tantos meses fora, algo que a ajudasse a fazê-los entender que podiam se orgulhar da atitude que tomara.

– Ninguém vai notar. Venha. – Justin riu e a conduziu até a porta. – Esse homem...

– Duncan.

– Preciso falar com ele.

– Ainda não. Ele não está pronto e precisa de mais tempo.

Assim como a própria Jane também precisava de tempo para persuadi-lo a aceitá-la em sua vida de novo. Não sabia como resolveria, mas era imperativo que fizesse alguma coisa.

Justin tinha razão.

Ela não podia forçá-lo a deixá-la ficar na hospedaria.

– DEIXE-NOS a sós – disse Alys.

O riso que preenchia o quarto pequeno e particular parou no mesmo instante. Alys, sentada numa cadeira de madeira, empertigou-se, tornando o ambiente tão formal como se estivessem no salão nobre de Westminster.

Jane devolveu William para Solay, que acabara de contar das últimas proezas do filho.

Solay lançou um olhar solidário para a irmã e saiu do quarto com Justin.

Jane cruzou as mãos nas costas para endireitar os ombros, desejando ter tomado banho e trocado de roupa. Se bem que talvez estar vestida daquele jeito fosse melhor. Agora incorporara tudo o que aprendera nos últimos cinco meses em seu corpo e sua alma.

O fogo crepitava na lareira. Do lado de fora, ouviam-se pela janela semiaberta os estudantes discutindo matérias na rua. As frases em latim se misturavam com os grasnados dos gansos e com o cheiro dos dejetos dos cavalos.

– Presumo que preciso me explicar – Jane começou a falar.

Alys se limitou a menear a cabeça.

Jane tentou organizar os pensamentos com a emoção de uma mulher e a racionalidade masculina.

– Alguém me perguntou como era minha mãe, e a primeira coisa que eu disse foi que você era uma mulher forte. E a resposta que tive foi: “Você se parece com ela.”

Alys esboçou um sorriso.

– Se sou assim é porque aprendi como ser forte, mesmo quando não era amada; e não foi fácil.

Jane se preparou para dizer o mais difícil:

– Fugi porque estava com medo. Temia que não fosse útil o suficiente, e em vez de ajudar Solay acabasse machucando-a. Mas aprendi muito vivendo no meio de homens. Hoje, mesmo estando com medo, faço o que for preciso.

– Diga-me uma coisa – pediu Alys, num tom de voz mais carinhoso do que Jane esperava. – O que mais aprendeu?

– Eu queria ser capaz de conservar o que era meu, sem perder para um homem, marido, ou... – Jane emudeceu sem saber como chamar o rei. – Ou se alguém morresse ou partisse. Pensei que, para tanto, precisava viver como um homem.

– E o que acha agora?

– Não se pode tirar o que carrego comigo. – Era uma estranha mistura da mulher que sempre fora e o que aprendera com os homens.

– Solay me disse que há um homem.

Jane se sentou no chão aos pés da mãe e contou sobre Duncan, desde quando o conhecera na estrada até ele fechar a porta do quarto, no dia anterior.

Depois que ela terminou, o silêncio que se seguiu sombreou o quarto.

– E por ele você agirá como nunca imaginou que faria.

– Isso mesmo! – Jane ficou aliviada por ter sido compreendida, do mesmo modo que um rio corria livre depois de se livrar de blocos de gelo.

Será que Alys tinha amado assim também?

– Você achou que eu não a abençoaria?

– Terei sua bênção?

– Sim, se eu me convencer de que esse é o seu caminho.

Alys não respondeu nem que sim, nem que não.

– Quem mais precisa autorizar?

– O rei. Mas não creio que ele se recusará a aprovar. As coisas estão muito diferentes do que quando Solay se casou.

– Mas o rei se importará? Isso é por causa do meu sangue?

– O que esse sangue significa para você agora?

Na verdade, o sangue real era um obstáculo, ainda mais depois da reação de Duncan. Mas não queria que Alys soubesse disso.

– Sempre achei que, sendo um homem com sangue real, eu poderia ter tudo o que o mundo oferecesse. Mas vi o rei e percebi que ele é apenas um homem, mas não corajoso e honrado quanto

aquele que eu amava.

– Você precisa saber de uma coisa.

Jane inclinou a cabeça sem entender, procurando os olhos da mãe nas sombras.

– O que foi?

– Seu sangue não é mais real do que o meu – disse Alys, colocando as mãos nos ombros da filha.

– Mas por que...? – Jane se lembrou em seguida de algo mais importante. – Quem foi meu pai?

– Meu marido.

William de Weston, um homem sombrio, que mal fazia parte de sua memória, tal como o rei idoso que a segurara no colo.

– E Solay?

– Vocês duas são filhas do mesmo pai.

– Mas por quê? – indagou Jane confusa. Nunca nem tinha visto esse “marido” antes de o rei morrer.

– Pela mesma razão pela qual você está disposta a dar a vida a um homem que outros podem evitar.

Porque eu amei muito, o suficiente para presenteá-lo com o que ele mais queria: a sensação de que ainda era homem.

Eduardo era um rei idoso sentindo-se decadente. Estar diante de uma prova viva de sua masculinidade, como suas filhas, levantaria seu moral de novo. E agora, Duncan estava na mesma situação, sem ter a certeza de ser um homem, e se poderia tomar conta de uma mulher.

– Devo fazer o mesmo por Duncan. Mas como?

– Você tem que encontrar a resposta sozinha.

Jane esperava que sim, e logo.

– Mas por que você não nos contou depois da morte do rei?

– Achei que era uma boa razão para você manter a cabeça erguida.

De fato, era o que tinha acontecido, até ela encontrar a própria força.

– Mas você contou a Solay.

– Ela descobriu sem querer, quando pesquisávamos o processo.

O processo. Pickering.

A confortável sensação de ter sido compreendida foi levada como se uma ventania tivesse passado pelo quarto.

– Mamãe, preciso contar uma coisa sobre Duncan. Ele é amigo de sir James Pickering.

Alys não se manifestou, e Jane continuou:

– Solay tem medo de que você me proíba de casar com um amigo de Pickering.

– É mesmo? – Alys começou a rir. – Como posso guardar rancor de um bom advogado que desempenhou bem seu papel? Aprendi muito sobre leis durante esses anos todos. Não foi por culpa de Pickering que perdemos a casa. Ou mesmo a de Justin. A culpa foi minha.

– Sua?

– Sim, porque mantive segredo de sua paternidade. Se eu tivesse dito que você era filha de William, não haveria dúvida de que a casa seria sua.

Então não fora um homem o responsável por tudo o que tinham tido, mas sim a decisão de uma mulher. Quanta ironia.

– Quem sabe não seria melhor se eu tivesse contado, mas eu tinha muito pouco a oferecer a vocês duas.

– Acho que isso já não tem mais importância.

Com exceção de Duncan.

– Não é importante? – Alys perguntou com o antigo tom agudo de voz, que incluía os sacrifícios feitos durante anos.

– Sinto muito. Eu não quis dizer...

Alys acenou com a mão com os olhos fechados e lábios contraídos.

– São estranhas as agonias sofridas por coisas que você não julga importante. E no final, não passam mesmo de uma troça.

E não importava para mais ninguém além de Alys e um rei morto.

A madeira da lareira já se transformara em cinzas. Pela janela aberta, Jane observou o céu escuro de inverno, banhado pelo luar, cheio de memórias e antigas decisões.

– Eduardo teria ficado feliz em chamá-la de filha – disse Alys, apertando os ombros de Jane. – Traga esse homem até mim. Se eu achar que ele é digno, não ficarei no caminho de vocês. Ter duas filhas casadas com homens que amam e serem correspondidas é muito precioso para ser ignorado. Apesar de toda a riqueza que já tive, não fui abençoada por amar o mesmo homem com quem me casei.

Jane segurou as mãos da mãe, agradecida.

No entanto, ainda tinha que enfrentar o maior obstáculo: Duncan.

ERA TARDE demais para voltar para o Solar Hostel, então Jane passou a noite na mesma hospedaria que a família, tomou banho, trocou de roupas e ganhou um mimo pelo aniversário, que tinha esquecido.

Dissera a todos que teria de voltar como John, mas Solay foi persuasiva.

– Experimente este vestido pelo menos – dissera enquanto ajudava a irmã a colocar o vestido azul, descartando as roupas masculinas e gastas. Depois penteou o cabelo de Jane, salpicou um pouco de água rosada no rosto e a elogiou.

Jane se achou bonita, apesar de sentir que era outra fantasia. O vestido era emprestado, até o perfume pertencia a outra pessoa. Não sendo nem mulher, nem homem, sentiu-se como aquelas criaturas híbridas grotescas do Livro dos Salmos, parte humana, parte besta, incapaz de viver em mundo algum, apenas em alguma estranha terra subterrânea.

Ainda assim, sentiu o coração doer depois de segurar o bebê e ver o sorriso de Justin para Solay, sem ele perceber. Por um breve instante ele colocou a mão no ombro da esposa, que nela apoiou o rosto.

Será que Duncan e ela encontrariam a paz algum dia?

Agora sabia quem era, mas não como antes, pois jamais seria um modelo de virtudes femininas.

Mesmo que Duncan reconsiderasse, como construiriam uma vida? Nos momentos terríveis seguintes à confissão de ser filha de um rei, ele tentara dizer alguma coisa sobre a família à qual pertencia. Ela estivera tão preocupada consigo mesma que nem pensara nisso. O que a família dele acharia dela?

Duncan poderia aceitá-la como era, mas o mundo sempre teria outras pessoas além dos dois.

Como encontrariam um caminho?

NO MEIO da manhã, Jane insistiu que precisava voltar para Duncan. Justin acabou cedendo, mas apenas depois de conferenciar com Solay e visitar o chanceler e a hospedaria sem ela. Tanto ele quanto Solay se recusaram a devolver as roupas de homem a Jane, que havia desaparecido convenientemente nas mãos da lavadeira. As conexões de Justin com a Corte permitiram que ela recebesse uma autorização especial

para visitar a hospedaria. Assim, Jane entrou na sala de convivência do Solar Hostel usando um vestido azul.

Todos a encararam como uma estranha, o que de fato era mesmo.

Ela se refugiou no quarto de Henry e Geoffrey, questionando tudo sobre o período em que estivera ausente.

– Vocês trocaram os curativos? Ele está comendo e bebendo direito?

– Fizemos tudo como você e o cirurgião orientaram. – O olhar de Geoffrey era gentil. – Sabemos tomar conta dele também.

Jane se arrependeu de ter desconfiado. Forçada a colocar um vestido, ela se apegou a atitudes femininas, com receio de abrir mão de qualquer coisa a um homem a menos que fosse muito necessário.

– Ele perguntou sobre mim?

Geoffrey meneou a cabeça em silêncio.

Era de se esperar.

– Preciso vê-lo.

– Ele não quer vê-la – disparou Henry sem se preocupar em ser gentil.

– Dê tempo a ele – pediu Geoffrey.

– Ele já *teve* tempo. Vocês não percebem?

Henry e Geoffrey gostavam dela, e suas intenções eram as melhores. Mas não imaginavam os problemas que boas intenções podiam causar.

– *Eu* não tenho tempo! O que Justin disse a vocês quando esteve aqui?

Os dois se entreolharam. Não podia ser diferente. Acontecera como Jane suspeitara. Tinha sido uma conversa de homem para homem, conspirando para cuidar dela.

Se eles não contassem, então ela diria tudo:

– Já sei, vocês precisam me distrair, e Justin voltará antes do final do dia para me buscar.

Os dois foram pegos de surpresa e confirmaram as suspeitas dela pela expressão de seus rostos.

– Não entendem? Ele vai me levar embora, e não conseguirei mais voltar.

Alys não ficaria no caminho, mas não seria necessário. As expectativas do mundo ergueriam barreiras por ela. Agora que o disfarce de Jane tinha sido descoberto, sua entrada não seria mais permitida no Solar Hostel. A família a levaria para casa, assegurando que Duncan poderia vê-la quando quisesse.

Enquanto isso, Duncan se convenceria de que o desaparecimento dela provava que não queria passar o resto da vida com um aleijado. Na certa ficaria humilhado até para perguntar para onde ela havia ido. E tinha certeza de que jamais perguntaria sobre seu paradeiro.

– A porta ainda está travada?

– Não, ele nos deixa entrar e sair.

– Então fiquem de lado e me deixem entrar.

JANE DESCEU as escadas, estranhando o movimento do vestido entre suas pernas. Ouviu o som do alaúde ao se aproximar da porta e fechou os olhos para não chorar.

*Ele está tentando. Pelo menos está tentando.*

Engoliu em seco e piscou.

As notas estridentes refletiam dor e frustração, como se Duncan tivesse parado de compor e simplesmente passasse os dedos nas cordas.

Ela bateu à porta, como um homem faria, e entrou.

Duncan estava sentado na cama com a cabeça encostada na parede e o alaúde no colo. A mão era uma bola de bandagens com apenas as pontas dos dedos de fora.

Ele torceu o nariz, sentindo um perfume de rosas diferente e abriu os olhos.

– Vá embora – disse surpreso, mas demonstrando mais cansaço do que raiva.

– Não – retrucou ela enfática.

Será que ele desistira. Era melhor que a odiasse do que permanecer indiferente. Jane seguiu até a lareira, tomando cuidado para não sujar o vestido de Solay de cinzas.

Não tinha intenções de contar o que descobrira sobre seu pai, pois ele não acreditaria na reviravolta da história. Mais tarde, Alys contaria a verdade.

Mas antes ele tinha que concordar em se encontrar com Alys.

– Estou me sentindo mais estranha do que nunca – disse ela de súbito.

– Vestida como mulher você vai nos causar muitos problemas.

– Acha que não aprendi nada? – perguntou ela com o sotaque que ainda lhe era familiar. – Tenho autorização para estar aqui, pelo menos por hoje.

– Bem, é bom ver você, não importa o que esteja vestindo – disse ele num tom suave de voz que havia muito tempo não usava.

Jane se sentou na beirada da cama, deixando que seu cabelo roçasse a testa dele, mas que foi afastado no mesmo instante.

– Soube que você está indo embora.

– Quem disse esse absurdo?

– Olhe para você. Geoffrey também me falou a mesma coisa.

– Fui porque você me fechou para fora do quarto. – Havia tanto o que explicar. – Quando estivemos em Westminster, encontrei minha irmã...

– E não me disse nada? – A raiva voltou a deixar vincos na testa dele.

– Eu ia contar, mas... – *O mundo inteiro se transformou.* – Ela e o marido me seguiram até aqui.

– Foi melhor. – A raiva logo se dissipou, restando apenas o cansaço. – Se sua família costuma visitar a Corte, isso prova que você possui mais do que eu posso oferecer.

– O que o faz pensar assim?

– Tentei contar sobre minha família, mas me atrapalhei com as palavras. – Duncan se sentou melhor e falou com clareza: – Meu pai não é um homem letrado. Minha mãe nunca abre a boca. Os conhecimentos do meu irmão limitam-se a empunhar uma espada e ordenar ovelhas. Não sei como receberão você.

*Vamos enfrentá-los de um jeito ou de outro.*

– Bem, podemos dar a eles a chance de decidir. Foi o que fiz com minha mãe, e agora ela quer conhecer você.

Mas Duncan não estava ouvindo nada.

– E se eu ficar no norte? O que acontecerá?

– Então eu fico também.

– Não decida antes de conhecer minha casa. Eu disse que as terras são lindas, e são mesmo, mas não há livros, nem música, a não ser a minha, que não é tão suave ou bonita. O que nos resta por lá é tirar o

sustento da terra e enfrentar os escoceses. É uma vida fria e triste. – Esforçando-se com a mão esquerda, ele a acariciou o rosto. – Não há nada para uma linda mulher como você. Nada.

– Mas o homem que amo estará lá. – Se escolhessem aquele tipo de vida, ela precisaria de toda a coragem do mundo. Não haveria delicadezas ou cortesias, nem aulas de latim. Seria uma página em branco onde caberia a ela a escrever a história dos dois. – E para mim é o que basta.

Uma tristeza amarga alterou a expressão de Duncan, que levantou a mão enfaixada entre os dois.

– Isso não conta? Não posso oferecer nada sem esta mão.

– Você acha que amo só sua mão? – Jane mordiscou o lábio, divertindo-se com a pergunta.

De fato adorara aquela mão e a sensação dos dedos por entre seu cabelo, tocando-lhe os lábios e brincando com o espaço entre suas pernas. Amara as palmas das mãos grandes e os dedos largos quando tamborilavam sobre a mesa ou puxavam as cordas do alaúde...

Ela pressionou os lábios juntos, o instrumento no colo dele parecendo uma sombra do passado.

– O homem que você ama morreu. Agora saia daqui. Volte para casa. Encontre um homem de verdade. Não quero que passe a vida ajudando um aleijado.

– *Você não quer? Você é tão teimoso quanto uma mula, Duncan de Cliff's Tower. Não pode mandar na minha vida assim. Quando descobriu que eu era uma mulher, achou que as decisões caberiam só a você, não foi?*

– Apenas aquelas que você não estava apta a tomar.

– Algumas delas sim. Mas você age como se fosse a única pessoa no mundo que passaria a vida inteira sem a ajuda de ninguém!

Duncan lutava consigo mesmo, pois sempre se achara um homem que ajudaria os outros. Se não fosse assim, não seria mais um homem. Se bem que, de certa forma, ela não era uma mulher também.

– Quero cuidar de você e sustentá-la, Jane. Não posso fazer isso. Não posso fazer nada.

– Você não está respirando ainda?

Ele segurou a respiração, como se aquela pergunta tivesse sugado todo o ar do quarto.

– Sim, estou respirando. – Duncan virou o rosto. – Não lutei pelo ar que respirarei pelo resto da minha vida. Isso não é bom nem para um homem, nem para um animal.

– Há muito mais o que fazer – disse ela no tom mais ríspido que conseguiu.

– Não sem uma das mãos! – Dito isso, ele jogou o alaúde contra a parede, quebrando-o.

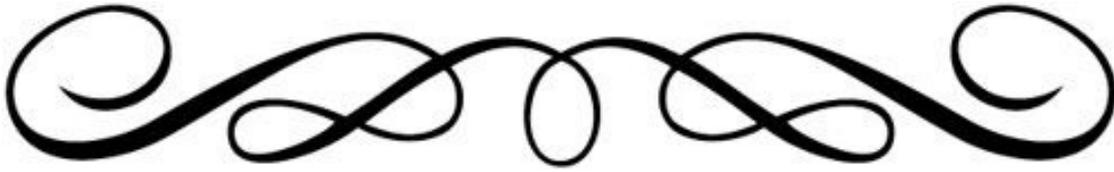
Ao cair no chão, uma das cordas se soltou como se protestasse, com raiva.

– Eu tenho duas mãos – disse ela, levantando a mão esquerda dele. – Uma delas pode ser sua.

Duncan contraiu o rosto e segurou a mão dela com as suas. Ela completou colocando a mão direita sobre as outras, em seguida beijou-o na cabeça quando ele se curvou sobre as mãos entrelaçadas. Foi quando ela sentiu uma lágrima escorrer por seus dedos.

– Você é uma mulher teimosa, Little Jane. E eu te amo com todo o meu ser. – Duncan beijou um a um os dedos dela. Ao levantar a cabeça não se preocupou em esconder as lágrimas. – Diga-me uma coisa: a quantos parentes além de Sua Majestade tenho que pedir autorização para ter sua mão em casamento?

## Capítulo 25



A DECISÃO de Duncan conferiu-lhe uma energia nova.

Apesar dos protestos de Jane, ele insistiu em se levantar, tomar banho, se vestir e ir até a hospedaria encontrar a família dela antes do final da tarde.

No caminho, Jane segurou-lhe a mão, sem saber se tentava dar força a ele ou a si mesma. Com a outra, ergueu o vestido para não sujar na poeira da rua. Uma roupa nada prática aquela. Como as mulheres aguentavam? Se bem que começava a gostar do farfalhar das saias.

A sala de convivência estava vazia, a não ser pela família de Jane, reunida em frente à lareira.

Quando entraram, Justin ficou de pé, surpreso por reconhecer o homem que vira na reunião do Conselho em Westminster.

Jane e Solay trocaram olhares, enquanto Duncan e Justin se observavam. Justin era mais alto, vestido informalmente, mas com o toque de sofisticação remanescente dos dias passados na Corte. Seu rosto continuava sério, menos quando sorriu para Solay, e permaneceu sorrindo ao olhar para Duncan.

Duncan se equilibrava entre a terra e a poesia. Amava rir, amava a vida de seu corpo, mas tinha uma mente tão rápida que a língua mal conseguir acompanhar.

E ela o amava plenamente.

Não demorou muito para que ele se ajoelhasse em reverência diante de Alys.

Jane só o vira se abaixar daquele jeito diante do rei para pedir pela liberdade de seu pai. Duncan conseguiu se ajoelhar sem ajuda, com uma facilidade maior do que ela esperava, mas precisou apoiar a mão no chão para se equilibrar.

– Lady Alys – cumprimentou, elevando o olhar em seguida. – Lorde Justin. Lady Solay. Gostaria de me casar com Jane e suplico por sua permissão.

Jane se forçou a ficar quieta. Até Justin esperou em silêncio que Alys falasse.

Alys encarou Duncan nos olhos por um longo e silencioso momento, antes de medi-lo dos pés a cabeça.

– Pelo que sei você é um homem teimoso, mestre Duncan.

– É assim que sou conhecido, milady – respondeu ele, olhando para Jane de relance.

Jane sorriu.

– Um homem precisa ser muito teimoso para lidar com minha filha mais nova.

Dessa vez, foi ele que sorriu antes de responder:

– Então formamos um casal perfeito.

– Jane me disse que o ama – Alys continuou.

– Ela me disse o mesmo. – Com um olhar carinhoso, ele apoiou o braço direito sobre o joelho e estendeu a mão esquerda para ela. – Esse amor é mais do que mereço.

– Duvido.

Jane franziu o cenho e fitou a mãe, que sorria com ironia.

– Espero que ela saiba que a amarei até meu último suspiro. – Duncan desviou o olhar para Jane e tomou-lhe a mão.

Quando mencionou se levantar, Justin se adiantou oferecendo-lhe ajuda, que ele aceitou de bom grado.

– Precisamos casar dentro de uma semana e partir para o norte – anunciou ele, assumindo sua postura de costume.

– Mas, querida – Solay começou a falar com Jane –, acabamos de reencontrá-la. E o rei há de concordar com esse casamento. Talvez ele até participe. No entanto, tudo isso leva tempo.

– Não temos tempo – informou Duncan.

– Por que tanta urgência? – perguntou Justin, franzindo o cenho.

E Solay olhou para o ventre de Jane, que respondeu que não balançando a cabeça.

– Meu pai está apodrecendo numa prisão escocesa. Estou levando o dinheiro do resgate, autorizado pelo Conselho para sua soltura. – Duncan endireitou os ombros e olhou para Jane. – E se não for o suficiente, pretendo ficar no lugar dele.

Jane ficou feliz ao ouvi-lo dizer com orgulho que trocaria sua liberdade pela do pai. Essa era uma das poucas certezas que lhe restavam.

– Mas e Jane?

– Se esse é o dever dele, eu o acompanharei – respondeu ela, olhando para Alys, que permaneceu em silêncio.

Mas não Solay.

– E os seus pais? Você não pode levar para casa uma noiva que eles não conhecem.

Duncan escondeu o medo... E se eles não a aceitassem?

– Eu não levaria outra pessoa. E não me importo com o que digam.

– Porém, pode fazer diferença para Jane – disse Alys.

Jane apertou a mão dele, sabendo que seria um desafio para a família de qualquer homem, mesmo se não fosse filha de Alys de Weston.

– Se Duncan preferir esperar pelo consentimento dos pais, viajarei como sua noiva.

– Isso é impossível! – Justin protestou.

– Porque isso me comprometeria? – Agora era a vez de Jane rir. – Não faria diferença depois que passei seis meses numa hospedaria de homens.

– Não quero esperar – Duncan se adiantou. – Não posso prever a reação de outros, mas posso prometer protegê-la e oferecer o meu melhor durante toda a minha vida.

– Eu prometo o mesmo – afirmou Jane.

– Essa promessa nos une e nos torna indiferentes ao que meus pais possam dizer sobre o passado dela. – Duncan sorriu antes de continuar: – Ou por ela usar calça.

Jane compartilhou o sorriso dele, mesmo achando que algumas vezes gostaria de usar uma saia.

– O que acontecerá depois? Onde vocês irão morar? – Solay quis saber. – Veremos Jane de novo?

– Ainda não tenho as respostas – respondeu Duncan. – Sei que vamos discutir essas questões juntos.

– Bem, você é mesmo teimoso – observou Alys. – Fico honrada por termos sido consultados. Justin, pergunte ao dono da hospedaria se ele tem algum vinho de Gascon escondido. É melhor celebrarmos rápido. E precisamos correr para obter o consentimento de Sua Majestade, pois eles são capazes de casar de qualquer jeito.

Jane não parava de sorrir. Estava de partida para terras que jamais vira, muito longe de tudo o que conhecia, para tomar conta de um homem, que provavelmente permaneceria aleijado pelo resto da vida.

Porém sentia-se mais feliz do que nunca.

NO FINAL das contas, Jane precisou persuadir Duncan a esperar mais alguns dias. Mudaram-se para a hospedaria White Horse, enquanto Justin seguia para pedir a permissão do rei para o casamento.

Jane descobriu a alegria feminina de ser filha, irmã e tia. Embora relutante, Alys contou a Duncan em particular sobre o pai de Jane.

– Bem, querida, suponho que você tenha sangue real tanto quanto eu – disse ele depois, meneando a cabeça.

– Isso tem importância? – perguntou ela, estudando os movimentos do rosto dele, procurando saber sua opinião.

– Se não for importante para você...

Para ela não fazia diferença nenhuma.

Justin voltou da reunião com o rei trazendo a novidade que os escoceses não tinham esperado o verão para invadir a Inglaterra de novo. Ultrapassaram as fronteiras, invadindo Gisland dessa vez, e os Defensores das Fronteiras planejavam a retaliação.

Sem saber como as novidades afetaram o destino do pai, Duncan ansiava por começar a viagem.

– Vocês dois deram motivos para o rei dar risada – contou Justin. – Ele aprovou o casamento e disse que entenderia por que John não iria estudar na King's Hall.

– Graças à Virgem Maria – disse Jane. – Tive receio de ele ficar bravo por o termos enganado.

Duncan já estava com as malas prontas havia dias, e o cavalo, pronto para partir.

– Vamos implorar para que o padre nos case amanhã e partiremos para o norte no dia seguinte.

– O rei fez mais do que simplesmente desejar felicidades aos noivos – anunciou Justin, puxando uma bolsa de moedas, que estendeu a Duncan, que a segurou, sentindo o peso.

Duncan despejou as moedas sobre a mesa e desandou a rir.

– O que foi? – Jane perguntou, olhando por cima do ombro dele.

Antes de responder, ele olhou para cima rindo entre lágrimas.

– Se eu soubesse, Little Jane, que ao decidir me casar com você o rei pagaria o resgate total do meu pai, teria pedido sua mão há mais tempo.

SENTADA NA frente do cavalo preto, Jane fechou o casaco, protegendo-se do vento de março vindo do vale. Duncan observara que os primeiros ipês amarelos da primavera floresciam.

– Estamos quase em casa – Duncan sussurrou ansioso no ouvido dela. – Olhe, já é possível ver a casa-torre.

A casa, quadrada e sólida, ao lado de uma igreja de pedras amarelas, era como ele descrevera.

– E essas são nossas árvores. – Ele soltou a cintura dela para abrir o braço, mostrando a imensidão das terras.

Jane olhou na direção das montanhas com os picos coberto de neve.

– Vou precisar de botas mais longas para escalar aquelas montanhas.

Duncan a abraçou de novo.

Jane aspirou o chamado *peculiar* daquelas terras selvagens. Entretanto, conforme se aproximavam da torre, sua ansiedade aumentou.

O que a família de Duncan pensaria a seu respeito?

A base da torre era de terra pisada. A imensa construção, sombria e sem janelas, assomou-se diante dela.

O cavalo parou como se soubesse que encontraria abrigo ali. Duncan desmontou primeiro, sem muito equilíbrio por causa da mão, e a ajudou a descer. Mesmo sem a mão seus braços ainda eram fortes o suficiente para carregá-la.

Dois homens saíram da torre. Um tinha o porte de Duncan, apesar do rosto mais vincado. O outro poderia ser Duncan dali a alguns anos, mas ainda era robusto e de cabelo acinzentado, combinando com os olhos.

Aquele devia ser o pai dele.

Duncan tropeçou, e Jane se antecipou para ficar bem perto dele, e se aproximaram.

Havia duas mulheres à entrada, com receio de sair sem permissão. Será que era assim que as mulheres eram tratadas ali?

– PAI?

Duncan não acreditou nos olhos, nem no próprio tom de voz. Os olhos daquele homem de idade, sempre implacáveis, tinham assumido a cor de chumbo de Alston Moor.

Cada um deles deu um passo à frente.

– Quando você foi libertado? – perguntou Duncan sem saber se ria ou chorava.

– Não faz nem um mês.

– Mas como? – A bolsa de ouro pesava no bolso de Duncan.

– Vendi os rebanhos de gado, ovelhas, cabras, tudo o que tínhamos.

Duncan olhou o pasto vazio. Nenhum balido das ovelhas, prenhas e pesadas. Não havia cheiro de umidade, nem de lã tosquiada vindo da torre, o que significava que eles tinham se desfeito das posses, da mesma forma que Duncan fizera.

– Voltei para salvar você.

– Mas você é um mestre – disse o pai, confuso. – Tem um trabalho importante.

– Nada é mais importante do que minha família.

– Pretende ficar por aqui?

Será que havia um resquício de esperança na voz do pai de Duncan?

Duncan olhou para Jane. Ela se mantinha firme e corajosa, mas ele não faria nenhuma promessa sem saber como Jane se adaptaria. Ou até mesmo ele.

– Ficarei até meu filho nascer.

Em silêncio os dois homens estudaram Jane, só percebendo naquele momento que se tratava de uma mulher.

– Essa é minha esposa. Jane – Duncan a apresentou e esperou.

Bastaria que dissessem uma palavra contra Jane e ele os socaria com a mão boa. Depois iria embora e não voltaria jamais.

A mãe de Duncan e a esposa de Michael saíram e se aproximaram.

O vento assobiava ao redor da torre e ergueu a capa de Jane, que seguiu na direção do pai de Duncan.

– Estou honrada em conhecê-lo – disse ela, alta, linda e esbelta, estendendo a mão.

O pai de Duncan ainda parecia confuso.

– O que você trouxe, filho? Um homem ou uma mulher?

Duncan postou-se ao lado de Jane, colocando a mão sobre os ombros dela.

– Ela é uma mulher e meia, pai, e me aceitou como estou agora. – Assim dizendo, ele mostrou a mão, abstendo-se de maiores explicações. – Jane quis me acompanhar mesmo quando achei que me disporia a ficar no seu lugar no cativeiro escocês. Tenho orgulho de tê-la a meu lado para o restante dos meus dias.

– Não temos muito a oferecer. – O pai olhou para as mãos, calejadas e vazias.

Duncan conhecia bem aquele olhar envergonhado.

– Mas nós temos o que dar. – Duncan puxou a bolsa de moedas do bolso. – Isto era para pagar seu resgate. E agora pode comprar ovelhas, cabras, cavalos, grãos... E o que mais precisar.

Pai e filho se encararam. Haveria tempo para perguntas e respostas e para que Duncan provasse que ainda era um homem forte, mesmo estando incapacitado.

Nos olhos do pai havia o respeito que Duncan esperara receber durante a vida toda, inclusive um brilho de amor.

– Uma mulher e meia, é? – Ele estendeu a mão e segurou a de Jane.

As mulheres correram até onde estavam, com as crianças atrás, e abraçaram Duncan e Jane entre risos.

– Então ela está a sua altura, filho.

Era tempo de recomeço.

*Novembro de 1389*

Duncan começou a correr quando ouviu os gritos de Jane.

Deixou os empregados no pasto, bem como as ovelhas, e correu, seguindo os gritos que vinham da torre. Eram gritos seguidos, como se o bebê estivesse unhando para sair do ventre dela.

Sem fôlego, ele parou à porta do quarto, com uma bolsa cheia de ervas, tesouras e fios. Fazia tempo que planejava aquele momento.

– Parto é trabalho para mulheres – disse sua mãe, bloqueando a entrada dele.

– Minha esposa viveu entre acadêmicos, estudou latim e tem um marido que pode ajudá-la a ter seu próprio filho.

A mãe ergueu a sobrelanceira, balançou a cabeça e o deixou entrar. A família finalmente aprendera a não discutir com Duncan e sua noiva independente.

Jane sorriu ao vê-lo, e ele lhe estendeu a mão, procurando apertá-la mesmo que os dedos feridos não dobrassem.

– Aqui estou querida, eu e minha mão boa.

Duncan olhou o cabelo dela encharcado de suor sobre o travesseiro. Os tempos entre as contrações eram menores, e entre uma e outra, ela prendia os olhos azuis ao dele buscando apoio.

– Você sabe que dar à luz é trabalho de mulher.

Duncan riu, a alegria ultrapassando o medo.

– Como é possível se é preciso os dois para conceber um bebê?

Jane crescera muito durante todo o verão, e no início do outono, já andava com esforço. A parteira dissera que nunca vira uma barriga tão grande para um bebê apenas.

Duncan apertou a mão dela de novo, para ajudá-la na última contração, que a fez expelir o filho do ventre para cumprimentar o mundo.

Logo em seguida veio uma menina.

ENQUANTO JANE amamentava um filho em casa seio, Duncan dedilhava o alaúde consertado ao lado dela. O instrumento estava quebrado, mas ainda era possível tocar. Ele não conseguia mais dedilhar, mas deslizava os dedos pelas cordas, cantando músicas que ela reconhecia, e o acompanhava.

*Continuemos deitados lado a lado.*

*Permita-me completá-la para sempre.*

*Vamos nos amar eternamente.*

*Enquanto estivermos respirando.*

– A universidade parisiense me respondeu – disse ele, depois do silêncio que seguiu a canção.

Jane arregalou os olhos, cheia de esperanças. A renomada universidade de medicina de St. Come permitia o ingresso de alunos casados, diferente de muitas outras.

– E?

– Eles me aceitaram – disse ele com um sorriso largo.

Jane estendeu os braços para abraçá-lo, mas os bebês a impediram de se levantar.

Conversaram sobre a viagem a Paris na primavera, como Jane podia ajudá-lo no trabalho e como voltariam para trazer o conhecimento para o campo que ela também aprendera a amar.

Os escoceses assinaram uma trégua depois de muito tempo. Geoffrey voltou para o norte para se casar com Mary.

Jane e Duncan voltariam para casa, mas antes viajariam para conhecer o mundo.

– Tome. – Jane ergueu o bebê de cabelo escuro. – Segure a menina. Ela já terminou de mamar.

Duncan apanhou o pequeno embrulho e o acomodou nos braços.

– Gostaria de chamá-la de Alys – disse Jane. – Mas que nome daremos ao menino?

– Só há um nome possível para meu filho. – Duncan, segurando a filha no colo, olhou para a esposa, que lhe era tão importante quanto o ar. – Ele deve se chamar John.



# HISTÓRICOS

## A MARCA DA PAIXÃO SOPHIA JAMES

1346

*Fife Ness, Escócia*

De onde estava, na praia, Isobel Dalceann avistou as formas escuras contra o céu prateado. Eram oito ou mais, mesclando-se às ondas revoltas e cinzentas conforme a névoa se alastrava no horizonte.

– Ali! – gritou ela para os dois homens a seu lado. – Uns 200 metros mar adentro.

Por vezes apareciam destroços de algum naufrágio ou a carcaça de um animal marinho morto há muito tempo... Mas aquilo? A pouca claridade que ainda restava a oeste iluminou a paisagem com tons de cobre e levemente róseos, transformando o que até então era indistinguível em algo conhecido.

– São pessoas! – Ian foi o primeiro a identificar do que se tratava.

Não eram pedaços de madeira, nem um tronco de árvore que tivesse caído no mar em algum lugar perto de Dundee antes de ser levado para o sul pelas correntes geladas... Eram pessoas! Pessoas que se afogariam se ninguém as socorresse.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G388L

Gifford, Blythe

Lições de sedução [recurso eletrônico] / Blythe Gifford; tradução Silvia Moreira. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Harlequin, 2014.  
recurso digital

Tradução de: In the master's bed

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-398-1181-6 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. I. Moreira, Silvia. II. Título.

14-08318

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

PUBLICADO MEDIANTE ACORDO COM HARLEQUIN BOOKS S.A.

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: IN THE MASTER'S BED

Copyright © 2009 by Wendy B. Gifford

Originalmente publicado em 2009 por Harlequin Historicals

Projeto gráfico e arte-final de capa:

Isabelle Paiva

Produção do arquivo ePub: Ranna Studio

Editora HR Ltda.

Rua Argentina, 171, 4º andar

São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ – 20921-380

Contato: virginia.rivera@harlequinbooks.com.br

Capa  
Teaser  
Querida leitora  
Rosto  
Capítulo 1  
Capítulo 2  
Capítulo 3  
Capítulo 4  
Capítulo 5  
Capítulo 6  
Capítulo 7  
Capítulo 8  
Capítulo 9  
Capítulo 10  
Capítulo 11  
Capítulo 12  
Capítulo 13  
Capítulo 14  
Capítulo 15  
Capítulo 16  
Capítulo 17  
Capítulo 18  
Capítulo 19  
Capítulo 20  
Capítulo 21  
Capítulo 22  
Capítulo 23  
Capítulo 24  
Capítulo 25  
Próximo lançamento  
Créditos



Acreditamos que toda forma de cultura tem o seu valor

Use este arquivo somente como amostra e retire de seu dispositivo em até 24 hrs

Recomendamos que se possível, adquirir a obra do autor ou editora

